

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Representações e emoções de coveiros Portugueses face à morte

Cláudia Cristina Carreiro Modesto Zelenovic

Porto, 2008

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Representações e emoções de coveiros Portugueses face à morte

Cláudia Cristina Carreiro Modesto Zelenovic

Porto, 2008

Cláudia Cristina Carreiro Modesto Zelenovic

Representações e emoções de coveiros Portugueses face à morte

Orientador: Prof. Dr.^a Marta Matos

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre
em Psicologia

RESUMO

Nos tempos que correm, ainda é difícil aceitar a morte e o processo de morrer, mesmo nos grupos em que a morte faz parte do seu cotidiano, como é caso dos coveiros.

Este estudo exploratório de índole psico-cultural, procura compreender que representações têm os coveiros da morte, mais concretamente, durante o processo do enterro da pessoa falecida, perante os familiares e amigos do defunto, assim como discernir que tipo de emoções são despoletadas, factos que serão analisados numa perspectiva eclética a partir das percepções, das imagens, das contribuições simbólicas, dos sentimentos, e das manifestações afectivas de cada um.

Os coveiros são o cerne deste estudo devido à sua conotação ancestral, por vezes até mística, sendo muitas vezes representados pelo senso comum como pessoas frias. Estes profissionais detêm uma ligação *sui generis* com a terra e o morto e presenciam no próprio local de trabalho, o cemitério o último “adeus” entre o morto, família e amigos, consumando o processo ao cobrir a urna com terra, como se fechassem o ciclo do mundo dos vivos e constituíssem a nova morada dos mortos.

Tentou compreender-se de que forma os coveiros sentem e representam a morte, através da utilização da abordagem qualitativa na colheita e na compreensão dos dados, em que foi empregue o método de análise fenomenológica interpretativa, o modelo hermenêutico, como também o modelo psicodinâmico. A observação não - participante, o diário de campo e a aplicação de entrevistas semi - estruturadas aos coveiros no seu local de trabalho, o cemitério, foram técnicas utilizadas durante o trabalho de campo.

Palavras-chave: Coveiros; representações; sentimentos; morte, exumação; cemitério; funeral; enterro; sepultamento.

ABSTRACT

In the present days, is still hard accepting death and the process of dying, even at groups where it is a part of its daily routine, such as in the case of gravediggers.

The purpose of this psycho-cultural case-study is to understand the representations gravediggers have of death, specifically, during the process of burying the person that passed, before its relatives and friends; as well as, to discern what kind of emotions are triggered, facts that will be analyzed in an eclectic perspective, based on perceptions, images, symbolic contributions and feelings, and one's affective demonstrations.

Gravediggers are at the center of this study due to their ancestral and even mystical connotation, being often represented by common sense as cold hearted people.

These kind of professionals detain a *sui generis* connection to the earth and the dead person and testify in their own work location, the cemetery, the last "goodbye" between the dead, its family and friends, consuming the process by covering the grave with sand, as if they closed the world's circle of the living and, therefore, constituting the new address of the dead.

This study has tried to understand how gravediggers feel and represent death, through the use of a qualitative approach in the collecting and understanding of data by using the method of phenomenological interpretative analysis, the hermeneutic model, as well as, the psychodynamic model. The non-participant observation, the journal field and the application of the semi-structured interviews to gravediggers in their workplace- the cemetery- were techniques that were used during the work field.

Key-words: gravediggers, representations; feelings, death; exhumation; cemetery; funeral; burial.

RESUMÉ

Depuis toujours, la mort et le fait de mourir ont été difficiles d'accepter, même pour les personnes à qui cela fait parti de leurs quotidien comme c'est le cas des fossoyeurs.

Cette étude à caractère psychoculturel à comme objectif explorer et comprendre comment ce présente les fossoyeurs lors d'un enterrement d'une personne décéder, notamment en présence de la famille du défunt, ainsi que discerner le type d'émotions ressenties. Ces faits seront analysés dans une perspective éclectique à partir des perceptions, des images, des contributions symboliques, des sentiments et des manifestations affectives de chacun.

Les fossoyeurs sont l'élément principal de cet étude dû à leurs connotations ancestral, parfois même mystique, étant la plupart des fois représentés comme des personnes froides. Ces professionnels ont une liaison *sui generis* avec la terre et le mort, et témoignent, dans leur propre lieu de travail (le cimetière), le dernier adieu entre la personne décédée, la famille et les amis, concluant le procès en couvrant le cercueil avec de la terre, comme s'il fermait le cycle des vivant, donnant une nouvelles adresse aux morts.

Par cette étude, on essaye de comprendre la façon dont les fossoyeurs sentent et représentent la mort, grâce à un abordage qualitatif concernant la récolte et la compréhension des données, utilisant la méthode d'analyse phénoménologique interprétative, le modèle herméneutique, ainsi que le modèle psychodynamique. L'observation non participant, le journal de terrain et l'application d'entretiens avec les fossoyeurs dans leur lieu de travail, le cimetière, sont quelques techniques utilisées durant le travail effectué sur le champ.

Mots clef: Fossoyeurs, représentations, sentiments, mort, exhumation, cimetière, funérailles, enterrement .

DEDICATÓRIA

À minha filha Milena, que foi gerada no 1º ano do Mestrado e que me acompanhou tantas vezes, na minha barriga. És o centro do meu Universo, a minha coisinha...o meu bebé...o meu sorriso!

Ao meu marido que me suportou, que me abraçou quando já não tinha forças, que me incentivou a ingressar no Mestrado, que me iluminou quando as ideias escasseavam, que me encorajou a ir até ao fim. Amo-te muito, ao teu lado é sempre tudo azul!

Ao meu pai, que me apoiou, motivou para que este trabalho acontecesse e que me orientou como sempre com as suas palavras sábias...és o meu porto de abrigo!

À minha mãe, que suportou a logística, que se deslocou de Lisboa a Braga “um milhão de vezes”, sem nunca negar um pedido...sempre com um sorriso nos lábios...és a minha luz!

Ao meu irmão!

Ao bebé que está na minha barriga!

Ao Ponto, o meu cão de 14 anos, que fez a minha vida mais feliz e despreocupada e que nunca se queixou das horas que passou ao meu lado no computador. Vais viver eternamente no meu coração, meu pequenino. Adoro-te!

AGRADECIMENTOS

No culminar do presente trabalho, não posso deixar de aludir a todos os que tornaram possível a sua realização.

Aos docentes dos seminários da parte lectiva e à incansável Dra. Melanie Estrela, que tornaram possível que os conceitos apreendidos fossem aplicados.

Terei para sempre presente a entreajuda que se operacionalizou entre os colegas do seminário, deixando uma lufada especial de carinho e de ternura para a Raquel Vinhas, Carla Silva...Vós sois especiais....Keké...os momentos que partilhámos nos seminários vão ficar gravados para sempre na minha memória!

Aos profissionais dos cemitérios envolvidos neste estudo, que perante um trabalho tão exigente física e emocionalmente, sempre o dignificaram, procurando superar de uma forma muito profissional todos os obstáculos inerentes à forma de lidar com a morte e o morrer. Senti-me muitas vezes “pequena”.

À Professora Doutora Rute Meneses, pela simpatia, pela disponibilidade e pela forma sábia e presente como me guiou e elucidou sobre o melhor caminho a seguir.

À Professora Doutora Carla Barros a amabilidade com que se prontificou a ajudar-me.

À minha Orientadora, a Professora Doutora Marta Matos, que me apoiou, que me suportou, que me guiou e me deu força e alento quando tudo parecia ambíguo, e que mesmo perante algumas adversidades, foi incansável e presente. A sua sabedoria, a sua simplicidade, a sua gentileza desarmaram-me e tornaram-na tão especial para mim...

Uma última, mas não menor referência a todos os que permitiram que este trabalho fosse finalizado, apoiando-me nas horas difíceis, a todos os meus amigos e em especial à Vanessa, “my sister”, por todo o carinho, amizade e companheirismo ao longo deste processo.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
PRIMEIRA PARTE: Enquadramento teórico	5
Capítulo I - Representação	5
1 – Conceito de representação	5
Capítulo II -Breve retrospectiva socioantropológica da morte no Ocidente	8
2.1- Da antiguidade à actualidade	8
2.2- A morte nos séculos XV ao XIX	10
2.3- A morte na visão da Psicologia	12
2.4- A Imortalidade Simbólica	14
Capítulo III - Ritos fúnebres nas diferentes religiões	17
3- A Religião	17
3.1- Rituais fúnebres	18
3.1.1- O sepultamento	18
3.1.2 - A cremação	20
3.1.3 - Outros ritos e religiões	22
3.1.3.1- Ritos fúnebres da cultura tradicional da China	22
Capítulo IV- O coveiro	24
4- A figura do coveiro no Ocidente	24
SEGUNDA PARTE: Estudo empírico	28
Capítulo I- Metodologia de Investigação	28
1- Introdução ao estudo empírico	28
1.1- Estudos qualitativos	28
2- Metodologia adoptada	30

2.1- Objectivos	33
2.1.1- Objectivo geral	33
2.1.2- Objectivos específicos	33
2.2- Identificação do Universo e da Amostra	34
2.2.1- Universo do estudo	34
2.2.2- Amostra	34
2.2.2.1 - Características sociobiográficas da amostra	35
3- As técnicas de recolha de dados	38
3.1- Técnicas utilizadas na operacionalização da pesquisa	38
3.2- Guião da entrevista	40
4- Procedimentos nos cemitérios “X”, “M” e “F”	40
4.1- Condições de aplicação e considerações éticas	42
Capítulo II - Análise e discussão dos resultados	43
2- Análise e tratamento dos dados	43
2.1 - Resultados e discussão	45
2.1.1 - Representação de morte para os coveiros	46
2.1.2 - Tempo: o que pensar além da morte	51
2.1.3 - Crença enquanto elemento interveniente	55
2.1.4 - Percepções das vivências dos coveiros sobre o acto do funeral	62
2.1.5 - Percepções sobre os outros no funeral: colegas; familiares; amigos	67
2.1.6 - Morte e pessoa do morto (resignação vs aceitação)	75
2.1.6.1 - Idade, causa e forma da morte	77
2.1.6.2 - Identidade do morto, lugar na comunidade	80
2.1.6.3 - Visão: ver vs não ver o morto	82
2.1.6.4 - Tacto: tocar vs não tocar vs repulsão	85
2.1.6.5 - Cheiro: sentir o cheiro, o ambiente, o corpo	86
2.1.6.6 - Deterioração do corpo (putrefacção)	88
2.1.6.6.1 - Transformação do corpo em ossos	92
2.1.7- Luto	95
2.1.8 - Actividades laborais desenvolvidas pelos coveiros	97
2.1.8.1 - Recursos materiais utilizados no cemitério	98
2.1.8.2 - Dificuldades encontradas no desempenho profissional dos coveiros	99
2.1.8.3 - Ambiente profissional dos coveiros	101

2.1.9- Ambiente familiar dos coveiros	103
2.1.10 - Actividades de lazer dos coveiros	105
CONCLUSÕES DO ESTUDO EMPÍRICO	107
CONCLUSÕES GERAIS E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	114
LIMITAÇÕES DO ESTUDO	118
REFERÊNCIAS BOBLIOGRÁFICAS	119
DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS CONSULTADOS	127
ANEXOS	129
Anexo 1 - Ficha de dados demográficos	130
Anexo 2 - Quadro nº 1- Características sociobiográficas da amostra	133
Anexo 3 - Entrevistas	135
Anexo 4 - Guião da entrevista	235
Anexo 5 - Quadro nº 7 - Morte e pessoa do morto (resignação vs aceitação)	238
Anexo 6 - Quadro nº 7.1 - Idade, causa e forma da morte	241
Anexo 7 - Quadro nº 7.1 .a) - Observação da idade, causa e forma da morte	244
Anexo 8 - Quadro nº 7.2. - Identidade do morto, lugar na comunidade	246
Anexo 9 - Quadro nº 7.2. a) - Observação da identidade do morto, lugar na comunidade	248
Anexo 10 - Quadro nº 7.3- Visão : ver vs não ver o morto	250
Anexo 11 - Quadro nº 7.3. a) - Observação da Visão: Ver vs não ver o morto	252
Anexo 12 - Quadro nº 7.4 - Tacto: Tocar vs não tocar vs repulsão	254
Anexo 13 - Quadro nº 7.5 - Quadro nº 7.6.- Cheiro: sentir o cheiro, o ambiente, o corpo	256
Anexo 14 - Quadro nº 7.5. a) - Observação cheiro: sentir o cheiro, o ambiente, o corpo	258

Anexo 15 - Quadro nº 7.6 - Deterioração do corpo (Putrefacção)	260
Anexo 16 - Quadro nº 7.6.1 - Transformação do corpo em ossos	263
Anexo 17 - Quadro nº 7.6.1 a) - Observação da transformação do corpo em ossos	267
Anexo 18 - Quadro nº 8 - Observação do luto no cemitério	269
Anexo 19 - Quadro nº 9- Actividades laborais desenvolvidas pelos coveiros	271
Anexo 20 - Quadro nº 9.1- Recursos laborais utilizados pelos coveiros	273
Anexo 21 - Quadro nº 9.1. a)- Observação dos recursos existentes no espaço laboral dos coveiros	275
Anexo 22 - Quadro nº 9.2 - Dificuldades encontradas no desempenho profissional dos coveiros	277
Anexo 23 - Quadro nº 9.3- Ambiente profissional dos coveiros	280
Anexo 24 - Quadro nº 9.3.a)- Observação do ambiente profissional dos coveiros	282
Anexo 25 - Quadro nº 10- Ambiente familiar dos coveiros	285
Anexo 26 - Quadro nº 11- Actividades de lazer dos coveiros	288
Anexo 27 - Cronograma/ plano de trabalho	291

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro nº 2 - Representação de morte para os coveiros	46
Quadro nº 3 - Tempo: O que pensar além da morte	51
Quadro nº 4 - Crença enquanto elemento interveniente	55
Quadro nº 4 a) - Observação de actos rituais e cerimónias solenes	57
Quadro nº 5 - Percepções das vivências dos coveiros sobre o acto do funeral	63
Quadro nº 6 - Percepções das vivências do acto do funeral nos outros: colegas; familiares; amigos	67
Quadro nº 6 a) - Observação das vivências do acto do funeral nos coveiros, nos familiares e amigos do falecido	70

INTRODUÇÃO

Na presente dissertação propõe-se um estudo de índole psico-cultural descritiva e exploratória em que se pretende identificar as representações e as emoções dos coveiros perante a morte, assim como, de uma forma mais específica, verificar de que forma representam e percebem a morte no campo da sua prática profissional, no acto do enterro.

Ao contrário dos médicos e enfermeiros, que num cenário de doença terminal lidam com o falecimento do paciente, e dos agentes funerários, que preparam o corpo de forma a que a figura do morto (sempre que possível) seja idêntica à que tinha em vida, os coveiros são os únicos profissionais que enterram efectivamente o morto, cobrindo-o com terra, ou “selando-o” com o túmulo, quando a cremação não é preferida. São eles também que zelam pela última casa do morto, o túmulo, assistindo às emoções dos visitantes, como também exumam os restos mortais do falecido, sendo actores privilegiados deste processo.

Existem vários estudos que acompanham as actividades desenvolvidas nos cuidados paliativos, por enfermeiros, médicos, estudantes estagiários de Enfermagem e de Medicina, tentando analisar as suas emoções perante a morte dos pacientes terminais (Magão & Leal, 2001; Quintana & Kegler, 2006; Bernieri & Hirdes, 2007); no entanto, não são ilustrativos para o presente estudo, uma vez que a fenomenologia abordada é diferente. É diferente cuidar de um corpo vivo e de um corpo morto e neste sentido apenas poderemos fazer uma analogia entre os coveiros e os profissionais da saúde, relacionada com as dificuldades que este último grupo enfrenta quando lida com a morte. A título ilustrativo, o coveiro 1 (C1) durante a entrevista refere que “ (...) por exemplo esta profissão...é a mesma coisa de um médico ou de um enfermeiro...quando há acidentes...as pessoas vão todas desfeitas para o hospital...eu acho que a profissão de médico e enfermeiro é muito pior do que a nossa...porque nós praticamente...as pessoas já vêm nos caixões....praticamente nós nunca mexemos nisso (...)”.

No estudo de Quintana e Kegler (2006) sobre os sentimentos e as percepções da equipa de saúde em frente ao doente terminal, está comprovado que aquela tem grandes dificuldades em lidar com o tema da morte.¹

Para que fosse possível chegar às representações e às emoções dos coveiros perante a morte, todo um percurso foi traçado ao longo do estudo, para uma melhor compreensão dos itens que estão directamente ligados ao tema. A importância e a singularidade de fazer incidir este estudo nos coveiros, tem a ver, portanto, com o facto de estes profissionais presenciarem o momento da partida física do defunto e de participarem no ritual do enterro. São estes profissionais que vão trazer a experiência narrativa de uma forma de sentir a morte e passarão a deter uma relação de proximidade, de guarda com os mortos enterrados (cuidar da campa, levantar as ossadas, guardar as ossadas em segurança) e de cumplicidade, amizade com os familiares e amigos dos defuntos (quando estes visitam as campas).

Através de asserções elaboradas através da análise das entrevistas, podemos auferir que as representações e emoções do coveiro perante a morte e o cadáver enterrado, poderão estar directamente ligadas aos traços de personalidade de cada profissional, à formação pessoal e às experiências que cada um teve com a morte de pessoas na sua experiência passada. Outros factores importantes são os laços familiares e as suas crenças existenciais e espirituais individuais, uma vez que será importante perceber que tipo de relação tem o coveiro com o seu núcleo familiar, assim como apreender de que forma a personalidade dos coveiros utiliza as crenças na sua forma de sentir e de pensar a morte.

¹ O trabalho dos autores Alice Hirdes e Jomine Bernieri (2007), teve como objectivo geral investigar de que forma os estudantes de Enfermagem encaram e enfrentam a morte. A metodologia utilizada, de natureza qualitativa, foi realizada através de 15 entrevistas semi-estruturadas a estudantes de Enfermagem do sexto e sétimo semestres, de uma instituição de ensino superior localizada no norte do Rio Grande do Sul, no Brasil. Os resultados revelaram as dificuldades dos alunos de grau universitário de Enfermagem entrevistados sobre como lidar com o processo de morte - morrer dos pacientes assistidos durante o estágio; a dificuldade de lidar com os sentimentos de ansiedade, culpa e impotência gerados pela experiência; a fuga do contacto com os familiares, através de cuidados técnicos e burocráticos; a falta de apoio do professor supervisor em campo de estágio, aquando da morte de um paciente e o desconhecimento das fases psicológicas da morte.

Abordar esta realidade tão pouco estudada, nem sempre fácil de interpretar e de assimilar, faz com que este trabalho constitua um desafio. O interesse pelo assunto emergiu através da curiosidade relacionada com os cemitérios e com os rituais que neles se desenvolvem, abrangendo o falecido, os familiares, os amigos, o coveiro.

A opinião do investigador, alicerçando-se nos funerais a que já assistiu, é a de que o coveiro detém uma participação activa e simbólica em todos os funerais em que participa; no entanto, surge quase sempre associado a uma figura misteriosa, por vezes sinistra, de que pouco ou nada se conhece.

A bibliografia sobre esta temática é deficitária, os estudos são raros e infelizmente não foi possível auferir uma resposta dos autores dos três únicos estudos brasileiros encontrados, relacionados com a mesma temática - (Lima, 2002, “Vivendo entre túmulos - As representações dos coveiros sobre a ideia de morte”); (Faria, 1991, “Um estudo sobre a prevalência de distúrbios psiquiátricos entre os sepultadores do serviço funeral do município de São Paulo”) e (Coutinho, Vasconcelos & Carneiro, 2003, “O significado da morte para os sepultadores”).

Identificados os principais tópicos a serem investigados na realização deste estudo, será feita uma breve exposição dos capítulos que explanam os conteúdos teóricos e práticos em torno desta temática.

A presente dissertação divide-se em três partes.

Na primeira, procede-se ao desenvolvimento teórico, através de uma revisão da bibliografia.

No primeiro capítulo, procede-se à análise de conceitos gerais imprescindíveis à compreensão do tema em desenvolvimento, focando o conceito de representação.

No segundo capítulo, faz-se uma breve retrospectiva da morte no Ocidente, é analisada a morte na visão da Psicologia e evidenciada a imortalidade simbólica.

Os ritos fúnebres nas diferentes religiões são abordados no terceiro capítulo.

O quarto capítulo versa sobre a temática da representação do coveiro no Ocidente.

Na segunda parte, desenvolve-se um trabalho empírico, em que se apresenta a metodologia de investigação utilizada, assim como os resultados obtidos- a sua exposição, análise, discussão e interpretação.

Na terceira e última parte, faz-se a apresentação das principais conclusões resultantes das temáticas desenvolvidas na componente empírica e propostas de investigação futura.

PRIMEIRA PARTE: Enquadramento teórico

Capítulo I – Representação

1- Conceito de representação

Moscovici (1961), através da Psicologia Social, designa o campo da representação como o conteúdo concreto e limitado das proposições acerca de um aspecto preciso do objecto de representação, referindo que o indivíduo está sujeito às representações dominantes da sociedade e é nesse contexto que ele pensa e exprime os seus sentimentos. As representações diferem segundo a sociedade em que nascem e são construídas. É a partir das conversas que se elaboram os saberes populares e o senso comum que nos permitirão identificar de forma concreta as representações.

Moscovici (1969, citado por Vala, 2000) refere que as representações podem ser compreendidas a partir de duas perspectivas. A primeira refere que as representações constituem o reflexo interno de uma realidade externa, havendo uma reprodução no espírito do que se encontra fora do espírito (perspectiva entendida como uma reprodução). O autor considera que estas representações poderão estar sujeitas a enviesamentos que advêm do funcionamento do sistema cognitivo. A segunda perspectiva pressupõe que não há ruptura entre o universo interno e o universo externo do indivíduo, considerando que o objecto e o sujeito não são essencialmente distintos (perspectiva entendida não como reprodução, mas sim como construção). As representações referem-se sempre a algo, constituem um signo de determinado objecto social; de igual forma, elas são necessariamente as representações de alguém, envolvendo a expressão de um sujeito. “A representação exprime a relação de um sujeito com um objecto, relação que envolve uma actividade de construção e de simbolização (Vala, 2000, p.461).

Jodelet (1997), refere como elementos essenciais de uma representação o seu conteúdo (informações, imagens, opiniões, atitudes, etc.), o objecto (trabalho a fazer, um acontecimento ou uma personagem social) e o sujeito (indivíduo, família, grupo, classe) em relação a outro sujeito.

Na estrutura de cada representação é inseparável o aspecto figurativo do aspecto simbólico. A cada figura corresponde um sentido e a cada sentido uma figura (Idem, 1997).

Segundo Figueiredo (2000), Piaget preocupou-se em estudar o *sujeito epistémico* (sujeito do conhecimento). O estudioso traz grandes contribuições ao restabelecer a relação entre lógica, linguagem e pensamento. Através do modelo hipotético-dedutivo, procura explicar o modelo da razão humana, a capacidade humana de conhecer e interpretar o mundo tentando explicar as seguintes questões: Como é possível ao ser humano construir conhecimento? Como é que o ser humano organiza, entende, interpreta o mundo? Quais as condições necessárias para a aquisição de conhecimentos?

Através da observação de crianças, Piaget descobre que há uma lógica subjacente às suas acções, ou seja, uma estrutura subjacente ao comportamento. As acções das crianças não se organizam aleatoriamente, mas supõem uma seriação, uma ordenação e uma classificação. O comportamento humano supõe uma lógica das acções, e esta lógica é isomórfica a *Lógica Clássica*. Nesse sentido, há duas questões fundamentais que devem ser compreendidas: a) as estruturas mentais orgânicas são necessárias, mas não suficientes para o acto de conhecer; b) o indivíduo depende das trocas do organismo com o meio (maturação biológica + ambiente social) (Idem, 2000).

Segundo Doron e Parot (2001), a representação constitui um dos principais temas da Filosofia; sob o ângulo do processo, é geralmente definida como o acto pelo qual um material concreto é organizado em categorias ou «objectos de pensamento»; sob o ângulo do produto, designa os conteúdos do acto de pensamento, quer eles sejam conscientes ou não.

Este termo é também bastante utilizado pelos psicólogos da escola psicanalítica, os quais julgam que muitas das nossas memórias, sonhos ou percepções representam na verdade impulsos inconscientes ou experiências recalçadas. Os mesmos autores citam Freud (s.d) que definiu o processo de representação como o processo pelo qual o estado orgânico fundamental, que caracteriza a pulsão, é transformado em expressão psíquica. O mesmo autor engloba neste termo os elementos materiais observáveis aos quais a pulsão se fixa, desde que o aparelho psíquico se divide, sob o efeito do recalçamento originário, em consciente, pré-consciente e inconsciente. Na teoria lacaniana, esta fixação da pulsão às suas representações (representantes) é correlativa da inserção do sujeito na rede das significações veiculadas pela linguagem.

A Psicologia da Percepção também recorre bastante ao termo representação para indicar que os processos psicológicos não são o espelho do mundo externo, mas são somente representativos do mesmo (Idem, 2001).

A representação alude aos significados, conteúdos, emoções e opiniões que são vinculadas pela linguagem, tornando-se presente num determinado tipo de objecto através da linguagem verbal e dos signos não-verbais. Foi através da recolha da linguagem verbal e não-verbal dos coveiros, que foi possível chegar ao conteúdo que estava submetido a influência emocional (psicológica) e a influência cultural.

Conseguir interpretar as representações individuais dos coveiros será como penetrar nos seus significados mais íntimos, assim como na sua forma de construção e de evolução no exercício da sua actividade laboral.

2- CAPÍTULO II- Breve retrospectiva socioantropológica da morte no Ocidente

2.1- Da antiguidade à actualidade

*“Sem a loucura que é o Homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?”
Fernando Pessoa (1933)*

Desde a Antiguidade que a Religião, a Filosofia e a Antropologia têm vindo a demandar explicações, tanto para a origem do Homem, como para o seu destino. Através da cultura, das tradições familiares, ou mesmo pela investigação pessoal, cada indivíduo tem a sua própria representação da morte, à qual atribui personificações, qualidades e formas diversas (Kóvacs, 2002).

Chiavenato (1988), defende que as representações de morte constituem uma matéria valiosa, demonstrando que esta apreensão remonta às origens do Homem, uma vez que foram encontrados vários registos em cavernas que atestam a sua tese.

Morin (1988, p.25), refere que “ (...) apesar de a morte ainda não existir como um conceito nos vocabulários mais arcaicos fala-se dela como um sono, de uma viagem, de um nascimento, de uma doença, de um acidente, de um malefício, de uma entrada para a morada dos antepassados, e, o mais das vezes, de tudo isto ao mesmo tempo (...)”; no entanto, o autor explica que o homem de Neandertal já revelava uma preocupação apurada pela morte, sendo que as primeiras provas de humanização foram dadas por vestígios de casas e pelas sepulturas onde enterrava os seus mortos. Ao lado destes havia alimentos, armas, etc.

O pensamento acerca do acto de morrer tem sofrido mudanças conforme o processo de transformação da sociedade e está directamente ligado aos seus valores, às suas especificidades, ritos e ao estado de desenvolvimento de cada sociedade (Elias, 2001 citado por Ariés, s.d).

Ariés (2003), defende que na Idade Média, a morte não era entendida como destino de um só, mas de todos, diminuindo a distância entre ela e os homens. Era esperada no leito, em cerimónia organizada pelo próprio moribundo. O seu quarto transformava-se num lugar público, onde a presença de parentes, amigos e vizinhos tinha uma extrema importância. As crianças não eram excluídas, mas sim necessárias. A morte era marcada por um ritual, em que as pessoas adoptavam o lugar de observadoras dos sinais do próprio corpo, o que parecia incitá-las a não somente observar, mas até a indagar tais sinais, a ponto de poderem discriminar o momento de morrer. Essa era considerada a “morte boa”. Em contraste, a morte súbita, por envenenamento ou acidente, era atribuída ao poder das forças demoníacas. Esta visão estendeu-se até ao século XV, período caracterizado pela aceitação da morte como parte da natureza inerente à espécie. Não se pensava em evitá-la nem em exaltá-la. O moribundo continuava no centro da acção, mantendo-se como protagonista no momento da morte. Durante a Idade Média, foram consideradas três dimensões essenciais que associavam a actitude perante a morte:

a) A representação mental da morte, isto é a morte circulava no quotidiano das pessoas de uma forma íntima. Preservava-se a dimensão humana da finitude como etapa inegável da vida;

b) O reconhecimento por parte de cada pessoa da sua história de vida diante da iminência da morte;

c) O apego às coisas adquiridas e a bens construídos durante a existência terrena. Desta forma, cada pessoa podia rever a sua vida no momento do fim, facto que proporcionava a consciência de si mesmo. Como num julgamento, as acções eram julgadas por um Deus maior, que Ariés (2003) veio a intitular de “morte de si mesmo”. Em virtude dessa nova forma de olhar para a morte, as sociedades ocidentais passaram a dar-lhe um novo significado, exaltando-a, dramatizando-a. É a partir desta altura que a morte passa a ser mais difícil de aceitar.

Kovács (2002) sublinha que o corpo morto passou a ser escondido, uma vez que se tornou insuportável para os olhos. Os caixões eram usados para esconder o corpo e o embalsamamento, ritual tão antigo, continuou a ser usado como forma de conservar viva a imagem do morto - sem dúvida, uma forma de negar a morte.

2.2- A morte nos séculos XV ao XIX

De acordo com Ariés (2003), apesar de a morte ainda ser considerada algo natural e familiar, o conceito de ruptura foi introduzido. Desde a Alta Idade Média até metade do século XIX, a atitude diante da morte foi sofrendo uma mudança lenta e gradual. A morte, tão presente no passado, vai apagar-se e desaparecer, tornando-se vergonhosa e interdita. O Homem ficava privado da sua vida quotidiana, do seu trabalho e do seu lar. A finitude começava a ser pensada mais particularmente, sem no entanto se tornar aterrorizadora e obsessiva. Ainda no leito, a emoção até então não expressa, tornou-se presente: choro, súplicas e gestos faziam agora parte do cenário fúnebre. Houve um fechar de ciclo do carácter “natural” e costumeiro dos antigos ritos. Foi nesse momento que a família ganhou um novo protagonismo no cenário. Somente o moribundo expressava os seus pensamentos, desejos e sentimentos. A partir dessa época, passa a ser possível ao moribundo expressar os seus desejos oralmente aos membros mais próximos: cônjuge e filhos. Novas relações se formaram, munidas de sentimentos, afeição e laços de confiança. Essa nova postura diante da finitude também foi influenciada pelo desenvolvimento do poder da Igreja, que passou a exigir uma atitude mais contida e digna, assumindo o controlo dos rituais e ditando as formas de comportamento adequadas. A interdição chegava, assim, ao moribundo e os seus entes mais próximos procuravam poupá-lo, ocultando-lhe a gravidade do seu estado.

Como o trabalho de luto foi entravado no séc. XVIII, por razões de conveniência social, são os traços melancólicos que irão agora caracterizar toda uma época. O enlutado que não consegue, no prazo requerido, voltar à vida normal é convidado a refugiar-se no convento (Mannoni, 1991).

A reacção à perda de uma pessoa amada deixa de ser sustentada por um grupo social. Através dos testamentos os homens deixam mensagens místicas, da recordação de determinado trajecto de uma vida que a morte interrompe. O testamentário deixa ainda uma mensagem aos seus descendentes. Aos poucos, a arte de viver substituiu a arte de morrer (Idem, 1991).

Segundo Morin (1988), “ (...) a partir da segunda metade do século XIX, inicia-se uma crise de morte (...) consideraremos aqui essa crise de acordo com as suas incidências sobre a Literatura, a Poesia e a Filosofia (...) a Filosofia e a Literatura são os barómetros do grau de angústia difusa, das rupturas subterrâneas de uma sociedade” (p. 262).

As descobertas da Ciência agravaram a angústia da morte e a individualização do indivíduo, revelando que as civilizações são mortais e que a Terra morrerá. A individualidade cultural do Homem, que se irá impor neste período, contém em si a infelicidade e a morte (Idem, 1998).

Sapeta (1999) refere que contemporaneamente, a morte de uma pessoa próxima ou amiga é encarada como uma coisa terrível, como se mais nada no Mundo tivesse mais sentido, sem contar com os sentimentos mais dolorosos e até mesmo a sensação de que, não suportando a dor da perda, chegamos a sentir a necessidade de morrer perto da pessoa amada. Não era assim nas sociedades anteriormente descritas, em que as relações sociais estavam acima do próprio indivíduo e onde a morte surgia como algo natural, esperado, presente, no sentido de não precisar de ser vencida ou adiada. Actualmente, o que se exige é o recalçamento da dor da perda, em lugar das manifestações outrora usuais. Os enlutados vivenciam a dor na solidão, já que as pessoas ao redor preferem afastar de si o medo da morte.

Contrariamente ao homem dos séculos XVIII/XIX, que tinha consciência de que um dia ia morrer e se preparava para tal, “hoje é difícil dar-se à morte um nome” (Ariés, s.d citado por Mannoni, 1991, p. 15).

2.3- A morte na visão da Psicologia

No século XIX, Freud (1885) enfatizou que a banalização da morte se encontrava ao serviço do processo de denegação, ou seja, o Homem passa a demandar partindo, esquecendo-se de que a morte existe.

Segundo Silva (2000), o questionamento de Schopenhauer no século XIX, continua no Mundo contemporâneo e faz com que o homem lhe conceda muitas horas de vida, que são consumidas com o medo e a ansiedade do grande mistério que é a morte. Não existem muitas pessoas que falem da morte abertamente, pois representa algo de muito desconfortável.

Como refere Sapeta (1999, p.20), (...) “ morrer tornou-se hoje um momento solitário, demasiadamente triste para ser lembrado”.

O problema da morte é abordado à luz da Psicologia por Kastenbaum e Aisenberg (1972), que intitulam o seu livro precisamente *The Psychology of Death*. Depois de tentarem definir o que é a morte e de apresentarem o conceito de morte dum ponto de vista desenvolvimental, os autores esclarecem melhor o significado de morte falando de animismo, de permanência do eu e do objecto, e ainda de futuridade. Falam do medo ou da ansiedade face à morte, cujo objecto pode ser muito diversificado: momento da morte, medo da surpresa da morte, o facto de deixar de ser ou de desaparecer, medo do que acontecerá depois da morte, o sofrimento e a angústia que precede a morte, medo de fazer sofrer os que me rodeiam, medo só da minha morte ou então da morte dos meus entes queridos. Muitas circunstâncias estão presentes neste medo e tudo o que ele envolve: o tempo (quando morrerei?), o espaço (onde morrerei?), a probabilidade (embora seja certo que morrerei, isso será dentro de quanto tempo e em que circunstâncias?).

Para muitos autores, parte do comportamento humano pode ser considerado como resposta ao problema da morte (Becker, 1973 & Feifel, 1977), como é o caso, por exemplo, de muitas perturbações psicossomáticas ou da depressão. Muitos consideram que se trata de um medo universal e que qualquer medo simboliza, no fundo, o medo da morte (Feifel & Nagy, 1981).

O medo da morte poderá ser explicado por Rodrigues (1986), que refere que ela não é um fenómeno natural, representando um tabu social com significados e consequências. Existem na nossa sociedade regras básicas que nos ensinam a evitar pensar e falar sobre a morte, assim como a ritualizá-la quando ela se torna concreta e incontornável. Também aprendemos a evitar a proximidade com os mortos. Na visão de V. Lunardi, W. Lunardi., Sulzbach, e Nunes. (2001), nenhum outro evento vital é capaz de suscitar, nos seres humanos, mais pensamentos dirigidos pela emoção e reacções emocionais do que a morte, seja no indivíduo que está a morrer, seja naqueles à sua volta.

Segundo Alexandre Seabra, no seu artigo “Morte em Psicopatologia e Psicoterapia” (1996), existem várias estratégias que permitem ao homem encarar a sua mortalidade, como as crenças poderosas reforçadas nas primeiras etapas de vida (ex. crença de que se é especial), como se a mortalidade existisse para todos e não para o eu; os mitos culturais e a negação da morte. Assim sendo, estas crenças funcionam como um subterfúgio, uma negação. Em Psicoterapia, a morte é uma fonte primária de angústia que poderá desembocar em dois caminhos, consoante as necessidades do paciente que englobam a confrontação com o tema ou a fuga ao tema. Uma confrontação adequada com a morte poderá alterar a perspectiva vital da pessoa e promover a sua dedicação mais autêntica à vida. A tarefa dos terapeutas consiste em reduzir a angústia perante a morte e depois trabalhá-la de forma a incrementar a consciência e a vitalidade no paciente. Uma regra particularmente útil é que a angústia perante a morte é inversamente proporcional à satisfação de vida.

Segundo Cassorla (2002), a morte é um fenómeno difícil de ser descrito com palavras, uma vez que a possibilidade de a simbolizar e de a incluir na rede de ideias e pensamentos a torna temível. Cada indivíduo concebe e expressa a palavra “morte” de uma forma singular, através de ideias, fantasias e crenças.

Na reflexão de Kubler-Ross (2003), a morte é apenas a transição para uma forma de vida diferente, o estágio final da evolução terrena. Quem constrói a ruptura é a produção simbólica ancorada no modelo ocidental de vida, que se projecta através da negação da ideia de não permanência. Morin (1988) afirma que só será possível compreender a humanidade da morte, ao compreender a especificidade do humano.

2.4 – A Imortalidade Simbólica

Freud (1900) referiu que podemos sonhar com a nossa própria morte, contudo vemo-nos sempre no papel e na qualidade de espectadores. Mais tarde, em 1915, Freud afirma que o nosso inconsciente acredita na nossa imortalidade, não sendo capaz de representar a sua própria morte.

O conceito de “imortalidade simbólica” foi retomado e teorizado pelo psiquiatra norte-americano Robert Jay Lifton, em 1976, como uma necessidade humana e universal de adquirir um sentido de continuidade face à evidência de que todos iremos morrer. Essa evidência obriga a confrontarmos-nos com esse medo, através dos diversos modos de imortalidade simbólica. Estes modos ligam-nos com o presente e com o passado, aliando-nos aos que já partiram e àqueles que vão ficar quando morrermos e que nos vão recordar. Esta imortalidade trará sentido à nossa existência. A procura de continuidade simbólica constitui-se como central ao projecto humano.

O escritor Vergílio Ferreira (1986), refere a "obsessão de se perdurar" como um argumento em favor da imortalidade do homem, este que através de feitos militares ou desportivos e através de obras se vai libertando. Existe também quem grava o nome nas árvores e nos monumentos.

Lifton (1976) caracterizou o sentimento de imortalidade simbólica através de cinco modos: biológico, criativo, religioso, contacto com a natureza e experiência transcendental:

O **modo biológico** refere-se à necessidade de o indivíduo preservar e manter a sua espécie através das gerações, querendo vincar o sentimento alargado que o homem estabelece com a família através do sentido genético e da longa corrente das relações humanas familiares.

Segundo o mesmo autor, o **modo criativo** é a segunda forma de imortalidade simbólica e diz respeito à produção material, intelectual e invenção. A produção criativa terá o efeito de deixar algo para além da morte, na recordação e memória dos outros indivíduos com os quais se relacionou. A transitoriedade da existência é suportada pela produção criativa, que dá sentido à própria existência e permite ao indivíduo a realização individual. Todo o indivíduo é impulsionado a produzir e a criar dentro do seu âmbito de especialidade.

O **modo religioso** é justificado pelo autor pela forma como as religiões estiveram sempre no centro da preocupação do Homem com a imortalidade. A relação do Homem com a divindade é explicada pelos fenómenos externos compartilhados e institucionalizados, como as cerimónias, a linguagem, os sacrifícios, dentro de cada comunidade. As crenças religiosas incluem a noção de que a morte pode trazer paz e harmonia com Deus, ou a plenitude com o universo.

No último modo, **experiência transcendental**, o indivíduo é coagido, dependendo do seu estado psicológico, a ultrapassar os limites do viver quotidiano. Este modo pode ocorrer através da música e da dança. Como experiência psicológica, pode ocorrer em relação com os outros quatro modos de imortalidade simbólica e pode ser fundamental para integrar qualquer um deles na nossa própria vida. Estas necessidades de imortalidade simbólica explicam o relacionamento entre gerações ao longo do tempo, passado e futuro, a transmissão do saber e dos valores, e é fulcral no processo de socialização, produção e transmissão de bens materiais e espirituais

O **modo natural** representa para Lifton, uma ligação de comunhão e de continuidade com a Natureza. Esta forma genérica de expressão assume manifestações notáveis na religião Hindu e nas culturas orientais, e nas últimas décadas tem sido ressuscitada pela consciência e preocupações ecológicas, relativamente à destruição progressiva e acelerada do planeta. Esta continuidade surge como a capacidade que o indivíduo tem de se relacionar com a Natureza, com as sensações que acredita serem de paz interior e tranquilidade, de relação espiritual neste contacto.

Segundo Figueiredo (1993), o sentimento de imortalidade simbólica relaciona-se com a preservação da espécie, em que se luta pela sobrevivência. O sentido da imortalidade faz com que o Homem compreenda a sua imortalidade e a sua própria condição humana. Apresenta-se como um corolário de conhecimento da morte, reflectindo uma procura universal e espontânea da continuidade simbólica com os que nos deixaram e os que virão depois da nossa finita vida individual.

Kluber – Ross (2000) refere que acredita que no nosso inconsciente não há lugar para a morte natural ou por velhice. Inconscientemente não acreditamos na nossa morte, mas acreditamos seriamente na nossa imortalidade.

Capítulo III- Ritos fúnebres nas diferentes religiões

3- A Religião

São diversos os factores que promovem variações sobre a abordagem do tema da morte; considerar-se-ão dois dos mais importantes: a religião e os ritos fúnebres. Será então importante analisar as diferentes religiões existentes, assim como os ritos fúnebres das várias sociedades, para que seja possível fazer uma comparação entre o Cristianismo e outras religiões, para perceber as suas representações e até que ponto o seu conjunto de crenças e ritos podem influenciar a representação de morte no Ocidente e, mais particularmente, nos profissionais dos cemitérios, os coveiros.

Partindo da premissa de que todos os ritos funerários têm origem na religião, os autores Gaarder, Hellern e Notaker (2002) chegam mesmo a referir que não há registo de nenhuma comunidade ou tribo que não tenha tido uma religião de qualquer espécie e que a existência de diversas formas de religião tem acompanhado os registos históricos.

Antes de mais, será importante definir religião. Algumas questões, como o que sucede quando morremos, têm um carácter tão geral que se levantam em todas as culturas, constituindo o alicerce de todas as religiões.

As religiões são compostas por crenças, mitos e ritos. O conceito de **crença** tem no seu cerne um repositório religioso de ideias, expressas através das cerimónias religiosas (ritos) e da arte, acima de tudo, através da linguagem. Estas expressões podem ser escrituras sagradas, credos, doutrinas ou mitos. O **mito** é uma história que frequentemente acompanha um rito. O **rito** reitera com frequência uma acção em que o mito se baseia. O mito religioso possui um significado mais profundo do que a lenda ou conto popular. Os ritos funerários ajudam o defunto a chegar são e salvo ao reino dos mortos, onde continuará a viver com os seus antepassados (Gaarder et al., 2002).

A religião é um comportamento do espírito humano, uma atitude própria de uma consciência transformada pela experiência do luminoso. A religião é peculiar ao homem e está directamente ligada à cultura e à crença familiar de cada um (Jung 1984).

3.1- Rituais fúnebres

Será agora importante compreender em que religiões se inserem os rituais fúnebres em que é praticada a **cremação**, assim como em que religiões se inserem os rituais fúnebres em que é praticado o **sepultamento**. “Se a morte representa uma ligação entre dois mundos, aparentemente separados, a passagem que se opera de um ao outro implica que haja um conjunto de ritos fúnebres que os membros do mundo dos vivos impõem aos seus mortos, com vista à sua plena separação deste e consequente integração ou agregação ao mundo dos mortos” (Rodrigues, 2002, p.10).

Segundo Freire (s.d.), a morte tornou-se indizível, e, principalmente, o escamoteamento da sua presença numa esfera reflexiva na sociedade contribui para uma problemática social. Neste contexto, é possível observar a importância dos ritos funerários na manutenção da relação entre o Homem e a morte. São os ritos mortuários que demonstram os cuidados e as preocupações humanas diante do “fantasma” da finitude do indivíduo. É assim possível assimilá-los como fenómenos sociais que envolvem os mortos - que devem, a partir de tais cuidados, adaptar-se à sua nova “vida” - e os vivos - que diante da perda também se submetem a padrões de comportamento e de reorganização da vida.

3.1.1-O sepultamento

“ A prática do sepultamento compreende o antigo Egipto, o Mediterrâneo clássico, os países semitas, a China, a Europa e a América contemporânea” (Morin, 1988, p. 131).

A prática de enterrar o corpo é utilizada mais vulgarmente nas religiões ocidentais e africanas:

-- O **Judaísmo** é uma religião que está intimamente ligada à História. Deus teria feito uma aliança com o seu povo escolhido. Os Judeus têm costumes muito antigos relativamente ao funeral, que se deve processar o mais rapidamente possível depois da morte. O corpo do defunto é lavado e vestido com uma peça de roupa branca e simples e colocado num modesto caixão de madeira. Os homens são enterrados com os seus xailes de oração. Não há flores. A música é oficiada pelo cantor, enquanto atira três pazadas de terra para o caixão, recitando dizeres nessa altura, enquanto o filho mais próximo faz uma declaração solene (Bowker, 2004).

-- O **Islamismo** tem as suas origens na Arábia. Maomé foi o seu fundador no ano de 570 d.c. A sua maior premissa é a de que o Homem deve submeter-se totalmente à vontade de Deus em todas as áreas. Maomé é o intermediário da palavra de Deus, Alá, e a revelação autêntica da palavra de Deus tem lugar no próprio Corão. «*Não existe nenhum Deus senão Alá, e Maomé é o seu profeta*» - este credo é repetido pelos fiéis várias vezes por dia, está escrito nas paredes das Mesquitas e é a primeira coisa a ser segredada ao ouvido de um recém-nascido e a última a ser sussurrada ao ouvido de um moribundo. O ritual fúnebre é realizado por um membro da família que envolve o morto em mortalha branca na sepultura; o defunto é de seguida colocado em contacto com a terra, numa fenda em formato de “L” e com a face virada para a cidade sagrada de Meca. A fenda é fechada enquanto os versos do Alcorão são recitados e o enterro deve acontecer, de preferência, no dia seguinte à morte (Gaarder et al., 2002).

-- O **Cristianismo** segundo os mesmos autores, é a filosofia de vida que mais fortemente caracteriza a sociedade ocidental. Nesta doutrina, o funeral corresponde a um acto físico e a figura de Deus aparece figurada numa imagem visual e representativa, que noutras religiões, como por exemplo, no Judaísmo não existe. Bowker (2004) refere que os cristãos acreditam que Jesus é único, porque Deus agiu por seu intermédio, dando ao Mundo, não apenas um livro sagrado, a Bíblia (o livro mais lido em todo o Mundo), mas também uma vida humana que incluiu a experiência do auto-sacrifício e que expressou o propósito amoroso que o Criador tem para com todos os seres humanos.

Dentro do Cristianismo, existem doutrinas distintas e específicas a Católica, a Ortodoxa, o Protestantismo e a Comunhão Anglicana (onde são incluídos os Anabatistas e Baptistas, os Metodistas, o movimento Evangélico e os Pentocostais) (Idem, 2004).

-- Segundo os autores Parkes, Laungani e Young (2003), a missa é uma das partes da **cerimónia fúnebre católica**, na qual os não católicos podem participar. O caixão, aberto, ficará exposto na igreja durante a noite que antecede o enterro, de modo a realizar-se o velório.

--**No funeral ortodoxo** a presença de pessoas não ortodoxas é bem-vinda, mas não necessitam de se prostrar perante o morto e são permitidos o enterro e a cremação. No enterro, de frente para a sepultura, a família e os amigos deixarão cair terra sobre a urna, enquanto movem as mãos para fazer o sinal da cruz (Parkes et al., 2003).

--As **igrejas protestantes** são muito divergentes entre si, as cerimónias e crenças são parecidas com as da Igreja Romana. Algumas pessoas apoiam e outras desencorajam a expressão de emoções e outros acontecimentos (Idem, 2003).

-- Parkes et al. (2003) referem que os **serviços fúnebres anglicanos** permitem as homenagens pessoais e de louvor, mas é frequente serem impessoais e rotineiras. A maioria dos funerais é realizada nas capelas dos crematórios, onde nada se sabe do falecido. As cinzas são posteriormente colocadas numa urna à espera do enterro na terra, permitindo-se a sua dispersão.

3.1.2- A cremação

“ A incineração que se aplica hoje a quatrocentos milhões de seres humanos, já é utilizada desde os tempos pré-históricos (...) O domínio da incineração engloba as antigas civilizações fino - escandinavas e babilónicas, o Sudoeste asiático, a Índia e parte da Insulíndia” (Morin, 1988, p.131). O termo incineração, aplicado pelo autor, é mais comumente utilizado por várias religiões com a denominação de cremação.

A cremação domina nas tradições religiosas a seguir descritas (Hinduísmo, Budismo, Xintuísmo), embora não seja exclusiva, existindo em menor número a prática do enterro como veremos, segundo os autores citados.

-- O **Hinduísmo** não tem um fundador, um credo determinado ou uma organização. O corpo sem vida é lavado e vestido com roupas novas pela família, e levado para o local da cremação, entre entoações do nome de Deus. A “pira” fúnebre (pilha de troncos de madeira, onde o corpo é colocado na parte superior) é acesa pelo filho mais velho, o corpo é cremado e as cinzas são apanhadas, para no próximo dia serem lançadas no rio, originariamente o Ganges. Durante o ritual fúnebre, é o filho mais velho que geralmente realiza os últimos ritos com a ajuda do sacerdote hindu. Os parentes mais próximos esperarão até ouvirem o som do crânio a estalar, sinal de que o espírito pode partir. Depois de treze dias de luto, realiza-se um ritual e uma festa, os quais sugerem um retorno à normalidade (Gaarder et al., 2002).

Bowker (2004) refere que apesar de a cremação ser o ritual mais utilizado, o do enterro também é empregue, dependendo do local, idade, tradição, do grupo familiar que seguem e das orientações dadas pelo “**Guru**”, existindo uma grande veneração no acto de sepultar crianças e jovens. Os Hindus crêem que a alma reencarna sempre, até que se extinga completamente o Karma, de forma a atingir a libertação.

-- O **Budismo** encara a vida humana como uma série ininterrupta de processos mentais e físicos que mudam de momento a momento (Gaarder et al., 2002). Segundo Bowker (2004), a cremação é prática usual no Budismo – há 2.500 anos atrás, Buda disse aos seus discípulos que cremassem o seu corpo após a sua morte. A prática do funeral budista é normalmente conduzida com solenidade, na qual não se estimula o luto e onde se monta um altar simples, com uma imagem de Buda. Em frente do forno crematório, o “**Bonzo**” recita a última “**sutra**” para o morto, queimando e oferecendo incenso e colocando o caixão no forno.

-- O **Xintoísmo** é a religião nacional do Japão. Não tem fundador. A partir do ano 500 d.c. competiu com o Budismo. Segundo o ritual xintoísta, um indivíduo pode ser abençoado em criança pelos Deuses e ser cremado de acordo com os rituais Budistas (Gaarder et al., 2002).

Os Japoneses gostam de dizer que nascem na fé Xintoísta, que casam como Cristãos, e que morrem como Budistas. Embora sejam realizados funerais Xintoístas onde se enterra o corpo, na verdade eles são relativamente raros, sendo a cremação Budista o rito dominante (Idem, 2002).

3.1.3- Outros ritos e religiões

3.1.3.1- Ritos fúnebres da cultura tradicional da China

Segundo Gaarder et al. (2002), a cultura chinesa é fortemente influenciada pelo Confucionismo, pelo Taoísmo e pelo Budismo. Nas expressões de luto e nos ritos de morte, é mais comum encontrar traços do confucionismo, que possui registados todos os seus rituais num dos seus cinco livros clássicos, no *Li Chi* (Livro dos Ritos).

-- O **Confucionismo** compreendia pensamentos, sistemas sociais e regras desenvolvidos pelo filósofo K'un Fu-tse (*Confucius*, em latim), tendo as suas doutrinas dominado a china até 1911, quando se deu a queda do imperador. Era uma religião de estado, praticada pela elite que venerava os espíritos e os antepassados, sendo o céu remoto e impessoal para a grande maioria dos aldeões chineses pobres e de trabalhadores agrícolas. O importante para Confúcio era que os Deuses fossem venerados de forma conveniente, e que as cerimónias, rituais e sacrifícios, fossem realizados de forma correcta (Bowker, 2004).

-- O **Taoísmo** baseia-se no livro de Tao e Te. Dizem que foi o filósofo Lao-Tzu (sec. VI a. C.) que o escreveu. A par do Taoísmo Filosófico, desenvolveu-se uma religião popular baseada em Lau-Tzu, em que havia rituais complexos, inspirados em parte na prática budista, com procissões, oferta de comida aos Deuses e liturgias pelos vivos e pelos mortos (Idem, 2004).

Os funerais chineses alcançam o “status” da comunidade e são compostos de ritos simbolicamente muito bem construídos. Durante um velório chinês, as pessoas costumam queimar dinheiro, casas de papel e bens materiais para assegurarem que a riqueza da alma e oferecem comida ao morto (Gaarder et al., 2002).

Geralmente um “geomante” tradicional é contratado para determinar a localização e a arquitetura do túmulo, pois os chineses acreditam que é a localização da sepultura que determinará o destino e o bem-estar dos descendentes do morto (Idem, 2002).

No entanto, muitos dos rituais descritos estão impossibilitados de serem realizados, pois o movimento Comunista instaurado na China sentenciou que todos os corpos devem ser cremados. As famílias abastadas que ainda conseguem enterrar seus mortos, têm que retirar os seus restos no período de sete a dez ano (Bowker, 2004).

-- Os **africanos** não têm o conceito de uma divisão entre alma e corpo, nem numa crença de que seja a alma que se mantém viva. Os espíritos são sombras ou duplos dos mortos que poderão estar em vários locais ao mesmo tempo: no túmulo, no Mundo dos Mortos ou nos fenômenos próximos do homem. Nas religiões africanas, difíceis de observar, devido à sua multiplicidade, existem variadíssimos rituais fúnebres (Gaarder et al., 2002).

Nas diferentes tribos, normalmente o corpo é sepultado ou por familiares ou por um feiticeiro. Os mortos vivem no seu mundo como viviam neste. Para fazer um sacrifício pela morte, rito muito usual em África, um filho ou um familiar vai à sepultura do seu pai, oferece-lhe uma quantidade de comida e bebida e pede-lhe ajuda numa situação difícil (Idem, 2002).

Capítulo IV- O coveiro

4- A figura do coveiro no Ocidente

“A cena do cemitério em Hamlet, de Shakespeare, é talvez uma das mais famosas exaltações literárias desta ocupação tão desconhecida. Esta tautologia indica que, para que alguém seja enterrado, é necessário abrir uma cova, mas o papel do coveiro passa despercebido” (Gallery, s.d citado por Howarth e Leaman, 2004, p.18).

Os mesmos autores referem que, historicamente, pode haver boas razões para que os coveiros sejam levados para segundo plano. Além da impureza que se associa ao seu trabalho, por ser considerado sujo, no passado, os coveiros complementavam os seus rendimentos com trabalhos duvidosos. Nos séculos XVIII e XIX, os coveiros eram subornados pelas quadrilhas de ladrões de cadáveres. Os cadáveres enterrados de fresco representavam potencial para dissecação e pesquisa, constituindo uma forma fácil de ganhar dinheiro. O roubo de um corpo não era crime e não estava sujeito a acção judicial; no entanto, não era possível ser-se proprietário legal de um cadáver.

Dada a escassez sobre o perfil sócio-psicológico do coveiro, vamos referir uma série de análises encontradas em artigos na Internet.

Num dos artigos publicados na revista Fol Óbito, existem várias questões pertinentes que continuam a contribuir para a visão preconceituosa, associada a um trabalho “sujo” e desprestigiante, que as pessoas têm formado ao longo dos séculos sobre os coveiros. A título de exemplo, o que sucede na cultura ocidental contemporânea, em que as pessoas têm tido tendência para negar e escamotear a morte, assim como tudo o que com ela esteja relacionado; O cemitério sempre foi representado pelo senso comum como um lugar de pavor e de muito medo; basta ver a expressão de surpresa no rosto das pessoas quando ouvem alguém dizer que trabalha num cemitério.

É indispensável, para quem exerce uma actividade num cemitério, incorporar outros significados que permitam justificar o mérito e a grandeza deste ofício. Por isso, é imprescindível, para uma interacção adequada com os visitantes do cemitério, que os coveiros possam compreender o imenso significado que a campa e o jazigo têm, assim como toda a diversidade de manifestações dos enlutados, que variam de cultura para cultura e de família para família. Há, portanto, ilações importantes, publicadas na revista Fol Óbito, que podem constituir um ponto de partida sobre as competências necessárias para quem trabalha num cemitério:

É essencial que o coveiro tenha disponibilidade interna para se relacionar e que goste de lidar com pessoas. Estes profissionais estão a lidar com os familiares do defunto no seu pior estado de fragilidade. Um pessoa em sofrimento tende a dar o pior de si, a agredir ou mesmo a tornar-se apática a tudo. Existem relatos de coveiros que atenderam enlutados muito nervosos, pessoas agressivas e que provavelmente estavam sob forte impacto da dor da perda.

Os coveiros sabem que o dia-a-dia de um cemitério nunca é rotineiro e é necessário *estarem munidos de estratégias para lidar com situações imprevistas.* As formas que os enlutados encontram para expressar o seu luto são as mais diversas possíveis, como por exemplo, é importante que o coveiro possa reconhecer as diferenças na expressão do luto, para poder flexibilizar as suas acções, ajudando os familiares. Um bom exemplo desta situação é o facto verídico de um pai que pediu, na hora do enterro, que colocassem uma lanterna acesa dentro do caixão do filho, porque o mesmo tinha medo de escuro. Embora este pedido parecesse estranho, o coveiro disse: "Senhor, não posso abrir o caixão, mas podemos colocar a lanterna acesa dentro da laje, assim, todo o espaço interno vai ficar iluminado". Até hoje, este pai lembra-se da forma como foi acolhido pelo coveiro.

O coveiro deve ter como princípio básico servir os familiares e amigos do falecido, tendo em atenção as suas necessidades no momento do funeral. Mesmo depois, durante as visitas ao cemitério, a carga emocional dos familiares e amigos pode ser tão intensa, que é de extrema necessidade que os coveiros estejam prontos a orientar, a oferecer ajuda, a observar o comportamento dos enlutados e antecipar as suas necessidades, mesmo sem esperar uma solicitação.

Para os enlutados, todo o tipo de ajuda é importante, seja para os ajudar a encontrar um jazigo, seja para carregar uns vasos pesados, seja para explicar onde fica a saída, o W.C. ou buscar um copo de água para alguém mais necessitado.

O coveiro deverá saber ouvir o outro, tentando compreender as intenções da pessoa que está a falar. Por exemplo: se um enlutado procura a administração, reclamando que o seu jazigo ou campa não está a ser limpo regularmente, pode realmente estar a fazer uma queixa pertinente, pois está em causa a limpeza no local onde está enterrada uma pessoa muito querida. Noutros casos, basta somente ouvir com atenção um desabafo, uma história sobre o falecido. O facto é que o coveiro deve estar disposto a ouvir.

As autoras Freitas e Antunes (2007), num artigo publicado no Clix Expresso, referem que todos os dias são realizados, em média, 279 funerais de norte a sul de Portugal. De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística, ocorreram no ano de 2006 101.948 óbitos. Porém, a solenidade e o respeito que a ocasião fúnebre merece, não está frequentemente em sintonia com os locais esconsos e sem as menores condições onde se velam os corpos. Existe ainda o amadorismo inconveniente com que muitos profissionais transportam o caixão, calculando mal a dimensão da sepultura ou atirando com as flores, no final do enterro.

Episódios rocambolescos durante os enterros, como sepulturas pouco fundas ou demasiado estreitas, com necessidade de reajuste na hora, coveiros alcoolizados ou pouco sensíveis que arrumam o caixão na cova, empurrando-o com o pé, são apenas alguns dos exemplos referidos por Paulo Carreira, director comercial da “Servilusa”, citado por Freitas e Antunes (2007); menciona ainda que ser coveiro não é um trabalho menor; a verdade é que há muitos que não estão motivados, não foram sensibilizados ou até se sentem castigados pela autarquia ao serem colocados naquela tarefa. Segundo o director da Servilusa, na actividade funerária há aspectos que não devem ser esquecidos, uma vez que os para os profissionais deste sector, os funerais são actos repetidos, mas para a família é um acto único, sendo fundamental ensinar a quem trabalha nesta área as práticas comportamentais, éticas, de higiene e segurança no trabalho.

O autor Seligmann (1994), refere que do ponto de vista psicossocial existe um certo tipo de actividades laborais em que há contacto com dejectos (trabalho em esgotos e depósitos de lixo) ou com cadáveres, que podem levar a uma discriminação e desvalorização dos seus executantes (coveiros). O trabalhador tende a auto-desvalorizar-se e, muitas vezes, a identificar-se com os conteúdos *sujos* e *mortos* do seu trabalho, o que nestas ocupações socialmente discriminadas pode fazer despontar consequências psicossociais, como por exemplo o alcoolismo. Segundo Rodrigues (1986), o trabalho destes profissionais tem como conotação central o contacto com um objecto *anormal*, um *ser impuro*, um *perigo*.

É importante referir que a noção de “impureza” não se relaciona exclusivamente com a questão sanitária, mas principalmente com o carácter simbólico da morte: a impureza está no desconhecido, na agressão à ordem social, para quem a morte é um rompimento e uma ameaça. Assim, os cadáveres não são apenas corpos sem vida, são a materialização da morte, a sua expressão e o seu veículo.

O termo *trabalho penoso*, que é utilizado para caracterizar a experiência dos coveiros enquanto profissionais, é frequentemente referido, com poucas variações de significado, para designar o processo ou as condições de trabalho que exigem esforço físico excessivo ou que causam prejuízos à saúde física e mental (Sato, 1995). A mesma autora descreve o trabalho penoso como aquele cujo contexto gera incómodo, esforço e sofrimento demasiados, sobre o qual o profissional (neste caso, o coveiro) não tem controlo. A exumação dos restos mortais, que pode ser entendida como penosa, é uma das principais actividades laborais dos coveiros e é vista em muitas culturas com horror e repugnância.

A pessoa que se dispõe a trabalhar com a morte e o morrer, precisa de se dar conta de que é um trabalho que acompanha de perto questões muito profundas e íntimas do seu ser. As suas próprias perdas podem voltar à tona, podem surgir processos de identificação com os familiares, bem como pode eclodir a sua própria angústia existencial (Idem, 1995).

SEGUNDA PARTE: Estudo empírico

Capítulo I- Metodologia de Investigação

1- Introdução ao estudo empírico

Os métodos de investigação deverão estar de acordo com os fundamentos filosóficos que servem de base às preocupações e às orientações de uma investigação. Dependendo das questões colocadas, em algumas investigações será necessariamente feita a descrição dos fenómenos em estudo, noutras a explicação da existência de relações entre fenómenos. Os dois métodos básicos que contribuem para o desenvolvimento do conhecimento são o método qualitativo e o método quantitativo (Fortin, 1999).

Na presente investigação, será utilizado o método qualitativo.

1.1- Estudos qualitativos

Na abordagem qualitativa, Esslinger (2003) referiu que:

(...) há uma preocupação que transcende o acúmulo de informações quantitativas ou estatísticas (não desconsiderando a sua validade), procurando-se o “único”, o homem nos fenómenos observados: nesse sentido pode-se dizer que a relação que se estabelece na pesquisa qualitativa é a de sujeito/sujeito, na qual, pesquisador e pesquisado, ao se constituírem mutuamente, constituem também o próprio objecto de investigação. A dimensão objectiva existe, entretanto não é exclusiva: há um olhar para a relação e o envolvimento não é evitado, mas sim assumido. (p. 64)

Olabénaga (2000) refere que a preocupação central da investigação qualitativa não é saber se os resultados são susceptíveis de generalização, mas sim, compreender o fenómeno em questão. Logo, o trabalho de campo é fundamental, no sentido em que é nele que os dados serão recolhidos e analisados.

Os métodos qualitativos usufruem de determinadas características que podem ser descritas da seguinte forma: são *holísticos*, uma vez que os grupos, indivíduos ou situações são vistos como um todo, não sendo reduzidos a variáveis, sendo o percurso de vida dos sujeitos de investigação sempre considerado; são *indutivos*, isto é, os investigadores conseguem compreender os fenómenos e desenvolver conceitos a partir da recolha de dados; são *humanísticos*, uma vez que as palavras e os actos não são reduzidos a equações estatísticas, mas sim ao resultado das experiências travadas entre o investigador e os sujeitos que compõem o estudo; são *descritivos*, uma vez que os dados recolhidos de uma forma rigorosa provêm de registos de observações, documentos escritos, gravações de vídeos, entrevistas, etc; o plano de investigação é *flexível*; o instrumento de recolha de dados é o *investigador*; há mais interesse pelo *processo de investigação* do que pelos resultados obtidos; os actos, os gestos e as palavras têm que ser compreendidos no seu *contexto*; os investigadores têm que abandonar as suas próprias perspectivas e convicções durante a investigação (Patton, 1990 citado por Carmo & Ferreira, 1998).

a) Objectivo

Quando o investigador utiliza a metodologia qualitativa, está preocupado com a compreensão absoluta e alargada do fenómeno em estudo. O investigador observa, aprecia e descreve o fenómeno e o meio exactamente da forma como se apresentam, sem tentar controlá-los. Esta metodologia pretende descrever ou interpretar. Esta forma de desenvolver o conhecimento revela a importância da compreensão do investigador e dos participantes no processo de investigação (Fortin, 1999).

b) Técnicas

Segundo Carmo e Ferreira (1998) as técnicas mais utilizadas em investigação qualitativa são a observação participante, a entrevista em profundidade e a análise documental.

c) Desvantagens

Na metodologia qualitativa, o instrumento de recolha de dados é o investigador, pelo que a validade e a fiabilidade dos dados vai depender da sua sensibilidade, conhecimento e experiência, sendo a falta de objectividade o principal problema da investigação qualitativa.

2 – Metodologia adoptada

Tradicionalmente, toda a investigação está associada a paradigmas e neste estudo, o construtivismo constituiu dos paradigmas de investigação qualitativa que será utilizado. Segundo Olabénaga (2000), o **Construtivismo** parte do pressuposto de que todos constroem a concepção do mundo em que vivem, a partir da reflexão sobre as suas próprias experiências. Cada pessoa utiliza regras e modelos mentais próprios, que são gerados no processo de reflexão sobre a experiência pessoal de cada um, consistindo a aprendizagem no ajustamento desses modelos, a fim de ser possível “arrumar” as novas experiências.

O método indutivo é utilizado nesta investigação, dado que o objectivo deste estudo não é o de testar uma teoria, mas o de produzir conhecimentos em várias áreas, acumulando o máximo de informação possível. Tal como refere Norman Blakie (2000), as leis produzidas através da aplicação da lógica indutiva, vão beber aos construtos das observações cuidadosamente acumuladas. Na Psicologia, John Locke popularizou o método indutivo, ajudando a estabelecer o empirismo que salienta a importância de se fazerem observações, ao invés de afirmações teóricas (Bowling, 1998 citado por Ribeiro 1999).

A estratégia de investigação adoptada para este estudo valoriza alguns procedimentos e valores metodológicos, sem optar por um modelo exclusivo. O método qualitativo de pesquisa em Psicologia, com especial destaque para o método fenomenológico, é um modelo compreensivo que apresenta uma relação significativa com o fenómeno em estudo. Creswell (1998) descreve o **Método Fenomenológico** como sendo a descrição das experiências vividas de vários sujeitos sobre um conceito ou fenómeno, com o objectivo de atingir a estrutura essencial ou os elementos invariantes do fenómeno, ou seja, o seu significado central. Segundo este autor, a fenomenologia é também utilizada, abraçando a compreensão do Homem e da sua psicologia, partindo da observação sem “*a priori*” teórico dos estados de consciência, do vivido, da experiência e dos modos de relação do sujeito com o seu meio. Em relação ao método em si, o pesquisador deve estar atento à compreensão da perspectiva filosófica por detrás da abordagem, utilizar questões que explorem o significado da experiência, a partir da recolha de dados de sujeitos que experienciaram o fenómeno, o que pode ser feito através de entrevistas, depoimentos, estudos de caso, auto - reflexão, etc.

A utilização do método fenomenológico adequou-se à natureza da problemática em causa, descrevendo, como defendeu Ponty (1999), a experiência tal qual é vivida. Bénomy e Chahraoui (2002) também referem que a fenomenologia salienta a necessidade de um retorno à experiência como objecto de uma descrição. “ A abordagem fenomenológica em psicologia pode ser portanto definida como um conhecimento descritivo sem “*a priori*” dos factos. Tenta apreender o indivíduo de maneira global, tendo em conta o significado do seu vivido” (pp.48,49).

Normalmente, nos estudos fenomenológicos é aplicada a entrevista não-directiva; no entanto, nesta dissertação considerou-se que deveriam existir questões pré-estabelecidas que guiarão o investigador durante as entrevistas, como acontece na entrevista semi – directiva. Este facto ajudou o investigador a conduzir a entrevista no sentido de esclarecer e aprofundar as questões que englobaram o estudo. No entanto, houve uma grande flexibilidade na sua aplicação e os entrevistados tiveram a liberdade de não se limitar à questão e de transitar para outras áreas a que algumas questões conduziam e que, por sua vez, abriam novos caminhos na investigação.

A sequência adoptada na aplicação das questões sofreu algumas alterações, para que as características individuais de cada inquirido fossem respeitadas.

A aplicação de algumas concepções do **Modelo Psicodinâmico** nesta investigação teve como objectivo primordial fazer uma leitura de como o sujeito vive as suas experiências através da observação dos seus manifestos conscientes e principalmente dos inconscientes. Segundo Freud (1926), este modelo tem por base teórica a Psicoterapia Psicanalítica e a Psicanálise. Estuda as ideias, os impulsos, as emoções e os mecanismos de defesa que explicam como funciona e se adapta a mente humana. Segundo Bénony e Chaharoui (2002), neste modelo o investigador adapta “a observação do evoluir da situação relacional em si mesma, através da compreensão da vivência do outro” (p. 117), o que implicou, durante o decorrer da entrevista semiestruturada, a observação das comunicações verbais fornecidas pela linguagem e das não-verbais, reveladas pela mímica, tom, posturas, etc., através de um esforço de formulação e de esclarecimento do sujeito sobre si próprio. O investigador teve que ter em conta o tempo, a idade, o sexo, o espaço e as reacções afectivas imediatas.

Este estudo é também uma construção metodológica que obedece a um **processo heurístico**. Creswell (1998), refere que o cerne da Heurística é descobrir uma teoria, a partir de uma situação na qual os indivíduos interagem. O mesmo autor refere que a grande contribuição deste modelo está na intrínseca participação do sujeito pesquisador no próprio acto da pesquisa, isto é, na efectiva colocação da subjectividade do pesquisador no acto de pesquisar.

Para Moustakas (1994), o modelo heurístico tem como principal objectivo decifrar os elementos da experiência. A partir do estudo desses elementos e das suas inter-relações, desenvolve-se uma teoria que torna o pesquisador apto a entender a natureza e o sentido de uma experiência para um grupo particular de pessoas, num contexto particular. Num momento inicial faz-se uma primeira recolha de dados a partir de entrevistas e de várias visitas ao campo. A teoria é gerada durante o processo de pesquisa, à medida que os dados vão sendo recolhidos.

2.1 - Objectivos

2.1.1- Objectivo geral

A componente empírica da presente Dissertação tem por base um estudo exploratório. Nele são abrangidas áreas tão diversas como a Psicologia, a Psicopatologia e a Sociologia.

Este estudo tem como objectivo geral compreender quais as representações e que emoções surgem nos coveiros, quando confrontados com a morte. É importante destacar que não se pretende fazer predições ou generalizações dos resultados de outros grupos de coveiros. O interesse pelo estudo surgiu justamente naquilo que é particular e único na realidade dos coveiros (ainda que possa apresentar semelhanças com outros casos), a sua história, a sua proximidade com a terra, a singularidade de serem observadores privilegiados dos ritos fúnebres, assimilando todas as manifestações dos amigos e familiares do falecido. O facto de serem os últimos a completar o rito, enterrando o caixão, fechando o ciclo dos vivos e abrindo o ciclo dos mortos, confere-lhes uma enorme peculiaridade.

2.1.2- Objectivos específicos

-- Discernir que emoções são despoletadas nos coveiros, durante o enterro do defunto, como também no momento em que o corpo é exumado;

-- Verificar de que forma os coveiros são testemunhos das reacções e emoções dos que ficam;

-- Descobrir que tipo de representações são construídas pelos coveiros sobre a morte, no decorrer da sua actividade laboral;

-- Depreender de que forma a crença/religião poderá condicionar a representação de morte nos coveiros.

2.2- Identificação do Universo e da Amostra

2.2.1- Universo do estudo

Atribui-se a denominação de população ou universo ao conjunto total de casos sobre os quais se pretende tirar conclusões (Hill & Hill, 2000). Segundo Carmo e Ferreira (1998), o universo de um estudo representa o conjunto de elementos que são abrangidos por uma mesma definição, apresentam características comuns a todos eles e se diferenciam de outros conjuntos de elementos.

Tendo em conta as definições apresentadas, o universo do presente estudo é representado por todos os cemitérios de Portugal. No entanto e como não seria possível investigá-los todos, dadas as limitações da pesquisa, foi necessário delimitar uma amostra. Neste estudo, o investigador centrou a sua atenção em três cemitérios.

2.2.2- Amostra

A amostra deverá ser constituída por um conjunto de sujeitos representativos do Universo que se pretende estudar. O tipo de técnica de amostragem utilizada na escolha do universo de estudo, foi a amostra não probabilística, que pode ser seleccionada tendo como base critérios de escolha intencional sistematicamente utilizados com a finalidade de determinar as unidades do universo do estudo. Muitas vezes esta técnica é utilizada para fazer estudos em profundidade. A dimensão e os elementos escolhidos dependem dos objectivos do estudo. Devido a dificuldades na abertura do campo empírico e à especificidade do estudo, a amostra não probabilística utilizada no estudo foi a **amostragem intencional ou de conveniência** em que é utilizado um grupo de indivíduos que esteja disponível ou um grupo de voluntários. Poderá tratar-se de um estudo exploratório cujos resultados obviamente não podem ser generalizados à população à qual pertence o grupo de conveniência, mas do qual se poderão obter informações preciosas, embora não as utilizando sem as devidas cautelas e reserva (Carmo & Ferreira, 1998).

Merteus (1998) menciona que seis participantes representam o número aproximado necessário para um estudo fenomenológico e Jasper (1994) indica que um dos requisitos da amostra intencional, para que os indivíduos sejam incluídos num estudo fenomenológico, é o desejo de transmitirem a sua experiência. O número indicado pela autora Merteus foi ultrapassado, uma vez que neste estudo deram-se como voluntários um total de doze coveiros, sete coveiros do cemitério “X”, localizado na zona norte do país, e cinco coveiros localizados na zona centro do país, dois deles pertencentes ao cemitério “M” e três deles pertencentes ao cemitério “F”. A sua selecção assentou no seguinte critério:

-- Coveiros que já exercessem a sua actividade profissional há pelo menos um ano, em que o requisito principal seria terem feito mais do que um enterro e mais do que uma exumação no cemitério onde trabalham, ou noutros.

A inclusão deste critério procurou assegurar que os intervenientes deste estudo tivessem experiência na sua área profissional, relatando as suas rotinas da forma mais clara possível, de forma a responder aos objectivos específicos do estudo, podendo escolher entre pelo menos dois enterros e duas exumações, os mais pertinentes para serem relatados.

Procurou-se resguardar a identidade dos 12 coveiros entrevistados, que foram denominados de C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9, C10, C11 e C12, Da mesma forma, foi resguardada a identidade dos três cemitérios frequentados e das quatro cidades e uma vila visitadas, denominados de “X”, “M” e “F” e de “J”, “H”, “W”, “A”, “B” e “M” respectivamente.

2.2.2.1- Características sociobiográficas da amostra

Nos três cemitérios, no final de cada entrevista, foi entregue uma ficha de dados biográficos a cada inquirido (vide anexos 1 e 2). No entanto, alguns não preencheram os dados pretendidos, facto que requereu a intervenção do investigador, que completou os dados através do ditado oral dos participantes.

Todos os sujeitos entrevistados pertencem ao **sexo** masculino. Sete deles residem na cidade “A”, localizada no norte do País e trabalham no cemitério “X”. Os restantes cinco entrevistados residem na zona centro do país, dois deles na Vila “M” (os que trabalham no cemitério “M”) e três na cidade “B” (os que trabalham no cemitério “F”).

Relativamente à **idade** dos inquiridos, ela situa-se entre os 26 (C4) e os 54 (C5) anos de idade, filho e pai respectivamente. Cinco dos inquiridos já atingiram ou ultrapassaram os 50 anos.

Sobre o **estado civil**, a maioria dos inquiridos são casados, representando 8 indivíduos num total de 12. No cemitério “X”, cinco são casados, um vive em união de facto e um é solteiro. No cemitério “M”, um dos entrevistados é solteiro e o outro vive em união de facto. Por sua vez, no cemitério “F”, os três sujeitos entrevistados são casados.

No que concerne ao **número de filhos**, cinco dos coveiros do cemitério “X” têm filhos – “(C2) Tenho um rapaz que anda a estudar, tem 17 anos e anda no 12º e tenho uma filha que é engenheira paisagista, tem 26 anos (...); (C5) “actualmente uma já é professora há 10 anos, o outro tem o 12º (...)”. O C7 tinha três filhos, um deles faleceu há alguns anos atrás – “Eu já perdi um filho (...)”. A mulher do C1 está grávida do seu segundo filho, no entanto, é o primeiro filho biológico do C1. Os dois sujeitos do cemitério “M” não têm filhos e os 3 sujeitos pertencentes ao cemitério “F” têm todos filhos.

Podemos concluir que a maioria dos inquiridos têm filhos.

No que concerne ao **grau de escolaridade**, o único indivíduo que ainda se encontra a estudar é o C4; no entanto não faz intenções de prosseguir os estudos, pois na sua opinião o facto de estudar não lhe irá conferir uma melhoria na qualidade de vida – “Estudo à noite, mas estudar não adianta muito para se subir na vida”. Este coveiro está a completar o 12º ano.

O C1 tem o 6º ano e manifestou vontade de retomar os estudos - “Vou começar a estudar à noite para completar o 12º”.

O C6 é o indivíduo com o mais baixo grau de escolaridade, a 2ª classe.

Sete dos doze indivíduos inquiridos têm o 4º ano de escolaridade.

No que diz respeito a **experiências profissionais anteriores**, todos os coveiros já tiveram outros trabalhos antes de ingressar na profissão. O C1 trabalhava num bar e actualmente tem um trabalho extra, distribui pizzas como estafeta, numa reconhecida Multinacional. O C2 e o C6 trabalhavam no campo, na lavoura. O C3 foi funcionário na área do comércio durante 25 anos. O C4 era serralheiro. O C5 trabalhava numa fábrica têxtil. O C7 referiu que foi vendedor de electrodomésticos e esteve ligado à construção civil. O C8 também esteve no ramo da construção civil, trabalhando como pintor, passando ainda pelo Fundo do Desemprego – “Estava no Fundo do Desemprego, entretanto chamaram-me e mandaram-me para aqui...e eu aproveitei”. O C9 é o único inquirido que estava profissionalmente ligado ao mar “Trabalhei 9 anos num navio, na distribuição e outros 9 anos na apanha da amêijoa”. Quando entrou para o cemitério “M”, trabalhou ainda 4 anos como cantoneiro, antes de iniciar a profissão de coveiro. O C10 e o C12 trabalhavam como cantoneiros na câmara da cidade “B”, o C12 começou a trabalhar como coveiro no cemitério “A”, onde permaneceu 3 anos, só depois foi transferido para o cemitério “F” e o C11 era ajudante de motorista na Câmara da cidade “B”.

Analisando a **filiação religiosa**, onze coveiros referiram pertencer à religião católica e apenas um coveiro (C9) referiu não ter nenhum credo, embora tenha referido que fez uma promessa em Fátima - “Vou a Fátima, quando acho que é importante (...) Não é que seja católico (...) Fiz uma promessa em Fátima e agora quero é dedicar-me à minha mãe”.

3- As técnicas de recolha de dados

3.1- Técnicas utilizadas na operacionalização da pesquisa

Segundo Greenwood (1973), as **técnicas ou instrumentos** são conjuntos de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela actividade da pesquisa. Durante o processo de recolha de dados, mais concretamente, na operacionalização da pesquisa, as técnicas mais utilizadas foram as seguintes:

Pesquisa Bibliográfica: Esta técnica foi utilizada de modo a elaborar a problemática, baseando-se em dimensões associadas à mesma que foram analisadas em estudos maioritariamente na área da saúde com doentes terminais.

Tendo em conta que a estratégia de investigação escolhida para orientar a investigação é a indutiva, deu-se mais importância aos resultados analisados após o trabalho de campo. A pesquisa bibliográfica foi utilizada no sentido de se delimitar de forma mais precisa o objecto teórico da investigação.

Observação não-participante: É uma forma de captação dos comportamentos sociais no momento em que estes se produzem, mediante a observação visual e neutra dos mesmos. A utilização da observação não-participante neste estudo garantiu um critério de objectividade e permitiu entender, descrever e interpretar os vários elementos presenciados no campo empírico que conduziram a uma resposta em relação aos objectivos traçados neste estudo, tendo o observador sido o mais neutro possível. A observação foi dirigida a aspectos do funcionamento dos coveiros dos cemitérios “X”, “M” e “F” relacionados com: o relacionamento dos coveiros em grupo; as suas funções laborais; a forma como presenciavam os funerais; a forma como enterravam a urna; as linguagens verbal e não-verbal a que recorriam enquanto trabalhavam; as reacções emocionais despoletadas quando faziam exumações e enterros; a forma como observavam as reacções dos familiares e amigos do defunto, durante os funerais.

Pesquisa Documental: É uma forma de recolha de informações para enquadrar o contexto ou o problema em estudo, ou enquanto objecto de estudo propriamente dito. Esta técnica forneceu a possibilidade de se reunir informação sobre os cemitérios onde decorreu o estudo, a trajectória dos mesmos, leis, planos de actividades, etc.

Anotações de Campo: esta técnica engloba uma parte descritiva e uma parte reflexiva, de que constam ideias, o ponto de vista e preocupações do investigador (vide Anexo 3).

Entrevista semi directiva: “A entrevista é o modo predominante de recolha de dados em investigação qualitativa” (Morse, 1991; 1994). Para Bleguer (1980), as entrevistas são um método fundamental do método clínico, uma técnica de investigação científica em Psicologia.

O entrevistador tem liberdade para intervir e formular perguntas de acordo com o que o entrevistado for apresentando. O objectivo do entrevistador é avaliar a opinião ou postura do entrevistado frente a um determinado assunto. Configurando um campo de entrevista segundo uma estrutura psicológica particular, ela varia conforme o aparecimento de vários conteúdos e inclui o pesquisador como uma variável importante, com os seus desejos, valores e sentimentos. É fundamental a atitude denominada de *dissociação instrumental* definida como uma “distância ideal” entre os participantes da entrevista, na qual o pesquisador, tendo consciência destes factores, não direcciona o entrevistado a partir de aspectos seus, contaminando a escuta. É igualmente importante a observação de aspectos não-verbais do entrevistado (Idem, 1980).

Uma vez que a estrutura da entrevista está intrinsecamente relacionada com o seu propósito, como também com o posicionamento teórico do investigador, neste estudo foi adoptada a entrevista semi - estruturada. Embora seja um modelo em que existe um guião previamente preparado que serve de eixo norteador, o desenvolvimento da entrevista vai-se adaptando ao entrevistado, permitindo seleccionar temáticas para aprofundamento, sendo mantido por parte do investigador um elevado grau de flexibilidade na exploração das questões (Carmo & Ferreira, 1998).

O entrevistado detém um cunho muito significativo na identificação e na explicação do que é importante e na identificação de novas questões (Idem, 1998). Bènony e Chahraroui (2002) acrescentam que o investigador deverá enquadrar o discurso, adoptando uma atitude não-directiva, não interrompendo o sujeito e deixando-o associar livremente sobre o tema proposto.

3.2- Guião da entrevista

O guião foi elaborado para uma entrevista semi -directiva, que pudesse dar liberdade de expressão ao coveiro entrevistado e, ao mesmo tempo, garantir a abordagem dos temas de interesse do presente estudo. Assim, o guião de entrevistas (vide anexo 4) pode ser dividido em blocos de perguntas que correspondem a três eixos temáticos: introdução, desenvolvimento e conclusão.

4 - Procedimentos nos cemitérios “X”, “M” e “F”

O investigador contactou a direcção do cemitério “X”, “M” e “F” em datas diferentes, dirigindo-se ao local com o objectivo de solicitar a realização do estudo. No mesmo dia, o investigador conseguiu a autorização dos administradores dos cemitérios para a realização do estudo dentro dos cemitérios, tendo efectuado a primeira aproximação aos coveiros no seu espaço laboral.

Num segundo momento, depois de reunir informação sobre os coveiros que se voluntariaram a participar, o investigador dirigiu-se novamente aos cemitérios, no sentido de validar o acordo em participar no estudo.

No cemitério “X”, o investigador apresentou-se de novo e os 8 coveiros, reunidos na sua sala de convívio, foram novamente informados sobre o tema e o objectivo do estudo, o objecto da entrevista, a necessidade de autorização para audiogravação das entrevistas, garantia da manutenção de anonimato através da utilização de nomes fictícios e a duração provável das entrevistas. Foi dado espaço para que fosse possível a cada coveiro colocar as questões que julgasse necessárias, no sentido de poder tomar uma decisão mais informada.

Não foi possível reunir todos os coveiros do cemitério neste espaço, porque 3 deles, desde o início da aproximação do investigador, se mostraram totalmente indisponíveis e desinteressados em participar no estudo.

Concordaram em participar no estudo 7 coveiros, todos eles pertencentes ao sexo masculino, com idades compreendidas entre os 26 anos e os 54 anos. As entrevistas e observações perduraram por um período de três meses (Novembro de 2007 a Janeiro de 2008).

No cemitério “M”, o investigador efectuou entrevistas a dois coveiros, que concederam a autorização para a entrevista, sendo pertencentes ao sexo masculino e com idades compreendidas entre os 39 e 48 anos (os únicos dos 4 coveiros que aceitaram entrar no estudo).

O investigador efectuou a primeira aproximação aos coveiros do cemitério “F” no seu espaço laboral, entrevistando os três coveiros que aceitaram participar no estudo e que concederam a autorização para a entrevista, todos eles pertencentes ao sexo masculino e com idades compreendidas entre os 50 e os 53 anos.

As entrevistas e observações dos cemitérios “M” e “F” perduraram por um período de dois dias (Abril de 2007).

As entrevistas de índole semi-directiva foram aplicadas individualmente nos cemitérios onde decorreram o estudo, para que os sujeitos pudessem discorrer com liberdade sobre o assunto proposto. O entrevistador foi o próprio autor da pesquisa e as entrevistas foram gravadas em gravador digital e transcritas integralmente, para se proceder à análise.

A identificação dos entrevistados foi codificada para garantir o anonimato dos sujeitos e as observações foram registadas semanalmente num diário de campo e transcritas integralmente, para posterior estudo.

4.1- Condições de aplicação e considerações éticas

Segundo Morse (1991,1994), as questões éticas respeitantes ao entrevistado agrupam-se à volta da necessidade de equilibrar os benefícios da descoberta científica com os riscos potenciais para o informante. Uma vez que a entrevista pode estimular um considerável “**self-disclosure**”, **reapreciação** ou **catarse**, assim como **auto - reflexão**, perante estas possibilidades, o investigador necessita de considerar previamente o que deve ser feito em prol do bem-estar do informante:

- Foi tido o cuidado de garantir o processo, o mais claro possível;
- todos os coveiros deram o seu consentimento à participação no estudo;
- na fase introdutória da entrevista semi- directiva, todos os participantes foram informados e colocados à vontade para interromper a entrevista em qualquer momento que julgassem necessário. O gravador foi colocado no ângulo de visão de cada um;
- em momentos de maior emoção, já no decorrer das entrevistas, interroguei sempre os coveiros, quer verbal, quer não-verbalmente, quanto ao seu desejo de interrupção da gravação;
- as entrevistas decorreram no período de Novembro de 2007 até Abril de 2008 e tiveram uma duração média de 20 minutos;
- no cemitério “X”, durante o período de Novembro a Fevereiro, além das entrevistas, ocorreram conversas informais com os coveiros e observações não-participantes, que contribuíram para o enriquecimento do delineamento da teoria e do estudo;
- as sete primeiras entrevistas foram realizadas no cemitério “X”, a 8ª e 9ª no cemitério “M” e a 10ª, 11ª e 12ª no cemitério “F”, tendo decorrido em data e hora de preferência dos coveiros;
- o nome dos participantes, assim como quaisquer outras informações identificadoras, foram alterados de forma a garantir a confidencialidade e preservar o anonimato;
- todos os participantes foram informados de que forma poderiam aceder aos dados finais do estudo.

Capítulo II – Análise e discussão dos resultados

2- - Análise e tratamento dos dados

Durante a recolha de dados, ocorreu uma discussão e construção compreensiva com dos coveiros sobre questões relacionadas com a morte e que, na sequência das ideias de Spink (2003), permitiu uma co-construção de significados e sentidos. O investigador preocupou-se em compreender atentamente o discurso dos coveiros sobre as perguntas efectuadas, facilitando a construção de opiniões e reflexões durante a interacção com os mesmos, não tendo partido para este estudo e para o trabalho de campo com um modelo de análise único, seja psicodinâmico, cognitivo-comportamental, ou outro, mas com a assunção da *natureza multidimensional do fenómeno da morte*, em que diferentes modelos se podem revelar em potencial recurso interpretativo.

O caminho seguido para a compreensão dos relatos das entrevistas foi inspirado em algumas propostas de **análise de conteúdo** (Bardin, 1994), privilegiando-se a análise temática, com característica transversal, recortando o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projectada sobre os conteúdos, com o objectivo de se conseguir compreender o sentido das comunicações que, segundo Turato (2003, p.443), está “para as pesquisas qualitativas, como as técnicas estatísticas estão para as quantitativas”.

Bardin (1994) propõe uma técnica que procura reduzir o amplo número de informações compreendidas numa comunicação a algumas características particulares, eixos ou categorias conceptuais que permitam passar dos elementos descritivos à sistemática observação e interpretação desses dados. Desta forma, procurou-se a compreensão do conteúdo das mensagens, ou seja, identificar alguns significados das frases emitidas pelos participantes desta pesquisa.

Tendo sido adoptada a perspectiva deste autor, foram estabelecidas as diferentes fases que conduziram o investigador à compreensão dos dados:

- **Pré-análise:** envolve a atenção/leitura “flutuante” que permite ao pesquisador deixar-se invadir pelas primeiras impressões, nas quais já pode ficar evidente a riqueza de conteúdos. Após uma leitura cuidadosa dos relatos (tantas vezes quanto necessário) e uma imersão nos conteúdos (que surgiram nas entrevistas com os coveiros), houve uma reflexão em que foram estabelecidas relações com os objectivos da pesquisa, identificando e discriminando alguns temas emergentes. A partir daí, foi possível obter algumas desconstruções do texto, de acordo com o tema deste trabalho.

- **Análise:** desconstruindo, agregando e enumerando algumas falas presentes no relatos; percebendo palavras frequentes e características do discurso que se repetem, que emergem e que se evidenciam, denunciando a sua importância no contexto desta pesquisa. Fez-se a seguinte pergunta: “Qual ou quais os temas emergentes?”. A partir desta questão, foi feito um intenso recorte de falas e uma categorização segundo eixos temáticos.

- **Síntese:** os temas recorrentes foram destacados, descritos e discutidos de uma forma aprofundada, relacionando-os com o conhecimento do pesquisador sobre os assuntos abordados, facilitando uma compreensão dos conteúdos trazidos pelos participantes. O investigador tentou analisar e compreender os conteúdos e falas descritas e tematizadas, observando se havia padrões de comparação entre as entrevistas dos diferentes coveiros. Desta forma, procurou identificar e destacar as possíveis convergências e divergências entre eles.

- Após cada entrevista, *o investigador registou as suas emoções e sensações.*

- O processo de colheita de dados teve uma importância crucial nesta pesquisa, uma vez que houve um *contacto directo entre o investigador e os coveiros* na realidade espacial em que estes estão inseridos. Procedeu-se a uma escuta afinada das suas reflexões, histórias e desabafos, assim como uma observação (não-participante) das suas acções. A partir das entrevistas e das observações realizadas, o investigador fez uma leitura cuidadosa dos dados, através dos quais procurou compreender quais os temas principais que emergiam, segundo os critérios de relevância e repetição.

Foi realizado um levantamento geral das falas e dos temas e não uma leitura caso a caso, pois a ideia principal centrava-se na ampliação dos dados, articulando-os com a literatura que foi surgindo, à medida que o estudo decorria, com o objectivo de possibilitar reflexões críticas e de criar novas hipóteses para o estudo, envolvendo o olhar dos coveiros acerca do tema da morte.

Através deste processo, revelaram-se como categorias ou eixos temáticos para análise os seguintes itens: representação de morte; tempo: o que pensar além da morte; percepções das vivências dos coveiros sobre o acto do funeral; percepções sobre os outros no funeral: colegas; familiares; amigos; morte e pessoa do morto (resignação *vs* aceitação); idade, causa e forma da morte; identidade do morto, lugar na comunidade; tacto: tocar *vs* não tocar *vs* repulsão; visão: ver *vs* não ver o morto; cheiro: sentir o cheiro, o ambiente; deterioração do corpo (putrefacção); transformação do corpo em ossos; luto; crença enquanto elemento interveniente; actividades de lazer dos coveiros; as actividades laborais desenvolvidas pelos coveiros; as dificuldades encontradas no desempenho profissional; recursos materiais utilizados no cemitério; ambiente profissional; ambiente familiar.

2.1– Resultados e discussão

A partir da exposição dos dados obtidos, serão apresentados alguns contributos para a discussão do tema em questão, com base, principalmente, nas sugestões feitas pelos participantes da pesquisa.

2.1.1- Representação de morte para os coveiros

(...) o Homem constrói cenários recorrentes e que representam uma nova forma de vida depois da morte (...).

Quadro nº 2 – Representação de morte para os coveiros

Coveiros	Representação de morte	Expressão discursiva (excertos)
C1	<p>- A morte é o fim da vida.</p> <p>- Acredita que o destino traça a vida de cada um.</p>	<p>- “(silêncio) Para mim a morte é...o que é que hei-de dizer...o fim da vida...Eu tenho um pensamento...Já falei com muitas pessoas...todos temos o nosso destino traçado... uma pessoa tem um tempo”.</p>
C2	<p>- A morte é uma realidade, uma coisa qualquer.</p> <p>- A morte não escolhe o momento e as pessoas têm que estar preparadas para a receber.</p>	<p>- “Há muita gente que tem medo da morte. Eu encaro a morte como uma realidade, como uma coisa qualquer...A morte é uma coisa que tem que ser, é uma coisa que nos vai tocar a todos...Temos que nos mentalizar que é isso mesmo! A morte vem e não escolhe hora, nem dia, nem nada! A morte quando bate à porta de uma pessoa, uma pessoa tem que estar preparada para enfrentar a morte...prontos...e nada mais”.</p>
C3	<p>- A morte é o fim da vida terrestre.</p>	<p>- “A morte é o fim. A morte é...como se costuma dizer, nós nascemos e morremos. É o fim! Estando preparado ou não, é o fim...É o fim da vida terrestre”.</p>
C4	<p>-A morte é uma passagem.</p>	<p>- “Uma passagem (...) Sou católico...é uma passagem, mas não acredito muito. Tenho que morrer para ver”.</p>
C5	<p>A morte é uma pessoa acabar.</p>	<p>- “A morte...Olhe já estou habituado a isso...é uma pessoa acabar”.</p>
C6	<p>- A morte é uma partida deste Mundo para outra vida, é uma passagem; (tem uma dificuldade enorme em falar da morte, a qual considera deprimente).</p>	<p>- “A morte para mim, vou-lhe ser sincero, é uma partida deste Mundo para outra vida...que eu desconheço, que não conheço...Para mim, é uma passagem, é uma passagem pela Terra, em que as pessoas...prontos, prontos... desaparecem.... desaparecem”.</p> <p>- “É muito triste...A morte é muito deprimente...enchi-me de coragem e falei consigo... (suspiros) Não gosto muito de falar na morte...e eu que perdi a mãe, sobrinhos, um colega daqui com 47 anos que</p>

		desapareceu assim de repente. (silêncio) Eu...até andei aqui...bati mal.... (cruzava os braços repetidamente) Por isso é que eu não gosto de falar na morte....A morte tem que ser respeitada”.
C7	- A morte é aborrecida para os familiares.	- “...Hum...Não sei, porque nunca morri...e então é duro, é chato é para os familiares.”
C8	- A morte é uma coisa normal, algo que vai acontecer.	- “ (silêncio) A morte é a morte...Temos que estar aqui para lá chegar, pá. Eu encaro isto como uma coisa normal...mas sempre encarei...Sempre encarei a morte como uma coisa normal. Para mim é (silêncio) ...uma coisa que vai acontecer”.
C9	- A morte é uma passagem e está destinada a qualquer um;	- “ A morte é destinada no ciclo da vida. É uma passagem. Não falha. É certa”.
C10	- A morte é tudo. - A morte é um fenómeno normal. As pessoas têm que morrer, para haver renovação e espaço.	- “ (Silêncio)...A morte para mim...eu acho que... (silêncio) é tudo...porque também se a pessoa não morresse a gente não dava conta um do outro, não é? A gente tem que morrer, não é...isso um dia menos um dia...vai tudo...pronto...olha, acabou, acabou. A morte para mim, é uma coisa também já...é normal para mim”.
C11	- Ingressar num caminho errado.	- “ (silêncio) Eh pá...uma pessoa...na altura...pronto...vai pelo caminho errado e fica com a memória da família...é esquisito...um bocado”.
C12	- A morte é certa e dela ninguém pode fugir.	- “Oh... (passava a mão pela cabeça) é uma coisa que todos nós temos...é a coisa mais certa...ninguém pode fugir...não é...uns mais cedo, outros mais tarde....Eu até de trabalhar aqui, vejo a morte de uma forma diferente...sabia que a gente tinha que morrer um dia, mas depois de estar a lidar ali com os mortos, uma pessoa já prontos...já sabe que da morte ninguém pode fugir... (risos)”.

Quando são associadas diferentes perspectivas e olhares para tratar ou entender a morte, é notória a diversidade de interpretações que o fenómeno suporta e sustenta. Embora envolto em alguns silêncios (vide quadro nº 2), o C5, um dos inquiridos com mais anos de serviço no cemitério, descreveu a morte como um facto inevitável, adoptando uma atitude de resignação, representando-a como um factor natural, desafectado - “A morte...Olhe, já estou habituado a isso...é uma pessoa acabar”.

O C2, o mais antigo a exercer funções no cemitério “X”, aproxima-se da linha de pensamento do C5, que é seu irmão, descrevendo a morte como uma realidade, algo que é inevitável - “Há muita gente que tem medo da morte. Eu encaro a morte como uma realidade, como uma coisa qualquer...A morte é uma coisa que tem que ser, é uma coisa que nos vai tocar a todos...Temos que nos mentalizar que é isso mesmo! A morte vem e não escolhe hora, nem dia, nem nada! A morte quando bate à porta de uma pessoa, uma pessoa tem que estar preparada para enfrentar a morte...prontos...e nada mais”.

Os inquiridos têm uma relação muito directa e particular com a morte, facto que provém da sua prática profissional e que pode influenciar a representação que têm dela. Além de serem irmãos e de presumivelmente terem sido criados consoante normas semelhantes, o C2 e o C5 estão inseridos na cultura ocidental. No entanto e segundo Morin (1988), a forma como esta cultura, a partir de metade do século XIX transformou a morte num acidente de percurso da vida, refutando-a como se de um facto invulgar se tratasse, não é partilhada pelos inquiridos, que a consideram como algo normal e natural e que nada tem de invulgar, pelo contrário, é destinado a todos os seres humanos.

Outros casos existem em que a representação de morte é difusa, por vezes até confusa e em que é adoptado um discurso vago por parte dos inquiridos, ou seja é difícil pensá-la, além das dimensões concretas da realidade do fim, da passagem ou partida. O recurso a gírias e a existência de silêncios prolongados, fez com que o C10 adoptasse um discurso um pouco desordenado quando descreveu a morte - “ (silêncio) Eh pá...uma pessoa...na altura...pronto...vai pelo caminho errado e fica com a memória da família...é esquisito...um bocado”.

Por sua vez, a negação da morte (processo de negação), o facto de não gostar de falar da morte (processo de distanciamento) coloca o C6 numa situação de onipotência imaginária que o protege dos seus temores e ansiedades frente à morte - “É muito triste...A morte é muito deprimente...enchi-me de coragem e falei consigo... (suspiros). Não gosto muito de falar na morte...e eu que perdi a mãe, sobrinhos, um colega daqui com 47 anos que desapareceu assim de repente. (silêncio) Eu...até andei aqui...bati mal.... (cruzava os braços repetidamente) Por isso é que eu não gosto de falar na morte....A morte tem que ser respeitada”.

É frequente, neste discurso, o recurso à linguagem não-verbal para exprimir ideias provavelmente não conscientes e emoções associadas. Poderá ser demonstrado neste exemplo que o pensamento primário não é alheio ao pensamento consciente na vida adulta (Brenner, 1973).

A morte é representada como uma passagem para alguns dos inquiridos. Para comprovar esta afirmação, passaremos a analisar que C4 contradiz o seu discurso, acabando por inferir e por duvidar que a morte seja realmente uma passagem. O facto de se assumir como católico funciona apenas como um forma de se precaver e de não ser condenado perante as suas dúvidas existenciais, que mais não fazem do que desacreditar o próprio Catolicismo:

- “Uma passagem (...) Sou católico...é uma passagem, mas não acredito muito. Tenho que morrer para ver.” Existe neste indivíduo, uma tendência para esconder as suas próprias convicções devido à forte influência que a Igreja Católica tem na sua vida.

Pelo contrário, o C6 refere-se convictamente à morte como uma passagem, envolto em emoções (suspiros) e recorrendo várias vezes a silêncios:

- “A morte para mim, vou-lhe ser sincero, é uma partida deste Mundo para outra vida... (suspiros) que eu desconheço, que não conheço... (silêncio) Para mim, é uma passagem, é uma passagem pela Terra, em que as pessoas, prontos, prontos, desaparecem.... (silêncio) desaparecem”.

Embora o C9 ateste que a morte é inevitável e que está destinada a qualquer ser humano, ao mesmo tempo afirma que é uma passagem, sem no entanto definir esse estado de passagem. Há uma dualidade explícita nesta definição que faz com que se depreenda que a representação de morte para este indivíduo é ambígua, descrita como certa biologicamente, mas no entanto com um destino incerto, onde renascerá:

- “ A morte é destinada no ciclo da vida. É uma passagem. Não falha. É certa”.

A visão de Kubler-Ross (2003) vai de encontro aos testemunhos dos inquiridos, quando relata que a morte é o final de um ciclo, uma passagem para alguma coisa nova, ou simplesmente uma transmutação do mundo material para o mundo imaterial; pelo contrário, para a autora Freire (s.d.), pensar na morte como uma passagem, como uma etapa, significa negá-la como fim implacável da vida.

O facto de trabalhar como coveiro fez com que o C12 encarasse a morte de uma forma diferente. É algo que está destinado a todas as pessoas, sem excepção. No seu discurso, é possível analisar que antes de ingressar na profissão, pairava neste indivíduo uma certa dúvida, ou indefinição sobre o conceito de morte. Após anos de experiência a lidar com a morte, essa dúvida foi dissipada, uma vez que agora descreve a morte como “ (...) uma coisa que todos nós temos (risos)...é a coisa mais certa...ninguém pode fugir...não é...uns mais cedo, outros mais tarde (desviava o olhar)...Eu até de trabalhar aqui, vejo a morte de uma forma diferente...sabia que a gente tinha que morrer um dia, mas depois de estar a lidar ali com os mortos, uma pessoa já... prontos...”. Existe uma certa racionalização, uma anulação dos afectos por parte deste indivíduo que derivou de uma necessidade adaptativa do coveiro, passando o seu corpo a funcionar como um objecto para enfrentar a morte.

Na esteira do que preconizaram Bénony e Chahraoui (2002), foi possível analisar neste inquirido alguns traços que lembravam a personalidade limite. Era notória a instabilidade que o inquirido revelava de si mesmo (desviando permanentemente o olhar do investigador), assim como do humor manifestado que em nada se coadunou com o contexto do assunto abordado, como, por exemplo, rir-se várias vezes no início e no fim das respostas, completamente desfasado da realidade - “ (...) já sabe que da morte ninguém pode fugir... (risos)”. Outro aspecto observado, foram os vários momentos de hesitação em que esteve submerso.

Na explicação global perante todo o universo dos cemitérios visitados, o facto de se ter conseguido conversar com os coveiros sobre a morte pode ter estado realacionado com experiências que os inquiridos tiveram com a morte de pessoas ligadas a eles ou da proximidade que eles têm com a morte, com o facto de serem ou não pessoas religiosas e mesmo com a forma como essa religiosidade é vivenciada, com a ansiedade que experimentam ante a expectativa da própria morte e outros factores.

Os inquiridos representaram a morte através de ideias em forma verbal e recorrentemente através de formas não-verbais, em que através de mímicas faciais (fuga de olhar), mímicas corporais (remexer as mãos continuamente), etc., se notou o despoletar de várias emoções, como a angústia, o medo, o humor desajustado.

Pensamentos como a incerteza, a dúvida, o sentido da finitude humana (irmanada de incerteza), assim como a clareza da morte biológica e o refúgio na crença religiosa, acabam por se fundir e por revelar a complexidade que está subjacente à representação da morte, formulada de forma singular e pessoal.

Devido a factores como o medo da morte, a angústia perante a morte, o desejo de superação da morte aliado à crença religiosa de cada um, o Homem constrói cenários recorrentes e que representam uma nova forma de vida depois da morte, representações estas que garantem a sua continuidade.

Após a análise da representação de morte para os coveiros, permanece a ideia de que todos os coveiros põem em evidência uma noção de realidade inevitável, incontornável e muito concreta, que marca um limite de modo nítido-mas uns mais realizados do que outros como o C6, C7 e C11, revelando um lado mais emocional.

2.1.2- Tempo: O que pensar além da morte

Para a maioria dos entrevistados é difícil objectivar a eterna questão do que acontecerá depois da morte.

Quadro nº 3 - Tempo: o que pensar além da morte

Coveiros	O que pensar além da morte	Expressão discursiva (excertos)
C1	- “A morte é o fim da vida”.	- Depois da morte é o fim “ninguém vai ficar aqui para sempre (risos)”.
C2	-É um fenómeno esquisito.	- “O que acontece...isso é um fenómeno muito esquisito...eu gostava de estudar e de conhecer mais um bocado sobre esse fenómeno. Acho que dizem que uma pessoa vai e que depois nos vamos encontrar todos um dia para ajudar os vivos e

		os mortos, como diz a sagrada escritura”.
C3	- Depois da morte, o corpo é diluído.	- “O que eu acho é que depois na terra somos diluídos. Só ficam os ossos e a roupa”.
C4	- Considera que após a morte as pessoas poderão ficar melhor.	- “Acho que ficamos melhor que agora”.
C6	- É uma passagem pela terra para outra vida, mas afirma que não acredita em reencarnação ou em espíritos.	- “Reencarnar não acredito. Não acredito na reencarnação. Por vezes, fala-se em espíritos, prontos...nessa parte não acredito que alguma coisa há...Nessa parte, fala-se em bruxas, fala-se nisso...prontos...eu não acredito nessas partes, não sei porquê, mas não acredito nisso. Porque a morte é uma passagem para outra vida...não acredito que haja um espírito depois, ou uma reencarnação (...) Depois da morte, é uma passagem pela terra”.
C7	- É um mistério. - O corpo fica na terra. - A alma terá um destino incerto.	- “Acho que o corpo fica cá ...a carne...e a alma não sei se vai se não (...) Que isto é um mistério muito grande é! E em princípio acredito, acredito...acredito”.
C9	- Depois da morte, muitos problemas terminam.	- “Não sei o que acontece depois da morte....Mas deve ser bom! Eles não voltam! Acabam montes de problemas com a morte”.
C10	- Só quem morre é que sabe o que acontece. - Acredita que o inferno é na terra.	- “Aí é que eu não acho nada. Uns dizem que vão para o céu. A gente não conhece...só quem morre, e eles não vêm cá dizer, não é! E o que está escrito também não ligo muito. A escritura também foi o homem que fez. A gente não sabe se Deus escreveu lá o livro dos céus da Terra. Ou o Demónio eterno para aqui, não é? A gente não sabe onde é o céu e onde é o inferno? Cá para mim, o inferno é cá na Terra! Pronto (...)”.
C11	- Os familiares que morrem ficam no coração e pensamento.	- “(silêncio) Uma pessoa morreu...está morto, não é? A gente ficou com o nosso ente querido connosco, no coração...aquelas coisas...já não volta, não é?”.
C12	- Fala do “dia do julgamento final”.	- “(risos) Isso agora é que já não sei... (risos) Há-de vir o dia de julgamento...eu não sei (...)”.

A morte é um fenómeno difícil de ser descrito, uma vez que a possibilidade de a simbolizar e de a incluir na rede de ideias e pensamentos a torna terrificante. Cada indivíduo concebe a morte à sua maneira e expressa-a através de ideias, fantasias e crenças (Cassorla, 2002). Para a maioria dos entrevistados (vide quadro nº 3), é difícil objectivar a eterna questão do que acontecerá depois da morte. Há uma certa tendência para alguns dos entrevistados, como já foi constatado no ponto anterior, se identificarem com a Religião Católica para fundamentarem as suas representações.

(C2) - “O que acontece...isso é um fenómeno muito esquisito...eu gostava de estudar e de conhecer mais um bocado sobre esse fenómeno. Acho que dizem que uma pessoa vai e que depois nos vamos encontrar todos um dia para ajudar os vivos e os mortos, como diz a Sagrada Escritura”.

(C10) - “Aí é que eu não acho nada. Uns dizem que vão para o céu. A gente não conhece...só quem morre, e eles não vêm cá dizer, não é? E o que está escrito também não ligo muito. A Escritura também foi o homem que fez. A gente não sabe se Deus escreveu lá o livro dos céus da Terra. Ou o Demónio eterno para aqui, não é? A gente não sabe onde é o céu e onde é o inferno? Cá para mim, o inferno é cá na Terra! Pronto (...).”

(C12) - “(risos) Isso agora é que já não sei... (risos) Há-de vir o dia de julgamento...eu não sei (...).”

Freud (1969) afirma que os fenómenos religiosos só podem se entendidos a partir dos sintomas neuróticos individuais comuns ao Homem – como o retorno a factos que foram importantes, mas esquecidos com o passar do tempo, que vão dar origem ao carácter compulsivo. Freud refere-se a acontecimentos que incomodam o Homem e que ele procura entender através da religião. Na linha de pensamento de Freud, será possível indagar se o que sucede após a morte será um acontecimento, um facto que incomoda a maioria dos inquiridos e que eles procuram entender através da religião, neste caso a católica, que irá representar o Céu e o Inferno postulados pela Bíblia, o seu livro sagrado utilizado para divulgar a fé cristã, que alguns inquiridos denominam de “Sagrada Escritura”, de “Escritura” ou de “Livro dos Céus e da Terra”.

Bowker (2004) refere que o dia do julgamento final, que acontece depois da morte de qualquer pessoa católica, irá determinar a sua ascensão para o céu, denominado também de paraíso, local idílico onde se juntará com os que já morreram para ajudar os vivos.

O dia do julgamento final também compreende o envio de quem pecou na Terra para o Inferno, local descrito na Bíblia como coberto de fogo e comandado pelo Diabo, a figura atroz, invadida de maldade, completamente oposta a Deus e à bondade incarnada por esta figura mítica, o apóstolo da Igreja Católica e dos seus peregrinos (Idem, 2004).

Alguns inquiridos não se identificaram com a Igreja Católica para exemplificar o que pensam que acontece após a morte; alicerçaram-se na incerteza, tendo no entanto, mascarado a dúvida com exemplos de alguma forma inconscientes.

(C/) – “Acho que o corpo fica cá ... (remexe as mãos insistentemente) a carne...e a alma não sei se vai se não (...) Que isto é um mistério muito grande é! E em princípio acredito, acredito...acredito”.

Recordando Brenner (1973), verificamos que o C7 recorre à partícula negativa, adoptando um discurso com alguns aspectos sintácticos de alguma forma rebuscados e utiliza mímicas gestuais repetitivas. É notório que algumas características do seu pensamento primário estão presentes no seu pensamento consciente.

Por sua vez, o C3 descreve com exactidão o que acontece depois da morte – “O que eu acho é que depois, na terra, somos diluídos. Só ficam os ossos e a roupa”. Não existe por parte deste inquirido o recurso a mitologias ou crenças quando descreve a “pós-morte”. Alicerçado na sua experiência laboral, e numa personalidade envolta em objectividade, diz que após a morte nada mais existe do que ossos e roupa. Esta representação foi construída durante as exumações que realizou, através dos sentidos, principalmente a visão, o tacto e o cheiro. “ O osso ou o pó de osso continua a ser, em última análise, o produto místico que manifesta, pela sua indestrutibilidade, a indestrutibilidade potencial do duplo. Ossadas ou efígies serão os suportes do culto prestado ao morto” (Morin, 1988, p. 132).

Verificou-se uma atitude de alguma forma sarcástica por parte do C9 e do C4, que recorreram à hiperbolização e ao exagero para representar o que acontece depois da morte. Segundo Brenner (1973), estes indivíduos apresentam alguns traços de personalidade esquizotímica, devido ao facto de demonstrarem uma singularidade de pensamento com crenças bizarras. No entanto, de uma forma coerente, o C9 afirmou que quando as pessoas morrem, muitos dos problemas são resolvidos.

(C4) - “Acho que ficamos melhor que agora”.

(C9) - “Não sei o que acontece depois da morte....Mas deve ser bom! Eles não voltam! Acabam montes de problemas com a morte”.

A forma como estes dois inquiridos expressaram o que acontece após a morte, vai de alguma forma sustentar a forma como Elias (2001) define a morte, conceptualizando-a como um problema dos vivos, uma vez que os mortos não têm problemas.

Existe um recurso à Igreja Católica para fundamentar o que acontece após a morte, onde os inquiridos recorrem à salvação da alma no paraíso que os conduzirá à reencarnação, da mesma forma que há inquiridos que aceitam a morte como algo certo, aceitando o processo de decomposição do corpo que lhe está inerte.

2.1.3- Crença enquanto elemento interveniente

A crença na imortalidade é sustentada pelos mandamentos da fé cristã, suportada pela humildade demonstrada em vida e intervém na forma como os inquiridos representam as suas angústias, receios, dúvidas e alegrias (...)

Quadro nº 4 - Crença enquanto elemento interveniente

Coveiros	Crença	Expressão discursiva (excertos)
C2	- Redimiui-se na Igreja Católica e na fé que sente em Jesus Cristo e em Deus e quando sente que	- “Eu sou católico, nasci na religião católica e dizem que um dia nós vamos encarnar todos pelo poder do Espírito Santo, não sei se

	necessita de desabafar, de descarregar cargas negativas, procura a Igreja.	vamos ou se não, não sei. Isso é uma coisa que eu não estudei...não estudei essas coisas...eu gosto de falar às vezes e saber discutir sobre a religião católica, foi nessa que eu fui criado, além e haver umas outras religiões, que há muitas...e eu estou mentalizado nesta...não sou...prontos, vou á missa, tudo bem, não sou praticante diariamente ou semanalmente. Quando vejo que estou em falta, quando vejo que tenho que descarregar algo que está cá dentro a atrapalhar-me, vou... e lá vou com a minha fé (...). (C2)
C3	- O facto de as pessoas que vivem na cidade “A”, serem muito religiosas (católicas) condiciona os pedidos para cremação.	- “ (...) mas aqui na cidade, já há algumas pessoas que pedem (a cremação), mas na maioria não, porque as pessoas aqui na região são muito religiosas”. (C3)
C5	- Enuncia a doença da sogra e o facto de ser melhor ela morrer, referindo “Deus nosso Senhor”.	- “ (...) quando dá assim um AVC como deu à minha sogra, mais vale Deus nosso Senhor levá-los...numa situação dessas, eu até era a favor de haver a eutanásia”. (C5)
C6	- Aceita e respeita a existência de “seitas” que fazem cerimónias e professam a sua fé e acredita que todos têm os mesmos direitos. “Como os católicos têm, como os muçulmanos têm”. - Através dos mandamentos do Catolicismo, pretende ser humilde na Terra.	- “Tem aparecido é seitas...mas até ultimamente, não sei se é com o frio, não vejo...Vêm para cá, fazem as cerimónias deles...Terão a razão deles. Eu não posso dizer que eles não terão o direito deles. Eu sou católico...não vou dizer que eles não tenham o direito deles de professar a fé que eles têm. Não tenho o direito de julgar. É mesmo assim, quem sou eu para julgar os outros? Fala-se em seitas, são à partida como nós, são seres humanos. Como os católicos têm, como os muçulmanos têm”. (C6) -“Eu como católico...pretendo procurar na vida, que nós chamamos na Terra, sermos portanto, o mais humildes possível”. (C6)
C7	- Foram feitas “macumbas” no cemitério, onde foram colocados bonecos e corações de boi debaixo da terra; no entanto e apesar de os colegas o alertarem que poderia ser prejudicial tocar nessas coisas, o C7 deitou tudo para o lixo, afirmando ser católico e	- “ (...) as brasileiras quando vêm para aí fazer aquelas macumbas (...) vêm aqui pôr aqueles bonecos debaixo da Terra. E eu estava neste sector e ia lá ver e lá estavam os bonecos ali...depois acabei por pegar e pô-los no caixote do lixo. Já apareceu aí um coração de boi...Nós até pensámos que poderia ser um aborto, mas depois pegámos

	não acreditar em bruxarias.	naquilo e abrimos, tinha lá pimentos e umas coisas quaisquer enfiadas...disseram-me para não tocar naquilo, mas eu não acredito nessas coisas”. (C7) - “Sou católico”. (C7)
C9	- Foi a Fátima movido pela vontade que tem, em a mãe que está doente, recuperar. - Refere que tem a sua fé, mas não é católico e não acredita em padres “Vejo aqui, quando há funerais há padres que demoram 5, outros 10, outros 15 minutos a pregar ao morto. Antes de enterrar um corpo, cada um prega à sua maneira”.	- Tenho a minha fé...Acredito no meu Deus. Vou a Fátima, quando acho que é importante...Não é que seja católico ou que acredite em padres. Os padres e os políticos...é tudo igual. Eles dizem as coisas à maneira deles (...). (C9)
C10	- Referiu que é católico, embora não praticante.	- “ Não vou à Igreja, não vou à missa, mas sou católico”. (C10)
C11	- É católico pouco praticante.	- “Sou católico...mais ou menos praticante (risos)”. (C11)
C12	- Diz-se católico, mas muito raramente pratica a sua fé.	- “ (...) católico...mais ou menos praticante”. (C12)

Quadro nº 4 a) - Observação de actos rituais e cerimónias solenes

Observação do investigador	Descrição situacional
<p>- É comum na região católica o padre, por vezes acompanhado de um sacristão conduzir o funeral e rezar a última missa ao falecido.</p> <p>- As campas são brancas e estão todas ornamentadas por cruces cristãs (latinas).</p> <p>- Uma música cristã entoada durante um enterro no cemitério “X”, tornou a cerimónia mais leve para alguns familiares do morto e emocionou um dos coveiros.</p>	<p>- O padre fazia as últimas rezas. (Observação funeral 2, cemitério “X”)</p> <p>- Aguardaram que o padre e o sacristão rezasse a última missa ao falecido, com o caixão entretanto aberto. (Observação funeral 4, cemitério “X”)</p> <p>- De repente começou a chover, os três coveiros continuaram a trabalhar debaixo de chuva. Encontrava-me numa parte alta do cemitério e quando olhei em meu redor, deparei-me com um cenário triste, mas grandioso, de rara beleza...uma extensão ínfima de campas brancas cobertas de flores, ornamentadas de cruces, penetradas no silêncio, estavam a ser “regadas” pelo céu e por um Deus.... Foi um momento penetrante. Uma imensidão de pessoas ali repousava. Senti que estavam envoltos nas suas almas, pelo menos naquele momento tão raro. (Observação cemitério “X”)</p> <p>- Entretanto, um senhor presente no funeral, começou a</p>

	<p>tocar viola e a cantar uma música cristã. Oh morte...temos que te aceitar...partiste irmão, Cristo levou-te (...). Aquele momento foi mágico, envolveu todos os presentes. Muitos cantaram também. Até pessoas que visitavam as campas dos seus familiares e amigos, aproximaram-se e observaram atentamente. Os coveiros ficaram inertes, envolvidos naquele momento, submergidos em pensamentos. A música terminou e eu senti que a dor dos presentes terá ficado um pouco mais suportável. Um ambiente de serenidade pairava no ar. Um coveiro, bastante jovem, ficou incomodado com a cerimónia e quando a música terminou, caminhou lentamente, dando uma volta ao carro funerário, de rosto triste e comovido, colocando alguns dedos na boca e estalando as mãos.</p>
--	---

A crença, normalmente, é expressa através de cerimónias religiosas ou ritos e através da linguagem (credos, doutrinas, etc) (Gaarder et al., 2002). Por exemplo, a crença na imortalidade tem acompanhado o homem. “ O cadáver humano já suscita emoções que se socializam em práticas fúnebres e a conservação do cadáver implica um prolongamento da vida” (Morin, 1988, p.25).

Seguindo o raciocínio do autor, na Igreja Católica as pessoas têm tendência a enterrar o defunto dentro de um caixão e se o finado não tiver cometido suicídio, o seu ritual fúnebre será acompanhado por um ou mais padres. Conservar o corpo dentro do caixão debaixo da terra ou dentro de um jazigo, traz a convicção aos familiares de que o cadáver terá uma existência prolongada, coexistindo a crença na sua imortalidade. (vide quadro nº 4 a).

A crença na imortalidade despoleta determinadas acções durante os funerais católicos, baseadas em doutrinas e credos instituídos na religião católica, como a presença de padres nos funerais e das rezas e missas por eles professadas no momento do enterro.

O padre fazia as últimas rezas (observação funeral 2, cemitério “X”) (...) Aguardaram que o padre e o sacristão rezasse a última missa ao falecido, com o caixão entretanto aberto (observação funeral 4, cemitério “X”).

Além das rezas proferidas pelos padres, em alguns enterros católicos são feitas homenagens ao morto e entoados cânticos que amenizam o ritual - (...) um senhor presente no funeral, começou a tocar viola e a cantar uma música cristã. Oh morte...temos que te aceitar...partiste irmão, cristo levou-te (...). Aquele momento foi “mágico”, envolveu todos os presentes. Muitos cantaram também. (...)

(...) Os coveiros ficaram inertes, envolvidos naquele momento, submersos em pensamentos. A música terminou e eu senti que a dor dos presentes terá ficado um pouco mais suportável. O cemitério “X”, onde foi preconizado este ritual, tem uma igreja católica no seu interior, onde são feitas missas e onde são velados alguns corpos- “Há mais ao fim de semana (missas). À semana é mais quando há funerais e o corpo vem para aqui...de ciganos por exemplo (...)” (Sra. L).

É presença habitual, nos cemitérios portugueses, onde são preconizados maioritariamente rituais fúnebres católicos, símbolos cristãos como, por exemplo, as cruzes feitas de variadíssimos materiais, usualmente colocadas sobre o mármore que envolve a sepultura (cemitério “X” e “M”) ou numa lápide colocada junto da sepultura, quando esta é “germinada” (Cemitério “F”).

À cruz está associada a simbologia de Jesus Cristo, figura bíblica que morreu na Cruz e que ressuscitou após alguns dias. (...) uma extensão ínfima de campas brancas cobertas de flores, ornamentadas de cruzes, penetradas no silêncio (...) (observação cemitério “X”). Estes símbolos também reforçam a crença na imortalidade através da demonstração colectiva.

A maioria dos entrevistados afirmou pertencer à religião católica (vide quadro nº 4). Para o C6, por exemplo, o facto de ser católico, fá-lo respeitar os mandamentos professados pela religião e ser humilde na Terra - “Eu como católico...pretendo procurar na vida, que nós chamamos na Terra, sermos portanto, o mais humildes possível”. O facto de as pessoas da cidade em que vive, serem muito católicas, fez com que o C3 considerasse que a forma como encaram a cremação seja condicionada e este processo bastante refutado, diminuindo os pedidos. Ele próprio não aceita a cremação, talvez pelo facto de mitologicamente o fogo simbolizar o inferno.

O facto de após a cremação não existir um corpo para visitar e para velar, torna-a num procedimento impessoal, que corta de uma forma abrupta e vinculativa a representação do corpo morto sepultado, embora coberto de terra ou de mármore, sustenta a crença da sua indestrutibilidade e permanência no Mundo dos vivos.

“A religião, que se vai especializar cada vez mais na canalização do traumatismo da morte e na manutenção do mito da imortalidade, exprime esse traumatismo, dando-lhe uma forma (...) desempenhando a função vital de refutação das verdades desesperantes da morte, segregando o optimismo, que, mediante os ritos de imortalidade, permite ao indivíduo superar a sua angústia” (Morin, 1988, p.76). O Catolicismo advoga que se armazene o corpo dentro de uma urna. Neste caso, estará a refutar a verdade da putrefacção da morte e do desaparecimento repentino da pessoa.

O morto fica exposto numa campa ou jazigo, onde poderá ser visitado pelos familiares e amigos. No caso da cremação, esta relação com o corpo desaparece, este evanece-se em cinzas e o mito da imortalidade não é encarado da mesma forma, podendo deixar de ser considerado por alguns.

Surpreendentemente, é referido pelo C4 que “ (...) a maior parte das pessoas só se lembra dos mortos no “Dia de Todos os Santos”, de resto não aparecem cá. Estes aqui, dos jazigos de aluguer ou do geral, é que aparecem mais”. Poder-se-á afirmar que, embora as pessoas que frequentam o cemitério “X” defendam o rito do sepultamento, raras são as vezes que visitam as campas dos seus mortos, havendo uma maior prevalência de visitas aos jazigos. Cria-se aqui uma dualidade. Porque resistem as pessoas da cidade “A” à cremação? Poder-se-á encontrar a resposta por intermédio da forte e secular religiosidade que os seus habitantes preservam?

O facto de ter crescido e sido criado na Igreja Católica, condicionou a crença do C2. Apesar de estar informado acerca de outras religiões, é a religião católica que o influencia e é onde descarrega as suas angústias – “ (...) prontos, vou à missa, tudo bem, não sou praticante diariamente ou semanalmente. Quando vejo que estou em falta, quando vejo que tenho que descarregar algo que está cá dentro a atrapalhar-me, vou... e lá vou com a minha fé (...)”.

Por sua vez, o C5 afirmou ser preferível que a sogra morra, porque está a sofrer demasiado. Este indivíduo alicerça-se no Catolicismo quando afiança que em situações semelhantes é a favor da eutanásia – “ (...) quando dá assim um AVC como deu à minha sogra, mais vale Deus nosso Senhor levá-los... numa situação dessas, eu até era a favor de haver a eutanásia”.

A Igreja Católica é contra a eutanásia. No entanto e curiosamente, este inquirido refugiou-se na evocação de Deus para exprimir o seu desejo de eutanásia, no caso particular que descreveu, talvez para atenuar a culpa que sente em relação a este desejo proibido, que é ainda considerado um tabu por muitas pessoas na sociedade contemporânea.

Embora católico, o C6 tem a abertura suficiente para entender outros credos existentes, como os Muçulmanos, legitimando o direito de qualquer um professar a sua fé no cemitério onde trabalha e onde são efectuados maioritariamente funerais católicos, independentemente daquilo em que acredite:

- “ (...) Vêm para cá, fazem as cerimónias deles (...) Terão a razão deles. Eu não posso dizer que eles não terão o direito deles. Eu sou católico... não vou dizer que eles não tenham o direito deles de professar a fé que eles têm. Não tenho o direito de julgar. É mesmo assim, quem sou eu para julgar os outros? Fala-se em seitas, são à partida como nós, são seres humanos. Como os católicos têm, como os muçulmanos têm”.

Da mesma forma que os judeus, os cristãos e os muçulmanos acreditam que a vida é apenas uma preparação para o próximo reino, o enterro é um ritual religioso de grande importância para purificar o corpo do morto e para os seus parentes se lembrarem da existência do falecido na Terra (Gaarder et al., 2002). Desta forma, a crença numa determinada religião irá facilitar a aceitação de outras crenças e a manifestação dos seus ritos, assim como servirá de escudo protector para justificar ideias e convicções de cada um, quando distintas do Catolicismo, da mesma forma que sustentará o ritual do sepultamento do morto e refutará a sua cremação. O morto fica exposto no cemitério, dentro de um jazigo ou debaixo de uma sepultura, ornamentado de fotografias e de cruces latinas.

No entanto, alguns dos familiares e amigos do morto só visitam a sua campa uma vez por ano, recorrendo ao dia de Todos os Santos para o fazer, feriado nacional em que é comum as pessoas deslocarem-se aos cemitérios, enchendo as campas de flores e de velas.

As pessoas têm uma grande necessidade em comunicar com os seus entes queridos através dos túmulos, tendo muitos deles a necessidade de manter viva a posição social (imortalidade simbólica) de determinadas personalidades e famílias.

Quando observamos que a cruz latina é o símbolo mais utilizado nos cemitérios onde incidiu o estudo, percebemos que a fé cristã representada é utilizada como símbolo do sofrimento, como a representação do seu ente querido sepultado, e ao mesmo tempo, a esperança de o reencontrar na vida eterna.

A crença na imortalidade é sustentada pelos mandamentos da fé cristã, suportada pela humildade demonstrada em vida e intervém na forma como os inquiridos representam as suas angústias, receios, dúvidas e alegrias, que recorrem aos rituais praticados, como “*ir à missa*”. Estes indivíduos socorrem-se também da figura de Deus para revelarem os seus pecados e serem absolvidos, sendo enviados para o Céu no dia do julgamento final, mediante os mandamentos da religião católica.

2.1.4- Percepções das vivências dos coveiros sobre o acto do funeral

É significativo nestes depoimentos, os sentimentos de choque e de tristeza intensa no contacto com a morte de pessoas desconhecidas.

Quadro nº 5 - Percepções das vivências dos coveiros sobre o acto do funeral

Coveiros	Percepções	Expressão discursiva (excertos)
C1	<p>- Os primeiros funerais que fez foram mais constrangedores.</p> <p>- Relata um funeral de uma mulher de meia-idade e de um professor, salientando que o que o chocou foi o facto de estar muita gente presente (familiares e amigos).</p> <p>- O C1 costuma pensar na avó que faleceu em Agosto de 2007, quando faz um funeral.</p>	<p>- “ (...) os primeiros é claro, custam sempre... (olhava para o chão) uma pessoa vê as pessoas a chorarem e as pessoas a serem enterradas, mas vai do dia-a-dia”.</p> <p>- “Silêncio... (olhos cabisbaixos) Funeral, funeral...talvez fosse ali um na secção “x”...uma senhora dos seus quarenta e poucos anos...é...quarenta e poucos anos....estava muita, muita gente...e o que me chocou assim um bocado é ela ser jovem...e estar muita gente aqui (...) outro ali...também na secção “y”...teve muita, muita gente...um professor que morreu...que também trouxe muita, muita gente...as homenagens que lhe fizeram e assim essas coisas... (desviava várias vezes o olhar para baixo)”.</p> <p>- “Os primeiros é sempre mais complicado...e a minha avó como sempre morou comigo... (demonstrou tristeza e falou pausadamente) e depois no trabalho, uma pessoa pensa naquilo (...)”.</p>
C4	<p>- Os funerais de recém-nascidos marcam-no e são difíceis de realizar.</p>	<p>“Só se for de um recém - nascido...porque de resto...(atitude completamente desprovida de qualquer emoção).É os que marcam mais e os que custam mais fazer”.</p>
C5	<p>- Os funerais que faz na freguesia onde reside trazem-lhe mal-estar porque normalmente conhece todos que enterra.</p>	<p>- “Às vezes vou assim abaixo, gostava de ir a acompanhar o funeral (na freguesia onde reside), mas não tenho quem faça aquele tipo de trabalho, sou eu que o faço, não é, tenho que o fazer eu. Vou cumprimentar a família e tal...e prontos, é assim, tem que ser (ar de resignação)”.</p>
C6	<p>- Fica triste e chora quando vê crianças que choram a morte dos Pais.</p> <p>- Vai para casa a pensar nos funerais, o corpo treme.</p>	<p>- “ (...)e para mim, custa-me muito, choro também com aqueles pequeninos a ver o pai ou a mãe a ir para o covão...eu choro também. (denota-se uma profunda tristeza)”.</p> <p>- “Fico triste...Vou para casa...começo com... (olhos molhados e semblante triste) fico triste, o meu corpo também mexe, também treme (entrelaça os dedos insistentemente) (...) É –me difícil. É difícil...também tenho familiares, já passei por isso também (...)”.</p>

C7	<p>- Distrai-se a pensar no trabalho e na vida.</p> <p>- É penoso, custa (recorda-se da mãe e do filho que já perdeu).</p>	<p>- “Não penso em nada...para distrair penso no trabalho, na minha vida”.</p> <p>- “ Isto custa a todos não é...custa a todos. Eu já perdi um filho, perdi a minha mãe também...Isto custa todos, custa a todos. É duro, é duro. (apertava as mãos insistentemente) (...) Chorar por eles”.</p>
C8	<p>- Não pensa em nada.</p> <p>- Observa o que se passa com a família.</p> <p>- O choro da família comove-o.</p>	<p>- “Em nada. (Pensar) Nada...simplesmente é levá-los para a cova, enterrá-los e prontos”.</p> <p>- “Às vezes estou a ver o que é que se passa com a família...Prontos...às vezes custa mais estar a ver... a família a chorar e assim (...)”.</p>
C9	<p>- Faz a diferença entre fazer um enterro e ver um enterro.</p> <p>- Fica triste quando vê crianças que choram a morte dos pais e a esposa que chora a morte do marido e vice-versa.</p> <p>- Olhar para a urna de uma criança, causou-lhe desconforto e esteve cinco anos sem fazer funerais de crianças.</p>	<p>- “Uma coisa é ver um enterro, outra coisa é fazer”.</p> <p>- “Às vezes custa-me ver os filhos a chorar a morte do pai ou a mulher a chorar a morte do marido e vice-versa (...)”.</p> <p>- “Custou um bocado, no início foi duro (...) Era uma rapariga de oito anos. O meu mal foi olhar para a urna...fez-me uma impressão (olhava para o chão e abanava a perna). Estive quatro, cinco anos sem fazer funerais de bebés e crianças. Depois fiz um e agora já faço, no entanto toca-me sempre um bocado”.</p>
C10	<p>- Choque por enterrar outro ser humano.</p>	<p>- “ Hum...Dava-me aquele choque de estar ali... (silêncio) um ser humano...eu...a enterrar outro... (silêncio) mas pronto...é a lei da vida...O que nasce tudo morre...alguém tem que fazer”.</p>
C11	<p>- Durante o primeiro ano como coveiro não podia ver sangue, só peixe e não podia ver luta.</p> <p>- Não sente nada se enterrar pessoas adultas.</p> <p>- Não consegue fazer funerais de crianças.</p> <p>- Sentiu dificuldade em dormir depois de ter feito um funeral de uma criança.</p> <p>- É um choque ver os outros a chorar, não aguenta a emoção e chora também.</p>	<p>- “ O primeiro enterro foi estranho....Um bocado...não comia...não podia ver pancada, sangue...não comia carne, era só peixe”.</p> <p>- “Hum...Se for pessoas adultas...não sinto nada...pronto...estou lá a trabalhar...é tal e qual como estar a fazer o meu trabalho...Se for um caso de uma criança é um funeral que eu não faço (...) Não faço...não consigo! Fiz uma vez e...pronto...naquela altura os meus filhos eram pequenos...agora são grandes...e pronto...aquilo parece que não me saía da cabeça...à noite quando queria dormir...parece que tinha dificuldade (...)”.</p> <p>- “ (...) Para mim é um choque é quando alguém desmaia ou chora...que se vê muito aqui, porque quando as pessoas choram, eu também não aguento, também</p>

		choro. Agora já é mais ou menos...no princípio chorava sempre (...).”.
C12	- No início da profissão todos os funerais eram difíceis. - Actualmente continua a sentir-se emocionado com os funerais de crianças.	- “Ao princípio a mim custava-me muito...nós todos...mas depois uma pessoa vai-se habituando e agora das crianças ainda hoje é...não sei porquê...prontos...Custava mais ao princípio... (silêncio) mas depois uma pessoa vai-se habituando”.

A percepção consiste na interpretação e na organização das informações obtidas pelos sentidos. Através da percepção um indivíduo organiza e interpreta as suas impressões sensoriais, para atribuir significado ao seu meio.

Neste estudo empírico, o meio interpretado esteve envolto em conotações dolorosas e num invólucro de percepções que frequentemente se expressou em fortes e intensas emoções, nomeadamente reacções tristes.

Grande parte dos inquiridos recorreu à descrição de funerais de crianças e jovens com o objectivo de descrever as suas percepções durante os funerais que realizaram (vide quadro nº5), em que a percepção das suas próprias emoções foi mais explícita, tendo desencadeado de uma forma mais intensa o processo emocional de cada um.

Há uma ideia generalizada de que os primeiros funerais realizados foram mais penosos, tendo-se depois instaurado um período de adaptação e recalçamento das emoções. No entanto, alguns inquiridos relataram que ainda ficam pesarosos quando realizam funerais de jovens e crianças:

(C9) - “Custou um bocado, no início foi duro (...) Era uma rapariga de oito anos. O meu mal foi olhar para a urna...fez-me uma impressão (olhava para o chão e abanava a perna). Estive quatro, cinco anos sem fazer funerais de bebés e crianças. Depois fiz um e agora já faço, no entanto toca-me sempre um bocado”.

(C11) - “Se for um caso de uma criança é um funeral que eu não faço (...) Não faço...não consigo! Fiz uma vez e...pronto...naquela altura os meus filhos eram pequenos...agora são grandes...e pronto...aquilo parece que não me saía da cabeça...à noite quando queria dormir...parece que tinha dificuldade (...)”.

Quando faz funerais de bebés, o C4 referiu que sente aflição e pena. No entanto, a sua afirmação é desprovida de emoção, entrelaçando-se numa descontração evidente do seu corpo e músculos, refugiando-se num olhar gélido que o invade - “Só se for de um recém - nascido...porque de resto...(atitude completamente desprovida de qualquer emoção).É os que marcam mais e os que custam mais fazer”. Este inquirido utilizou o isolamento como mecanismo de defesa, uma vez que reprimiu a emoção, barrando as emoções dolorosas, para tentar suprimir o que realmente o emociona (Brenner, 1973).

A Psicologia Dinâmica interpreta os mecanismos de defesa que não são observáveis, mas que são inferidos ao nível das atitudes (discurso verbal e não-verbal). O C9 fez uma comparação interessante, recorrendo à linguagem não-verbal – “Uma coisa é ver um enterro, outra coisa é fazer”, esfregando as mãos uma na outra e olhando fixamente para o chão, fugindo várias vezes do ângulo de visão do investigador.

Está implícito neste depoimento que o facto de o coveiro participar no ritual fúnebre, carregando a sepultura e enterrando-a, irá desencadear um processo emocional diferente no indivíduo, do que somente quando observa.

No entanto, é preciso compreender que laços com o morto tem quem observa e assiste a um enterro, uma vez que o facto de existir uma maior ou menor proximidade com o morto poderá influenciar o tipo de emoções desencadeadas.

Constitui um facto penoso para o C6 e C9,observarem crianças que choram a morte dos pais, assim como as esposas que choram a morte dos maridos e vice-versa, durante os funerais:

(C6) - “ (...) e para mim, custa-me muito, choro também com aqueles pequeninos a ver o pai ou a mãe a ir para o covão...eu choro também (nota-se uma profunda tristeza).

(C9) - “Às vezes custa-me ver os filhos a chorar a morte do pai, ou a mulher a chorar a morte do marido e vice-versa (...).”

São significativos nestes depoimentos, os sentimentos de choque e de tristeza intensa no contacto com a morte de pessoas desconhecidas. O C6, um indivíduo frágil, de porte esguio, denota uma sensibilidade extrema e invulgar neste grupo de indivíduos, quando descreve as suas percepções sobre os funerais que realizou, não conseguindo conter as emoções, ficando com os olhos húmidos, entrelaçando os dedos, manifestando angústia e tristeza - “Fico triste...Vou para casa...começo com... (olhos molhados e semblante triste) fico triste, o meu corpo também mexe, também treme (entrelaça os dedos insistentemente) (...) É –me difícil. É difícil...também tenho familiares, já passei por isso também (...)”.

Pensar no trabalho e na vida serve de escape para o C7 se abstrair de sentimentos mais incomodativos, que facilmente lhe trarão à memória a morte da mãe e de um filho- “ Isto custa a todos, não é...custa a todos. Eu já perdi um filho, perdi a minha mãe também...Isto custa a todos, custa a todos. É duro, é duro. (apertava as mãos insistentemente) (...) Chorar por eles”. Existiu aqui um processo de clivagem, em que se deu a adaptação ao meio externo, perante algo que ficou recalcado.

Os coveiros demonstram choque e tristeza nos seus depoimentos, principalmente quando relatam funerais de crianças e jovens. Os primeiros funerais que realizaram foram mais dolorosos. Fica a ideia que a prática suavizou os sentimentos mais dolorosos e insuportáveis.

2.1.5- Percepções sobre os outros no funeral: colegas; familiares; amigos

(...) para alguns é difícil esconder alguma tristeza, em certos funerais, ora pela proximidade ou familiaridade com o morto, ora devido à idade e *status* do morto.

Quadro nº 6 – Percepções das vivências do acto do funeral nos outros: colegas; familiares; amigos

Coveiros	Percepções	Expressão discursiva (excertos)
C1	<ul style="list-style-type: none"> - Apenas dois coveiros se sentem mais sensibilizados durante um funeral. - Os coveiros mais velhos são 	<ul style="list-style-type: none"> - “Pelo que vejo aqui entre colegas...eu e mais dois que estamos aqui novos...pode haver assim qualquer coisa, ficarem mais tocados nos funerais, mas os que têm mais quinze, vinte anos

	<p>mais maduros e mais experientes para lidar com as emoções.</p>	<p>que nós, que já passaram por tanta coisa (...) Eles são muito mais maduros do que nós...a gente aprende muito mais com eles...têm muito mais experiência”.</p>
C3	<p>- Descreve um funeral em que uma senhora (ocidental) chorava bastante e que desmaiou e os pais da criança falecida (chineses) não choravam.</p> <p>- Incomoda-o o facto de haver pessoas que se riem durante os funerais e outras que choram sem se desligarem de quem os observam (que não soltam as emoções verdadeiramente).</p>	<p>- “ (...) eu notava que os pais estavam extremamente tristes, mas ninguém chorava, mas estava uma senhora da nossa raça que chorava num pranto extremo...incrível...e eu fazia-me confusão...até desmaiou a senhora”.</p> <p>-“ Há pessoas que vêm muito transtornadas, mas há outras que vêm para aí falar e rir-se... ..mas também vejo muita gente a chorar assim, não é (tapa metade dos olhos com as mãos e espreita) quer dizer, está a chorar, mas está a ver quem está a olhar para ela”.</p>
C4	<p>- Os coveiros não pensam em nada.</p> <p>- Alguns familiares e amigos do defunto não se aproximam da cova, outros observam de longe.</p> <p>- Em certas freguesias as pessoas querem participar mais activamente no funeral.</p>	<p>- “ (acerca dos colegas coveiros) No princípio é como eu, não pensam em nada. Só se for assim um familiar ou conhecido, é que são capazes de ter algum sentimento”.</p> <p>- “ (Acerca dos familiares e amigos do falecido) É assim, muitos não se aproximam sequer da cova, outros quando vamos buscar a urna do pouso, que ficam a observar, outros ficam de longe a observar, só se for assim nas freguesias, alguns querem pegar num bocado de terra e deitar para a cova”.</p>
C5	<p>- Choca-o os colegas jovens, os amigos de uma pessoa que morre jovem, pelo facto de mesmo passados muitos anos do funeral, se deslocarem várias vezes à campa do falecido.</p>	<p>“Eu para mim, o que me chocou mais no funeral foram mais os colegas, a juventude...Não é bem, bem a família. Claro, a família também sente muito, mas mais os amigos que eles têm...e depois andam sempre aí. Ainda hoje vêm aí. Já morreram para aí há seis ou sete anos e ainda hoje vêm aí”.</p>
C6	<p>- Incomoda-o familiares que acompanham os funerais com uma atitude indiferente.</p> <p>- Não consegue compreender o facto de existirem pessoas que não respeitam a morte.</p>	<p>- “Sei que há outros funerais, que os familiares vêm acompanhar...chegam aqui é como se nada fosse, parece que prontos...também me faz confusão...Faz-me confusão essas coisa (suspiro) (...) Eu gostava que eles fossem como eu! Nessa parte, gostava que eles fossem como eu, que respeitassem a morte. Porque há pessoas que</p>

		podem não ligar, mas que gostam de respeitar a morte”.
C7	<p>- Incomoda-o o facto de existirem coveiros que têm sentimentos e outros que não têm.</p> <p>- A forma como reage à falta de respeito que os colegas têm com o morto, é mandá-los calar.</p>	<p>- “Alguns (colegas coveiros) têm sentimentos, outros não têm. Muitas vezes mando-os calar...às vezes não há respeito (...) Hum...Não...Eu e o meu irmão, mais ninguém. Acho que somos os que sentimos mais a dor...prontos, de resto (...)”.</p>
C8	<p>- Há coveiros que ficam tristes.</p>	<p>- Às vezes ficam mais tristes (colegas coveiros), mas já estão habituados”.</p>
C10	<p>- Refere-se à dificuldade que os colegas têm em fazer funerais de bebés.</p>	<p>-“ Hum...Não sentem...não sentem...Sentem normalmente como eu (os colegas coveiros). Há uns... prontos, até eu no meu caso...um bebé...não quer dizer um recém-nascido. Um bebé já com seis meses ou um ano custa fazer um funeral...custa a qualquer um dos meus colegas”.</p>
C11	<p>- Desmaios de pessoas.</p> <p>- Incomoda-o o facto de haver familiares que discutem por causa de bens, enunciando palavrões.</p> <p>- É vergonhoso durante o funeral haver pessoas que lutam.</p>	<p>-“Pessoas que desmaiam acontece sempre. Mas mais estranho com os familiares, é na altura do funeral as famílias estarem a discutir uns com os outros, porque não se dão bem e às vezes até por causa dos bens. Sim...já têm discutidos aqui...já houve brigas, já houve intervenção da polícia...por causa...prontos dos bens...por causa de uma caixa de ferramentas. Já tive cá porrada por causa disso. E a gente às vezes até se impõe e diz-lhe que se eles não têm respeito pelos vossos familiares, respeitem os que já estão cá dentro. Depois eles começam a ficar assim um bocado vergonhosos e depois então acalmam. E há uns que vão lá para fora, para fora do cemitério...começam ali a discutir uns com os outros (...) Já vi aqui tanta coisa...até porrada... às vezes até é uma vergonha aqui dentro. Se as pessoas têm problemas, eu acho que não é no dia do funeral que vêm aqui discutir...dizer aquelas palavras obscenas e andar aqui ao soco, aqui dentro do cemitério. Aqui é sagrado...prontos...lá que o morto não está a ouvir, mas...prontos... ao</p>

		menos as pessoas como a gente, que estamos aqui a fazer o funeral...as pessoas de família...que até é uma vergonha...isto já aconteceu aqui bué de vezes...Acho que os problemas são resolvidos a ouvir...agora andar aí à porrada, chamar nomes uns aos outros, isto e aquilo...para a gente aqui é um bocado complicado”.
C12	<ul style="list-style-type: none"> - Os coveiros ficam tristes. - Fica na sua memória pessoas que choram e gritam nos funerais. - Há pessoas que vão para o Hospital porque se sentem mal durante o funeral. - Os coveiros tentam ajudar as pessoas que se sentem mal, falando com elas e amparando-as. 	<ul style="list-style-type: none"> - “ (acerca dos colegas coveiros) Ficam tristes...prontos...funerais aí de... (silêncio) pessoas...prontos...de colegas (...)”. - “Já assisti a familiares a chorar e gritar um montão de vezes...Às vezes há pessoas que se sentem mal...Chegam a ir para o Hospital. Nós tentamos ajudar as pessoas, ampará-las...falamos com elas, mas é sempre difícil”.

Quadro nº 6 a) – Observação das vivências do acto do funeral nos coveiros, nos familiares e amigos do falecido

Observação do Investigador	Descrição situacional
<ul style="list-style-type: none"> - Pessoas que choravam e gritavam. - Os coveiros estavam calados e olhavam para o chão. - Pessoas que choravam, vestidas de negro. - Pessoas vestidas de negro que escondiam as lágrimas através dos óculos escuros. - Os coveiros proferiam algumas palavras entre eles e olhavam para o chão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Havia quatro pessoas que gritavam e choravam compulsivamente. (observação funeral 2, cemitério “X”) - Os três coveiros estavam alinhados de frente para o caixão que se encontrava aberto, de rostos cabisbaixos. O corpo estava tapado com um tecido de renda. O padre fazia as últimas rezas. Os três coveiros tinham os olhos fixos no chão, os seus corpos estavam rijos e hirtos. Observei que não olhavam para as pessoas presentes no funeral. Estavam bastante introspectivos, talvez a tentar abstrair-se do momento, tentando pensar noutra coisa. (Observação funeral 2, cemitério “X”) - Um pequeno grupo de pessoas caminhava a passo lento, regressando de um funeral, alguns carregados com um luto negro...as suas peles pálidas sobressaíam, denotando uma tez manchada de sofrimento. Algumas pessoas desse grupo, choravam e sussurravam...porquê.... (Observação, cemitério “X”).

	<p>- (...) avistei o que parecia ser a parte final de um funeral. Meia dúzia de pessoas vestidas de negro, algumas ostentando óculos escuros para esconder as lágrimas. Os quatro coveiros já estavam na parte final no funeral. Acabavam de atirar os últimos rasgos de terra para o caixão, cada um carregando uma enorme pá. Os seus rostos estavam cabisbaixos, enleados na rotina do dia-a-dia. Proferiam algumas palavras entre si relacionadas com o que estavam a fazer. (Observação Funeral 1, cemitério “X”)</p> <p>- Todos eles (coveiros) estavam de braços cruzados, três estavam muito perto do caixão, misturando-se com os familiares, olhavam para o caixão de olhar fixo, rosto inerte. O quarto coveiro encostou-se a um jazigo, mesmo ao lado da cova, cruzou novamente os braços e observou o funeral daquele ângulo. Mexia-se muitas vezes, cruzando as pernas, olhando para o chão, para os familiares do morto e para os colegas de trabalho. O C3 encostou-se ao carro funerário e observava o sofrimento da família na retaguarda. (Observação Funeral 4, cemitério “X”)</p>
--	--

No que concerne à percepção das vivências do funeral sentidas pelos coveiros nos outros (vide quadro nº 6), as respostas alargam-se aos familiares e amigos do falecido e aos colegas coveiros.

(C1) “Pelo que vejo aqui entre colegas...eu e mais dois que estamos aqui novos...pode haver assim qualquer coisa, ficarem mais tocados nos funerais, mas os que têm mais quinze, vinte anos que nós, que já passaram por tanta coisa (...)”. Para este inquirido, os anos de prática profissional condicionam o tipo de emoções manifestadas no contexto laboral e a forma como são sentidas e demonstradas. Através deste testemunho, é possível criar-se a imagem de um coveiro na casa dos 50 anos, gélido, desprovido de emoções e sentimentos; no entanto, a realidade é bem diferente. Embora os anos de prática profissional contribuam para uma racionalização das emoções, elas existem e são mais evidentes quando os inquiridos falam da sua experiência pessoal, do que quando relatam as percepções que têm dos colegas. Há uma tentativa por parte dos inquiridos de transmitirem uma imagem que seja a mais normal possível da profissão de coveiro que executa um trabalho, que embora não seja comum, é fácil, natural, rotineiro, no fundo, igual a tantos outros.

Nos testemunhos seguintes, é quase unânime o facto de os coveiros se habituarem ao processo do enterro, transforma a morte dos falecidos que têm que enterrar, num acontecimento “mecânico”. No entanto, para alguns é difícil esconder alguma tristeza, em certos funerais, ora pela proximidade ou familiaridade com o morto, ora devido à idade e “*status*” do morto.

(C4) - “No princípio é como eu, não pensam em nada. Só se for assim um familiar ou conhecido, é que são capazes de ter algum sentimento”.

(C7) - “Alguns (colegas coveiros) têm sentimentos, outros não têm. Muitas vezes mando-os calar...às vezes não há respeito (...) Hum...Não...Eu e o meu irmão, mais ninguém. Acho que somos os que sentimos mais a dor...prontos, de resto (...)”.

(C8) “Às vezes ficam mais tristes (colegas coveiros), mas já estão habituados”.

A Sra. L, empregada de limpezas do cemitério há 20 anos, corrobora a ideia da habituação, acrescentando que para os coveiros fazer um enterro é uma coisa normal – “Acho que para eles (coveiros) não é nada de especial...é um trabalho que têm que fazer...acho eu...”. A força do hábito, a própria experiência, faz normalmente com que as pessoas prestem mais atenção e se concentrem no que já conhecem e entendem.

O C10 faz uma analogia dos sentimentos dos colegas com os seus próprios sentimentos acerca da dificuldade em enterrar um bebé com mais de seis meses – (C10) “ Hum...Não sentem...não sentem...Sentem normalmente como eu (os colegas coveiros). Há uns ... prontos, até eu no meu caso...um bebé...não quer dizer um recém-nascido. Um bebé já com seis meses ou um ano custa fazer um funeral...custa a qualquer um dos meus colegas”. Neste caso, os entrevistados enunciam as percepções que têm acerca dos factos que retiveram como mais marcantes, através das experiências vividas e de acordo com situações ou com aspectos que tiveram especial importância para si próprios.

O relato do C5 incide na atitude de desconsolo durante o funeral, por parte de alguns colegas de 3 jovens falecidos e no facto de ainda hoje esses mesmos colegas visitarem com frequência a campa dos falecidos. Esta experiência marcou este indivíduo, chocando-o, tendo despoletado sentimentos de tristeza no seu íntimo – “ (...) foram mais os colegas, a juventude...Não é bem, bem a família. Claro, a família também sente muito, mas mais os amigos que eles têm...e depois andam sempre aí. Ainda hoje vêm aí. Já morreram para aí há seis ou sete anos e ainda hoje vêm aí (...)”.

A indiferença demonstrada por alguns familiares do morto durante o funeral, causa um grande mal-estar no C6 – “Sei que há outros funerais, que os familiares vêm acompanhar...chegam aqui é como se nada fosse, parece que prontos...também me faz confusão....Faz-me confusão essas coisa (suspiro)”. Além da indiferença familiar, são também relatadas situações de conflito entre a família pelos inquiridos, no entanto o depoimento do C11 é mais representativo – “ (...) Mas mais estranho com os familiares, é na altura do funeral as famílias estarem a discutir uns com os outros, porque não se dão bem e às vezes até por causa dos bens. Sim...já têm discutidos aqui...já houve brigas, já houve intervenção da polícia...por causa...prontos dos bens...por causa de uma caixa de ferramentas. Já tive cá porrada por causa disso. E a gente às vezes até se impõe e diz-lhe que se eles não têm respeito pelos familiares, respeitem os que já estão cá dentro. Depois eles começam a ficar assim um bocado envergonhados e depois então acalmam”.

Existe uma tendência para as pessoas que participam num ritual fúnebre mergulharem num processo semelhante a um transe (vide quadro nº 6 a). Algumas fecham-se em si próprias, não demonstrando nenhum tipo de emoção, outras exaltam-se chorando, gritando ou rindo compulsivamente.

No momento do funeral, também são saldadas dívidas, quando existem, são feitas partilhas de bens, há mortos que são homenageados, outros que são ridicularizados e “apedrejados”. Os laços familiares são manifestados, ora de forma afectiva, ora de forma desordeira e por vezes até cruel para com o morto.

“Certas manifestações emocionais, provocadas por ocasião dos funerais, correspondem aos excessos a que conduz à exaltação colectiva em todas as cerimónias sagradas, quaisquer que elas sejam” (Félice, s.d citado por Morin, 1988), contudo, há situações que fogem a qualquer padrão, como o funeral descrito pelo C3 - “ (...) eu notava que os pais (chineses) estavam extremamente tristes, mas ninguém chorava”. O facto de os pais da criança e de a maior parte das pessoas que assistiam ao funeral serem chineses, poderá ter condicionado a exaltação da dor e o controlo das emoções ao extremo. O conceito de imortalidade da alma na cultura chinesa determina muitos dos rituais fúnebres praticados, que visam, acima de tudo, o bem-estar da alma do morto e dos seus descendentes que continuam vivos (Proctor, s.d citado por Howarth & Leaman, 2004, p. 18).

O conceito de imortalidade da alma, poderá explicar a quase inexistente exaltação de dor, tão comum nos funerais de crentes católicos. O autor Ariés (1997) terá um outro argumento para explicitar o facto de os pais da criança falecida não chorarem. Este episódio poderá revelar se algumas formalidades são mantidas, e se uma cerimónia ainda marca a partida, os familiares e amigos do defunto devem permanecer discretos e evitar todo o tipo de emoção. As condolências à família são agora suprimidas no final dos serviços de enterro. As manifestações aparentes de luto são condenadas e desaparecem. Só se tem o direito a chorar quando ninguém vê nem ouve: o luto solitário e envergonhado é o único recurso.

Após a observação de alguns funerais, o investigador captou várias situações em que os familiares e amigos do defunto manifestavam a dor através do choro ou de gritos, na sua maioria vestidos de negro:

- Havia quatro pessoas que gritavam e choravam compulsivamente (observação funeral 2, cemitério “X”).

- Um pequeno grupo de pessoas caminhava a passo lento, regressando de um funeral, alguns carregados com um luto negro...as suas peles pálidas sobressaíam, denotando uma tez manchada de sofrimento. Algumas pessoas desse grupo, choravam e sussurravam... porquê... (observação, cemitério “X”).

Os funerais continuam a ser o fenómeno mais primitivo das nossas sociedades contemporâneas. “ A ostentação da dor, própria de certos funerais, destina-se a provar ao morto a aflição dos vivos, a fim de garantir a benevolência do defunto” (Morin, 1988, p. 27). Segundo Seabra (1996), muitas pessoas ficam chocadas com o momento da morte, não somente a morte, mas com o ritual da morte, não por causa de quem morreu, mas por ser o momento em que encaram de forma mais próxima a sensação de impermanência de si mesmo, isto é, pelo facto de se colocarem no lugar do outro (o sujeito da morte) somente naquele momento.

Os inquiridos, quando descrevem as percepções dos colegas de trabalho durante os funerais, fazem-no de uma forma despreendida e enaltecendo a capacidade que os mesmos têm para filtrar as emoções. Há um maior envolvimento emocional dos coveiros com as manifestações afectivas dos familiares e amigos do morto, que lhes provoca algum desconforto.

2.1.6- Morte e pessoa do morto (resignação vs aceitação)

Existe uma tendência notória e evidente para os inquiridos aceitarem a morte de pessoas mais idosas e de renunciarem à morte de crianças e jovens.

Segundo Cassorla, Kovács, Alves, Barbosa e Télis (1991), a nossa relação com o desaparecimento do outro é completamente ambivalente: ficamos chocados e não aceitamos a morte dos indivíduos que estão afectivamente ligados ou próximos de nós e, no entanto, não nos comovemos com a morte distante, dos seres humanos afectivamente desconhecidos assim como não nos assustamos com a morte da dignidade humana.

Em parte, a teoria defendida por Cassorla et al. (1991), não se coaduna com as opiniões dos inquiridos, porque há uma tendência entre os entrevistados para recusar a morte de crianças e de jovens, que são para eles desconhecidos (vide anexo 5). No entanto, os jovens e as crianças poderão fazer surtir uma identificação psicológica afectiva nos coveiros, uma vez que poderão espelhar a imagem dos próprios filhos, da juventude, da família.

Em relação à morte de uma criança, Zaidhaft (1990) enumera algumas hipóteses para explicar essa dor maior entre os que ficam: o facto do ciclo de vida não se ter cumprido; o facto da criança ser desprotegida; por ser depositária do nosso narcisismo e por representar a imortalidade do ser humano, que termina. Alguns depoimentos evidenciam esta dificuldade, este sofrimento mais acentuado:

(C5) - “ (...) nós somos todos humanos e quando é assim uma pessoa jovem choca mais um bocadinho”.

(C7) - “Aqueles miúdos da secção “b”...e muitos mais, prontos...isto agora...prontos, uma pessoa de mais idade é diferente”.

(C11) - “ (...) custa sempre mais um bocado quando é malta nova...a gente aqui sentimos um bocado. Quando é uma pessoa idosa...a gente faz normal...normal, está a perceber? Agora, complica mais quando é pessoas jovens”.

A própria Sra. L, empregada de limpezas do cemitério “X” há 20 anos, denuncia esta ideia, quando lhe é dirigida a questão – “Penso que, ficam... (mais revoltados quando são funerais de pessoas jovens) (os coveiros) mas acho para eles é mais fácil...como fazem funerais e assim...é mais fácil fazerem essas coisas”. A teoria defendida por Cassorla et al. (1991) é convergente no que diz respeito ao facto de a grande maioria dos inquiridos aceitarem a morte de pessoas idosas, neste caso, indivíduos que não lhes estão afectivamente ligados:

(C2) - “Quando são pessoas já de idade, já não diz nada...sabemos que mais tarde ou mais cedo uma pessoa tem que ir, mas quando são jovens que têm o futuro pela frente e partem desta para pior, ou para melhor...não sei...às vezes não se sabe sei lá para onde eles vão (os olhos húmidos)...e é isso que me custa mais... (semblante triste) temos sentimentos, também somos humanos (...)”.

Morin (1988) contrapõe a ideia da aceitação da morte dos idosos e da resignação em relação à morte das crianças e dos jovens, referindo que algumas civilizações, movidas por crenças religiosas, realizam determinados tipo de ritos em que deixam as crianças falecer, como por exemplo os daiaques, que abandonam os filhos nas árvores e os Mongóis e Algonquins que os depositam na berma dos caminhos, pensando que eles poderão facilmente reencarnar. Eles crêem que entregar as crianças ao reino da morte-renascimento não é considerado infanticídio. A morte das crianças não representa uma verdadeira morte, uma vez que estas não estão ainda completamente separadas do mundo dos espíritos e regressarão facilmente a ele, transformando-se em anjos.

Existe uma tendência notória e evidente para os inquiridos aceitarem a morte de pessoas mais idosas e de renunciarem à morte de crianças e jovens. Os factores mais elucidativos desta constatação, prendem-se com o facto de os jovens e crianças terem muitos anos para contemplar a vida, ao contrário do que acontece com os idosos, que já vivenciaram o ciclo completo da vida e tudo o que está nele contido, os fracassos, as alegrias, as derrotas, as surpresas, a concretização escolar e profissional, o casamento, experienciando o nascimento dos filhos e por vezes até dos netos. Este ciclo poder-se-á dividir em quatro partes: a infância, a juventude, a idade adulta e a velhice.

A consciencialização e a aceitação de que existe um tempo limitado de vida para cada um e de que não há como escapar da morte, leva as pessoas muitas vezes a um estado reflexivo. Esta aceitação da morte de crianças e jovens por parte dos inquiridos só poderá ser elaborada quando a sua dor simbólica de morte for transmitida e renunciada.

2.1.6.1- Idade, causa e forma da morte

“ É tudo entre os 20, 18, 20 anos (...)” (C5)

No que respeita à idade e causa da morte (vide anexos 6 e 7) os entrevistados relataram essencialmente a morte de pessoas jovens e crianças, o que vem reforçar a ideia anterior, no que se refere à dificuldade de aceitarem a morte de pessoas que representem essas faixas etárias.

Foram relatados com frequência casos em que a causa da morte foi provocada por acidentes de viação, sendo normalmente o morto um jovem.

(C2) - “(...) Faleceu num acidente de carro...uma daquelas bombas...saíram de uma discoteca...as velocidades...é a juventude. Ela ficou aqui sepultada, o namorado foi para outro cemitério...é uma tristeza (...)”.

(C5) - “Foi uma miudinha...que iam para a cidade J para a Universidade e morreu a moça e o namorado...Era namorado...Até foram três jovens. A moça e dois moços morreram. Vieram para aqui...É tudo entre os 20, 18, 20 anos (...)”.

(C8) - “ Um rapazito que morreu de acidente”.

As crianças citadas também faleceram de acidentes, essencialmente domésticos, como por exemplo a morte de uma criança que caiu das escadas da sua habitação, episódio descrito com alguma tristeza pelo C3 – “ (...) uma criança também relativamente nova que caiu de um vão de uma escada...que eu lembro-me perfeitamente... (olhar longínquo e triste) ”.

“ Insistimos sempre no carácter ocasional da morte: acidentes, doenças, infecções, velhice adiantada, revelando assim nitidamente a nossa tendência para despojar a morte de todo o carácter de necessidade, para fazer dela acontecimento puramente acidental” (Freud, s.d. citado por Morin, 1988, p. 59). É perfeitamente aplicável esta afirmação, no sentido de que os coveiros atribuíram à morte um carácter acidental, mesmo quando se referiam a pessoas idosas.

O investigador verificou a identidade de dois cadáveres durante os respectivos funerais. Os coveiros presentes referiram que haviam falecido de velhice - A falecida era uma senhora de 92 anos (observação funeral 3, cemitério “X”) (...) O falecido era um senhor idoso, de 82 anos (observação funeral 4, cemitério “X”). Nestes relatos feitos pelos inquiridos, há uma descrição dos falecidos desprovida de emoção, como se de algo natural se tratasse, um idoso morrer de velhice.

O suicídio não encaixará no carácter accidental da morte, sendo essa proposição evidente no depoimento do C1 - “ (...) como este rapaz que tinha dezoito anos, que se enforcou...a namorada deixou-o...um moço de dezoito anos (...) ”.

Segundo Esslinger (2003), uma pessoa com o ego frágil não tolera frustrações e pode não suportar uma intensa crise ou uma grande perda, e assim, num impulso, cometer o suicídio. O suicídio agride-nos porque coloca em questão a nossa própria possibilidade de escolha e o nosso potencial suicida, ou seja, faz-nos reflectir sobre o nosso próprio desejo de morte. Morin (1988) compara a morte de hoje ao suicídio, no sentido em que ambas ocorrem na esfera individual, ou seja, morre-se sozinho.

Baseado em dados observados no cemitério onde desenvolveu o seu estudo, Freire (s.d.) referiu que as conversas mantidas pelos visitantes eram essencialmente sobre o luto, falando sempre dos parentes que morreram, as suas histórias de vida e como estariam se ainda estivessem vivos. A causa do falecimento também era também assunto constante das conversas. Cada um sabia como e porque morreu o parente do amigo.

Unruh (1983) descreve a forma como os vivos recordam os seus entes queridos já falecidos. Uma das estratégias adoptadas vai de encontro à teoria defendida por Freire (s.d.): há uma continuação dos rituais, ou seja, os sobreviventes continuam a fazer determinadas actividades que estimulam a recordação do falecido; há também uma reinterpretção mundana, isto é, os sobreviventes dão novo significado às experiências passadas com o seu ente querido; há uma tendência para apagar os aspectos negativos da pessoa falecida e há a tendência para o uso de artefactos ou símbolos sagrados que relembram o falecido.

No início da sua profissão, há 34 anos atrás, o C2 experienciou uma realidade que em nada é semelhante à actual. Era comum enterrar um número excessivo de crianças de tenra idade e jovens, devido a doenças que existiam na altura e que agora são tratáveis: “Já enterrei muitos, muitos, muitos, muitos jovens e crianças e antigamente... era duas e três crianças acabadas de nascer...quando eu vim para aqui... Elas ganhavam enterites. Eram leites de gado gordo e meios gordos...ou lá como é (...)”.

Os inquiridos relatam mais frequentemente a causa da morte de crianças e jovens do que de idosos. Normalmente a causa da morte de jovens e crianças deve-se a acidentes ou doenças e a causa da morte dos idosos, à velhice.

2.1.6.2- Identidade do morto, lugar na comunidade

(...) as representações de morte variam consoante a cultura (...)

Enquanto o indivíduo trabalhar activamente no sentido de atingir a imortalidade simbólica, a sua identidade não deixará de existir depois do desaparecimento do seu corpo (Lifton, 1979). É possível conjecturar a partir desta afirmação, de que forma o morto solidificou a sua identidade durante a vida e a posição que ocupou na comunidade, factores que vão definir a sua identidade depois de morto, assim como a sua continuidade no seio dos vivos.

A morte de um presidente de uma junta de freguesia (vide anexos 8 e 9) é enunciada pelo C3, como algo importante e pomposo, devido às pessoas que ocupam cargos oficiais e organismos que presenciaram o funeral.

Para o C1 o facto de um ex- toxicod dependente ter falecido deixou-o um pouco constrangido, uma vez que já se encontrava de novo integrado na comunidade, depois de ter tido um comportamento desviante. O mesmo entrevistado referiu também a identidade de um falecido que na sua percepção, deteve um lugar importante na comunidade - “ (...) um professor que morreu...as homenagens que lhe fizeram e assim (...)”.

É visível que o desejo que este professor tinha em atingir a imortalidade simbólica, através da forma como se destacou na sociedade, contribuiu para o refortalecimento da sua identidade, depois de morto, entre os vivos com quem manteve relações sociais e afectivas de reciprocidade, assim como entre pessoas desconhecidas que reconheceram a sua importância na comunidade, através das homenagens prestadas pelos amigos e familiares.

Sabe-se que a perda de um familiar tido como pessoa significativa, é um dos acontecimentos mais desorganizadores da existência de uma pessoa. Este tema remete alguns inquiridos para sentimentos de tristeza em relação à perda da pessoa querida.

É notória a ligeira desorganização de pensamento do C10 que, conjuntamente com os silêncios demorados de que se socorre, transmite que a dor continua presente, não tendo sido ainda superada - “ (...) é a minha falecida mãe e uma irmã... (silêncio) ... foi agora há pouco tempo também...aí há uns seis meses...para aí (...) ”. Kovács (2002) sustenta esta afirmação quando refere que para muitas pessoas é pior o luto de pessoas queridas do que a própria possibilidade de morte.

Foi recordada pelo C6 a morte do seu colega de 47 anos, afirmando que ainda hoje relembra essa morte com bastante mágoa e pesar. Existe uma identificação notória deste inquirido com o falecido que, como ele, trabalhava como coveiro, estando também muito aproximado etariamente - “Perdi um colega daqui (...) (coveiro) que desapareceu assim de repente”. Com a mesma contusão o C2 recordou a morte de colegas coveiros que faleceram - “ (...) já vi partir colegas (...)”. A autora Santos (2001) refere que independentemente da cor, altura, raça, crenças religiosas, condição social, todo o ser humano é imortal. Um pouco de nós permanecerá após a nossa morte, por muito insignificante que tenha sido a nossa vida, porque ninguém se evapora no ar como se nunca tivesse existido.

O investigador observou o jazigo de uma família de etnia cigana que lhe chamou a atenção pela forma ostensiva como foi construído, divergindo das linhas adoptadas pelos restantes, sendo perfeitamente assimilável que as representações de morte variam consoante a cultura.

É usual na cultura cigana o recurso a adornos, como o ouro usado por homens e mulheres, as roupas compridas e brilhantes usadas pelas mulheres. Neste caso essa ostentação foi transportada para a morte, como uma forma de enaltecer o falecido, fortalecendo a sua imortalidade simbólica - Achei curioso o jazigo de uma família de etnia cigana, bastante alto e ostensivo. Quatro fotografias a cores, de dimensão considerável, estavam visíveis no cimo da porta (observação cemitério “X”).

O facto de ter passado pela secção onde estavam enterrados bebés, fez com que o investigador sentisse alguma mágoa, devido à tenra idade com que partiram e ao lugar indefeso e promissor que ocupam na comunidade (...) passei perto da secção dos bebés, facto que me comoveu bastante. Um mar de campas de pequena dimensão...algumas com rosto. Pequenos anjos a quem tudo foi roubado demasiado cedo (observação cemitério “X”).

No caso das crianças, segundo Deuchesne et al. (2003), o desejo de imortalidade simbólica começa a formar-se através da interacção com os seus cuidadores, sendo progressivamente reforçada ao longo do ciclo da vida, através da cultura em que o sujeito se encontra inserido.

É possível aferir que os bebés não chegam a ter consciência da sua imortalidade simbólica, embora possuam uma forte representação identitária na comunidade em que estão inseridos, uma vez que, devido à sua fragilidade, são protegidos, ao mesmo tempo que representam a imagem dos próprios pais que depositam neles um lote de esperanças.

Os coveiros recordaram pessoas que ocuparam cargos oficiais, assim como pessoas a quem foram prestadas grandes homenagens no momento do funeral, devido ao lugar que ocupavam na sociedade. As homenagens prestadas enalteceram o morto e fizeram com que fosse accionada a curiosidade por parte dos inquiridos em saber mais acerca da vida do homenageado, fortalecendo a sua imortalidade simbólica.

2.1.6.3- Visão: ver vs não ver o morto

“O primeiro corpo, não destapei (...)” (C9)

Os inquiridos apresentam opiniões divergentes no que diz respeito ao acto de ver ou não ver um corpo morto (vide anexo 10).

O C1 referiu que normalmente olha para a pessoa falecida dentro do caixão, sem problema algum, acentuando que não desvia o olhar quando a família do morto abre o caixão - “Não! (Não desvia o olhar quando a família abre a urna) É como eu digo. Isto não choca, porque é o nosso trabalho do dia-a-dia”.

A conotação sobre a imagem do morto é diferente no C9. Nos primeiros corpos que enterrou, não foi capaz de destapar os véus que os cobriam, quando solicitado pela família, nem tão pouco de olhar para o defunto. O facto de, passado algum tempo, ter olhado para a urna de uma criança e tê-la visualizado morta, impressionou-o: “O primeiro corpo, não destapei. Aquilo abana com uma pessoa (...) O meu mal foi olhar para a urna...fez-me uma impressão (olhava para o chão e abanava a perna)”. Este inquirido utilizou a supressão como mecanismo de defesa, uma vez que conscientemente decidiu esquecer esta imagem que o chocou e esteve durante 5 anos sem fazer funerais de crianças, não pensando no que experienciou. Para Elias (2001), a visão de uma pessoa morta abala as fantasias que as pessoas constroem como uma muralha contra a ideia da sua própria morte.

Segundo Rodrigues (1986), ninguém permanece perto de um cadáver, sem que sua fisionomia ateste que é precisamente um cadáver o que está a ver. Se a pessoa não está habituada, apresenta certas reacções típicas, ousa olhar rapidamente para o cadáver e afasta os olhos imediatamente, de maneira a não deixar dúvida de que quer separar sua visão de algo que não quer ver; há quem cubra os olhos e quem desmaie. O certo é que o morto, como as coisas insólitas, anormais ou ambíguas, constitui um ser impuro, cujo contacto representa perigo para o mundo das normas.

Apesar de ser penoso para a maior parte das pessoas olhar para um morto, existe uma tradição que ocorre durante o funeral, que usualmente é mantida pela família e amigos do falecido, na qual é solicitado que o caixão seja aberto, minutos antes de ser enterrado, para que o falecido seja visualizado pela última vez. O investigador observou que é prática muito comum o morto ser visto pelos familiares e amigos no cemitério, uma última vez, antes de ser coberto com terra (vide anexo 11).

Este procedimento só acontece quando as urnas são enterradas debaixo de terra e quando não tenham sido seladas por avançado estado de decomposição ou outros factores que provoquem a desfiguração do corpo. Quando a urna é depositada em jazigos que não sejam campas, a urna é lacrada com zinco pelos serviços funerários e não pode ser aberta. Nesta situação, os familiares e amigos do morto ficam também impedidos de o ver pela última vez. Um familiar ou amigo do falecido quis fechar o caixão, olhando-o em tom de despedida (observação do funeral 4, cemitério “X”).

O ritual fúnebre praticado pelos Islâmicos, por exemplo, impede a observação do rosto e do corpo do morto antes do seu sepultamento, tão usual na religião católica. Segundo Bowker (2004), os islâmicos enrolam o cadáver num tecido branco de algodão (*inclusive* o rosto) e levam-no para o cemitério num caixão simples, que não é enterrado com o corpo. Na sepultura, o morto envolto na mortalha branca é colocado em contacto com a terra e com a face virada para a cidade sagrada de Meca. Segundo Freire (s.d.), verifica-se uma importância colossal dos ritos funerários na manutenção da relação entre o Homem e a morte. São os ritos mortuários que demonstram os cuidados e as preocupações humanas diante do “fantasma” da sua finitude. Podemos, desta forma, percebê-los como fenómenos sociais que envolvem os mortos – que devem, a partir de tais cuidados, adaptar-se à sua nova “vida” – e os vivos – que diante da perda também se submetem a padrões de comportamento e de reorganização da vida.

Para Rodrigues (1986), os ritos revelam, desta forma, a necessidade humana de solucionar os seus problemas com a desordem provocada pela morte. É preciso assegurar a partida do morto. Tais actividades, devido à relação conflituosa entre homem vs morte, podem ser observadas como momentos de reestruturação social a que são submetidos os sobreviventes.

Os inquiridos normalmente olham para o morto, quando a família pede que o caixão seja aberto antes do enterro, procedimento bastante vulgar nos três cemitérios. Quando o morto é uma criança, a experiência torna-se mais penosa e castradora para os coveiros.

2.1.6.4 - Tacto: Tocar vs não tocar vs repulsão

(...) o coveiro toca no corpo quando faz a sua exumação.

A cultura ocidental dá uma importância significativa ao corpo e à imagem do corpo, o que não acontece, por exemplo, com a cultura hindu, em que o corpo é cremado.

É comum observar nos cemitérios Portugueses, pessoas que tocam e beijam o morto, facto que poderá ser compreendido pela prevalência do culto e veneração do corpo na religião católica.

O Sr. A, encarregado dos coveiros do cemitério “F”, referiu que “ (...) em Portugal existe muito o hábito de beijar os mortos no caixão. As pessoas não sabem o perigo que isso pode representar para a saúde. Em caso de hepatite ou sida, não há problema, mas por envenenamento com remédio dos ratos e baratas, beijar o morto pode trazer malefícios para a pessoa em questão, por vezes até a própria morte, porque o veneno passa para a pele da pessoa que beija, num ápice. As pessoas não estão informadas (...)”.

Além do hábito de beijar o morto, há também o de o tocar, acariciando-o (vide anexo 12) - Um familiar tocou no falecido, acariciando o seu rosto (observação cemitério “X”, funeral 4).

Os inquiridos transportam o defunto dentro da urna e normalmente não tocam no corpo, só em casos excepcionais quando têm que introduzir dentro da urna um produto que ajuda a decomposição do corpo. O C4 fez questão de realçar no seu discurso que os coveiros não tocam no morto, apenas o fazem quando é necessário colocar um produto dentro da urna, para ajudar na decomposição do corpo – “Nós só pegamos no caixão, quando o tiramos do poiso e o transportamos para a cova. Nós não entramos em contacto com o corpo. Quer dizer, entramos, quando temos que pôr um produto. Tentamos não colocar à frente. As agências funerárias geralmente põem o véu, ao meterem o véu, a gente põe por baixo do véu, ninguém vê. Se não, é sempre um bocado de choque para as pessoas verem aquilo. A pôr o produto, é chato”.

Freire (s.d) refere que o enterro, assim como outras formas de lidar com o corpo morto (o tacto por exemplo), é um meio com que a sociedade assegura aos seus membros que o indivíduo falecido caminha na direcção certa.

Como veremos num dos pontos seguintes, o coveiro toca no corpo quando faz a sua exumação; no entanto, este corpo está transformado em ossos. Há a particularidade de grande parte dos inquiridos não considerar as ossadas como um corpo.

No acto do enterro, o corpo do morto é assimilado como o espelho da pessoa viva e o facto de os inquiridos não tocarem nele poderá representar respeito e/ou funcionar como uma defesa para eles próprios, de forma a salvaguardá-los da sensação de sentir um corpo morto (a sua frieza, a sua rigidez, a sua forma estática).

2.1.6.5 - Cheiro: sentir o cheiro, o ambiente, o corpo

Mesmo após um longo período de tempo, o odor a putrefacção continua no consciente dos inquiridos, sendo incomodativo, perseguindo-os.

“ O terror da decomposição mais não é do que o terror da perda de individualidade (...) Quando o morto não está individualizado, apenas existe indiferença e simples mau cheiro” (Morin, 1988, p. 32). O cheiro da putrefacção do corpo foi encarado com repulsão pela maioria dos entrevistados (vide anexos 13 e 14). Durante, nomeadamente, os levantamentos de ossadas e exumações, são relatadas experiências marcantes relacionadas com o cheiro putrefacto do cadáver em decomposição.

(C10) - “O cheiro muitas vezes é que é mau, depende se o corpo já está ou não decomposto (...).

(C4) - “Por exemplo, tira-se uma ossada que ainda não está, põe-se no gavetão...vai cheirar!”.

(C/) - “ Não faz (impressão) ...É mais o cheiro às vezes (...).”.

O C3 relatou um episódio no qual ocorreu uma exumação. A forma descontraída como o médico realizou a autópsia ao corpo intrigou-o, porque o cheiro do corpo como putrefacto e intenso com que trabalhava não o demoveu - “ (...) o médico nem usou máscara (quando realizava a autópsia ao corpo exumado) ...já deve estar mais habituado do que nós...o cheiro era putrefacto... aquele cheiro ficou nas nossas roupas” (referiu bastante incomodado, à medida que esfregava as mãos).

Por sua vez, o C10 referiu que leva o cheiro dos corpos para casa e mesmo tomando banho ele fica na sua cabeça - “ (...) o cheiro dos corpos...que é mau...entranha-se na gente...muitas vezes vamos para casa com este cheiro, mesmo que tomemos banho, ele fica na nossa cabeça”.

Para estes inquiridos, durante os episódios descritos, a sua percepção olfactiva activou todos os seus sentidos. Foi despoletado um rol de emoções. Mesmo após um longo período de tempo, o odor a putrefacção continua no consciente dos inquiridos, sendo incomodativo, perseguindo-os. Segundo o C10, a intensidade de odor do cadáver varia consoante o seu estado de decomposição.

No entanto, o C2 tem uma percepção diferente do odor dos corpos. Para este entrevistado, o cheiro já se tornou rotineiro - “Este corpo de hoje, trasladou-se para outra sepultura (...) era uma pessoa de idade....Não me fez confusão...Tinha cheiro...mas isto é sempre assim...há sempre uns que têm mais que outros”. Para este inquirido, há corpos que têm mais odor do que outros. Poder-se-á firmar um conjunto de hipóteses para sustentar esta afirmação.

Deverá ser considerado o número de anos que o corpo esteve enterrado? A idade do morto? O peso e estatura do morto? O facto de ter sido colocado ou não um produto para ajudar a sua decomposição? O facto de o morto ter sido enterrado debaixo da terra, ou sepultado num jazigo? A forma como o C2 deseja sentir os odores? Nesta última hipótese existe a possibilidade de o inquirido ter adoptado a formação reactiva como mecanismo de defesa, isto é, no momento da percepção do odor, o ego deste indivíduo suspeitou de um perigo, temendo o impulso de sentir o cheiro a putrefacção; deteve esse impulso, mantendo-o sob controlo, fortalecendo a percepção olfactiva de um cheiro normal ou menos mau.

Sempre que chovia no cemitério, o investigador sentia um cheiro estranho e invulgar que lembrava a putrefacção – Tinha acabado de chover e deduzo que por esse motivo se sentia um cheiro invulgar de cadáver a pairar no ar e a entrelaçar-se nas minhas entranhas (Observação, cemitério “X”).

A chuva e os próprios dias sombrios e cinzentos poderão ter criado a ilusão de que a água atingia os corpos em decomposição, fazendo com que o seu cheiro subisse para a superfície, criando uma atmosfera nefasta para o investigador.

O odor dos corpos tornou-se rotineiro para alguns inquiridos e insuportável para outros, increvendo-se como uma experiência traumatizante. O número de anos em que o cadáver esteve enterrado; a idade do morto; o facto de ter sido colocado ou não um produto para ajudar a sua decomposição; o facto de o morto ter sido enterrado debaixo da terra, ou sepultado num jazigo; a forma subjectiva como os inquiridos desejam sentir os odores, são factores que podem contribuir para o aumento ou a diminuição do cheiro do cadáver.

2.1.6.6- Deterioração do corpo (putrefacção)

Os coveiros beneficiarão da boa forma como o morto for tratado, uma vez que a decomposição será “disfarçada” no momento do enterro, o que evitará manifestações adicionais afectivas por parte dos familiares e amigos, e porventura por parte dos próprios coveiros (...).

“O estado mórbido em que se encontra o «espectro» no momento da decomposição não é mais do que a transferência fantástica do estado mórbido dos vivos” (Morin, 1988, p.28). O autor demonstra que os vivos sentem repulsão pela imagem do corpo em deterioração e em decomposição.

Alguns inquiridos (vide anexo 15) evidenciam a ideia de que o tipo de terra vai influenciar o processo de decomposição do corpo, de uma forma mais lenta, se não for apropriada e de uma forma mais rápida, se for a indicada.

(C2) - “ (...) Depois também há terras que não prestam ...deviam ser terras apropriadas...muitas vezes vêm terras de aterros, das lixeiras...que não têm força suficiente para os corpos...Devia ser aquela terra pretinha ou a amarelada que também é boa”.

(C4) - “ (...) os corpos lá em cima, a terra desfaz bem, cá em baixo, de um lado desfaz, mas no outro lado, nem por isso. Isso tem a ver com a terra”.

Outros factores dificultam a deterioração dos corpos, como a composição da urna - (C4) “Também as urnas... metem de madeira de pinho, conserva. Agora há um que é papelão prensado, que leva só o verniz, é mais depressa. Se for pinho ou madeira, demora mais tempo”; os tecidos utilizados para vestir o morto - (C2) “ (...) as pessoas vestem aos falecidos fatos de boa qualidade que muitas vezes demoram anos a desfazerem-se”; os tecidos utilizados para revestir a urna - (C2) “As rendas que põem nos caixões, que são de nylon, só estão a conservar o corpo...não derretem”; a estatura do morto - (C4) “ (...) se for forte, já é natural que três anos não cheguem...um frasco de produto, dá para 75, 100 kg, se a pessoa for forte tem que se pôr dois...”; o facto de este ter tomado ou não medicamentos - (C4) (...) depende dos medicamentos que toma...”. O C2 referiu ainda que – “Os corpos quanto mais altos ficarem, mais rápido se decompõem”.

É evidenciada pelo C1 a repulsa que algumas pessoas têm em ver o corpo durante uma exumação, talvez devido à imagem de impureza que vem aliada à sua putrefacção - “Há pessoas que não querem ver. Uma pessoa é conhecida como ela era e depois...aquilo, quatro, três anos, o corpo está completamente desfeito”. Poder-se-á a aplicar aqui, perante a afirmação do C1, a tese de Lifton (1979) que afirma existir uma necessidade universal de preservar e desenvolver o sentido de continuidade e duração após a morte. O facto de o morto estar desfigurado, poderá impedir ou pôr em causa a continuidade e permanência após a morte, uma vez que a imagem do morto em vida foi destruída.

Em Portugal ainda não existe o cuidado de minorar a desfiguração e putrefacção do morto, quando é introduzido na urna e esta situação foi constatada pelo encarregado dos coveiros do cemitério “F”, o Sr. A, que mencionou que por vezes acontecem acidentes complicados e os corpos ficam todos despedaçados - “ (...) ficam irreconhecíveis. Ainda no outro dia, fizemos um funeral de um motorista que morreu no Algarve e quando abrimos o zinco do caixão, o senhor parece que tinha acabado de morrer...não tiveram cuidado nenhum quando puseram o senhor no caixão. Estava todo desfigurado. Em Portugal não há cultura de cuidar dos mortos...nem dos vivos (risos) ”.

Foi enunciada a necessidade de ser instituída uma nova profissão, os “*auxiliares médicos*”, que já existem em Inglaterra e que cuidam do corpo, tentando que a sua imagem seja recuperada da forma mais parecida possível à que a pessoa tinha em vida. Este trabalho, sendo instituído em Portugal, poderá funcionar como complementar à acção dos agentes funerários que, segundo o Sr. A., nem sempre fazem o seu trabalho da melhor forma - “Em Portugal, ainda temos muito que evoluir para tratar dos mortos. Em Inglaterra, por exemplo, há pessoas que são chamadas de *auxiliares médicos*, que dão assistência aos mortos...os mortos tornam-se mais naturais...Cá em Portugal, não existem”.

Segundo Freitas e Antunes (2007), no artigo “Trabalhar com a morte”, publicado no Clix Expresso, estaria em curso a criação de uma Escola de Operadores Cemiteriais, em Elvas, integrada no complexo funerário que ali estaria a ser construído e cuja gestão estaria a cargo da Servilusa, empresa líder do sector. Previa-se que a formação decorresse em Janeiro de 2008, abrangendo várias áreas: dos operadores cemiteriais (coveiros) aos operadores do forno crematório, passando pelos técnicos de tanatopraxia (higienização dos corpos) até aos agentes funerários.

O Sr. A referiu também o estado lastimoso em que se encontram normalmente os corpos que vêm de África e do Médio Oriente, comparando o mau preparo dos corpos praticado nestas regiões com o que acontece em Portugal “ (...) ui...estão quase sempre em muito mau estado. Ainda são piores que nós”.

Oliveira (1998) por sua vez afirma que em Portugal cabe ao agente funerário tratar de todo o processo de cuidar do morto. O defunto é limpo e vestido e colocado no caixão como se estivesse a dormir e em alguns casos o cadáver é maquilhado para que pareça vivo.

Os coveiros beneficiarão da boa forma como o morto for tratado, uma vez que a decomposição será “disfarçada” no momento do enterro, o que evitará manifestações adicionais afectivas por parte dos familiares e amigos, e porventura por parte dos próprios coveiros que são observadores privilegiados do acto do enterro, como por exemplo expressões de horror, etc.

É possível então deduzir que há factores evitáveis e contornáveis que, além de trazerem consequências nefastas para o ambiente, contribuem para a morosidade da decomposição do corpo, como por exemplo a má qualidade da terra, o material da urna, as rendas e tecidos utilizados no interior da urna, a roupa do morto. Por outro lado, a ideia da decomposição representa, por si só, a representação do horror da morbidez. Perante esta constatação e dos factores que dificultam a decomposição, insistirá o Catolicismo na ideia do sepultamento? Porque insistirão os católicos em sepultar os corpos, quando há uma repulsa abrangente da ideia de decomposição?

O culto do corpo degrada-se com a imagem da decomposição e há uma tendência para evitar a confrontação com a nova realidade com que o morto se fundiu e que é irreversível.

Os inquiridos optaram pelo carácter descritivo do processo de decomposição, fornecendo informações detalhadas sobre o mesmo. Os factores facilitadores e os que dificultam o processo foram frequentemente enunciados, ao mesmo tempo que tentaram mascarar as emoções e raciocinar de forma mecânica e prática, falando das suas experiências com os corpos, tentando fazer transparecer uma ideia de normalidade e adaptação.

2.1.6.6.1- Transformação do corpo em ossos

É evidente o nervosismo com que estes inquiridos relatam a primeira experiência que tiveram com ossadas humanas, sendo frequente o recurso a mímicas corporais, como esfregar as mãos, para manifestar emoções como a repulsa, o medo e a insegurança.

Para a maioria dos entrevistados, o facto de tocar ou ver ossadas no início da profissão causou receio, medo e ansiedade (vide anexos 16 e 17). Por exemplo, foi revelado pelo C6 um enorme sentimento de ansiedade quando relatou o primeiro contacto que teve com ossadas, recorrendo inúmeras vezes a silêncios demorados, gaguejando, entrelaçando várias vezes as mãos e falando com a voz trémula:

- “Nos primeiros dias de trabalho, o contacto com os restos mortais...coisa que para mim (silêncio)...sinceramente, foi duro... (semblante triste) foi duro para mim (...). Senti arrepios...senti um certo medo...não sei porquê, mas senti um certo receio de ter contacto com os ossos... (falava com a voz suprimida e trémula) de ter contacto com...com...prontos com...com... (gaguejou) prontos...era um ser humano que estava ali...foi assim, os arrepios que eu tive... (entrelaçava as mãos constantemente e ficava perdido no pensamento)”. Foi observável neste inquirido um sentimento de pânico de angústia. O facto de não se sentir confortável a lidar com a morte já o torna débil e a dificuldade aumenta quando tem que tocar, observar ossadas de pessoas. No momento da entrevista, este indivíduo sentiu-se desprotegido, triste e com medo. As suas batidas cardíacas aumentaram e a forma como se expressou ficou corrompida pela gaguez e com a diminuição da intensidade da voz, aliada ao tremor.

O C7 sentiu-se incomodado quando visualizou pela primeira vez um corpo transformado em ossos. Na altura foi socorrido pelo irmão, que não o deixou tocar nas ossadas. No entanto, a imagem das ossadas ficou retida no seu inconsciente, facto que o levou a sonhar com as mesmas – “ (...) É normal...Não senti nada...só que...o meu irmão não me deixou tirar as ossadas...mas prontos...sonhei um bocadinho (...)”.

A noção do dever de solidariedade e de entreatada é visível entre o C7 e o irmão que também é cozeiro, facto, que segundo Huther (1994, citado por Pimentel, 2001), varia em função do grau de parentesco e, em especial, da proximidade afectiva que se tem em relação a esses parentes.

A constatação por parte de alguns inquiridos de que os ossos que estavam a visualizar tinham pertencido a uma pessoa, contribuiu para que não se sentissem bem. Ficaram confusos, hesitantes, receosos, expectantes.

(C10) – “Primeiro fez-me confusão...porque eu nunca tinha tocado nas ossadas de um ser humano, assim...No primeiro dia fiquei logo assim um bocado mal (...)”.

(C11) – “Eh pá...ver aqueles ossos que eram de uma pessoa.... Foi estranho...Um bocadão. Prontos (...)”.

Também para o C1, o receio da surpresa, da constatação, da descoberta, constituíram factores que o inquietaram, durante a sua primeira experiência com ossadas – “No princípio... (expressão constrangedora) há sempre aquele receio de como é que vai ser, como é que não vai ser (...)” (tocava insistentemente no “*aro*” com as mãos, fazendo movimentos giratórios).

Foi penoso para os C8 e C12 mexer em ossos humanos.

(C8) – “ (Esfregou as mãos) ...Custou um bocado mexer nos ossos, mas tive que continuar...No início custa sempre mais”.

(C12) – “Foi...duro... (o primeiro levantamento de ossadas) (esfregava as mãos insistentemente) ”.

É evidente o nervosismo com que estes inquiridos relatam a primeira experiência que tiveram com ossadas humanas, sendo frequente o recurso a mímicas corporais para manifestarem emoções, como esfregar as mãos, a repulsa, o medo e a insegurança. As dificuldades apontadas, assim como o sofrimento, expressam a inconformidade e sentimento de impotência dos profissionais.

O investigador observou uma situação “*sui generis*” no cemitério “F”, onde o C10 fazia a preparação para um levantamento de ossadas, que iria decorrer no dia seguinte, na presença dos familiares do defunto. (...) Surgiu então uma caveira com um tom castanho-escuro. Os dentes permaneciam intactos, assim como o cabelo loiro que cobria o crânio. Parecia um misto de esqueleto com pele ressequida. O fato do defunto permanecia incólume. Era verde-escuro, a camisa era branca e a gravata azul escura. O C10 pegou nos dedos do defunto (agora esqueleto) que se desfaziam e atirou osso a osso para um canto, aproveitando o fato para os empilhar. Abriu o fato na parte da barriga, fazendo força até rasgar, e começou a remexer na parte da barriga do defunto. Também encontrou só ossos, atirando alguns para cima dos tecidos restantes do fato e do cetim que cobria o defunto, que também se encontrava intacto, facto que indiciou que o defunto (desfeito em ossos) estaria pronto para ser levantado no dia seguinte (observação, cemitério “F”).

É evidente a indestrutibilidade da roupa do morto; apesar de estar transformado em ossos, a roupa permanece intacta. O C10 descreveu detalhadamente o processo em que estava imerso, com uma naturalidade alarmante. Entrou dentro da cova e descreveu o processo à medida que desfazia as ossadas do defunto, verificando o seu grau de deterioração.

-“Este senhor...coitado... só ficou aqui cinco anos e já está bom para ser levantado....Está a ver os dedos aqui? (suspirando) Olhe... e estes aqui do meio já estão todos secos...vê? Só precisamos depois de levantar os ossos amanhã para a família, os pôr a secar e já pode ir para o ossário”. Há uma passividade por parte do inquirido, durante a prossecução da exumação. Os seus músculos estavam descontraídos, os seus movimentos eram lentos e pausados. O seu raciocínio era claro e perceptível. Ainda dentro da cova, relatou pacificamente um episódio que aconteceu durante um levantamento de ossadas que fez há algum tempo atrás e que guarda na sua memória como facto curioso e, ao mesmo tempo, infeliz - “O senhor desmaiou quando viu as ossadas da mulher...deu-lhe um ataque cardíaco...emocionou-se, não devia ter visto, foi muito para ele. Tivemos que chamar a ambulância. Quase que morreu o senhor (...)”.

Neste episódio, é possível verificar que o sentimento de imortalidade simbólica, que nos permite encarar a finitude, foi quebrado. Toda a representação que tinha sido guardada da imagem da esposa, do seu corpo, da sua face, após a sua morte e que continuava preservada pelo túmulo que a abrigou, sofreu uma desconstrução abrupta no momento em que o senhor resolveu ver as ossadas da esposa, desencadeando nele um rol de emoções limite que quase lhe retiraram a vida.

As primeiras experiências que os inquiridos tiveram com ossadas foram as mais penosas. Sentimentos como o horror, a inconformidade, o medo, o pavor, etc., inundaram estes indivíduos: no entanto, para a maioria, mexer em ossadas humanas, já se tornou um hábito quotidiano. É ainda importante salientar que os inquiridos não consideram uma ossada humana como uma pessoa, uma vez que os ossos representam a morte e a ausência de carne e de fisionomia nas ossadas, tornam-nas impessoais e desprovidas de representação humana.

2.1.7- Luto

A forma como os coveiros convivem com o luto dos familiares e amigos do morto é pacificadora.

Para analisar o luto como uma das atitudes diante da morte, é necessário compreender que estas manifestações passaram, desde o início do século passado, por alterações no que diz respeito à sensibilidade colectiva na percepção e na expressão dos sentimentos causados pela consciência da finitude humana.

“Na realidade, trata-se de um fenómeno absolutamente espantoso. A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai -se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objecto de interdição” (Ariés, 2003, p. 84).

À medida que atravessava o cemitério, observei várias pessoas que limpavam as campas, outras que depositavam flores (observação Cemitério “X”). Sigmund Freud (1996) explicou que o processo de luto, especialmente quando decorre da perda de alguém próximo, proporciona ao indivíduo a falta de interesse pela própria vida, tamanha a intensidade do pesar.

No texto “Luto e Melancolia”, o mesmo autor (1987, p.249) descreve o luto como “a reacção à perda de um ente querido, à perda de alguma abstracção que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”.

O estar enlutado, nos dias actuais, configura-se como uma circunstância de isolamento e angústia social devido à impossibilidade de exposição da dor por parte dos indivíduos que sofrem uma perda. Ao mesmo tempo, a relação simbólica instituída entre a sociedade e o cemitério abrange interpretações sobre a morte, a dor e o medo, conferindo às visitas um carácter especial e individual (Freire, s.d.).

O investigador presenciou várias manifestações de luto (vide anexo 18). Várias pessoas exprimem o seu luto limpando e arranjando as campas dos entes queridos:

– Parei diante de uma campa que me chamou a atenção. Uma rapariga bela, graciosa, tinha falecido em 2000, com apenas 23 anos, o que me causou um ligeiro incómodo. Logo de seguida pensei – *como é efémera a vida*. Quando me afastei, passados alguns instantes, observei os pais da rapariga que surgiram de surdina, envoltos num semblante cru e perdido, iniciando uma tarefa que me pareceu já pertencer às suas rotinas. Limparam a campa e encheram-na de flores, apoiando-se um no outro, sugerindo uma vontade incessante de manter vivo quem já não está entre nós (observação cemitério “X”). O “trabalho de luto” é assim elaborado e tratado de forma subjectiva. As formas de expressão da dor tendem a tornar-se mais estranhas no quotidiano do homem, o que situa os sentimentos à margem das relações sociais.

Durante os funerais, o luto é exprimido pelo negro da roupa que os familiares e amigos ostentam e pelo uso de óculos escuros, utilizados muitas vezes para esconder as lágrimas - Meia dúzia de pessoas vestidas de negro, algumas ostentando óculos escuros para esconder as lágrimas (observação Cemitério “X”, funeral 1).

No cemitério “F”, o investigador também observou algumas pessoas, principalmente mulheres vestidas de negro, deambulando tristes. O autor Morin (1988) refere que o luto exprime socialmente a inadaptação do indivíduo à morte e ao mesmo tempo é um processo social de adaptação que tende a fazer com que as feridas dos indivíduos que sobrevivem, cicatrizem.

“O tabu da impureza que afecta os parentes, obrigados a cobrir-se com um sinal distintivo ou a esconder-se, é o próprio luto” (Hertz, s.d. citado por Morin, 1988).

Há uma tentativa por parte dos inquiridos de atenuar o sofrimento dos visitantes através da compreensão, da ajuda, da disponibilidade para ouvir, do cuidar da sepultura do ente querido. Esta ideia está representada no diálogo estabelecido no cemitério “F” entre o C11 e a esposa de um falecido:

<p>Senhora X- Oh Senhor J..., você tem que ir ver ali a campa do meu marido, que aquilo está tudo desfeito...</p> <p>C11- Sim, eu vou...mas sabe aquilo está assim, porque choveu e ainda está a chover ...e com este vento...é complicado ficar apresentável...deixe a chuva parar e o vento assentar que vai ficar tudo direitinho.</p> <p>Senhora X- Pois, Senhor J..., mas tem que lá ir...aquilo assim não está nada bem...</p> <p>C11- Senhora X, sabe que pode confiar em mim. É a campa...Y, não é?</p> <p>Senhora X- Sim, sim, ali à direita.</p> <p>C11- Senhora X, fique descansada, que logo a seguir passo lá que eu vou tentar pô-la direitinha, não se preocupe...vá lá com calma para casa, que eu cuido de tudo.</p> <p>Senhora X- Está bem, vou, mas não se esqueça...Depois amanhã, estou aí e falo outra vez consigo.</p> <p>C11- Não se preocupe. (Responde pacientemente e com um sorriso nos lábios)</p>

Retomámos a entrevista.

C11- «Sabe...esta senhora anda sempre aqui. Nós tentamos ter sempre as coisas direitas...mas como as campas são cobertas por terra, não têm mármore e algumas ainda não estão germinadas, quando chove é difícil mantê-las sempre apresentáveis...e tem estado muito vento (...).

2.1.8- Actividades laborais desenvolvidas pelos coveiros

Há uma relação constante entre as actividades que desenvolvem e a morte/morto, que já se tornou quotidiana e rotineira

Sobre as actividades laborais desenvolvidas pelos coveiros (vide anexo 19), de um modo geral, as respostas coincidiram em muitos pontos nos diferentes cemitérios; os sujeitos relataram as actividades do dia-a-dia no cemitério, procurando descrever os procedimentos adoptados no local de trabalho sem fazerem referências pessoais (actividades pessoais). Há uma relação constante entre as actividades que desenvolvem e a morte/morto, que já se tornou quotidiana e rotineira. Basicamente, fazem levantamento de ossadas, exumações, funerais e a manutenção do cemitério, que implica apanhar lixo (cemitério “M”), arranjar as árvores, ajeitar as campas, porque não têm mármore, são térreas (cemitério “F”).

2.1.8.1- Recursos materiais utilizados no cemitério

A terra é um dos recursos fundamentais utilizados, para cobrir as urnas, iniciando o processo de decomposição dos corpos (...)

De um modo geral, sobre os recursos materiais utilizados no cemitério “X” pelos inquiridos (vide anexo 20) para realizar exumações o C2 referiu – “ (...) temos capas para a chuva (...) fatos próprio para transladações, que são impermeáveis...no fim deita-se fora. Aqui temos duas fardas. (...) máscaras de autópsia(...)filtros(...)”- indicando a variedade de recursos, embora em pouco número.

Em relação aos recursos próprios do cemitério “X”, existe a secretaria, que se situa na entrada do cemitério e que tem as informações necessárias sobre o local onde estão enterrados os corpos, nome e data do funeral correspondente. É também através da secretaria que os coveiros ficam a saber no dia anterior, o número de funerais ou de exumações que acontecerão no dia seguinte, secção onde se realizará. Esta informação é fornecida pelo Sr. N, o encarregado dos coveiros, que trabalha na secretaria (observação, cemitério “X”).

O Sr. N, um homem de porte médio, rosto oval, olhos profundos, não é coveiro e apenas supervisiona como se desenrolam as actividades no cemitério, é denominado pelos coveiros de “chefe” (observação, cemitério “X”).

No cemitério “X” (vide anexo 21) existe um “*casebre*” que tem uma cozinha apetrechada com utensílios, um micro-ondas, um rádio, um frigorífico, um fogão, uma mesa e tem anexo um balneário (...) o espaço físico que os coveiros utilizam para trocar de roupa, tomar banho, guardar os pertences, comer, descansar e socializar (...) O casebre está a uns escassos metros das campas. A vista para as campas está coberta por uma cerca de arbustos. A parte de trás do casebre e dos balneários está encostada a uns gavetões (...) Perto das urnas e das covas abertas, é vulgar observar tractores, luvas, pás, enxadas, sacos de cimento, carrinhos de mão, tractor, baldes de plástico, corda e pedaços de mármore pertencentes a antigas sepulturas. A terra é um dos recursos fundamentais utilizados para cobrir as urnas, iniciando o processo de decomposição dos corpos (observação cemitério “X”).

No que respeita ao cemitério “F”, há uma florista no interior do cemitério. Identicamente ao que sucede no cemitério “X”, existem também instalações no cemitério “F”, onde os coveiros, cantoneiros e jardineiros fazem as refeições e trocam de roupa (...) dirigindo-me para as instalações onde os funcionários do cemitério faziam as refeições (...) (Observação, cemitério “F”). Aqui há a particularidade de as refeições serem confeccionadas pelo C11. Este cemitério também possui máscaras, que se utilizam nas exumações, como também usufruí de um recurso que não existe nos outros cemitérios analisados e que facilita o trabalho das exumações e dos enterros: uma máquina escavadora.

2.1.8.2 - Dificuldades encontradas no desempenho profissional dos coveiros

(...) as máscaras utilizadas para o levantamento de ossadas existem em pouca quantidade e não têm grande qualidade (...)

Quanto às dificuldades encontradas (vide anexo 22), os coveiros indicados encontraram várias situações em diferentes momentos das entrevistas.

O elemento mais recorrente, como gerador de dificuldades nos cemitérios “X” e “F”, são as máscaras utilizadas para o levantamento de ossadas, que existem em pouca quantidade e não têm grande qualidade. Uma outra dificuldade apontada é a deficitária utilização de filtros que, se usados em maior quantidade, contribuiriam para que o cheiro de putrefacção pudesse ser minimizado.

O C10 aponta um outro problema, referindo um problema relacionado com a composição da terra de algumas secções – “Esta secção é boa, mas aquelas duas dali são más para decompor os corpos, são argilosas. Quando chove, os caixões bóiam ali”.

A maior dificuldade sentida pelos inquiridos é a sua elevada insatisfação em relação ao ordenado. 83 % dos inquiridos não estão de todo satisfeitos com o ordenado. Apenas uma ínfima parte (17%) referiu sentir-se mais ou menos satisfeito (vide anexo 3).

(C10) - “Sou obrigado. Sou obrigado a ficar satisfeito com o que tenho, porque não dão mais. E até é um serviço que até merecia ganhar mais dinheiro. Nem toda a gente dá para fazer isto. As pessoas que vêm para aqui têm que ter o 9º ano...o ordenado é mau”.

(C9) - “Estamos aqui com 508 euros. O que é que 508 euros dão para fazer? Como é que uma pessoa vive com 500 euros?”.

(C6) - “Merecíamos mais, mas para a profissão que nós exercemos, nós merecíamos muito mais”.

Em contrapartida, é contraditória a situação em que os inquiridos se encontram no presente, quando na verdade, grande parte deles ingressou na profissão de coveiro à procura de uma vida melhor, em que estavam englobados factores que os terão aliciado, como a remuneração, a segurança e a estabilidade. As falas mais significativas que descrevem esta ideia são as seguintes:

(C9) - “Vim para cá através da Junta como cantoneiro aqui no cemitério, ao fim de 4 anos a acantonar, surgiu a oportunidade de vir para coveiro e aceitei...vinha ganhar melhor”.

(C1) - “Trabalhar para o Estado entre aspas, foi uma das coisas que a nível de emprego....os patrões não é tão sério (...)”.

(C8) - “Estava no Fundo do Desemprego, entretanto chamaram-me e mandaram-me para aqui...e eu aproveitei”.

(C11) – “Naquela altura casei-me, a minha mulher não trabalhava. Como aqui trabalhávamos aos fins- de- semana...Agora não, né, fazemos rotativo...mas ganhava à hora, vim para aqui”.

Pegando no exemplo do C2, que não está de todo satisfeito com o ordenado, nem tão pouco no estatuto de coveiro: este inquirido é o único que encara a profissão de coveiro como uma vocação. Embora tenha trabalhado na lavoura e na construção civil, já há muito que frequentava o cemitério - “ (...) eu já de pequenino vinha para aqui brincar para dentro do cemitério...e ele (um amigo que trabalhava no cemitério “X”) pediu-me para vir para aí trabalhar...eu aceitei e prontos...comecei a gostar disto...e aqui estou...vim para aqui com 19 anos, tenho 53”.

Apesar de muitos dos inquiridos terem ingressado na profissão de coveiro para atingir melhores condições de vida, é notório o sentimento geral de desagrado e de frustração em relação ao ordenado e ao próprio rumo que a profissão tomou, no que concerne a contratos precários e a congelamentos na carreira.

2.1.8.3- Ambiente profissional dos coveiros

“Dantes comíamos aí quinze...tomávamos o pequeno-almoço, almoçávamos e lanchávamos...agora somos só onze, dois faleceram, os outros reformaram-se” (C2)

No cemitério “X”, apenas o C6 não tem familiares a trabalhar com ele. O C1 é sobrinho do C2, que por sua vez é irmão do C5, tio do C4 e primo do C3. O C7 é primo de um dos coveiros que não deu entrevista. Esta situação acaba por ser curiosa e não pode ser generalizada a outros cemitérios, embora no cemitério “F”, dois dos coveiros também sejam parentes, o C10 e o C11 são primos.

O ambiente profissional no cemitério “X” é muito bom (vide anexo 23), a avaliar pelo testemunho do C3 - “O chefe é o «um», nós somos todos o «dois», damos-nos muito bem...ainda agora há um ano e tal entraram três para aqui e somos todos iguais”. O C2 elaborou as refeições (almoços) durante muitos anos, numa das divisões do casebre, que utilizam para descansar e socializar -“ Dantes comíamos aí quinze...tomávamos o pequeno-almoço, almoçávamos e lanchávamos...agora somos só onze, dois faleceram, os outros reformaram-se”. Actualmente os coveiros apenas lancham dentro do cemitério.

O C2 pertence a um sindicato, no qual inscreveu os colegas e preocupa-se com o futuro dos mesmos - “Estou no Sindicato e já os pus a eles lá também, mas quando eu sair daqui e me reformar, eles é que ficam mal”.

No Cemitério “F”, (vide anexo 24) existem onze coveiros no activo e as relações de parentesco não são tão frequentes quando comparadas com o cemitério “X”; no entanto o ambiente profissional é também muito favorável e pacífico - Comecei a caminhar, dirigindo-me para as instalações onde os funcionários do cemitério faziam as refeições. Interpelei mais um coveiro que se dirigia apressado para as instalações, o C11. É ele que prepara as refeições. Disse-me que me concederia a entrevista com todo o prazer, mas que estava com pressa para terminar o almoço. Amavelmente convidou-me a acompanhá-lo à cozinha. Segui-o e o ambiente era animado, *estilo colectividade*.

Os auxiliares de limpeza e os jardineiros misturavam-se com os coveiros. O C11 fritava batatas e febras com a ajuda de outro coveiro. O cheiro era delicioso e propício a gargalhadas (Observação cemitério “F”).

No cemitério “M”, os entrevistados denotam ter uma boa relação - (...) reparei que os coveiros se estariam a dirigir para a cantina da Faculdade “M”, que fica mesmo ao lado do cemitério. Caminhavam pausadamente. Um grupo de 5. Conversavam e sorriam.

No geral, há um bom ambiente de trabalho nos três cemitérios estudados.

2.1.9- Ambiente familiar dos coveiros

Todos os inquiridos vivem com familiares e revelam ter boas relações com os mesmos.

Será importante ter em consideração que os acontecimentos mudam de significação, drasticamente, ao longo da vida, sendo por isso importante enunciar eventuais variações psicológicas provenientes do agregado familiar, sem desprezar o enquadramento espacial do mesmo: o meio físico, cultural e social.

A família tem como funções primordiais o desenvolvimento e a protecção dos seus membros (função interna) e a sua socialização, adequação e transmissão de determinada cultura (função externa) (Minuchin, 1979). Dentro deste prisma, “ (...) a família terá que resolver com sucesso duas tarefas, também elas essenciais: a criação de um sentimento de pertença ao grupo e individuação/autonomização dos seus elementos” (Relvas, 1996, p.17).

Todos os inquiridos vivem com familiares e revelam ter boas relações com os mesmos (vide anexo 25). No cemitério “X”, o C4 é o único solteiro a viver com os pais. O C1 vive em união de facto, a companheira está grávida e ele aguarda ansioso pelo nascimento da filha. - “É a coisa mais fantástica que pode haver....Conviver com crianças e ter crianças (...)”. Este inquirido vive ainda com o filho da companheira, que considera seu filho.

Os restantes coveiros deste cemitério são casados e referiram várias vezes a boa relação que têm com as mulheres e com os filhos. O C2, por sua vez, relata a altura em que começou a namorar com a actual esposa que define como “mulher da minha vida”, sublinhando o facto de ela própria, na altura, ter tido algum preconceito em relação à profissão de coveiro, que foi, no entanto, ultrapassado:

- (C2) “Quando comecei a namorar...a pretendê-la (a esposa)...ela foi a rapariga da minha vida...eu namorei com outras raparigas...andava atrás dela e ela dizia-me que eu estava maluco porque queria que ela se casasse com um coveiro...ela dizia que eu era maluco. Tanto que incentivei...tanto andei de volta dela que até que calhou...tive outras namoradas e aquela (a esposa) tanto disse que não ia casar com o coveiro, que acabou por casar com o coveiro... (risos) ”. A profissão de coveiro que constituía um entrave, devido à forma como sempre foi escamoteada pela sociedade, foi aceite.

Além das esposas, os filhos também são enunciados como elementos importantes no seio familiar - (C5)“ (...) pego no carrinho e também vou dar as minhas voltas...mais a minha mulher aos domingos e assim...o meu filho já não precisa...tem carro e lá vai ele, agora, vou mais a minha mulher...vou até á minha filha e prontos, passeamos assim um bocadinho”.

O C9 pertencente ao cemitério “M” é solteiro e vive com a mãe, com quem mantém uma relação emocional muito forte – “A minha mãe já teve dois ataques cardíacos, ainda teve num lar, mas agora está sempre perto de mim. Ela é muito importante para mim. Foi pai e foi mãe. O meu pai era mais uma relação de irmão”.

No cemitério “F”, o exemplo mais elucidativo será o do C11, que partilha as oportunidades com a esposa, conversando e ouvindo a sua opinião – “Quando vim para coveiro, disse à minha mulher que vinha para coveiro, como eu casei na altura e ela respondeu-me «Tu vais para coveiro, estás a brincar comigo ou quê?» (risos) E eu respondi que não estava a brincar e que ia para lá por causa do fim de semana para ganhar mais”. Existe manifestamente uma relação recheada de companheirismo e de partilha neste casal e o amor também estará vinculado neste elo forte.

O ambiente familiar favorável funciona como um refúgio e um escape para os inquiridos, no seio do qual tentam esquecer o trabalho realizado no cemitério (C1) - (...) uma pessoa já trabalha aquelas horas suficientes...e chega a casa ainda levar aquelas coisas para casa...nem conversas em casa...estou a falar com minha mulher...não tem lógica estar a falar com ela e dizer fiz isto, fiz aquilo (...) Uma coisa é o trabalho, outra coisa é o nosso tempo livre”.

2.1.10 - Actividades de lazer dos coveiros

Todos os entrevistados mencionaram que gostam de passear com a família.

A maioria dos inquiridos referiu pelo menos uma actividade de lazer. Jogar futebol, ver televisão, conviver com os amigos nos cafés, jogar às cartas, passear com a família e ouvir música foram as actividades mais enumeradas (vide anexo 26):

(C9) - “ Ando de carro, estou com a minha mãe”.

(C11) - “ (...) vou com a minha família fazer piqueniques, dar umas voltas por aí”.

(C6) - “ (...) gosto de ficar em casa com a família (...) também vamos dar o nosso passeio, gosto”.

Todos os entrevistados mencionaram que gostam de passear com a família. A família impõe-se como um ambiente de extrema importância na vida dos mesmos, assumindo funções de protecção e de equilíbrio afectivo e psicológico dos seus membros e constituem um escape para quebrar a rotina profissional diária e exigente dos inquiridos.

Alguns inquiridos, nomeadamente o C2, o C7 e o C11 estão enunciados na categoria “beber socialmente”:

(C2) e (C7) - “ (...) bebo o meu copo (...)”.

(C11) - Gosto de ir a uma discoteca, aquelas mais para cotas, ouvir umas kisombas... beber o meu copo”.

O acto de beber, na sociedade moderna, associa-se a celebrações de carácter social, continuando, na sua essência, a fazer parte da celebração da vida. Os inquiridos que bebem vinho, categorizaram-se como alguém que bebe socialmente, entre amigos, nos cafés, nas discotecas, portanto alguém que bebe moderadamente e que não perde o controlo.

O C5, não referiu que bebe, no entanto, quando foi entrevistado num pequeno armazém, tinha um odor intenso a vinho e desviou alguns objectos (...) entre eles uma taça com um resto de vinho tinto (...) (Observação cemitério “X”), tendo mesmo oferecido uma parte da sua porção ao investigador. O mesmo odor intenso a vinho foi sentido pelo investigador, durante a entrevista com o C6.

Carreira (2007, citado por Freitas & Antunes, 2007), no artigo “Trabalhar com a morte”, enuncia episódios rocambolescos durante os enterros, como coveiros alcoolizados ou pouco sensíveis que ajeitam o caixão na cova, empurrando-o com o pé. No entanto, não é possível estabelecer uma conexão fiável entre a imagem de “coveiro alcoolizado” descrita por Paulo Carreira e os inquiridos que afirmaram beber socialmente e entre os inquiridos que tinham um odor intenso a álcool, uma vez que nunca foram observados pelo investigador comportamentos que indiciassem que os coveiros estavam alcoolizados.

Os inquiridos tentam refugiar-se no tempo livre que dispõem para socializar com a família, organizando passeios e convivendo. Os amigos também constituem elementos fundamentais no seu equilíbrio emocional, sendo com estes que se reúnem em cafés onde jogam às cartas e bebem alguns copos de vinho.

O recurso a bares e a discotecas também foi enunciado por alguns inquiridos, assim como o gosto por ouvir música e dançar em bailes.

Todas estas actividades funcionam como um escape e como uma forma de fugir à rotina de um trabalho intenso, rigoroso e de alguma forma penoso para quem o pratica.

CONCLUSÕES DO ESTUDO EMPÍRICO

Há um certo mistério que é inerente à representação social de coveiro. Quem é este homem? Na verdade, é impossível viver sem os préstimos deste profissional, pois é ele quem enterra os corpos. Já imaginámos o que aconteceria se os coveiros fizessem uma greve geral durante alguns dias, a quantidade de corpos que iriam ficar em fila de espera para ser enterrados, assim como o desconforto que essa situação iria originar nos familiares?

O coveiro enterra o corpo morto e cuida do “*resto*” que nós próprios produzimos. É necessário respeitar e levar a sério o saber dos coveiros. Nós próprios, durante a vida, “*enterramos*” várias coisas e não temos muitas vezes a noção disso. “*Enterramos*” pensamentos, emoções, futilidades, rivalidades... coisas pequenas, coisas de muito valor, outras vezes coisas que não gostaríamos de “*enterrar*”.

Existe um preconceito em relação a esta profissão milenar, que normalmente é considerada menor pela sociedade; no entanto, o coveiro é um profissional como outro qualquer e lida com aquilo que mais incomoda o ser humano, a morte.

Estamos longe da noção “*macabra e diabólica*” associada aos cemitérios e que, segundo Ariés, teve o seu apogeu no século XVII (Ariés, 2003).

Os inquiridos afirmam que os cemitérios onde trabalham são um espaço que representa tranquilidade e normalidade. O ambiente profissional existente é propício ao companheirismo e à lealdade. Fortes laços de amizade foram e continuam a ser construídos neste espaço.

O cemitério impõe-se como um agente socializador entre os inquiridos, como também entre os visitantes que trocam ideias, sentimentos e dúvidas entre si e com os coveiros. A conduta serena e ouvinte adoptada pelos inquiridos ajuda a quem visita os entes queridos, a ultrapassar a dor e a vivenciar o luto, com a ideia de suporte social.

Precisamente, dois dos objectivos do presente estudo seriam *compreender de que forma o coveiro é testemunha das emoções dos que cá ficam, assim como destrinçar que emoções são despoletadas nos enterros e exumações*. As emoções dos familiares e amigos do defunto, assim como certas reacções dos coveiros, foram muitas vezes relatadas pelos inquiridos com uma enorme sensação de impotência e desconsolo.

Há situações como a indiferença, assim como situações de conflito entre as famílias do defunto que deixam estarecidos estes profissionais que presenciam estes episódios como informantes privilegiados de um acto (o enterro) que se repete todos os dias nos cemitérios portugueses, mas que no entanto, devido à sua especificidade e singularidade, apresenta características próprias sempre que se realiza.

Nenhum funeral é igual e há uma multiplicidade de emoções em cada um deles. O coveiro assimila em primeira linha todas essas emoções, sendo ele quem fecha o ciclo dos vivos e enterra o morto, cobrindo-o de terra. Muitas vezes também ele se emociona, sentindo tristeza, raiva, choque ou resignação. Foram relatadas experiências mais efusivas em funerais de crianças e jovens e em que emoções como a aflicção, a pena, o choro invadiram os inquiridos. Foram também identificados alguns mecanismos de defesa, como o isolamento, a repressão e a própria indiferença, utilizados como um resguardo para as emoções e como um escudo protector face à imagem do morto.

Normalmente os primeiros enterros foram mais constrangedores para os inquiridos, que reportaram a ideia de adaptação por repetição; no entanto, esta adaptação é mais frequente quando são funerais de pessoas idosas e não acontece em funerais de crianças que, apesar da experiência adquirida, continuam a ser experiências penosas para os coveiros, sendo que a grande maioria evita fazer enterros de crianças, uma vez que este acto lhes causa um enorme desconforto. Existe uma grande dificuldade entre os inquiridos em aceitar a morte de uma criança e em fazer o seu funeral.

Alguns inquiridos reportam episódios em que, após o enterro de uma criança, se sentiram mal, vagueando com a imagem da mesma durante um longo período de tempo, sonhando com essa imagem. A grande maioria dos inquiridos tem filhos e uma forte união familiar.

O facto de ser difícil para os coveiros aceitar a morte de jovens e crianças poderá estar relacionada com os laços que mantêm com os próprios filhos e com a forma protectora com que a eles se vincularam; estes, no fundo, representam a sua duplicidade. Os próprios coveiros poderão projectar-se no facto de já terem sido crianças e de terem vivido mais do que as crianças que enterram, cuja morte poderá gerar um sentimento de culpa e ganhar um cunho de castigo neste profissionais, que têm consciência de que a criança ou jovem viveu pouco e que quem deverá partir primeiro são os pais, nunca os filhos e quando o contrário acontece, há uma inversão de situações difícil de aceitar.

Quanto à representação das emoções nos outros coveiros, existe uma ideia geral de que os anos de prática profissional condicionam o tipo de emoções sentidas, restringindo e recalçando algumas delas.

As pessoas que normalmente assistem a um funeral podem chorar, estar estáticas e porventura rir e até contar piadas. Estas duas últimas atitudes são normalmente julgadas severamente pelas pessoas presentes, incluindo os coveiros.

Este julgamento tem que ser entendido na medida em que essas pessoas estão no funeral talvez por uma obrigação social, mas quando observam a morte que tanto as incomoda, encontram uma forma de expressarem o seu transtorno, transformando a morte numa piada. Há no entanto pessoas que preferem permanecer em silêncio, outras preferem estar de alguma forma escondidas, talvez reflectindo sobre o sentido da vida e da morte.

É comum em algum momento da vida do ser humano, o tema da morte ser pensado e questionado. Difícilmente se aceita que as pessoas morram porque simplesmente estão vivas e sujeitas às leis da Natureza. As mortes enunciadas pelos inquiridos tiveram sempre uma justificação: acidentes; no entanto, a morte de crianças e jovens não foi aceite, independentemente da justificação de como perderam a vida, facto que não aconteceu perante a morte de pessoas idosas, em que a resignação dos inquiridos foi mais notória.

Beauvoir (1984) refere que a morte não é natural, pois a presença do Homem questiona tudo. Diz ainda que todos os homens são mortais: mas para cada homem a morte é um acidente e, mesmo que ele a conheça e consinta, representa e impõe-se como uma violência indevida.

O facto de estar muita ou pouca gente num funeral, condiciona a forma como alguns inquiridos percebem as suas emoções, assim como a forma como representam o morto, criando sentimentos de indiferença, raiva ou devoção.

A maioria dos coveiros reconhece a morte como uma possibilidade pessoal – (C2) “ (...) é uma coisa que nos vai tocar a todos (...)”. O segundo objectivo deste estudo consiste precisamente em *compreender que representações de morte são construídas pelos coveiros*. O facto de estes profissionais conviverem com a morte no seu dia-a-dia irá fazer com que adoptem uma atitude de normalização, isto é, a morte é construída como algo natural, como uma realidade biológica que é comum ao ser humano, sendo a finitude humana entendida como irreversível.

Foi possível constatar que os inquiridos exprimem ideias e sentimentos sobre a morte através da linguagem verbal e não-verbal. O recurso a mímicas faciais e corporais e aos silêncios foi enorme. Situações de gaguez, hesitação e voz trémula foram também observadas quando o investigador pediu para descrever a “morte” ou o que sucede após a morte. O período pós-morte foi representado através da ideia de que a morte é uma passagem, apesar de existir um elevado grau de incerteza no que sucede na realidade após a morte.

O facto de a morte ser encarada como uma passagem revela que a representação social da própria morte é muito forte, isto é, aquilo que se torna presente em função da personalidade do indivíduo no seu relacionamento com a cultura, irá despoletar aspectos convergentes, tantos mais quanto mais pontos comuns houver; concluiremos que há um forte componente psico-cultural a influenciar o indivíduo.

Em Portugal existe o hábito de beijar e tocar no morto, antes de ser enterrado; no entanto, os inquiridos fizeram questão de frisar que não tocam no morto, só o fazem quando têm que colocar um produto dentro do caixão para ajudar a decomposição. Esta posição funciona como uma defesa e é ao mesmo tempo contraditória porque, perante esta afirmação, os inquiridos não consideram as ossadas de um defunto um corpo.

Será possível afirmar que para os inquiridos, os ossos do defunto representam a morte e o corpo morto no enterro, não é na realidade assimilado como estando morto, isto porque ainda conserva a fisionomia que tinha em vida. A passagem para a morte irá acontecer quando o corpo se transforma em ossos e já não é considerado como “corpo” pelos inquiridos.

Foram relatadas várias exumações e descritas experiências com ossadas, inclusive tocar e transportar as mesmas. Grande parte destas experiências são repletas de pavor, medo, receio, pânico, angústia. Foi comum os inquiridos afirmarem que os ossos pertenceram a pessoas e que este facto os perturbava. Desta forma, os ossos representam o fim, o vazio da morte, no entanto causam desconforto aos coveiros porque são de alguma forma sinistros e guardam segredos de alguém que foi vivo, representando a decomposição, a fisionomia da morte.

O cheiro do corpo do defunto foi descrito como uma experiência marcante para alguns dos inquiridos. A percepção do olfacto despoleta um rol de emoções, tais como a repulsa, a indignação, e permanece a ideia de que o cheiro se entranha na pele e sensibilidade dos inquiridos e os persegue durante um longo período de tempo.

Para alguns, o cheiro a putrefacção pode ser esquecido por momentos, mas está sempre presente e é incomodativo, sendo mais activo consoante os anos em que o corpo esteve enterrado. A morte é assim representada através do cheiro a putrefacção, do apodrecimento.

Houve neste estudo a tentativa de tentar *compreender de que forma a crença/religião poderá ou não condicionar a representação de morte nos coveiros*. No discurso dos inquiridos foi possível identificar uma elaboração sobre a morte sustentada pela religião católica, que pode ser compreendida como uma forma de amenizar o sofrimento do profissional diante da situação de confronto com a morte a que é exposto diariamente, libertando-o de uma maior responsabilidade, constituindo um mecanismo de defesa para a realidade inexorável da morte de cada um.

Apenas um dos coveiros referiu não pertencer à religião católica, mas mesmo assim, já cumpriu promessas associadas a uma figura mitológica cristã, com o objectivo de agradecer o prolongamento da vida da sua mãe. A crença nesta noção bíblica influenciou a representação de morte deste indivíduo, uma vez que a morte passou a ser negociável através da fé e da devoção.

Grande parte dos inquiridos utiliza a religião católica como refúgio, para que a morte seja mais suave. Através dos actos humildes na terra, serão salvos do inferno e enviados para o Céu, o Paraíso, onde descansarão em paz. Associada a este paraíso está a crença na imortalidade. Os ritos e crenças católicos que irão permitir viver após a morte são simbolizados através do sepultamento, em que o cadáver é conservado, e da renúncia da cremação. As cruzes latinas que comumente ornamentam os túmulos dos cemitérios portugueses, simbolizam Jesus Cristo que morreu na cruz e ressuscitou depois de ter sido sepultado. Os objectos tumulares (cruzes, vasos, anjos, santos), juntamente com a construção arquitectónica, representam simbolicamente a relação de aproximação entre vivos e mortos.

A crença na religião católica foi também utilizada como uma forma de aceitar os ritos fúnebres de outras religiões e como escape, isto é, perante o desejo de eutanásia, prática não aceite pela religião católica, um dos inquiridos enunciou o nome de uma figura bíblica, para que o seu desejo proibido fosse perdoado e ao mesmo tempo consumado.

O pecado acarreta vários medos, um deles o de ser excomungado e enviado após a morte para o Inferno, ardendo nas chamas, sendo assim uma forte convicção católica, dado que o cumprimento de todos os mandamentos irá trazer ao homem uma morte sem tumultos, uma boa morte e a ressurreição. Caso não exista o respeito pelos mandamentos católicos, a morte transformar-se-á em dor, trevas e desamparo, sendo o homem obrigado a pagar por todos os seus pecados praticados em vida nas chamas do Inferno.

Segundo Jaspers (s.d, citado por Aranha & Martins 1992, p.347), psiquiatra e metafísico Alemão, “ (...) existe algo em nós que não se pode crer susceptível de destruição”. Esta não-aceitação do fim, bloqueia o homem e fortalece a ideia do temor do desconhecido. Por isso, o temor e a angústia da morte levou a humanidade à crença da imortalidade, promovendo assim uma aceitação do sobrenatural, do divino imortal, que é justamente o que encontramos dentro dos cemitérios, nos símbolos e objectos tumulares, como também representa a aceitação dos mandamentos bíblicos por parte dos inquiridos.

CONCLUSÕES GERAIS E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Este estudo empírico teve como finalidade explorar as representações e emoções de coveiros portugueses perante a morte, de forma a contribuir para uma maior aceitação destes profissionais pela sociedade, assim como para poder desmitificar todo o processo do funeral, do acto de enterrar e do processo de exumação que estão ligados à morte propriamente dita.

Através da revisão da literatura, foi possível constatar que a morte teve diferentes conotações ao longo dos séculos. Essa mesma morte, ou o seu desconhecimento, inspirou poetas, músicos, artistas e homens comuns. “Há inúmeros registos sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas também como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio” (Kóvacs, 2002, p.2).

A morte, de uma forma geral, é a única certeza da vida, uma vez que se constitui no ponto crucial da existência e é assimilada pelos inquiridos como o fim e o recomeço de uma nova vida, indagada de incerteza, constituindo uma ameaça social aceitável, porque é inevitável, no entanto codificada pela religião. Esta condição reconfigura as antigas crenças e esperanças de imortalidade do Homem e indica que o desejo de perpetuação da vida está sempre presente.

Como fenómeno social, a morte e os ritos a ela associados consistem na realização do penoso trabalho de desagregar o morto de um domínio e introduzi-lo em outro. Tal trabalho exige todo um esforço de desvinculação e reorganização das categorias mentais e dos padrões de relacionamento social. O enterro, bem como as outras maneiras de lidar com o corpo morto, é o meio de a comunidade assegurar aos seus membros que o indivíduo falecido caminha na direcção de seu lugar determinado, sob controlo.

Reis (1991) refere que os ritos de passagem assumem a função de estabelecer a ordem social perdida com o evento da morte. Os falecidos, logo após a sua partida, transitam até alcançarem o seu firmamento no mundo dos mortos. No intuito de auxiliar esta passagem de maneira a que ela ocorra com segurança para ambos, mortos e sobreviventes - que temem a convivência com os duplos - é que se revelam os sentidos dos ritos praticados pelos vivos.

Os coveiros são espectadores privilegiados de um funeral, assistindo às emoções e reacções geradas pelos outros e doseando as suas próprias emoções. São os elos que marcam e asseguram a passagem dos mortos deste para um outro plano, socorrendo os sobreviventes, respeitando o luto dos mesmos, cuidando das campas, confraternizando com os visitantes do cemitério, demonstrando a sua disponibilidade. No fundo, estes profissionais frequentam o palco representativo do defunto que conserva a sua imortalidade simbólica, que é conservada no cemitério através de uma campa e das manifestações de louvor e de saudade dos familiares e amigos que o “visitam”. Freire (s.d.) expõe a ideia de que a relação simbólica instituída entre sociedade e cemitério abrange interpretações sobre a morte, a dor e o medo.

É notável que a prática da exumação, o cuidado com o corpo morto, indica uma forma de salvaguardar falecidos e sobreviventes. O local de sepultamento passa a ser visto como o espaço em que “habita” o morto. Freire (s.d.) refere que o absurdo da finitude humana reside em parte no facto de que a morte física não basta para realizar a morte nas consciências. A lembrança daquele que morreu recentemente continua a ser uma forma da sua presença no mundo. E esta presença só arrefece aos poucos, lentamente, por meio de uma série de dilaceramentos de que são vítimas os sobreviventes. A consciência não consegue pensar o morto como morto e por isso não pode furtar-se a atribuir-lhe uma certa vida.

Os inquiridos necessitam de uma disponibilidade física e psíquica muito grande nesta profissão, porque são expostos a situações que geram um rol enorme de emoções (enterros e exumações), da mesma forma que exercem um grande esforço físico nas actividades que desenvolvem: carregam caixões, levantam tampas de campas e lápides de mármore manualmente, abrem covas, etc.

Daí a importância de um bom ambiente profissional e familiar, facto que se confirmou, funcionando como um pilar de equilíbrio para estes profissionais. As actividades desenvolvidas nos tempos livres funcionam como uma mais-valia para os inquiridos, na medida em que ao fazerem o que lhes dá prazer, conseguem abstrair-se de algumas actividades que desenvolvem no cemitério e que por vezes lhes provocam alguma tensão.

Quanto ao perfil destes trabalhadores, Rodrigues (2007, citado por Freitas & Antunes, 2007) no artigo “Trabalhar com a morte”, refere que é necessário ter algumas qualidades: “Qualquer pessoa pode trabalhar nesta actividade, mas nem todos aguentam e acabam por abandonar o sector. Este é um ramo muito específico e convém que o funcionário não interiorize demasiado aquilo em que trabalha”.

Em jeito de conclusão, poder-se-á dizer que os coveiros se socorrem de vários mecanismos de defesa para enfrentar a morte, como, por exemplo, a negação e o isolamento das emoções, tentando proteger-se da angústia gerada pelo seu trabalho. Enfrentar a morte não é um processo desprovido de profissionalismo, sentimentos e emoções, uma vez que o corpo morto e as ossadas de um defunto têm uma representação muito forte no consciente destes profissionais.

Será pertinente propor uma questão para uma investigação futura: de que forma os visitantes dos cemitérios representam os coveiros e a morte? Perceber que assunções, representações e percepções existem nesse “*outro lado*”, nos que sofrem com a morte e que observam os que cuidam dos seus entes queridos, seria um complemento interessantíssimo para este estudo.

Há a aceção de que os meios de comunicação social isolam na obscuridade esta profissão, embora tenham a obrigação moral e cívica de acabar com o esquecimento dos coveiros na sociedade; no entanto, os meios de comunicação só irão fazer alusão a estes profissionais quando a sociedade validar os coveiros como importantes, principalmente a partir do momento em que a discussão do assunto lhes possa dar audiência, o que não ocorrerá facilmente devido à atitude de “*não encarar a morte*” por parte da nossa sociedade, assim como o que possa estar relacionada com a mesma.

Seria também pertinente que os meios de comunicação social aludissem de uma forma mais representativa e profunda ao tema da morte e do pós-morte, alicerçando a sua análise nos depoimentos dos profissionais que participam no processo do “*morrer*”.

Reconhecemos que há muito a ser descoberto neste campo de estudo, que tem sido pouco explorado.

Longe de serem conclusivos, os resultados obtidos nesta pesquisa podem abrir caminhos para trocas de experiências e ser fundamento para novos projectos que se destinem a perceber, com um olhar diferenciado, que representações têm da morte os coveiros pertencentes a outras religiões, assim como a necessidade de aprofundar e explorar mais este tema, abrindo novas pistas e perspectivas futuras.

Gostaríamos ainda de fazer um último apontamento. Deveria ser obrigatória a inclusão de Psicólogos nos cemitérios portugueses. Estes seriam fundamentais no acompanhamento e na supervisão dos profissionais que trabalham no cemitério (incluindo coveiros, jardineiros, auxiliares de limpeza), assim como poderiam acompanhar o processo de luto de algumas pessoas mais problemáticas que se deslocam ao cemitério para visitar os entes queridos.

Freire (s.d) vem validar esta ideia com um conceito semelhante instituído num cemitério no Brasil, “Morada da Paz”. As pessoas que estão a viver um processo de luto socorrem-se das actividades proporcionadas pelo cemitério que realiza missas semanais e tem um grupo de apoio psicológico que realiza “terapia do luto” – além de que a própria estrutura permite uma permanência mais demorada no local. A tranquilidade do local e a possibilidade de as pessoas expressarem a sua dor, de falarem sem constrangimento sobre os seus mortos tornou-se uma mais-valia. Os serviços oferecidos pela “Morada” podem estar a contribuir para uma transformação da concepção dos visitantes deste cemitério sobre a morte e sobre a perda, passando a utiliza-lo como um local onde são veiculadas formas de socialização.

Nada é permanente. Não somos donos de absolutamente nada, uma vez que tudo é efémero nas nossas mãos.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Esperamos ter conseguido lançar luzes sobre as percepções destes profissionais. A riqueza das entrevistas realizadas trouxe à tona informações sobre os mais variados temas, e assumimos a missão de compreender e reinterpretar o que estes indivíduos pensam sobre o que é trabalhar em contacto com a morte alheia, sobre as condições materiais disponíveis, sobre a sua qualidade de vida, o seu salário, a sua satisfação pessoal e o ambiente familiar em que estão inseridos, etc. O grande desafio foi conseguir tratar de cada um destes temas, e outros mais, sem incorrer na reprodução exaustiva de todas as falas interessantes (embora por vez tenha sido difícil delimitá-las por grau de importância), o que resultaria num amontoado repetitivo de citações e tornaria a leitura cansativa, o conteúdo um tanto caótico e o próprio trabalho uma mera transcrição acrítica.

Coube-nos, portanto, o papel de analistas críticos: sistematizar e interpretar essas informações, para que as suas conexões pudessem fazer algum sentido, ou para que, pelo menos, tivessem sido apresentados sentidos a questionar, debater e refutar. Termos assumido este papel foi assumir o risco de interpretar pensamentos e sentimentos alheios, com o objectivo de confrontar hipóteses pessoais e externas ao trabalho dos coveiros. Se o risco é inevitável, deverá ser revertido num factor benéfico, como uma constante exigência do cumprimento dos princípios éticos que nos orientaram, de fidedignidade às percepções dos sujeitos e à observação do investigador no campo por um período de seis meses.

Acreditamos que a escassez de estudos, em particular de dissertações sobre este fenómeno, se deve ao pouco valor atribuído à profissão de coveiro.

Fazer um estudo num cemitério, implica conhecer a sua rotina, a sua população do dia-a-dia e os seus rituais. Frequentá-lo é a melhor opção, apesar de na realidade ser *sui-generis* frequentar um cemitério, uma vez que a presença do observador num espaço quase sempre vazio chama sempre a atenção. O facto de a nossa amostra ser de apenas 12 indivíduos não permite que este estudo represente uma generalidade, mas que apenas forneça um estímulo para novos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aranha, M. e Martins, M. (1992). *Temas de Filosofia*. (2ª ed.). São Paulo:Ed. Moderna.

Ariés, P. (1977). *O Homem Perante a Morte II*. Portugal: Publicações Europa-América.

Ariés, P. (2003). *História da morte no ocidente. Da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Bardin L. (1994). Tradução Reto, L. e Pinheiro, A. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bawker, J. (Ed.). (2004). *A História ilustrada das religiões*. Cambridge: Selecções do Readers Digest.

Beauvoir, S. (1984). *Uma morte muito suave*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Becker, E. (1973). *The denial of death*. New York: Free Press.

Bénony, H. e Chahraoui, K. (2002). *A entrevista Clínica*. Lisboa: Climepsi Editores.

Blackie, N. (2000). Designing Social Research. *Polity Press, Cambridge* .(pp. 85-127).

Bogdan, R. e Biklen, S. (1999). *Investigação qualitativa em Educação -Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

- Bleger, J. (1980). *Temas em Psicologia*. Nuevos Aires: Nueva Vision.
- Brenner, C. (1973). *Noções básicas de Psicanálise – Introdução à Psicologia Psicanalítica*. (5ª ed.). Lisboa: Imago Editora.
- Carmo, H. e Ferreira, M.(1998). *Metodologia de Investigação - Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cassorla, R., Kovács M., Alves R., Barbosa M., Télis C. (Eds.). (1991). *Da morte: estudos brasileiros*. Campinas: Papirus.
- Cassorla, R. (2002). A Morte e o Morrer. In Botega, N. *Prática psiquiátrica no hospital geral: interconsulta e emergência*. Porto Alegre: Artmed Editora Ltda. (pp. 352-64).
- Chiavenato, J. (1998). *A morte: uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna.
- Chizzotti, A. (1998). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo.
- Cordon, T. e Martinez, J.(1998). *História da Filosofia, Filosofia Contemporânea*. Lisboa: Edições 70.
- Creswell, J. (1998). *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing among Five Traditions*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Dechesne, M., Pyszczynski, T., Arndt, J., Ransom, S., Knippenberg, A., & Janssenm J. (2003). Literal and symbolic Immortality: The effect of Evidence of Literal Immortality on self-esteem striving in response to mortality salience. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84 (4), 722-734.
- Doron, R. e Parot, F. (Eds.). (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Elias N. (2001). *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Feifel, H. (1977). *New meanings of death*. (Ed.) .New York: McGraw-Hill.
- Feifel, H., & Nagy, T. (1981). Another look at fear of death. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 49 (2), pp. 278-286.
- Ferreira, V. (1986). *Conta-Corrente*. (vol. 4). Lisboa: Livraria Bertrand.
- Figueiredo, E. (1993). *Angústia Ecológica e o Futuro*. Lisboa: Editora Gradiva.
- Figueiredo, L. (2000) *Matrizes do pensamento psicológico*. (8^a ed.). Editora vozes.
- Fortin, M. (1999). *O processo de Investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência. (Obra Original em Francês, 1996).
- Freud, S. (1996). *Actos obsessivos e práticas religiosas*. Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Freud, S. (1976). *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (1987). Luto e Melancolia, VOL XIV, 1917. In *Obras Psicológicas Completas de S.F.* Rio de Janeiro: Edição Standard Brasileira Imago. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2001). *A interpretação dos sonhos*. (8^a ed.) Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900).
- Gaarder, J., Hellern, V. e Notaker, H. (Eds.). (2002). *O livro das religiões*. (3^a ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Greenwood, E. (1973). Métodos principales de Investigación social empírica. *Metodologia de la investigation social. cap. 6, Buenos Aires*. pp. 106-126.

Hill, M. e Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Howarth, G. e Leaman, O. (Eds.) (2004). *Enciclopédia da morte e da arte do morrer*. Lisboa: Quimera Editora.

Jaspers, A. (1994). Issues in phenomenology for researchers of nursing. *Journal of advanced nursing*. 19(2), 309-314.

Jodelet, D. (1997). *Les représentations sociales*. France : PUF.

Jung, C. (1984). *Obras completas - Psicologia e religião*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes.

Kastenbaum, R., & Aisenberg, R. (1972). *The Psychology of Death*. New York: Springer.

Kovács, M. (2002). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kubler-Ross, E. (2000). *A roda da vida. Memórias do viver e do morrer*. (7ª ed.). Rio de Janeiro: Sextante.

Kubler-Ross, E. (2003). *O túnel e a luz*. São Paulo: Verus.

Lifton, J.R. (1976). *The life of the self*. New York, Touchstone.

Lifton, J.R. (1979). *The broken connection: On death and the continuity of life*. New York: Simon & Schuster.

Lunardi W., Sulzbach R., Nunes A., Lunardi V. (2001). Percepções e condutas dos profissionais de enfermagem frente ao processo de morte e morrer. *Texto Contexto Enferm.* 10(3), pp.60-81.

Mannoni, M. (1991). *O Nomeável e o inominável – A última palavra da vida.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Menezes R. A. (2004). *Em busca da boa morte: Antropologia dos cuidados paliativos.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Merteus, D. (1998). *Research Methods in Education and Psychology. Integrating diversity with quantitative and qualitative approaches.* Thousand oaks: sage publications.

Minayo, M. (1996). *O desafio do conhecimento.* São Paulo: Hucitec- Abrasco.

Minuchin, S. (1979). *Familles en Thérapie.* Paris : J.P. Delargue.

Montagu, A. (1978). *A natureza da agressividade humana.* Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Morin, E.(1988). S.L. *O homem e a morte.* Publicações Europa - América. (original publicado em 1970)

Morse, J. (Ed.). (1991) *.Qualitative Nursing Recsearch. A contemporary dialogue.* Newbury Park: Sage publications.

Morse, J. (Ed.). (1994). *Critical Issues in qualitative research methods.*..Thousand oaks: Sage publications.

Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public.* Paris : Presses Universitaires de France.

Moscovici, S. (1995). Prefácio. In P. Guareschi & S. Jovchelovich (Eds.). *Textos em representações sociais*. (6ª ed.). Petrópolis : Editora Vozes.

Moscovici, S. (1997). Des représentations collectives aux représentation sociales. In D. Jodelet (Ed.). *Les représentations sociales* .(5ª edição). Paris : Presses Universitaires de France.

Moustakas, C. (1994). *Phenomenological Research Methods*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Olabuénaga, J. (2000). *Metodologia de la Investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.

Oliveira, J. (1998). *Viver a morte – abordagem antropológica e psicológica*. Coimbra: Livraria Almedina.

Parkes, C., Laungani, P. e Yong, B. (Eds.). (2003). *Morte e Luto através das culturas*. Lisboa: Climepsi Editores.

Pessoa, F. (1945). *Mensagem*. Lisboa: Editora Atica.

Pimentel, L. (2001). *O lugar do idoso na família: Contextos e trajetórias*. Coimbra: Quarteto Editora.

Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

Reis, J.(1991). *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia de Letras.

Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família – Perspectiva Sistémica*. Porto: Afrontamento.

Ribeiro, J.(1999). *Investigação e avaliação em Psicologia e Saúde*.Lisboa: Climepsi Editores.

Rodrigues, J.(1986). *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Dois Pontos.

Rodrigues, J. (2002). *Acompanhamentos fúnebres - Rituais funerários em Pousade*. Câmara Municipal da Guarda.

Sato, L.(1995). O conhecimento do trabalhador e a teoria das representações sociais. In: *Sofrimento psíquico nas organizações* (W. Codo & J. J. C. Sampaio, orgs.). Petrópolis: Vozes.

Santos, P.I. (2001). *Ninguém morre*. Lisboa: Editorial Minerva.

Schopenhauer, A. Die Welt als Wille und Vorstellung I (O Mundo como Vontade e Representação I). Livro I. In: Saemtliche Werke. (Ed.) Wolfgang Frhr. Von Loehneysen. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1986, volume I, p. 75.

Schopenhauer, A. Die Welt als Wille und Vorstellung II (O Mundo como Vontade e Representação II). Suplementos ao primeiro volume. In: Saemtliche Werke. Ed. Wolfgang Frhr. Von Loehneysen. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1986, volume II, p. 83.

Seabra, A. (1996). *Morte em Psicopatologia e Psicoterapia*. Porto: Hospital Conde Ferreira. pp. 28-39.

Seligmann, E., 1994. *Desgaste mental no trabalho dominado*. Rio de Janeiro: Ufrj/ Cortez.

Silva, M. (2000). *O amor é o caminho: maneiras de cuidar*. São Paulo: Gente.

Spink, P. (2003). *Psicologia Social e saúde: Práticas, saberes e sentidos*. Rio de Janeiro: Vozes.

Turato, E. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes.

Unruh, D. R. (1983). Death and personal history: Strategies of identity preservation. *Social problems*, 30 (3), 98-106.

Vala, J. (2000). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala & M. Monteiro (Eds.). *Psicologia Social* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Zaidhaft, S.(1990). *Morte e Formação Médica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS CONSULTADOS

Bernieri, J. e Hirdes, A. (2007). *O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte – morrer* - Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Enfermagem. Recuperado a 10 de Fevereiro de 2007, de www.textoecontexto.ufsc.br

Coutinho, M., Vasconcelos, A. e Carneiro, V. (2003). O significado da morte para os sepultadores: um estudo em representações sociais. In: III Jornada Internacional e I Congresso Brasileiro sobre Representações Sociais. Rio de Janeiro-RJ. Anais do III Jornada Internacional e I Congresso Brasileiro sobre Representações Sociais, 2003. Recuperado a 12 de Julho de 2007, de www.cchla.ufpb.br/pospsi/CurriculoMariaDaPenha.htm - 172k -

Esslinger, I. (2003). O paciente, a equipa de saúde e o cuidador: de quem é a vida afinal?...um estudo acerca do morrer com dignidade. Tese de doutoramento, Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo. Recuperado a 2 de Junho de 2007, de (www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

Faria, M. (1991). *Um Estudo Sobre A Prevalência de Distúrbios Psiquiátricos Entre Os Sepultadores do Serviço Funeral do Município de São*. Recuperado a 13 de Julho de 2007, de [sistemas.usp.br/atena/atnCurriculoLattesMostrar? Codpes=36171](http://sistemas.usp.br/atena/atnCurriculoLattesMostrar?Codpes=36171) - 111k -

Freire, M. (s.d.). *Isolamento e sociabilidade no luto: a formação de redes sociais no ambiente cemiterial*. Recuperado a 22 de Maio de 2008, de [http:// revista-redes.rediris.es/webredes/arsrosario/01-Freire.pdf](http://revista-redes.rediris.es/webredes/arsrosario/01-Freire.pdf)

Freitas, M. e Antunes, A. (2007). *Trabalhar com a morte*. Recuperado a 20 de Outubro de 2007, de <http://clix.expressoemprego.pt/>

Lima, E. (2002). Vivendo entre túmulos – *As representações dos caveiros sobre a ideia de morte*. Recuperado a 13 de Julho de 2007, de servicos.capes.gov.br/arquivos/avaliacao/estudos/dados/2005/24001015/034/2005_034_24001015004P3_Lin_Pesq.pdf –

Magão, M. e Leal, I. (2001). *A esperança nos pais de crianças com cancro. Uma análise fenomenológica interpretativa da relação com profissionais de saúde*. *Psicologia, saúde & Doenças* 2 (1), 3-22. Recuperado a 13 de Julho de 2007, de www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v2n1/v2n1a01.pdf -

Quintana, A. e Kegler, P. (2006). *Sentimentos e percepções da equipa de saúde frente ao paciente terminal*. Recuperado a 13 de Julho de 2007, de www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a12.pdf -

Ribeiro, M., Baraldi, S. e Silva, M (1998). *A percepção da equipe de enfermagem em situação de morte: ritual do preparo do corpo "pós-morte"*. *Rev. Esc. Enf. USP*, v.32, n.2, p. 117-23, ago. Recuperado a 10 de Setembro de 2007, de www.ee.usp.br/receusp/upload/pdf/425.pdf -

Sapeta, P. (1999). A família face o doente terminal hospitalizado. *Enfermagem Oncológica*, n° 12. Porto, ISSN, 0873 – 5689. pp. 20 – 24. Recuperado a 20 de Julho de 2007, de www.ordemenfermeiros.pt/index.php?Page=72&pag=3 - 131k –

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Representações e emoções de coveiros Portugueses face à morte

Volume II

ANEXOS

Cláudia Cristina Carreiro Modesto Zelenovic

Porto, 2008

Anexo 1 - Ficha de datos demográficos

Entrevista n° _____

Data ___/___/___

DADOS DEMOGRÁFICOS

Sexo:

(1) Masculino

(2) Feminino

Idade: _____ Anos

Estado Civil:

(1) Casado(a)

(2) Solteiro(a)

(3) União de Facto

(4) Separado(a)

(5) Divorciado(a)

(6) Viúvo(a)

Tem filhos? (1) Sim __ (2) Não __

Se sim, quantos? _____

Habilitações Literárias: _____

Profissão: _____

Local de trabalho: _____

Anos de prática profissional: _____ Anos

Número de enterros que realizou: _____
(aproximadamente)

Sente-se realizado com o ordenado?

(1) Sim__ (2) Não__ (3) Mais ou menos__

Tem coveiros na família?

(1) Sim__ (2) Não__

Se sim, quem? _____

Descreva um dia de trabalho: _____

Filiação Religiosa: _____

(1) Praticante__

(2) Não Praticante__

(3) Outro _____

Anexo 2 - Quadro nº 1- Características sociobiográficas da amostra

Quadro nº 1- Características sociobiográficas da amostra

Coveiros	Sexo	Idade	Escolaridade	Estado civil	Nº de filhos	Experiências profissionais anteriores	Filiação religiosa	Há quantos anos trabalha como coveiro	Nº de enterros realizados aproximadamente
C1	Masculino	31	6º ano	União de Facto	1	Trabalhou num bar	Católico	1,5	500
C2	Masculino	53	4ª classe	Casado	2	Trabalhou na lavoura	Católico	35	10 000
C3	Masculino	48	9º ano	Casado	2	Foi funcionário na área do comércio durante 25 anos	Católico	6	2 000
C4	Masculino	26	11º ano. Está matriculado no 12º ano	Solteiro	0	Era serralheiro	Católico	1,5	100
C5	Masculino	54	4ª classe	Casado	2	Trabalhou numa fábrica têxtil	Católico	18	6 000
C6	Masculino	47	2ª classe	Casado	2	Trabalhou na lavoura	Católico	27	1500
C7	Masculino	43	4ª classe	Casado	2	Foi vendedor de electrodomésticos e esteve no ramo da construção civil	Católico	8	100
C8	Masculino	48	4ª classe	União de Facto	0	Esteve no ramo da construção civil, exercendo a função de pintor	Católico	2,5	4 000
C9	Masculino	39	9º ano	Solteiro	0	Trabalhou 9 anos num navio e 9 anos na apanha da amêijoa	Não tem credo	8	20 000
C10	Masculino	53	4ª classe	Casado	2	Cantoneiro de um cemitério	Católico	27	40 000
C11	Masculino	50	4ª classe	Casado	2	Motorista de uma Câmara de Cidade	Católico	20	45 000
C12	Masculino	52	4ª classe	Casado	3	Cantoneiro de um cemitério	Católico	23	50 000

ANEXO 3- Entrevistas

ENTREVISTAS

Cemitério “X” 19/11/07

Desloquei-me ao cemitério “X” (cemitério municipal da cidade “A”) por volta das 17h, apenas para fazer uma observação informal e geral da área e dos coveiros que lá trabalham.

Tinha acabado de chover e deduzo que por esse motivo se sentia um cheiro invulgar de cadáver a pairar no ar e a entrelaçar-se nas minhas entranhas. O cemitério é extenso e imponente. Grande parte das campas estava coberta de flores e de velas vermelhas. Existem muitos jazigos e estátuas grandiosas que brotam das campas.

Existe uma Igreja na parte central do cemitério. Limitei-me a observá-la exteriormente.

Parei diante de uma campa que me chamou a atenção. Uma rapariga bela, graciosa tinha falecido em 2000, com apenas 23 anos, o que me causou um ligeiro incómodo. Logo de seguida pensei - *como é efémera a vida*. Quando me afastei, passados alguns instantes, observei os pais da rapariga que surgiram de surdina, envoltos num semblante cru e perdido, iniciando uma tarefa que me pareceu já pertencer às suas rotinas. Limparam a campa e encheram-na de flores, apoiando-se um no outro com uma vontade incessante de manter vivo quem já não está entre nós.

Funeral 1

À medida que fui caminhando nas ruas cinzentas do cemitério, avistei o que parecia ser a parte final de um funeral. Meia dúzia de pessoas vestidas de negro, algumas ostentando óculos escuros para esconder as lágrimas. Os quatro coveiros já estavam na parte final no funeral. Acabavam de atirar os últimos rasgos de terra para o caixão, cada um carregando uma enorme pá. Os seus rostos estavam cabisbaixos, enleados na rotina do dia a dia. Proferiam algumas palavras entre si relacionadas com o que estavam a fazer.

Uma jovem que pertencia ao grupo de pessoas que ainda permanecia no funeral, observando o caixão enterrado a transformar-se numa campa, aproximou-se dos coveiros dizendo-lhes qualquer coisa, o que eles ouviram com atenção. Depois, passados alguns segundos voltou a afastar-se e continuou a observar os coveiros que agora começavam a recolher as flores e coroas que se encontravam perto do carro funerário.

Os agentes funerários vestidos de negro, estavam a falar com alguns familiares da pessoa falecida, talvez para acertar os últimos pormenores do pagamento, entraram no carro funerário e com a ajuda dos coveiros fizeram inversão de marcha, desaparecendo rapidamente na estrada central do cemitério.

Os coveiros, carregando as pás caminharam lentamente para um pequena armazém perto da campa onde tinham estado, onde as depositaram. Houve de seguida um momento de convívio entre alguns coveiros do cemitério que se encostaram a uma carrinha ali parada. Conversavam pausadamente e o corpo mais relaxado.

Cemitério “X” 21/11/07

Para proceder ao pedido de autorização para falar com os coveiros, tive que falar com o Sr. N, o chefe dos 11 coveiros do cemitério, por volta das 16:15.

O Sr. N, um homem de porte médio, rosto oval, olhos profundos não é coveiro e apenas supervisiona como se desenrolam as actividades no cemitério, é denominado pelos coveiros de “chefe”. Foi-me dada carta verde para entrevistar os coveiros que necessitar, durante o tempo que julgar necessário. Não será necessário nenhum documento da Faculdade a comprovar o estudo.

O horário de trabalho dos coveiros tem início às 9h até às 12:30 e reinicia às 14h e termina às 17:30, durante a semana e fins-de-semana.

O C3 é coveiro há 10 anos. É um homem de altura média- alta, rosto oval, boas maneiras, bom ouvinte, prestável, simpático e muito participativo. Era comerciante antes de ingressar nesta profissão. O primeiro Cemitério em que trabalhou foi numa freguesia perto, durante quatro anos. Há seis anos que trabalha no cemitério “X”.

Não foi difícil ingressar nesta profissão, uma vez que quando ainda era comerciante, era habitual deslocar-se ao primeiro cemitério onde trabalhou, para se encontrar com amigos que lá trabalhavam. Tinha por hábito observar o trabalho por eles desenvolvido, portanto quando concorreu para o concurso de coveiro no cemitério “X”, foi para ele fácil dominar questões como “funduras” ou “tempo de enterramento”. Não teve nenhuma formação específica na área, tudo o que sabe resultou da observação e de conversas informais com os amigos.

Encarou com normalidade começar a trabalhar num cemitério, ainda para mais, já conhecia grande parte dos colegas. Acha que encara a morte com naturalidade e até deu o exemplo de muitas famílias que também encaram com bastante naturalidade o levantamento de ossadas de familiares “...não se nota aquele medo”.

Falou de um episódio carismático que aconteceu há pouco tempo no cemitério “X”, embora eu não o tenha questionado sobre um enterro ou situação que o tivesse marcado no cemitério, o C3., ele próprio sentiu a necessidade de falar numa exumação de um corpo de homem que estaria enterrado há sensivelmente 3 meses. Dirigiu-se ao local uma vasta equipa multidisciplinar, desde médicos, advogados, polícia, detectives, etc.

O C3 e alguns dos seus colegas participaram na exumação do corpo, utilizando máscaras para o efeito, e referiu franzindo os olhos “...o médico nem usou máscara...já deve estar mais habituado do que nós”. O corpo do senhor em questão estava negro e inchado, o cheiro era putrefacto.

“ O médico serrou a cabeça do senhor com uma...parecia uma moto -serra....ou serra eléctrica e tirou o cérebro....também lhe cortaram a barriga e tiraram-lhe os pulmões e mais qualquer coisa....foi uma coisa diferente de se ver....aquele cheiro ficou nas nossas roupas”, referiu bastante incomodado, à medida que esfregava as mãos.

Os coveiros que participaram na exumação, tornaram a enterrar o corpo.

Cemitério “X” 29/11/07

Entrei no Cemitério “X” por volta das 17:10. O silêncio era penetrante, o céu estava alaranjado com alguns tons de vermelho. O único ruído que ouvi ocasionalmente, à medida que passava pelas árvores plantadas, eram os pássaros. Começava discretamente a escurecer. Observei os vários jazigos que estão plantados na estrada principal. De repente reparei que um deles estava aberto, facto, que me assustou momentaneamente.

Ao lado da Igreja, está um tipo de casebre entrelaçado a um balneário, o espaço físico que os coveiros utilizam para trocar de roupa, tomar banho, guardar os pertences, comer, descansar e socializar.

Da parte de fora do casebre, observei um pequeno tractor estacionado. Olhei para dentro do casebre e reparei que ali os coveiros fazem as refeições. Existe uma mesa, um fogão, um frigorífico e um microondas. Havia um rádio ligado. Era possível ouvir uma música alegre, tradicional Portuguesa.

Aquele casebre está a uns escassos metros das campas. A vista para as campas está coberta por uma cerca de arbustos. A parte de trás do casebre e dos balneários está encostada a uns gavetões.

Ouvia vozes, vozes exaltadas. Os coveiros estavam nos balneários a prepararem-se para sair, findando mais um dia de trabalho.

Alguns discutiam questões relacionadas com uma assembleia-geral e com votos, outros comentavam em voz alta futilidades e saltavam gargalhadas.

Os balneários encontram-se numa cave. Através de duas estreitas janelas, observei que os coveiros se encontravam no seu interior.

Tentei bater à porta no primeiro andar, onde se encontram as casas de banho públicas, no entanto ninguém me ouviu. Tentei repetir o procedimento sem êxito.

Um gato preto trespassou rapidamente o meu ângulo de visão, o que fez com que o meu coração acelerasse. A escuridão quase cobria por completo o manto branco do cemitério. A calma finalmente era imperatriz. Os seis coveiros surgiram das instalações. Abordei-os, mas já era 17:30 e estava na hora de saírem. Observei que caminhavam apressadamente para a saída do cemitério, envolvidos num ambiente de companheirismo e algumas risotas. Foram simpáticos. Falhei-lhes novamente do estudo, porque alguns dos coveiros ainda não tinham sido informados do estudo. Penso que o ego de grande parte deles aumentou quando se aperceberam pelo meu interesse pela sua profissão....observei expressões de contentamento em grande parte deles.

Todos aceitaram participar, sem exceção. Perguntei pelo C3, responderam-me que ele tinha tido um pequeno acidente naquele dia e que se tinha aleijado numa perna e que se encontrava de baixa.

Do grupo de seis, três são bastante novos. Indicaram-me que a melhor hora para falar com eles, seria às 16h. Poderia ser no dia seguinte, no dia 30/11/07, alertaram-me apenas para a greve geral da função pública, mas que iria encontrar pelo menos três deles a trabalhar e que estariam disponíveis para falar comigo, preferencialmente de tarde, a partir das 14h, porque da parte da manhã iriam ter dois funerais. Um deles repetiu (C1) – “ É... amanhã de manhã vai ser complicado...dois funerais...é melhor vir de tarde” – levantando as sobrancelhas, bufando com uma expressão preocupada, um pouco fatigada, mas empenhado em cumprir o seu dever.

Enquanto caminhávamos para a saída do cemitério, uma mulher e um homem vestidos de negro, entraram apressadamente no cemitério, observando os coveiros com uma expressão instigadora e fugidia, como se eles representassem algo que não queriam encarar e que não deveria ter acontecido.

Despedi-me e abandonei o local.

Cemitério “X” 30/11/06

Cheguei ao cemitério “X” às 15:10. O frio tentava-se apoderar do meu corpo, contudo era disfarçado pela força de um sol que nada devia à timidez.

À medida que atravessava o cemitério, observei várias pessoas que limpavam as campas, outras que depositavam flores. A presença de tantas pessoas transformou o cemitério num local repleto de normalidade, onde os actores sociais a que ele recorria desenvolviam os seus ritos.

Desloquei-me ao casebre dos coveiros, mas não encontrei lá ninguém.

Observei o espaço circundante e reparei que estavam estacionados dois carrinhos de mão, um tractor e depositados dois sacos de cimento abertos e alguns baldes de plástico que as pessoas recorriam para lavar as campas.

Várias pedras de mármore que outrora pertenceram a sepulturas, estavam sobrepostas.

Observei que existem auxiliares de limpeza no cemitério. Três delas limpavam o espaço subjacente às campas, enchendo baldes e varrendo.

Parei na parte lateral da Igreja, com vista para o casebre dos coveiros, e perguntei á auxiliar de limpeza que estava encostada a uma das portas, se sabia onde estavam os coveiros. Respondeu-me que normalmente aquela hora (16h ás 16h20) estava a lanchar. Normalmente, alguns deles costumam lanchar no casebre referiu que os conhece muito bem, pois trabalha no cemitério há 20 anos.

Deduzi que o seu contributo seria interessante e resolvi entrevista-la. Concordou que eu gravasse a entrevista.

É uma mulher de porte baixo, de gestos finos e cuidados, tem um semblante doce e uma voz meiga. É muito simpática e prestável e disponibilizou-se automaticamente a participar no estudo.

ENTREVISTA Nº 0 – Sra. L Empregada de Limpezas do Cemitério

Iria perguntar-lhe o seu nome, a sua idade...já me disse que não é casada...

Sra. L. - Eu chamo-me L e tenho 40 anos e trabalho aqui há 20 anos. Sou solteira e não tenho filhos.

Como é que veio trabalhar para o Cemitério?

Sra. L - Eu conhecia um senhor que trabalhava aqui, que me perguntou se eu queria vir trabalhar para aqui...fui a concurso e foi assim que eu entrei.

Esse Senhor é coveiro?

Sra. L - Não, o chefe.

O que é que fazia quando veio para cá?

Sra. L - Não fazia nada.

E o que é que sentiu quando veio para cá trabalhar?

Sra. L- Muita impressão...de ver os outros funerais e assim...

À medida que o tempo foi passando, foi-se habituando?

Sra. L- Sim...

Qual é a imagem que você tem dos seus colegas coveiros?

Sra. L- É assim, ser coveiro é uma profissão como outra qualquer...Eu já os conheço há muitos anos e sou amiga deles todos.

Como é que acha que eles próprios percebem a morte e os enterros que fazem?

Sra. L - Acho que para eles não é nada de especial...é um trabalho que têm que fazer...acho eu...

Mas você conhece os seus colegas ao nível dos sentimentos, alguma vez já viu algum em baixo, mais triste depois de ter feito um funeral?

Sra. L - Vi, quando um colega nosso deles faleceu aqui há uns tempos atrás...

Era coveiro?

Sra. L- Sim, sim...

E eles tiveram que fazer o funeral?

Sra. L - Tiveram que vir para aqui...

Foi triste?

Sra. L - Foi triste.

A senhora já assistiu a algum funeral que a tivesse deixado mais emocionada, que se lembre...

Sra. L - Pessoas assim jovens, ou que morrem de acidente ou assim...é um bocado complicado...acho eu...

O que é que sente?

Sra. L - Sinto pena, sinto...acho que revolta.

E quando são pessoas mais velhas, consegue encarar melhor?

Sra. L. - Sim, acho que quando são pessoas com uma certa idade, que se encara melhor aceita melhor a morte.

Em relação aos seus colegas coveiros, acha que eles também ficam mais revoltados quando são pessoas mais jovens?

Sra. L - Penso que, ficam...mas acho para eles é mais fácil...como fazem funerais e assim...é mais fácil fazerem essas coisas.

Quais são as suas funções aqui?

Sra. L - Faço limpezas...

Disse-me que abre a Igreja...

Sra. L - Sim.

Trabalha aos fins-de-semana?

Sra. L - Não, não, só de segunda a sexta.

Qual é o seu horário?

Sra. L - Entro às 8:30h, depois entro às 14h e saio às 17:30.

Disse-me que fazem missas dentro da Igreja...

Sra. L - Há mais ao fim de semana. Há semana é mais quando há funerais e o corpo vem para aqui...de ciganos por exemplo...

Disse-me que há caixões que ficam aqui.

Sra. L - Sim há caixões que antes de serem levados para a sepultura, ficam aqui de um dia para o outro, os que vêm de longe.

Há algum funeral que você se recorde, com mais nitidez que a tenha chocado mais?

Sra. L - Aqueles moços...há dois anos, aqueles jogadores de "C"...por acaso vierem para aqui...um era neto de uma vizinha e chocou-me muito... eram muito jovens e chocou-me bastante...há coisas que marcam bastante...

Se não tivesse esta profissão, o que gostava de fazer?

Sra. L - Não sei, nunca pensei muito nisso.

O que é para si a morte?

Sra. L- Acho que é o fim da vida...Acho que é o fim de alguma coisa mais que não sei explicar...não sei...

Como é que define trabalhar neste cemitério?

Sra. L - Nunca pensei muito nisso...moro aqui perto...

Já entrou na sua rotina?

Sra. L - Sim, já entrou na minha rotina, é o meu trabalho.

Sente algum tipo de serenidade, aqui?

Sra. L - Sim, principalmente quando é de manhã cedo, anda-se aqui muito bem...sente-se por vezes uma paz.

Muito obrigada, vamo-nos cruzando por aqui.

Quando terminei a entrevista, despedi-me e voltei a procurar os coveiros. Era dia de greve da Função Pública. Nem todos se encontravam a trabalhar. Abordei um indivíduo da construção civil que constrói campas e jazigos, perto do casebre. Indicou-me que dois dos coveiros estavam na parte lateral esquerda do cemitério.

Ainda não conhecia aquela parte do cemitério. Os dois coveiros estavam a arear a terra perto dos jazigos construídos recentemente e alguns em construção. Abordei os dois para a entrevista. Já me conheciam do dia anterior e prontificaram-se a participar. Decidi entrevistar aleatoriamente o C1, o mais novo dos dois. Pedi autorização para gravar a entrevista, que me foi cedida.

O C1 tem um porte médio baixo, olhos sinceros, um semblante simpático e doce e possui muito boa aparência.

ENTREVISTA Nº1 – C1

O C1 respondeu às perguntas, no mesmo sítio onde o encontrei, apoiado no aro de ferro que o ajudava a arear a terra.

Idade?

C1- 31

Estado civil?

C1- União de facto

Filiação religiosa?

C1- Católico praticante.

Habilitações literárias?

C1- 6º ano. Vou começar a estudar à noite para completar o 12º.

Numero de enterros que realizou.

C1- 500

Sente-se realizado com o ordenado?

C1- Não.

Tem coveiros na família?

C1- Sim, tio (um dos coveiros que não deu entrevista).

Descreva um dia de trabalho.

C1- Entro às 9h. Abro uma cova, que demora aproximadamente meia hora e faço um enterro. A hora do lanche é das 10h às 10:20m Depois faço manutenção do cemitério e às 12:30m vou almoçar. Entro novamente às 14h, preparo a cova para um outro funeral às 15.00h. O lanche é das 16h às 16:20. A saída é às 17:50m.

Gostaria de perceber há quanto tempo trabalha aqui?

C1- Eu trabalho aqui há mais ou menos de um ano e meio.

O que é fazia antes de trabalhar aqui?

C1- Trabalhava num bar.

O que é que o fez vir para cá trabalhar?

C1 -Primeiro é a segurança que este trabalho me dá...Trabalhar para o estado entre aspas, foi uma das coisas que a nível de emprego....os patrões não é tão sério...Nós temos muitas regalias a nível de governo...regalias que lá fora não temos...digo eu. Foi mais para experimentar isto...o que é isto, o que é a vida de coveiro uma coisa que eu acho que...há muita gente que diz que não sabe como isto é...como é que hei-de dizer...há muita gente que diz que isto é uma profissão muito má, mas eu não acho nada de anormal.

Uma profissão normal...

C1- Exactamente.

E o que é que sentiu quando veio para cá trabalhar? Conhecias aqui alguém?

C1-É assim, tenho aqui família...tenho aqui o meu tio que é chefe...Conheci aqui o pessoal...e no dia a dia começámos a conhecer-nos uns aos outros.

É diferente trabalhar num bar e trabalhar aqui....Não é?

C1 - É! (risos)

Não sentiu nenhum aperto no estômago?

C1 - No princípio...(expressão constringedora) há sempre aquele receio de como é que vai ser, como é que não vai ser... (tocava insistentemente no aro com as mãos, fazendo movimentos giratórios).Uma pessoa mexer com ossadas, mexer com essas coisas...é a coisa mais natural que há...é como trabalhar num bar...uma pessoa tem que mexer em computadores, isto e aquilo...falar com pessoas...as coisas é como eu digo, depende da mentalidade das pessoas.

Que requisitos foram necessário para vir trabalhar para cá?

C1 - Aqui foi mais...fomos a concurso...simplesmente como é que fazia as covas e depois no dia a dia de nós trabalharmos aqui, vamos aprendendo.

Disse que tinha que saber como se abria as covas...

C1 – Sim, e as medidas, perguntas ao nível a que horas temos que entrar e que não temos que entrar...essas coisas assim...

Como é que aprendeu as questões relacionadas com as covas, medidas, etc?

C1 – Isso perguntei a pessoal de fora...Qual era as medidas e isso assim...

Gostaria que me descrevesse um enterro que tenha feito, que o marcou até hoje.

C1 – Silêncio... (olhos cabisbaixos) Funeral, funeral...talvez fosse ali um na secção “x.”uma senhora dos seus quarenta e poucos anos...é...quarenta e poucos anos...estava muita, muita gente...e o que me chocou assim um bocado é ela ser jovem...e estar muita gente aqui...já houve funerais com muito mais gente...outro ali...também na “y” ...teve muita, muita gente...um professor que morreu...que também trouxe muita, muita gente...as homenagens que lhe fizeram e assim essas coisas...(desviava várias vezes o olhar para baixo).

Mexeu consigo, ele ter muitos amigos?

C1 – Em grande parte sim... (mexeu várias vezes na ponta de madeira do aro).Eu espero que um dia que aconteça isso comigo...como é que as pessoas vão reagir...mas é como eu digo, isso vai do dia a dia. Não é assim nada que me choque...nada me choca hoje em dia...prontos, é como lhe digo, vai do dia a dia, muita coisa que a gente vê aqui no dia a dia.

Que sentimentos surgiram em si?

C1 – Prontos...ficamos sempre com aquele receio, de um dia quando nos acontecer a nós, como é que vai ser? Isto nunca se sabe...como esse senhor que morreu de repente...nós trabalhamos aqui e de repente pode-nos acontecer qualquer coisa. Sentimentos...sentimentos...(pfffff...)se fosse família, pessoas chegadas...ainda bem que não aconteceu nada, pessoas chegadas.

**Quando enterra alguém, em que é que pensa? O que lhe vem à cabeça?
Tenta abstrair-se?**

C1 – É como eu digo, é a coisa mais natural que pode haver...Isto é nosso trabalho...é o dia a dia...Uma pessoa não pode juntar sentimentos com trabalho.

Não digo que... (esfregava insistentemente as mãos) as pessoas quando choram, que uma pessoa não possa ficar um pouco nostálgico de ver as pessoas a chorar, mas não...é como eu digo, isto vai da parte do dia a dia...os primeiros é claro, costumam sempre... (olhava para o chão).

Uma pessoa vê as pessoas a chorarem e as pessoas a serem enterradas, mas vai do dia a dia...para quem trabalha aqui há um ano e meio, uma pessoa vai-se habituando....No início não estava habituado a isto, não sabia o que era isto...mas não é nada...

E no que tenta pensar quando está a enterrar alguém?

C1 – Sei lá... no nosso trabalho, no que a gente tem de fazer.

Costuma pensar na sua vida, na sua família, para se tentar abstrair?

C1 – Hum...A única coisa que pensei e já falei...foi mais ou menos há três meses quando morreu a minha avó....e o funeral foi em Agosto.

Foi aqui?

C1 - Não, não foi aqui. Os primeiros é sempre mais complicado...e a minha avó como sempre morou comigo... (demonstrou tristeza e falou pausadamente) e depois no trabalho, uma pessoa pensa naquilo...é o primeiro, o segundo... mas depois isso passa.

Que sentimentos imagina que estejam mais presentes nos seus colegas de trabalho, quando enterram alguém? Acha que eles têm personalidades diferentes, acha que há algum mais emotivo?

C1 – Pelo que vejo aqui entre colegas...eu e mais dois que estamos aqui novos...pode haver assim qualquer coisa, ficarem mais tocados nos funerais, mas os que têm mais quinze, vinte anos que nós, que já passaram por tanta coisa...Isto aqui teve que ser explorado...Agora há máquinas e outras coisas...eles passaram por muita coisa que a gente não vai passar....Eles são muito mais maduros do que nós...a gente aprende muito mais com eles....têm muito mais experiência, simplesmente eles ensinam muito mais e aprendi coisas que não sabia com eles...eu que estou aqui há um ano e meio.

Já se sentiu descambar, ficar mais triste?

C1 – Sim há aquelas pessoas chegadas...há gente que mora aqui perto e quando eles vêm para aqui, há sempre aquele sentimento... (semblante triste e longínquo) as pessoas mais chegadas...é como eu, se viesse para cá algum amigo...por acaso ainda não veio...que convivesse comigo...é sempre mais complicado (...)

(...) isso nós nessa altura, quando são esses funerais...por exemplo, quando é um amigo chegado, eu nunca iria fazer o funeral, há sempre duas pessoas a fazer isso...

O que costuma fazer quando não está a trabalhar?

C1 – Jogar à bola... (sorriso de satisfação) uma coisa que eu adoro, sempre adorei jogar à bola...sei lá...às vezes vou a um bar...ou fico em casa às vezes a ver televisão.

É casado?

C1 – Junto.

Tem filhos?

C1 – Vai nascer agora um.(sorriso) Vem um agora a caminho...é coisa melhor que há... (semblante sorridente e iluminado). Para mim é bom, porque os meus pais, têm três netos rapazes, e agora nascer uma neta, é uma coisa boa...Eu sempre adorei crianças...É a coisa mais fantástica que pode haver....Conviver com crianças e ter crianças...

Já está junto há muito tempo?

C1 – Três anos.

E o como é que a sua esposa encarou a sua profissão?

C1 -(Risos) ...complicado...foi muito complicado...porque é assim...eu sempre trabalhei em discotecas, bares, restaurantes...praticamente sempre fiz isso...e numa altura em que surgiu esta oportunidade, tinha conversado com ela e disse-lhe que me tinha surgido esta oportunidade e que eu tio era aqui chefe. Como tinha aberto um concurso, ele pediu-me para ver se eu queria ir a concurso, e ela respondeu-me se não ia haver problemas e eu disse-lhe que era a coisa mais natural...por exemplo esta profissão...é a mesma coisa de um médico ou de um enfermeiro...quando há acidentes...as pessoas vão todas desfeitas para o hospital...eu acho que a profissão de médico e enfermeira é muito pior do que a nossa...porque nós praticamente...as pessoas já vêm nos caixões....praticamente nós nunca mexemos nisso...

Há corpos que vocês nem vêem, não é? Há famílias que não querem abrir o caixão, não é?

C1 – Exactamente.

Tenta desviar o olhar?

C1 - Não! É como eu digo. Isto não choca, porque é o nosso trabalho do dia a dia. O que choca é se forem pessoas novas, como este rapaz que tinha dezoito anos, que se enforcou...uma pessoa fica sempre...a namorada deixou-o...um moço de dezoito anos, ainda tem muita vida pela frente...isso é que é complicado, agora...de resto...

Nesses dias, sente que vai mais pesado para casa, ou tenta não levar para casa esses sentimentos?

C1 – Não....Tem que ser...Eu faço o trabalho das 9h às 17h30m...a partir das 17:30m esqueço completamente...Porque é assim, eu acho que não há lógica...uma pessoa já trabalha aquelas horas suficientes...e chega a casa ainda levar aquelas coisa para casa...nem conversas em casa...estou a falar com minha mulher...não tem lógica estar a falar com ela e dizer fiz isto, fiz aquilo...

Se alguma vez, mesmo não querendo, foi com algum pensamento para casa, de um funeral que tenha feito? Ou alguma vez sonhou?

C1 – Não...tento não pensar... Uma coisa é o trabalho, outra coisa é o nosso tempo livre...Já chega perfeitamente, as horas que uma pessoa passa aqui, às vezes o fim-de-semana uma pessoa está de serviço, mas de resto...

Você também trabalha aos fins-de-semana, não é?

C1 – Sim, tem que estar sempre alguns de serviço, para assegurar um funeral. É tudo rotativo. Se eu trabalhar amanhã (sábado), sexta-feira folgo.

Que tipo trabalho vocês têm aqui, para além dos funerais?

C1 – Levantamento de ossadas, fazemos a manutenção do cemitério, arranjar as árvores, etc. é nosso trabalho normal.

Quando há um levantamento das ossadas, o que é que acontece?

C1 – Nós abrimos a campa pomos as ossadas para o lado e enterramos os caixões ao lado.

Mesmo não sendo da família?

C1 – Não, só quando são familiares.

Estas campas ficam aqui para sempre?

C1 – Sim, estas campas são das famílias.

Mas há aqui campas que não são de família?

C1 – São todas de família, fora as campas da secção “x” e da “y”. Por exemplo, se morrer uma pessoa que não tenha aqui família, vai ser enterrado lá...aquilo tem três anos para estar lá os corpos, depois a família vem levantar o corpo.

Há familiares que assistem ao levantamento das ossadas?

C1 - Há pessoas que não querem ver. Uma pessoa é conhecida como ela era e depois...aquilo, quatro, três anos, o corpo está completamente desfeito.

Fez-lhe confusão ver a primeira ossada?

C1 – Sim e não. (esfregou as mãos no aro) É assim, eu quando me mudei para aqui...eu quando vou para um trabalho, tento ser o mais profissional possível que possa haver...Eu sei perfeitamente que vinha para aqui e que não é como estar num bar e ver as pessoas e falar com as pessoas....Isto aqui, sei perfeitamente...que aqui é um bocado complicado...eu tento ser sempre mais profissional com isto.

O que é para si a morte?

C1- ...(silêncio)...Boa pergunta...Para mim a morte é...o que é que hei-de dizer...o fim da vida...Eu tenho um pensamento....Já falei com muitas pessoas...todos temos o nosso destino traçado...por exemplo, o que aconteceu com este miúdo...ele morreu porque a namorada deixou ...isto já tinha que acontecer...É a mesma coisa que uma pessoa ir de carro, tem um acidente e morre...já tinha que morrer...uma pessoa tem um tempo.

Acredita no destino?

C1 – Acredito completamente! Eu tive uma altura que estava em casa e era para aí onze e meia da manhã e disse á minha mãe que tinha que ir á cidade, pagar o seguro e a minha mãe pediu-me para eu ir só depois de almoçar, porque o comer estava quase pronto. Tive tanta ideia, tanta ideia que tinha que pagar o seguro, que disse á minha mãe que voltava já e que ia ser rápido. Saí de casa, vim aqui á cidade e tive um acidente...e pensei logo na minha mãe...mas já tinha que acontecer...é por isso que lhe estou a dizer...eu para mim, nós temos o nosso destino traçado...há pessoas que morrem de acidente, há pessoas que estão a tomar café, como foi aquele professor que estava excelente de saúde...estava a tomar café e caiu para o lado...E eu para mim, nós temos o nosso destino traçado e a morte é o fim da vida....perfeitamente. Uma pessoa nasce e também tem que morrer...que ninguém vai ficar aqui para semente (risos) como se costuma dizer. Isso para mim, a morte...já temos o nosso destino traçado...temos que morrer por qualquer coisa...por acidente, sei lá por muitas coisas....já é o nosso destino.

O que acontece depois da morte?

C1- A morte é o fim da vida.

Muito obrigado pela sua disponibilidade

Em voz “of.”, o C1 preencheu os dados biográficos e lembrou-se de uma reportagem que viu na (TV Record), na qual foram entrevistadas duas raparigas brasileiras que são coveiras de profissão. O C1 referiu- “ Vi na Record um documentário de duas raparigas que foram para coveiras porque acham uma profissão muito interessante, aliciante e misteriosa...e eram umas raparigas mesmo bonitas...tipo modelos. Nunca ninguém diria que elas são coveiras. Fascinante!

Nessa mesma reportagem é entrevistada uma senhora idosa que vive num cemitério no Brasil...ela construiu um caixão, dorme dentro dele, come no cemitério...faz a vida dela toda no cemitério...há coisas que uma pessoa nem imagina...ainda na mesma reportagem vi que o Amaral, o antigo jogador do Benfica, foi coveiro e deu o seu testemunho acerca dessa sua experiência...foi uma profissão que ele gostou bastante de exercer. Ele disse que antes de ser coveiro, ia para o cemitério perto da casa dele ver o que faziam os coveiros...ele interessava-se mesmo por aquilo...para nós ver-mos que há pessoas que acham esta actividade normal e até interessante”.

Funeral 2

Quando caminhávamos em tom de despedida em direcção ao casebre, estava a decorrer um funeral mesmo em frente à parte lateral direita da Igreja. Três dos coveiros garantiam a sua realização. Não achei apropriado assistir, porque o ritual já estava a decorrer há algum tempo e a atmosfera era muito pesada. Havia um grande grupo de pessoas vestidas de negro, quatro dessas pessoas gritavam e choravam compulsivamente.

Os três coveiros estavam alinhados de frente para o caixão que se encontrava aberto, de rostos cabisbaixos. O corpo estava tapado com um tecido de renda. O padre fazia as últimas rezas. Os três coveiros tinham os olhos fixos no chão, os seus corpos estavam rijos e hirtos. Observei que não olhavam para as pessoas presentes no funeral. Estavam bastante introspectivos, talvez a tentar abstrair-se do momento, tentando pensar em outra coisa.

O C1 referiu – “Era um rapaz novo, de 41 anos...morreu de repente sem ninguém estar à espera...acho que era toxicodependente...tinha estado internado há pouco tempo e tinha recuperado...parecia melhor...e depois aconteceu isto”.

Questionei o C1 se não deveria estar no funeral, mas respondeu-me que bastava estar três coveiros para assegurar um enterro.

Despedi-me do C1 e disponibilizei-me a arranjar-lhe bilhetes para um jogo de andebol. Ele agradeceu bastante, retorquindo que costuma ir ver várias vezes os jogos.

Ainda referiu que vive num prédio ali perto, do qual se avista o cemitério. – “Vivia num sítio mais longe...mas é melhor estar mais perto do trabalho, para fazer as refeições, porque almoço sempre em casa...dantes almoçava aqui, mas agora não, só lancho”.

O C1 referiu ainda que faz “part time” a fazer distribuição de *pizzas* numa reconhecida Multinacional.

Cemitério “X” 04/01/08

No dia 04/01/08 desloquei-me ao cemitério “X” pelas 15:10. A atmosfera era tranquila. Ainda avistei ao longe a auxiliar de limpeza, a Sra. L que me acenou e sorriu.

Os coveiros, o C2 e o C3 vieram de imediato na minha direcção, quando me avistaram no largo atrás da Igreja, ao lado do casebre. Estavam perto de umas campas, reunidos com outros coveiros, presumo que tinham acabado de fazer manutenção.

Comecei por entrevistar o C2, que prestavelmente me acompanhou ao casebre. Sentados na mesa, que se encontra no centro da sala, iniciámos uma conversa informal. O C2 referiu que durante muito tempo, as refeições do almoço era sempre elaborada por ele, neste espaço, onde existe um fogão - “ Dantes comíamos aí quinze...tomávamos o pequeno almoço, almoçávamos e lanchávamos...agora somos só onze, dois faleceram, os outros reformaram-se...é assim a vida...temos muito trabalho...deviam ser quinze coveiros...pegar numa urna para mim já me custa, eu que já tenho trinta e cinco anos disto...eles não metem ninguém, não há dinheiro, mas deviam meter...somos poucos para tanto trabalho”.

Os coveiros almoçavam todos neste espaço. No entanto, o casebre começou a ser assaltado. –“Houve uma noite que me roubaram uma colecção de moedas que eu tinha deixado aí, no valor de 350 contos...Ainda esta noite isto foi assaltado, roubaram fruta, roupa...são os toxicod dependentes....o muro tem uma parte que é baixa e eles sobem por aí”, referiu o C2

ENTREVISTA nº 2 C2

O C2 é um homem de porte médio, de alguma forma desgastado pela idade, com um olhar sincero.

Idade?

C2- 53 anos

Estado civil?

C2- Casado.

Habilitações literárias?

C2- 4ª classe.

Número de enterros que realizou?

C2- 10 mil ou mais.

Sente-se realizado com o ordenado?

C2- Mais ou menos.

Tem coveiros na família?

C2- Sim. C3 (primo), C4 (sobrinho) e C5 (irmão).

Filiação religiosa?

C2- Católico praticante.

Descreva-me um dia de trabalho.

C2- Às 9h entro. Por vezes temos 5, 4,3, 2 enterros, por vezes nenhum. Por volta das 10h, 10:15m é o pequeno-almoço. Depois fazemos manutenção de limpeza no cemitério, recolhemos o lixo, rapamos a erva das secções, até de trolha fazemos, canalizadores, electricista...Às 16h, 16:15m é o lanche e saímos às 17:30m.

Eu gostava de saber, há quanto tempo trabalha aqui?

C2- Há cerca de 35 anos.

Disse-me que é o funcionário mais antigo...

C2 – O funcionário mais antigo daqui da casa...sim senhora!

Quando entrou para este cemitério, quantos coveiros estavam cá?

C2 – Estavam seis.

Ainda tem colegas desse tempo a trabalhar aqui?

C2- Não.

O que lhes aconteceu?

C2 – Faleceram... (cruzou as mãos) com o desenrolar do tempo.

O que fazia antes de trabalhar aqui?

C2 – Eu? Trabalhava no campo, na lavoura. Cheguei a trabalhar na construção civil...já podia estar aposentado, mas retiraram-me cinco anos que trabalhei na construção civil...eu descontei, mas só me descontaram sete meses...era a lei antiga...se não já estava aposentado.

Então terá que trabalhar ainda mais uns anos...

C2 – Tenho que vergar a mola até aos 60...é que eu já tenho 42 anos de serviço e eu com 42 anos de serviço não vou andar com as urnas e a abrir covas...eu já não tenho força... (fez uma expressão de descontentamento e levantou a voz) e a entrar dentro da cova...eu já não tenho forças para sair dela para fora. Eu estou a abrir uma cova e já me custa a saltar dela para fora...e pegar em mármore, as sepulturas são pesadas, têm que ser retiradas...há sepulturas que não têm a abertura fácil para que não seja necessário tirar...nem sempre se sabe tirar e as que têm a abertura estreita têm que tirar para fora e torná-las a colocar no sítio...é isso.

Como é que veio para cá trabalhar?

C2 – Foi um senhor que aqui trabalhava, que era o único, talvez o mais antigo que existia aqui neste cemitério...que eu trabalhava no campo nessa altura...mas eu já de pequenino vinha para aqui brincar para dentro do cemitério...e ele pediu-me para vir para aí trabalhar...eu aceitei e prontos...comecei a gostar disto...e aqui estou...vim para aqui com 19 anos, tenho 53.

Qual foi a primeira sensação, quando começou a trabalhar como coveiro?

C2 – Foi um bocado assustador (remexia as mãos uma na outra)...logo no primeiro dia mandaram-me abrir uma primeira cova...devia estar um dos mais velhos, a pessoa já calejada no assunto para me ensinar a fazer o trabalho até ao fim (...)

(...) mas não, viraram-me costas e eu ali fiquei sozinho a trabalhar, depois lá fui chamar a pessoa que me pôs aqui na altura e então é que ele saltou para dentro da cova e foi à urna...uiiii... e agarrou nas ossadas e pô-las num cantinho...pôs as ossadas no devido lugar...ou à frente, ou atrás...fui andando, fui andando e fui-me habituando ao esquema.

O senhor é casado, tem filhos?

C2 – Sim, sou casado, tenho filhos. Tenho um rapaz que anda a estudar, tem 17 anos e anda no 12º e tenho uma filha que é Engenheira paisagista, tem 26 anos, está a trabalhar, no parque industrial da cidade “Y”, na área que ela gosta.

E a sua esposa?

C2 – A minha esposa é doméstica.

Como é que ela encara a sua profissão?

C2- Sempre encarou normalmente. Até tem assim um certo romance...Quando comecei a namorar...a pretende-la...ela foi a rapariga da minha vida...eu namorei com outras raparigas...andava atrás dela e ela dizia-me que eu estava maluco porque queria que ela se casasse com um coveiro...ela dizia que eu era maluco. Tanto que incentivei...tanto andei de volta dela que até que calhou...tive outras namoradas e aquela (a esposa) tanto disse que não ia casar com o coveiro, que acabou por casar com o coveiro... (risos).

Gostava que me descrevesse...já trabalha há tantos anos...um enterro que o tivesse marcado.

C2 – Assim...para toda a vida...para mim os enterros são iguais uns aos outros. Evidente me deixa assim certas mágoas, não é, a gente que morre de acidente...têm acidentes estupidamente lamentáveis...prontos, que são gente nova...quando são pessoas já de idade, já não diz nada...sabemos que mais tarde ou mais cedo uma pessoa tem que ir, mas quando são jovens que têm o futuro pela frente e partem desta para pior, ou para melhor...não sei...às vezes não se sabe sei lá para onde eles vão (os olhos húmidos)...e é isso que me custa mais... (semblante triste) temos sentimentos, também somos humanos...assim, gente mais jovem. Quando é um ente querido nosso...que a gente custa a vê-los partir, mas prontos, nada nos pertence.

Já enterrou muitos jovens?

C2 – Já! Muitos, muitos, muitos, muitos...muitos jovens e antigamente crianças então nem se fala! Era duas e três crianças acabadas de nascer...quando eu vim para aqui...Mas agora a medicina está mais tecnicamente mais avançada e já não morrem as crianças que antigamente morriam. Elas ganhavam enterites. Eram leites de gado gordo e meios gordos...ou lá como é...agora, não, agora há outra tecnologia, há outros alimentos que as crianças ingerem...eles nascem hoje, amanhã já cresceram tanto. Antigamente eles parece que não saiam do sítio... e eram alimentados com uma alimentação mais saudável do que é hoje...tudo o que era do campo, com menos adubos possíveis que levasse...ainda me recordo que a gente é que tratava dos gados, não havia dinheiro para adubos. Os produtos demoravam mais tempo a vir, mas era mais saudável...uma pessoa comia os produtos agrícolas tinham outra sensação! Hoje comemos as coisas sem paladar nenhum! Não tem nada a ver!

Queria perguntar-lhe que sentimentos os seus colegas coveiros têm quando enterram alguém?

C2 – Sentimentos? Acho que têm os sentimentos que eu tenho. Por vezes também choram! Mesmo pessoas que não me pertencem nada, eu vejo essas pessoas a chorar e também me comovem bastante! Nós somos humanos não é? Somos humanos...e eu sinto que eles devem sentir a mesma coisa...que ficam as lágrimas nos olhos...

Já chorou?

C2- Já, já, já chorei...(semblante emocionado)já vi partir colegas...e pessoas de família...eu já chorei bastantes vezes...e eu é como eu digo...eu sou humano...não sou nenhum...sou humano...

Já chorou por alguma pessoa que não conhecia?

C2 - Sim, muitas vezes...pessoas que não conheço! E não é por ver chorar os outros! Choro porque vejo que era uma pessoa que ainda tinha muito para dar na vida! Era uma pessoa que tinha ainda muitos anos pela frente e foi-se... (silêncio) é isso que custa ver partir as pessoas, mas prontos...sem as conhecer de lado nenhum, por vezes, mas uma pessoa é humano e custa ver por vezes.

O que é para si a morte?

C2- A morte? Há muita gente que tem medo da morte. Eu encaro a morte como uma realidade, como uma coisa qualquer...A morte é uma coisa que tem que ser, é uma coisa que nos vai tocar a todos...Temos que nos mentalizar que é isso mesmo!

A morte vem e não escolhe hora, nem dia, nem nada! A morte quando bate à porta de uma pessoa, uma pessoa tem que estar preparada para enfrentar a morte...prontos...e nada mais.

O que acha que acontece depois da morte?

C2- O que acontece...isso é um fenómeno muito esquisito...eu gostava de estudar e de conhecer mais um bocado sobre esse fenómeno. Acho que dizem que uma pessoa vai e que depois nos vamos encontrar todos um dia para ajudar os vivos e os mortos, como diz a sagrada escritura. Eu sou católico, nasci na religião católica e dizem que um dia nós vamos encarnar todos pelo poder do Espírito Santo, não sei se vamos ou se não, não sei. Isso é uma coisa que eu não estudei...não estudei essas coisas...eu gosto de falar às vezes e saber discutir sobre a religião católica, foi nessa que eu fui criado, além e haver umas outras religiões, que há muitas...e eu estou mentalizado nesta...não sou...prontos, vou á missa, tudo bem, não sou praticante diariamente ou semanalmente. Quando vejo que estou em falta, quando vejo que tenho que descarregar algo que está cá dentro a atrapalhar-me, vou... e lá vou com a minha fé...nada mais tenho a dizer sobre isso.

Sr. M, quando não está a trabalhar o que gosta de fazer para ocupar o seu tempo livre?

C2 – Gosto de conviver com os meus amigos, gosto por exemplo...dantes gostava muito de ir ao cinema, agora não, é como eu digo, a tecnologia está mais avançada...agora, se quiser ver um filme fico em casa que tenho condições para isso. De resto, vou até a um lar, que eu faço parte de um lar...faço parte dele...da direcção...jogo umas cartitas, bebo o meu copo, tomo o meu cafezito...isso não há nada contra isso...não sou diferente dos outros! Fumava, deixei de fumar...quer dizer, não sou contra quem fuma e quem deixa de fumar...melhor assim...

Gosta de viajar?

C2-Viajar?Não, gosto muito é de conduzir...tenho carro e quando é possível, eu mais a minha mulher...que agora os filhos são muito independentes, não saem com os velhos...e gosto de sair e gosto de dar umas voltas. Gosto de ver umas coisas que são inauguradas aqui na cidade...ainda agora aqui no natal, fui dar uma volta a ver os presépios, gosto de ir ver...quem trabalha nessas coisas, tudo é cansativo...tudo tem o seu valor, o seu trabalho...Gosto quando há feiras aqui no parque de exposições, também gosto de ir ver as feiras. Tudo o que tenha o seu valor, eu gosto de ir ver...interesse-me assim um bocadinho por essas coisas.

Muito obrigado pelo seu testemunho.

ENTREVISTA Nº 3 C3

Idade?

C3- 48 anos.

Estado civil?

C3- Casado.

Habilitações literárias?

C3- 9º ano.

Anos de prática profissional?

C3- 6 anos.

Número de enterros que já realizou?

C3- 2 mil.

Sente-se realizado com o ordenado?

C3- Não.

Tem coveiros na família?

C3- Sim. O meu primo C2.

Filiação religiosa?

C3- Católico, mas sou mais ou menos praticante.

Descreva um dia de trabalho.

C3- Nunca é igual. Entro às 9h. 90% das vezes, quando entro ao serviço, já sei quantos funerais vou ter. A secretaria coloca uma folha do funcionário com a hora. O funcionário abre o buraco. Quando o funeral é feito, é entregue um outro papel ao funcionário.

Há quanto tempo trabalha neste cemitério?

C3 – Há seis anos.

O que é que fazia antes?

C3 – Era funcionário no ramo do comércio.

Esteve muito tempo nesse ramo?

C3 – Sim, estive talvez 25 anos no comércio.

Como veio cá parar?

C3 – Razões muito simples, o C1 é meu primo e quase todos os colegas, já os conhecia todos e nas horas vagas tinha muito tempo. Saia à uma hora do comércio e entrava às três...vinha aqui, estava com eles...depois abriu concurso.

Então já conhecia a maioria dos seus colegas há algum tempo, deduzo que foi mais fácil para si vir para cá?

C3- Sim, foi bastante fácil.

No concurso que referiu, que requisitos eram pedidos?

C3- Sim, sim. Tínhamos aqui um teste oral com perguntas relacionadas com se eu estava interessado, se sabia para o que vinha, se eu sabia que tinha que trabalhar ao sábado e domingo, os cumprimentos que tínhamos que dar, a profundidade que tínhamos que dar...

E já sabia?

C3 – Já sabia, porque antes disso preparei-me um bocadinho.

É casado, tem filhos?

C3 – Sim, sou casado. Tenho dois filhos, 12 e 17 anos.

Vive aqui perto?

C3- Sim, cinco minutos de carro.

Como é que a sua família encara o facto de ser coveiro?

C3- Normalmente. No princípio a minha esposa rabujava um bocado, mas não...depois habituou-se.

Recorda-se de algum enterro que tenha feito que lhe tenha ficado na memória?

C3 – Recordo-me como é lógico, de enterros de familiares que não têm interesse para aqui, mas houve um funeral aqui, talvez há quatro, cinco anos de uma criança de etnia nipónica, chinesa e o funeral dessa criança...quando o padre estava a falar, eu notava que os pais estavam extremamente tristes, mas ninguém chorava, mas estava uma senhora da nossa raça que chorava num pranto extremo...incrível...e eu fazia-me confusão...até desmaiou a senhora. O que é que nós viemos a saber, que essa criança, a nipónica, faleceu no berço...essa senhora da nossa raça era ama da criança e essa criança faleceu no berço...esse foi talvez o que mais me marcou...outro talvez que me marcou bastante foi de uma criança também relativamente nova que caiu de um vão de uma escada...que eu lembro-me perfeitamente... (olhar longínquo e triste) há aqui dezenas de funerais, que prontos, passam e...alguns ficam cá...principalmente esses dois ficaram.

O que é que é para si enterrar um corpo?

C3 – Enterrar um corpo é... (silêncio)...eu ter uma dignidade...que mais eu posso dizer?

Quando veio para cá, foi fácil, foi difícil?

C3 - Já via, quando vinha para cá...não me fez tanta confusão. Vinha aqui dezenas de vezes, às vezes um sábado, um feriado...não tivemos problemas nenhuns nesse campo.

Em que pensa quando enterra alguém? Tenta abstrair-se?

C3- Não...

Tem algum escudo?

C3 –O escudo que eu tenho, é às vezes olhar para as pessoas. Há pessoas que vêm muito transtornadas, mas há outras que vêm para aí falar e rir-se...é o escudo que eu tenho...mas também vejo muita gente a chorar assim, não é (tapa metade dos olhos com as mãos e espreita) quer dizer, está a chorar, mas está a ver quem está a olhar para ela. Tirando crianças, jovens...prontos, que nos custa bastante, acidentes...gente nova de acidentes que custa um bocado.

Há bocado falhou-me aí um que mais me marcou, foi nos últimos seis anos, deitar-mos terra para cima dos nossos colegas...foi difícil...as lágrimas caíram-me, não é! (olhos molhados) Eu a deitar terra para cima dele e as lágrimas caíram-me, não é! Não quer dizer que um ou outro funeral que as lágrimas não caiam, há funerais que também acontece isso...às vezes situações dramáticas, da maneira como foi a morte, da maneira como a pessoa sofreu...prontos...situações, prontos, outros funerais que já tenho pensado que não chego aquela idade, mas são funerais que nós mentalmente já estamos...prontos, é a idade. Enterrar uma pessoa velha e uma pessoa nova é igual, mas cá dentro é um bocadinho diferente, é diferente é!

Costumam falar entre vocês quando há um funeral complicado, para desabafarem?

C3 – Não...muita coisa que falamos é quem vai...já está estipulado. Cada qual tem o seu sector. Se me sair o meu sector, tenho que ir eu, ou então têm que ir os outros três que estão mais próximos...de resto podemos falar...um funeral com tanta gente.

Ainda há pouco tivemos um funeral aí de um presidente de uma junta da cidade, que morreu de repente também...era um funeral que meteu o Presidente da Câmara, meteu polícia, meteu bombeiros...e nós falámos, não é...há tanta gente aqui...nós falámos pela quantidade de pessoas e pelas pessoas que vieram.

Já alguma vez sentiu necessidade de que viesse ao cemitério periodicamente um Psicólogo para você e os seus colegas desabafarem?

C3 – Não, eu pelo menos não. Não sei se os meus colegas. Eu sempre disse, se neste cemitério só se enterrasse crianças, eu não vinha para aqui...Está tudo dito, não está? Eu tive um filho internado no Hospital “G” com leucemia e sabia o que era aquilo. Eu saía de lá e...crianças a dançar em cima da cama com a família e no outro dia chegava e estavam mortos. Agora Psicólogos aqui, não...É obvio que temos um episódio ou outro que nos torna assim mais...que nos custa...talvez por serem pessoas novas e que morreram de acidente e muitas vezes as pessoas choram mais pelos outros estarem a chorar. Um choro, puxa outro, não é?

O que é para si a morte?

C3 – A morte é o fim. A morte é...como se costuma dizer, nós nascemos e morremos. É o fim! Estando preparado ou não, é o fim...É o fim da vida terrestre.

O que acha que acontece depois da morte?

C3- O que eu acho é que depois na terra somos diluídos. Só ficam os ossos e a roupa.

Não acredita na alma?

C3 - Não, não acredito muito...quem morreu acabou!

Nunca presenciou nada de estranho aqui no cemitério?

C3 – Muitas e muitas vezes. Ainda esta noite nos assaltaram (risos) e tiraram-nos uma fita métrica, fruta, umas folhas...

É normal, vandalizarem o cemitério?

C3-Acho que é. Devem vir aí dez vezes por ano.

Mas vêm à procura de bens materiais ou mexem nas campas?

Às vezes mexem, mas vêm mais à procura de coisas para venderem, principalmente toxicodependentes. Temos um muro com uma parte muito baixa e é fácil saltarem cá para dentro. Agora coisas assim estranhas, mais bruxedos...velas acesas com pratos com comida...agora também aparece muito aqueles bonecos das crianças embrulhados em fios.

Como é que ocupa o seu tempo livre? O que costuma fazer?

C3 – Vou com o meu filho e a minha mulher passear...leio todos os dias...gosto de ler.

Muito obrigado pelo seu testemunho.

O C3 acompanhou-me até meio do cemitério e no caminho falámos de alguns aspectos interessantes, como por exemplo o companheirismo existente entre todos os coveiros – “O chefe é o “um”, nós somos todos o “dois”, damo-nos muito bem...ainda agora há um ano e tal entraram três para aqui e somos todos iguais”.

O C3 referiu ainda que os corpos quando são enterrados e que não têm jazigo, têm o prazo de três anos para se decomporem, para ser possível reutilizar o espaço, no entanto, e além de 95% das funerárias deitarem um pó nos corpos quando são preparados na urna, muitos corpos, passados três anos ainda não estão decompostos, o que provoca um cenário um pouco desconcertante. –“ As pessoas não sabem o tempo que algumas peças de roupa levam a desfazer-se, há muitas que são como o plástico...nunca se desfazem”.

Falámos ainda sobre o crematório que segundo o C3, irá ser construído dentro de pouco tempo, perto do cemitério. –“ Deve ser de uma empresa privada...não sei...talvez a câmara. Acho que não vão estar lá coveiros, devem ser funcionários dessa empresa...mas aqui na cidade, já há algumas pessoas que pedem, mas na maioria não, porque as pessoas aqui na região são muito religiosas. E eu quando penso na cremação, faz-me confusão...atear fogo aos pés de uma pessoa...e a família se a quiser visitar, vai onde? Ou tem cinzas em casa ou deita-as em algum lado (...).

(...) Não tem uma campa para visitar, um sítio que veja que a pessoa está ali. Eu não aceito muito isso, mas não sei, posso mudar de ideias”.

Despedi-me e abandonei o local por volta das 16:30.

Cemitério “X” 11/01/08

Cheguei ao cemitério “X” por volta das 14:19m. O sol espreitava por entre as nuvens, que teimavam escurecer.

Não encontrei ninguém no casebre. Na secção das campas recentes, observei o C2, que juntamente com outros dois coveiros deitavam terra para uma campa, acompanhados de três familiares do falecido. Entretanto dei uma volta pelo cemitério, deslocando-me aos jazigos recentes, na expectativa de encontrar o C1, assim como os outros dois coveiros que o acompanham naquela zona. Não encontrei nenhum deles, apenas consegui visualizar três trabalhadores da construção civil, que construía jazigos.

À medida que regressava para continuar a observar o C2, passei perto da secção dos bebés, facto que me comoveu bastante. Um mar de campas de pequena dimensão...algumas com rosto. Pequenos anjos a quem tudo foi roubado demasiado cedo.

Caminhei pausadamente perdida nos meus pensamentos. Sentei-me num muro, a alguns metros de distância do C2, que continuava a fazer o seu trabalho. Optei por observar distanciada, porque não quis invadir aquele momento, uma vez que três familiares do defunto, continuavam expectantes, observando todo o ritual. Duas mulheres de média idade e uma criança com perto de seis anos de idade.

O C2 continuava a deitar terra para a urna com uma pá, adoptando uma expressão forte, enquanto um segundo coveiro (um rapaz novo) ia buscar vagarosamente terra perto do casebre, guiando um carrinho de mão. De seguida despejava a terra ao lado da campa, á medida que o C2 continuava o seu trabalho. O processo repetiu-se até á campa estar cheia de terra, altura em que o C2 começou a espalmar a terra vigorosamente. O terceiro coveiro, apenas entregava alguns instrumentos de trabalho ao C2 e observava. Os coveiros trocavam algumas palavras momentaneamente. O C2 começou a arear cuidadosamente a cova, enquanto o terceiro coveiro segurou numa tábua que se encontrava dentro da cova.

O trabalho foi finalizado, quando o C2 cobriu a campa com vasos que continham flores. A família do falecido compôs alguns pormenores e agradeceu aos coveiros.

O C2 colocou a enxada ao ombro, agarrou no casaco com o braço esquerdo, respondendo alto ao chamamento de um senhor acabado de chegar que se deslocava para o lado direito do cemitério. Surgiram algumas risotas pelo meio, enquanto o C2 se deslocava para o casebre, continuando a falar. Esperei que saísse do casebre, quando o abordei.

Olá C2. Como está? O que acabou de fazer, um enterro?

C2-Não! Foi uma campa que ruiu e nós tivemos que tirar a terra toda e voltar a cobrir a cova, para compor-mos aquilo da melhor maneira.

Mostrou-se disponível para mais questões e foi muito afável, quando me indicou onde poderiam estar outros coveiros que eu ainda não tinha entrevistado. Mostrou-se disponível para me ajudar, qualquer fosse a dúvida. Afastou-se, ao seu encontro vieram dois homens, que presumo serem seus conhecidos ou amigos. Fez uma pausa perto da Igreja, onde trocou algumas gargalhadas e ideias.

Entretanto, procurei os outros coveiros, seguindo a indicação do C2. Desloquei-me a um local onde ainda não tinha estado. Achei curioso o jazigo de uma família de etnia cigana, bastante alto e ostensivo, ornamentado com uma grande cruz. Quatro fotografias a cores de dimensão considerável estavam visíveis no cimo da porta.

Subi umas escadas e encontrei o encarregado dos coveiros, o Sr. N, o C1 e outros dois coveiros que apenas conhecia de vista. O C1 sorriu para mim.

Tinha havido um problema com a canalização e os três coveiros, após partirem um pouco de pedra, enfiaram uma mangueira dentro do buraco que tentavam desentupir.

Enquanto aguardava que terminassem a sua tarefa, perguntei ao C1 se a sua filha já tinha nascido. - Está quase...- respondeu com um sorriso nos lábios - Deve estar para estes dias.

De repente começou a chover, os três coveiros continuaram a trabalhar debaixo de chuva. Encontrava-me numa parte alta do cemitério e quando olhei em meu redor, deparei-me com um cenário triste, mas grandioso, de rara beleza...uma extensão ínfima de campas brancas cobertas de flores penetradas no silêncio, estavam a ser “regadas” pelo céu e por um Deus....

Foi um momento penetrante. Uma imensidão de pessoas ali repousava. Senti que estavam envoltos nas suas almas, pelo menos naquele momento tão raro.

A chuva parou. Uma carrinha ligada ao mármore e ao granito parou perto das escadas onde me encontrava. Um funcionário da empresa, carregou com alguma dificuldade uma lápide para uma campa que o meu ângulo de visão não alcançava.

O C1, com o trabalho quase finalizado, indicou-me que se iriam agora preparar para fazerem um funeral. – Temos que preparar o funeral, se não, estamos tramados- respondeu.

Desci as escadas, entretanto o C2 abordou-me e disse-me que um dos coveiros que iria realizar o enterro, estaria disponível para falar comigo.

Desloquei-me ao casebre e iniciei a entrevista.

ENTREVISTA Nº 4

É casado?

C4 – Solteiro (risos).

Tem namorada?

C4 – Tenho.

Tem filhos?

C4- Não.

Tem quantos anos?

C 4- 26.

Habilitações literárias?

C4- 12º ano incompleto. Estudo à noite, mas estudar não adianta muito para se subir na vida.

Número de enterros que já realizou?

C4-Mais que 100.

Sente-se realizado com o ordenado?

C4- Nem por isso, acho que ninguém se sente.

Tem coveiros na família?

C4- Sim, pai (C4) e tio (C2).

Filiação religiosa

C4- Católico não praticante.

Descreva um dia de trabalho.

C4- Chego antes das 9h. Vou para a minha secção. Se houver funeral, abre-se a cova, se não houver funeral, faz-se a manutenção, limpeza.

Por exemplo, de manhã, eu e o C1 abri-mos uma cova e fizemos um funeral. Agora à tarde, na nossa secção, estávamos a desentupir o cano.

Se não houver funerais, normalmente fazemos manutenção. Às 10h, 10:15m vamos tomar o pequeno-almoço, à tarde, o lanche é das 16h às 16:20m. Se houver um funeral a essas horas, vimos lanchar antes ou no final do funeral. Normalmente lanchamos aqui ou vamos até à pastelaria...não há problema.

Há quanto tempo é que trabalha aqui?

C 4 – Há um ano e alguns meses, quase dois...Vim com o C1.

Começou a exercer agora a profissão de coveiro, ou já era?

C4 – Eu tenho cá o meu tio e o tenho cá o meu pai.

O Seu tio é o C2?

C4 – Sim e o meu pai é aquele senhor que estava lá em cima comigo agora na fossa.

Então está tudo em família (risos)

C4 – (risos).

Então, o que é que fazia antes?

C4 – Era serralheiro...Trabalhava com o meu tio...com outro meu tio e aproveitei quando houve concurso, vim para aqui. É diferente...

E já estava a par das questões?

C4 – Isso para mim já era... (atitude passiva)

Foi estranho para si, trabalhar aqui?

C4 – Não, porque já estava habituado.

Costumava vir cá?

C4 – Por exemplo, o meu pai e o meu tio fazem funerais fora, noutras freguesias, este é municipal...e eu ia com eles, para não estar em casa...andava a estudar e depois de tarde às vezes vinha para aqui também para a beira deles.

Já lhe era familiar.

C4 – Já era familiar.

Como é que a sua namorada reage? Quando veio trabalhar para aqui, como é que ela reagiu?

C4 – Não há preconceitos...É um trabalho como outro qualquer. As pessoas cá da região é que têm um bocado de preconceito, porque começa-se a ir da cidade “w” para baixo e já têm uma mentalidade mais aberta. Na cidade “w” não há tanto preconceito, em relação às profissões. Isto é um trabalho como outro qualquer. É honesto.

Quando fez o primeiro enterro, ou abriu a primeira cova, fez-lhe confusão?

C4 – Não! Nenhuma! (mãos nos bolsos...sorria)

Recorda-se dessa primeira vez?

C4 – Vagamente, recordo-me.

Recorda-se de algum funeral que o tenha marcado?

C4 – Só se for de um recém - nascido...porque de resto...(atitude completamente desprovida de qualquer emoção)

De um recém - nascido?

C4 – É os que marcam mais e os que custam mais fazer.

E porque é que custa mais?

C4 – Não é que custe...é que às vezes vêm aqui, chegam os funerais, não vem quase ninguém e vem só uma caixinha...é só por isso...e um recém-nascido raramente vem a família.

E no que é que pensou quando viu esse caixão assim tão pequenino?

C4 – Não penso em nada...Só que não veio ninguém...geralmente vêm sempre duas ou três pessoas e naquele só veio o agente funerário e mais ninguém...Éramos mais coveiros do que propriamente os agentes funerárias e o resto das pessoas.

Fez-lhe confusão por não estar ninguém?

C4 – Mais por ser tratado como lixo...porque de resto não me fez confusão nenhuma.

Recorda-se de mais algum funeral?

C4 – Não...foi mesmo por ser recém-nascido, porque de resto...

Quando enterra um corpo, no que tenta pensar?

C4 – Em nada! (semblante desprovido de expressões, olhos frios)

E o que é que sente?

C4 – Igual, nada! É a lei da vida!

Que sentimento imagina que os seus colegas têm quando enterram um corpo?

C4 – Não têm! No princípio é como eu, não pensam em nada. Só se for assim um familiar ou conhecido, é que são capazes de ter algum sentimento. Se for conhecido, nós também tentamos não fazer, vai outro colega...É complicado às vezes...as emoções ou outras coisas quaisquer.

Já viu algum colega seu mais emocionado, sem ser no funeral de um familiar ou conhecido?

C4 – Aqui, sinceramente, acho que não!

Concorda que existirá um mas sensível que outro.

C4 – Isso é provável

Quem acha que é o mais sensível?

C4 – O mais sensível? Aqui acho que é tudo igual...São todos da mesma maneira...não há mais um, menos um...acho que é tudo igual. Nesse aspecto. Sendo profissionais, é para aquilo que tem que ser. Nós trocamos...não dá para ver se está mais sensível ou não...Hoje vem um familiar meu, ou amigo...eu tento falar com o meu tio e ele faz o funeral...eu estou na parte de cima e eles estão na parte de baixo...Nós trocamos...vêm uns cá de baixo para assistir o funeral.

O que é a morte para si?

C4 – Uma passagem.

Uma passagem? Para onde?

C4 – Boa pergunta!

Já pensou nisso?

C4 – Sinceramente não.

O que acontecerá depois da morte?

C4 – Acho que ficamos melhor que agora...Não faço a menor ideia.

Disse que a morte é uma passagem...

C4 – Sou católico...é uma passagem, mas não acredito muito. Tenho que morrer para ver.

Sabe de algum facto estranho, que tenha acontecido num funeral?

C4 – Desmaiado, já muitas pessoas...quer dizer, eu não passo por essa situação, mas há pessoas que são mais sensíveis que outras...ficam mais nervosas, há quebra de tensão, desmaiam...há muitos casos aí...isso acontece, não vai ser o primeiro nem o último....porque de resto, acho que é normal. Há familiares aí, quase que andam á pancada uns contra os outros. Só se lembram das pessoas quando elas morrem.

Quando atira terra para os caixões, qual é a reacção dos familiares e amigos?

C4 – É assim, muitos não se aproximam sequer da cova, outros quando vamos buscar a urna do pouso, que ficam a observar, outros ficam de longe a observar, só se for assim nas freguesias, alguns querem pegar num bocado de terra e deitar para a cova.

São vocês que fecham o caixão?

C4 – Não. Quem faz isso é o agente funerário. Nós só pegamos no caixão, quando o tiramos do poiso e o transportamos para a cova. Nós não entramos em contacto com o corpo. Quer dizer, entramos, quando temos que por um produto. Quer dizer, há várias funerárias que normalmente põem...mas por exemplo, na cidade “w” não utilizam e quando vem um funeral da cidade “w”, somos obrigados a colocar.

Põem à frente dos familiares?

C4 – Tentamos por não colocar á frente. As agências funerárias geralmente põem o véu, ao meterem o véu, a gente põe por baixo do véu, ninguém vê. Se não é sempre um bocado de choque para as pessoas verem aquilo. A pôr o produto, é chato.

Existem aqui muitos jazigos perpétuos...

C4 – Sim, a parte onde eu estou, a parte de cima, é tudo perpétuo, há lá meia dúzia delas que são de aluguer, cá em baixo é de aluguer e também existem perpétuas, depende das secções.

Para si, é igual fazer um funeral num jazigo perpétuo e numa campa com tempo limitado?

C4 – É igual! Ao fim ao cabo é igual Porque aqui, as pessoas se gostarem dos seus familiares, não vão deixar de pagar o aluguer, para eles não saírem de lá, ou levarem com outros em cima, para não serem despejados, entre aspas...num jazigo perpétuo é a mesma coisa....como é que hei-de explicar, as pessoas....10 anos imagine, mete-se uma placa, abandonado, se não vier ninguém, mete-se outra pessoa em cima...tem a ver é se as pessoas vêm cá ou não. A maior parte das pessoas só se lembra dos mortos no dia de todos os santos, de resto não aparecem cá. Estes aqui, dos jazigos de aluguer ou do geral, é que aparecem mais. Do geral, é três anos, é obrigado a levantar as ossadas e vai para os gavetões ou vai para terra se quiser.

Já fez um levantamento de ossadas?

C4 – Já...é igual!

Não lhe fez impressão?

C4 – Há umas ossadas que... são mais... (expressão comprometedora) se for para a terra tira-se sempre, se for para gavetões é que não se deve tirar por causa do cheiro, deita-se produto, espera-se seis meses e retira-se outra vez...os corpos já são outra história...os corpos a maior parte deles estão todos intactos...alguns estão secos, outros estão húmidos, mas isso depende, mete-se o corpo para cima, deita-se um produto, passados três anos, levanta-se outra vez.

E isso não lhe faz confusão?

C4 – Não.

Como é que os familiares reagem?

C4 – Reagem mal. Ai isso reagem! Nós não podemos fazer nada. Se não está em condições, não vamos pôr uma coisa que não está em condições para prejudicar a saúde das outras pessoas. Por exemplo, tira-se uma ossada que ainda não está, põe-se no gavetão...vai cheirar! Depois vão reclamar lá acima à secretaria, se não reclamarem na secretaria, vão para a câmara, depois metem em cheque o chefe...os corpos lá em cima, a terra desfaz bem, cá em baixo, de um lado desfaz, mas no outro lado, nem por isso. Isso tem a ver com a terra, tem a ver com a pessoa...depende dos medicamentos que toma...depende de muita coisa...se for forte, já é natural que três anos não cheguem...um frasco de produto, dá para 75, 100 kg, se a pessoa for forte tem que se pôr dois....Também as urnas... metem de madeira de pinho, conserva. Agora há um que é papelão prensado, que leva só o verniz, é mais depressa. Se for pinho ou madeira, demora mais tempo.

Como ocupa o seu tempo livre?

C4 – Ui...Jogo futebol, leio, vou para a Internet, estudo, ando por aí...agora não tenho muito tempo, mas se tiver oportunidade ao fim de semana, passeio.

Agradei ao C4, a disponibilidade demonstrada.

Desloquei-me do casebre até perto da campa onde iria ser realizado o funeral, acompanhada pelo C1. Falámos sobre os jogos de uma equipa de Andebol.

Perguntei ao C1 se sabia quem iria ser enterrado - “É uma Sra. de 92 anos, acho que vem de um lar”- respondeu calmamente. Depois afastou-se, pois iria preparar a campa para receber o funeral.

Dei uma volta pelo cemitério, pois ainda faltava meia hora para a realização do funeral. No cemitério, estavam muito poucas pessoas, algumas arranjavam, limpavam as campas ou apenas as observavam perdidas em recordações. Uma senhora carregando uma vela, caminhava rapidamente.

Quando finalmente me dirigi para perto da campa que iria receber a inumação, seis coveiros estavam a fazer os últimos preparativos, falando entre si, brincando com algumas situações. Entre eles, o C4, o C1 e o C2.

Os coveiros tinham aberto duas campas, uma ao lado da outra. O C2 explicou-me a razão do sucedido. “ Esta zona pertence à Instituição “R”...tem muita pedra, por isso, tivemos que abrir duas covas para ver qual é a melhor para receber a urna...também estão cheias de raízes das árvores. Penso que a do lado esquerdo é melhor, embora tenha muita pedra...vai dar. Os corpos quanto mais altos ficarem, mais rápido se decompõem”.

De repente começou a chover torrencialmente. Abrigámo-nos debaixo de uma árvore, enquanto os outros coveiros compunham a segunda sepultura já coberta de terra, com as quatro pedras que servem de tampo, com a ajuda de uma corda.

“ O tempo de chuva complica tudo, uma pessoa tem de mudar de roupa, fica encharcado...temos capas para a chuva, mas nem sempre vamos a tempo de pô-las”...referiu o C2.

Enquanto observava os colegas o C2 começou a relatar alguns episódios. “ Este trabalho requer muita atenção e educação...às vezes podemos mandar uma palavra entre nós e se uma pessoa de fora for a passar, deixa-nos mal...depois há umas queixas na secretaria. No dia a dia do nosso trabalho, é um hábito quotidiano, conversarmos uns com os outros.

Eu pertenço ao sindicato da administração local, fui um dos fundadores...há muita coisa aqui que está muito mal...eu até gostava que viessem cá fazer uma reportagem que passasse na televisão, para eu dizer umas certas coisas e para verem como são as coisas...

Ali, em frente está a sobrinha de uma pessoa importante da cidade. Faleceu num acidente de carro...uma daquelas bombas...saíram de uma discoteca...as velocidades...é a juventude. Ela ficou aqui sepultada, o namorado foi para outro cemitério...é uma tristeza...” Parou de chover e deslocámo-nos perto da sepultura...o C2 chamou os colegas num tom mais alto e carinhoso disse: “ Olha, ela já tem aqui umas malaguetas ao lado das flores!”

O C2 continuou: “ Isto aqui...só para ter um exemplo - dirigindo-se a uma campa em frente – para tirar esta pedra de cima da campa...isto são 300 quilos de pedra...e somos nós que temos que agarrar na pedra...não temos máquinas...há cemitérios na cidade “h” e na cidade “w” que já têm máquina até para colocar os caixões nos jazigos...aqui, não há nada, somos nós e umas cordas...é um trabalho escravo...Não é o presidente que vem aqui carregar a pedra. Isto não são rosas, são espinhos bem amargos.

Estamos aqui como operários não qualificados. Eu estou aqui, é como se fosse um engenheiro na minha área...com a minha técnica toda...e o coveiro não existe como profissão! Estou aqui com um ordenado miserável...Estou no Sindicato e já os pus a eles lá também, mas quando eu sair daqui e me reformar, eles é que ficam mal”.

O C1, que ouvia a conversa e que se juntou a nós perto da árvore retorquiu: “ Você fala bem!”.

Funeral 3

Interrompemos a nossa conversa, porque entretanto aproximava-se o funeral. O táxi chegou primeiro, parando em frente á campa. Nele vinham dois padres e uma freira, que se colocaram perto do poiso do caixão.

A família e amigos do falecido que compunham cerca de 20 pessoas, caminhavam lentamente atrás do carro funerário. Alguns choravam.

A falecida, era uma senhora de 92 anos que estava num lar de uma conhecida Instituição de solidariedade Social.

Os agentes funerários, transportaram o caixão até ao pouso. Os padres proferiram uma reza. Os seis coveiros permanecerem de frente para o caixão. O C2 rezava o pai-nosso com os presentes, bastante introspectivo e um pouco afastado dos colegas. Transmítia compaixão pela falecida e família. Os restantes coveiros, incluindo o C1 e o C4, permaneceram cabisbaixos, com o olhar fixo no chão, enquanto os padres proferiam as suas preces.

Com a cova já aberta, após o agente funerário fechar a urna com uma chave, quatro dos seis coveiros, levantaram a urna do pouso e com algum esforço, transportaram-na até á cova, onde através de duas cordas, a forma baixando lentamente. Tentavam concentrar-se no trabalho e ser eficientes.

Quando a urna tocou no fundo, quase prontamente começaram, um a um, a cobri-la de terra, servindo-se de pás para o efeito. Por alguns momentos, só se ouvia o som das pás a escavar a terra. Num ápice, a terra cobriu a urna.

Alguns dos familiares falaram com os coveiros e voltaram a distanciar-se.

No fim, os seis coveiros colocaram o tampo de pedras por cima da cova revestida com terra.

Alguns dos familiares que ainda ali permaneciam, começaram a distanciar-se calmamente, assim como os coveiros.

Troquei o contacto com o C2, que referiu que seria interessante, eu observar um levantamento de ossadas. No entanto, os coveiros só costumam ficar informados do procedimento no fim de um dia de trabalho e normalmente acontece da parte da manhã.

Despedi-me e prometi voltar na semana seguinte.

Cemitério “X” 16/01/08

Entrei no Cemitério “X” por volta das 16:10. Um pequeno grupo de pessoas caminhava a passo lento, regressando de um funeral, alguns carregados com um luto negro...as suas peles pálidas sobressaíam, denotando uma tez manchada de sofrimento. Algumas pessoas desse grupo, choravam e sussurravam... “porquê?”

O sol estava escondido nas colinas que abraçam o horizonte, iluminando o cemitério.

Reparei que um dos jazigos tem escrito um nome que me é muito familiar, facto que me incomodou de alguma forma. Mas tentei abstrair-me desse pensamento e continuar a minha pesquisa.

Fui directamente ao casebre, mas não foi necessário lá me dirigir, pois quatro coveiros, entre eles o C2 e o C3 finalizavam os últimos retoques. Vinham de enxada no ombro e de luvas calçadas. Cumprimentaram-me afavelmente. O C3 logo me avisou que haveria no dia seguinte um levantamento de ossadas e que se eu estivesse interessada em ver, para perguntar o horário na secretaria. Um terceiro coveiro, de barbas, algumas brancas, que normalmente me evita quando me avista, foi abordado pelo C2 – “Então, fazes a entrevista à rapariga?”

“Qual entrevista?” – perguntou ele. – “Uma resposta dou, se souber dar, mais do que isso não dou. Entrevistas não dou”.

O C2 tentava convence-lo, mas sem sucesso. Caminharam a discutir até ao casebre. O C2 delicadamente disse: - A menina vá ali dentro e tente falar com um deles.

No entanto, eu aguardei cá fora. O coveiro que não quis dar a entrevista fechou a porta e discutia com os colegas que me apoiavam: - Tens medo do chefe? A rapariga só está a fazer o trabalho dela – Não é medo do chefe – respondeu ele. – Ela já fez 5 ou 6 entrevistas...fez um apanhado...todos disseram a mesma coisa...já chega! - Referiu o coveiro contrariado.

A discussão continuou. Afastei-me e não quis insistir mais.

Desloquei-me à secção do C1 e do C4.

Pedi permissão para falar com o pai do C4, o C5, que embora um pouco reticente, aceitou de boa vontade. Naquela secção existe uma pequena arrecadação, onde os coveiros se encontravam.

O C5 desviou alguns objectos onde pousei as minhas folhas e o gravador, entre eles uma taça com um resto de vinho tinto, perguntando-me com humor se eu era servida.

ENTREVISTA Nº 5 C5

Idade?

C5- 54 anos.

Estado civil?

C5- Casado.

Tem filhos?

C5- Sim. Dois.

Habilitações literárias?

C5- 4ª classe.

Número de enterros que realizou.

C5-Mais de 600.

Sente-se realizado com o ordenado?

C5 - Não. É a única coisa que não me sinto realizado.

Tem coveiros na família?

C5 - Sim. Irmão (C2) e filho (C4).

Filiação religiosa

C5- Católico praticante.

Descreva um dia de trabalho.

C5- Hoje cheguei às 9h, tomei o pequeno almoço das 10h às 10:15. Andámos a fazer limpeza, manutenção. Fui almoçar a casa. Não fiz nenhum funeral hoje. Lanchei às 16h. Saio às 17:30.

Há quantos anos é coveiro?

C5 – Há 18.

O que fazia antes de ser coveiro?

C5 - Eu trabalhava numa fábrica têxtil. Trabalhei 22 anos nessa fábrica. Aquilo estava a dar a falência e como eu tinha dois filhos a estudar, actualmente uma já é professora há 10 anos, o outro tem o 12º, você já falou com ele. Aquilo acabou por dar a falência, acabei por vir para aqui. Mas antes de vir para aqui, já fazia uma freguesia.

É casado?

C5 – Sim, tenho dois filhos.

Há quantos anos trabalha neste cemitério?

C5 – Aqui trabalho há 15. Mas trabalho na profissão há 18, noutras freguesias.

Como tomou conhecimento deste lugar?

C5 – Concorri a concurso público.

Já estava dentro da matéria?

C5 – Já estava dentro da matéria...só vim aqui...

Como é que começou a fazer funerais nessa freguesia onde começou a trabalhar como coveiro?

C5 – Foi com o meu irmão, o C2.

Já o observava?

C5 – Estava habituado com ele. Passava aqui...Eu trabalhava de noite na firma e vinha para aqui às tardes e vinha assim nos tempos livres e nada me meteu obstáculos.

Como é que foi fazer o seu primeiro enterro?

C5 – Não foi nada de especial. Já estava habituado. Já estava acostumado a vê-los trabalhar...Isto é mais uma questão psicológica, do que...

É?

C5 – Sim...

Descreva-me um funeral que tenha ficado na sua memória, que o tenha marcado... Estes anos todos...

C5 - Não, nunca tive...

E jovens...

C5 – Há sim, jovens ...nós somos todos humanos e quando é assim uma pessoa jovem choca mais um bocadinho.

Lembra-se de algum em particular?

C5 - Por acaso, foi uma miudinha...que iam para a cidade “J” para a Universidade e morreu a moça e o namorado...Era namorado...Até foram três jovens. A moça e dois moços morreram. Vieram para aqui...É tudo entre os 20, 18, 20 anos...É um bocadinho...somos humanos, não é...choca um bocadinho...Uma pessoa está dentro do trabalho, alguém tem que o fazer... (semblante preocupado)

Claro...O que é que o chocou mais nesse funeral?

C5 – Eu para mim, o que me chocou mais no funeral foram a quantidade de colegas, a juventude...Não é bem, bem a família. Claro, a família também sente muito, mas mais os amigos que eles têm...e depois andam sempre aí. Ainda hoje vêm aí. Já morreram para aí há seis ou sete anos e ainda hoje vêm aí. De resto, são trabalhos como outros quaisquer...é uma questão de uma pessoa se mentalizar do trabalho que está a fazer, mais nada.

Quando enterra um corpo, no que é que pensa?

C5 – Eu às vezes penso...se fosse um familiar meu...a minha situação seria igual à deles, também.

No que pensa quando enterra alguém?

C 5 - Não penso em nada, já estou habituado. É o trabalho, prontos...

Já sentiu alguma emoção mais forte?

C5 – Às vezes custa um bocado. Quando são amigos, principalmente.

Quando não são pessoas conhecidas?

C5 – Desconhecidas não, agora conhecidas...mas prontos...Eu por exemplo, actualmente faço a Freguesia onde eu moro, onde eu nasci, faço lá os funerais, conheço lá gente, não é, toda a gente, não há ninguém que não conheça, e eu faço os funerais dessas pessoas...e são amigos, às vezes vizinhos de porta, mas uma pessoa prontos, é o nosso trabalho.

E o que sente, tristeza?

C5 – Às vezes vou assim a baixo, gostava de ir a acompanhar o funeral, mas não tenho quem faça aquele tipo de trabalho, sou eu que o faço, não é, tenho que o fazer eu. Vou cumprimentar a família e tal...e prontos, é assim, tem que ser (ar de resignação).

Como acha que as pessoas de fora o vêm?

C5 – Vêm bem.

É?

C5 – É!

E as pessoas deste cemitério, que não o conhecem?

C5 – Toda a gente respeita. Mesmo na minha freguesia, digo-lhe sinceramente, não há uma única pessoa que diga – Ah, aquele é coveiro! – Por acaso é uma freguesia que é um espectáculo...por acaso quando há um funeral lá na freguesia, até se estorvam para meter dentro da cova as pessoas, a ajudar-nos...é verdade! Não se vê muitas freguesias assim, mas aquela é. São muito humildes, pessoas... e é assim.

Que sentimento acha que os seus colegas têm quando estão a enterrar alguém?

C5 – É quase tudo a mesma coisa. Pode haver um que trabalhe menos que outro, mas aquilo já é...cada um...

Como é que encarou que o seu filho (C4) viesse para a sua profissão?

C5 – Olhando a situação em que estamos a atravessar, ele tem estudos, mas prontos, ele era serralheiro, mas olhando à situação, os patrões agora pagam mal...

Está seguro aqui?

C5 – Já nem é uma questão de segurança, porque agora infelizmente já não vejo também assim...para mim é...se me mandassem agora embora, já estou como o outro, já estou quase na reforma, já tenho idade para isso...vou fazer 55 anos agora em Abril, tenho 38 de descontos...agora é mais para estes jovens...e o caso do meu filho...trabalhava (...)

(...) Era serralheiro, mas hoje há uma concorrência enorme, aqui, é mais seguro um bocadinho, é mais seguro...e estes empregos também não é qualquer um que o quer ... e o meu filho encarou bem a situação.

Como é que descreve o seu filho (C4), a nível de sentimentos?

C5 – É como o pai...é o mesmo sistema (risos) ...habitou-se também comigo.

Mas como ele é fora daqui?

C5- É boa pessoa.

È sensível?

C5 – Hum...é...é humano.

O que é para si a morte?

C5 – A morte...Olhe já estou habituado a isso...é uma pessoa acabar. Eu acho que...eu já vi muitas pessoas a sofrer, muitas. Já estive na tropa, na Guiné, vi a minha sogra que estava num sofrimento horrível...eu quando as pessoas estão assim digo com muita sinceridade...para mim, era...quando dá assim um “AVC” como deu à minha sogra, mais vale Deus nosso Senhor leva-los...numa situação dessas, eu até era a favor de haver a eutanásia. Uma pessoa a sofrer tanto, tanto, tanto e a levar tanta picadela e já não adianta de nada...Para mim acho que só estão a estudar o nosso corpo, mais nada.

Então acha que a morte é um descanso?

C5 – Para mim sim. Uma pessoa quando chega a um ponto dessa natureza, digolhe com muita sinceridade, não há milagres.

O que é que acha que acontece depois da morte?

C5 – Ainda não veio cá ninguém a baixo dizer-me, por isso não sei.

Nunca pensou nisso?

C5 – Não, não. Nunca pensei.

Já observou alguma coisa de estranho no cemitério?

C5 – Nunca!

Como é que a sua esposa e os seus filhos, encararam a sua profissão?

C5 – Eu trabalhava na fábrica, vim para aqui...pensei...vou melhorar a minha situação...a minha filha como estava a estudar na altura disse – Oh pai, faz você muito bem! Ainda hoje o meu genro, que não é muito de cemitérios nem de campas, diz-me que só fiz bem e que melhorei a situação e mais nada.

Como é que ocupa os seus tempos livres?

C5 – Nos meus tempos livres? Não vou brincar, não! Vou podar, fazer jardinagem. Faço jardins fora também. Os meus tempos livres, quando posso, ali vai. E gosto de passear também...pego no carrinho e também vou dar as minhas voltas...mais a minha mulher aos domingos e assim...o meu filho já não precisa...tem carro e lá vai ele, agora, vou mais a minha mulher...vou até à minha filha e prontos, passeamos assim um bocadinho.

ENTREVISTA Nº 6 C6

Idade?

C6- 47 anos.

Estado civil?

C6- Casado.

Tem filhos?

C6- Dois rapazes.

Habilitações literárias.

C6- 2ª classe.

Número de enterros que já realizou.

C6- 1500.

Sente-se realizado com o ordenado?

C6- Não. Merecíamos mais, mas para a profissão que nós exercemos, nós merecíamos muito mais.

Tem coveiros na família?

C6- Não.

Filiação religiosa

C6- Católico praticante.

Descreva um dia de trabalho.

C6- Pegamos às 9h. Aparece-nos um talão pelo chefe, para abrir-mos uma cova. Nós vamos ao local com o número que vem desse talão...e a secção. Retiramos a tampa ou a sepultura, abrimos a cova. Quando a cova está pronta, vamos fazer o resto do trabalho, a manutenção, tirar lixo. Quando chega o funeral, vamos fazer o funeral. Quando temos uma exumação, é marcada na secretaria. Nós retiramos a tampa, abrimos até à urna, esperamos que a família chegue e exumamos os restos mortais e depois colocamos noutra local onde a família queira. Agarramos nos ossos com luvas. No equipamento estamos bem. Das 10h às 10:15m toma o pequeno-almoço. Vou almoçar a casa. Das 16h às 16:15m tem o lanche. Por vezes, vamos à pastelaria. O chefe autoriza. O fim-de-semana é rotativo, que são as partes mais duras! Se trabalhamos um domingo, dão-nos um dia de folga à segunda-feira sem remuneração nenhuma e o sábado a mesma coisa.

Há quantos anos é que é coveiro?

C6 – Não era coveiro antes. Era um simples lavrador. Trabalhava no campo com os meus pais...e pronto...arranjei este emprego...estou aqui há 27 anos.

Então é dos mais antigos...

C6 – É...há coisa de um ano foram-se gradualmente embora...para a reforma.

Qual é a sua idade?

C6 – A minha idade são 47 anos.

Ainda tem que aguardar mais um bocadinho para a reforma...

C6 – Pois...estava a apontar ir mais cedo um bocadinho, mas preparo-me para ficar um pouco mais cá....com as novas leis.

Era lavrador....Foi uma mudança muito grande, no seu ponto de vista, vir trabalhar como coveiro?

C6 – Casei novo, casei com 19 anos e o meu objectivo...disse à minha esposa, a minha mulher engravidou e eu disse à minha esposa...vou para a tropa, vou seguir a tropa e depois vou tentar ser polícia....até que depois surgiu a oportunidade de vir para o cemitério, uma vez que a minha irmã trabalhava aqui...houve uma vaga e contactou-me....eu não queria...não queria (pausas)....não queria (pensativo), mas ela pediu-me para não pensar duas vezes...e eu aproveitei por agarrar...prontos...esta oportunidade, embora me custasse muito.

O que lhe fez mais confusão, quando começou a exercer esta profissão?

C6 – Nos primeiros dias de trabalho, o contacto com os restos mortais...coisa que para mim (silêncio)...sinceramente, foi duro... (semblante triste) foi duro para mim.

O que é que sentiu?

C6 – Senti arrepios...senti um certo medo...não sei porquê, mas senti um certo receio de ter contacto com os ossos... (falava com a voz suprimida e trémula) de ter contacto com...com...prontos com...com... (gaguejou) prontos...era um ser humano que estava ali...foi assim, os arrepios que eu tive... (entrelaçava as mãos constantemente e ficava perdido no pensamento).

Teve apoio dos seus colegas?

C6 - ...Por acaso tive apoio de alguns colegas....que me ajudaram bastante nesse sentido.

E com o passar dos anos, começou a conseguir lidar melhor com a situação?

C6 - ...Melhorei facilmente....facilmente...(gaguejou) é assim...tantos anos a trabalhar nisto...prontos.

Ao longo de tantos anos, já fez tantos enterros. Recordar-se de algum enterro em particular, que lhe tenha ficado na memória, que o tenha chocado mais, pela história, pela situação?

C6 – Os funerais, por vezes, chocam-me quase todos. (Olhos húmidos) Principalmente quando há jovens, casais jovens, em que os filhos... (silêncio) em que o pai e a mãe vão de acidente...pode ser de automóvel, pode ser um acidente por saúde...também acaba por ser um acidente...e para mim, custa-me muito, choro também com aqueles pequeninos a ver o pai ou a mãe a ir para o covão...eu choro também. (denota-se uma profunda tristeza) Sei que há outros funerais, que os familiares vêm acompanhar...chegam aqui é como se nada fosse, parece que prontos...também me faz confusão....Faz-me confusão essas coisa (suspiro)...a morte devia ser respeitada...e muitas vezes não é...muitas vezes as pessoas levam a morte como uma brincadeira. Eu respeito muito a morte.

Que sentimentos tem quando está a enterrar alguém?

C6- (silêncio)...Que sentimentos? Um dia...um dia eu também serei assim...também me vai acontecer o mesmo...é o sentimento que eu tenho.

No que pensa?

C6- Tento pensar...Eu como católico...pretendo procurar na vida, que nós chamamos na Terra, ser-mos portanto, o mais humildes possível...A humildade é tudo, porque não adianta nada a grandeza, não adianta nada o ódio, por isso é que eu penso a humildade acima de tudo.

Quando observa os familiares a sofrer, o que sente?

C6 - Fico triste...Vou para casa...começo com... (olhos molhados e semblante triste) fico triste, o meu corpo também mexe, também treme (entrelaça os dedos insistentemente).

Ainda não conseguiu ultrapassar por completo essas situações?

C6 - É-me difícil. É difícil...também tenho familiares, já passei por isso também...Não é fácil, porque já me tem acontecido isso com familiares...

É casado...tem filhos?

C6- Sim, sim...tenho dois rapazes.

Como é que a sua família encara o facto de ser coveiro?

C6- Encaram bem. Até tenho um filho mais novo que de vez em quando diz –Oh pai, se precisares de ajuda, tu dizes que eu vou...já tem para aí vinte anos...o mais velho tem 26. Os meus filhos e a minha mulher não vêm nenhum problema, mas outra família, mais ao lado, ficam com um bocado de...prontos...sobrinhos, mãe...faz-lhes um bocado de confusão, porque eles...prontos, dói não é...isto dói (quando fala, afasta-se lentamente de mim, sem dar conta).

Que sentimentos é que acha que os seus colegas coveiros têm quando estão a enterrar alguém?

C6 - Eu gostava que eles fossem como eu! Nessa parte, gostava que eles fossem como eu, que respeitassem a morte. Porque há pessoas que podem não ligar, mas que gostam de respeitar a morte.

Acha que há algum mais sensível?

C6 - ...Há pessoas que por vezes....Você fala na morte...eu às vezes fico assim....não gosto de falar muito na morte, mas prontos (cruza os dedos das mãos insistentemente)...Mas há colegas que por vezes, não respeitam tanto como eu...Gostava que eles respeitassem como eu. Prontos, é essa parte que eu tenho a apontar...

O que é para si a morte?

C6 - A morte para mim, vou-lhe ser sincero, é uma partida deste mundo para outra vida...que eu desconheço, que não conheço....Para mim, é uma passagem, é uma passagem pela Terra, em que as pessoas prontos, prontos...desaparecem....desaparecem. Reencarnar não acredito. Não acredito na reencarnação. Por vezes, fala-se em espíritos, prontos...nessa parte não acredito que alguma coisa há...Nessa parte, fala-se em bruxas, fala-se nisso...prontos...eu não acredito nessas partes, não sei porquê, mas não acredito nisso. Porque a morte é uma passagem para outra vida...não acredito que haja um espírito depois, ou uma reencarnação.

O que acontece depois da morte, é uma passagem?

C6 - É uma passagem. Depois da morte, é uma passagem pela terra.

Já assistiu alguma coisa fora de vulgar aqui no cemitério?

C6- Não...não. Tem aparecido é seitas...mas até ultimamente, não sei se é com o frio não vejo...Vêm para cá, fazem as cerimónias deles...Terão a razão deles. Eu não posso dizer que eles não terão o direito deles. Eu sou católico...não vou dizer que eles não tenham o direito deles de professar a fé que eles têm. Não tenho o direito de julgar. É mesmo assim, quem sou eu para julgar os outros? Fala-se em seitas, são à partida como nós, são seres humanos. Como os católicos têm, como os Muçulmanos têm.

O que gosta de fazer nos seus tempos livres?

C6 - Olhe...No tempo livre...para ocupar o meu tempo livre é descanso...é o descanso. Para ocupar o meu tempo livre é o descanso e umas cartinhas! Uma “suequinha”. Para ocupar o meu tempo livre, não há melhor!

Gosta de ficar em casa com a família?

C6 - Sim, sim, gosto de ficar em casa com a família. Também gosto de passear...também vamos dar o nosso passeio, gosto. Em voz “of,” o C6, com os olhos húmidos, a conter as lágrimas, confidenciou-me - “ É muito triste...A morte é muito deprimente...enchi-me de coragem e falei consigo...(suspiros) Não gosto muito de falar na morte....e eu que perdi a mãe, sobrinhos, um colega daqui com 47 anos que desapareceu assim de repente.(silêncio) Eu...até andei aqui...bati mal...(cruzava os braços repetidamente). Por isso é que eu não gosto de falar na morte....A morte tem que ser respeitada.

Cemitério “X” Dia 23/01/08

Cheguei ao Cemitério “X” por volta das 16:17m.

O cheiro no cemitério era forte. Talvez devido à intensa chuva que tinha acabado de cair.

Alguns jazigos estavam abertos, os familiares tratavam da sua limpeza. O dia estava primaveril. Encontrei o C3 e 4 coveiros que ainda não entrevistei perto da Igreja. Dois deles estavam sentados na berma do passeio, encostados a um jazigo a conversar.

Os 5 coveiros aguardavam pacientemente a chegada de um funeral.

O C3 cumprimentou-me afavelmente e conversou comigo durante mais ou menos 10 minutos. Falou-me da sua ida a França e confessou-me que não gostou dos Franceses. “ Naquela terra onde eu estava, os Franceses eram sujos e mal vestidos e olhavam-nos de lado. A partir das 19h, já não se passava nada....O céu estava sempre embrulhado e era em Agosto...o sol não queria aparecer...Nós aqui, já é diferente....Então, aqui no cemitério no Verão, é um calor que não se pode, assamos aqui. Muitas vezes, nem conseguimos pegar nas tampas das sepulturas de tão quentes que estão. Temos que calçar as luvas”.

O C1 passou por nós. Queixava-se que tinha comichão nas mãos e perguntava pelo remédio.

O C3 explicou-me que eles tinham muitos problemas com as lagartas dos pinheiros, que provocam desconforto nos coveiros, pois muitos deles ficavam com alergia. “Deitamos sempre um remédio para as matar, mas há sempre muitas por aí...e agora vem a primavera é pior. Aqui na cidade, há muitos miúdos nas escolas que sofrem com as lagartas...bem já vem lá o funeral.”

Funeral 4

Perguntei como é que sabiam, pois ainda não se avistava ninguém. “ O porteiro do cemitério dá sempre o toque, quando o funeral está a chegar e nós já sabemos...”- referiu o C3.

A cova já estava aberta. “ É um jazigo de família” – referiu o C3.

Os cinco coveiros caminharam lentamente para junto da campa, onde aguardavam silenciosamente o funeral.

Três dos coveiros retiraram o caixão de dentro do carro funerário e colocaram-no pousado, afastando-se um pouco. Aguardaram que o padre e o sacristão rezasse a última missa ao falecido, com o caixão entretanto aberto.

Um grupo composto por 30, 40 pessoas acompanhou o funeral. Algumas pessoas que participavam no funeral, choravam baixinho.

O falecido era um senhor idoso, de 82 anos. Os filhos e os netos observavam-no copiosamente.

No momento em que o corpo foi destapado, os cinco coveiros, reagiram cada um da sua forma. Todos eles estavam de braços cruzados. Três deles estavam muito perto do caixão, misturando-se com os familiares, olhavam para o caixão de olhar fixo, rosto inerte.

O quarto coveiro encostou-se a um jazigo, mesmo ao lado da cova, cruzou novamente os braços e observou o funeral daquele ângulo. Mexia-se muitas vezes, cruzando as pernas, olhando para o chão, familiares e colegas de trabalho.

O C3 encostou-se ao carro funerário e observava o sofrimento da família na retaguarda.

Entretanto, um senhor presente no funeral, começou a tocar viola e a cantar uma música cristã. “Oh morte...temos que te aceitar...partiste irmão, cristo levou-te...”

Aquele momento foi mágico, envolveu todos os presentes. Muitos cantaram também. Até pessoas que visitavam as campas dos seus familiares e amigos, aproximaram-se e observaram atentamente.

Os coveiros ficaram inertes, envolvidos naquele momento, submergidos em pensamentos.

A música terminou e eu senti que a dor dos presentes terá ficado um pouco mais suportável. Uma áurea de serenidade pairava no ar.

Um coveiro, bastante jovem, ficou incomodado com a cerimónia e quando a música terminou, caminhou lentamente, dando uma volta ao carro funerário, de rosto triste e comovido, colocando alguns dedos na boca e estalando as mãos.

O C3 foi o primeiro a dirigir-se para perto da cova.

Um familiar ou amigo do falecido quis fechar o caixão, olhando-o em tom de despedida. Fechou o caixão com a ajuda dos agentes funerários.

Quatro coveiros transportaram o caixão para a cova, acusando algum esforço e de rosto triste.

O padre de lágrimas nos olhos, entrou o taxi e abandonou o cemitério.

Lentamente a urna desceu com a ajuda de duas cordas. Os cinco coveiros começaram a cobri-la de terra. Estavam empenhados, calados a cumprir a sua tarefa. Rapidamente a cova estava cheia de terra. Dois rapazes de mais ou menos 15 e onze anos observavam a urna a transformar-se em sepultura, chorando silenciosamente.

Os coveiros eram delicados na sua lide e alguns deles olhavam de vez em quando para os dois rapazes, envoltos de ternura, entre eles o C3.

Colocaram uma pedra por cima da campa e findaram o trabalho colocando as flores na campa. Colocaram as enxadas ao ombro e caminharam apressadamente para o casebre, pois já estava quase na hora de saírem, 17:17m.

Cemitério “X” 30/01/08

Quando cheguei ao cemitério “X”, deparei-me com um cenário nada habitual. Alguns dos coveiros transportavam um caixão para dentro da igreja, que retiram de uma carrinha igual a tantas outras, nada parecida com os carros funerários que me habituei a observar. Dois deles abriram a porta principal da igreja, enquanto que quatro carregaram o caixão. Alguns conversavam com os dois condutores da carrinha contando piadas, outros falavam alto uns com os outros.

Entretanto, o C3 veio ao meu encontro e cumprimentou-me afavelmente. Explicou-me que teriam depositado o caixão na Igreja, porque o corpo do falecido viria de longe e que o funeral seria no dia seguinte. “É uma pessoa já com idade”- Referiu.

O C3 tentou abordar um dos colegas, a quem ainda não entrevistei, através de uma das portas laterais da igreja, no entanto, o coveiro gritou: - “Não” – Fechando-nos a porta na cara. O C3 lamentou o sucedido, argumentando: -“ Este senhor e mais outros três são as vassouras do patrão...têm medo de falar...deles não vai conseguir nada, nem vale a pena dirigir-se mais a eles”.

O C3 abordou o C7, um coveiro que não estava incluído nos quatro que referiu, que aceitou o convite para realizar a entrevista que se realizou no casebre.

Entrevista 7 C7

É casado?

C7- Sim.

Idade?

C7- 43 anos.

Tem filhos?

C7 - Sim, tenho dois.

Habilitações literárias?

C7- 4ª classe.

Há quantos anos é coveiro?

C7 - Vai fazer oito, agora para Julho.

Número de enterros que já realizou.

C7- Mais de 1000.

Filiação religiosa?

C7- Católico praticante.

Sente-se realizado com o ordenado?

C7- Não.

Tem coveiros na família?

C7- Sim. Um irmão (um dos coveiros que não deu entrevista).

Descreva um dia de trabalho.

C7- Ontem entrei às 9h, fiz manutenção, varri. O pequeno-almoço foi às 10h, depois fiz outra vez manutenção. O almoço foi às 12:30m. Entrei às 14h, fiz manutenção e fiz um funeral às 15:50m. Lanchei, fiz manutenção e saí às 17:30m.

Começou por ser coveiro neste cemitério?

C7 - Sim, sim.

O que fazia antes?

C7 - Fui vendedor de electrodomésticos e fui ligado à construção civil.

Como é que veio aqui parar?

C7- Foi o meu irmão.

Tem um irmão aqui a trabalhar?

C7 - Ele meteu-me aqui...

Foi a concurso?

C7 - Fui a concurso.

Como foi começar a trabalhar aqui?

C7 - Eu com oito, nove anos, já vinha para aqui...vinha para a quinta, onde á isto agora.

Como é que foi o seu primeiro dia de trabalho? O que sentiu? Foi estranho para si?

C7 - ...É normal...Não senti nada...só que...o meu irmão não me deixou tirar as ossadas...mas prontos...sonhei um bocadinho...

É?

C7 - Sonha-se um bocadinho... (risos) ...mas não é....

Recorda-se de um funeral que tenha feito, que o tenha marcado mais?

C7 - Tenho...Tenho bastantes...sim, sim...Aqueles miúdos da secção "I"...e muitos mais, prontos...isto agora...prontos, uma pessoa de mais idade é diferente...eu sou muito sensível nessas coisas...é...sou muito sensível (olhar cabisbaixo e triste)

O que sente nessas alturas, quando faz um enterro?

C7 - Isto custa a todos não é...custa a todos. Eu já perdi um filho, perdi a minha mãe também...Isto custa todos, custa a todos. É duro, é duro. (apertava as mãos insistentemente)

Começa a lembrar-se dos seus entes queridos?

C7 - Exactamente. Chorar por eles...

No que pensa, que sentimentos tem nesses momentos?

C7 - Não penso em nada...para distrair penso no trabalho, na minha vida...gosto de beber o meu copo, de jogar umas cartas...prontos.

Como é que a sua família encarou o facto de ser coveiro?

C7 - Normalmente.

O que acha que os seus colegas coveiros sentem, quando estão a enterrar alguém?

C7 - Alguns têm sentimentos, outros não têm. Muitas vezes mando-os calar...às vezes não há respeito.

Já observou algum dos seus colegas a ficar assim mais triste num enterro?

C7 - ...Hum...Não...Eu e o meu irmão, mais ninguém. Acho que somos os que sentimos mais a dor...prontos, de resto...

O que é para si a morte?

C7 - ...Hum...Não sei, porque nunca morri...e então é duro, é chato é para os familiares.

O que acha que acontece depois da morte?

C7 - Acho que o corpo fica cá ...a carne...e a alma não sei se vai se não...

Acredita nisso?

C7 - Que isto é um mistério muito grande é! E em princípio acredito, acredito...acredito.

Já observou alguma coisa de estranho aqui no cemitério?

C7 - Hum...não.

Mas estava um pouco reticente a responder...

C7 - ...Hum...(risos)..Não...talvez as Brasileiras quando vêm para aí fazer aquelas macumbas.

Mas essas pessoas têm aqui familiares?

C7 - Não...vêm aqui pôr aqueles bonecos debaixo da Terra. E eu estava neste sector e ia lá ver e lá estavam os bonecos ali...depois acabei por pegar e pô-los no caixote do lixo. Já apareceu aí um coração de boi...Nós até pensámos que poderia ser um aborto, mas depois pegámos naquilo e abrimos, tinha lá pimentos e umas coisas quaisquer enfiadas, mas eu não acredito nessas coisas.

Quando faz levantamento de ossadas, como reage nessas alturas?

C7 - Ah...temos que fazer o trabalho, temos que fazer o trabalho...

Não lhe faz impressão?

C7 - Não faz...É mais o cheiro às vezes...

Como costuma ocupar os seus tempos livres?

C7 - É no campo. Ao lado de minha casa. Estou a tomar conta de uma casa que tem um campo...

O que cultiva?

C7 - Batata, couve...tudo...

Já me disse que gosta de jogar cartas, não é?

C7 - Sim.

E com a sua família, o que costuma fazer?

C7 - Costumo passear. Com os meus filhos, tenho um que não quer casar, mas está junto...mas vem jantar todos os dias para estar connosco.

Obrigado mais uma vez pela sua disponibilidade.

C7 - Não foi nada.

O C7 despediu-se com um aperto de mão efusivo e com um sorriso nos lábios. Foi entretanto fumar, quando surgiu o C2, que me cumprimentou amavelmente. Informou-me que da parte da manhã tinham tido um levantamento de ossadas – “Tentei contactá-la, mas não encontrava o seu número por lado nenhum, até que há pouco o encontrei...há coisas...”- referiu.

“Estava em bom estado a ossada...também depende do tempo do corpo...este tinha sete ou nove anos...Depois também há terras que não prestam ...deviam ser terras apropriadas...muitas vezes vêm terras de aterros, das lixeiras...que não têm força suficiente para os corpos...Devia ser aquela terra pretinha ou a amarelada que também é boa.

As rendas que põem nos caixões, que são de *nylon*, só estão a conservar o corpo...não derretem. É preciso preparar as pessoas para isso, mas não é assim, as pessoas devem ir tapadas com “fiouco”, porque o *nylon* é mau para a saúde pública e para o ambiente. O Ministério do Ambiente deveria autorizar somente o uso em caixões de determinados tecidos que se desgastassem rápido. Não é o que acontece, as pessoas vestem aos falecidos fatos de boa qualidade que muitas vezes demoram anos a desfazerem-se. Devia haver um melhoramento das condições do ambiente.

Este corpo de hoje, trasladou-se para outra sepultura...a família nem veio assistir...era uma pessoa de idade...Não me fez confusão...Tinha cheiro...mas isto é sempre assim...há sempre uns que têm mais que outros.

Em alguns cemitérios da cidade “H” e da cidade “W”, há um fato próprio para transladações, que são impermeáveis...no fim deita-se fora. Aqui temos duas fardas. Há cá seis máscaras de autópsia para onze. Os filtros são sempre os mesmos, não os mudam há anos...desde que as máscaras vieram para cá. Devíamos ter uma máscara para cada um...Isto até...respirarmos este cheiro sempre, vai-nos trazer consequências futuras, isto vai-nos fazer mal. Aqueles cheiros nunca foram modificados.

Devia haver mais rigor no que diz respeito ao ambiente. Ninguém repara no que a gente faz.”- Referiu o C2, indignado.

Conforme conversávamos, o C2 já me tinha acompanhado até perto da saída do cemitério, quando foi abordado por um transeunte, que segurando uma vela vermelha, questionou o C2 sobre a localização de uma campa. Só sabia o último nome da falecida, que era sua sogra, e não estava bem elucidado do ano em que falecera, embora já lá tivesse ido, referindo que tinha estado em coma durante muito tempo e só teria acordado há pouco tempo atrás.

O C2, bastante cordial, indicou que a secretaria seria o local indicado para o Sr. encontrar a pessoa que procurava – “Leve lá os dados que se conseguir lembrar, que lá é mais fácil encontrarem a pessoa...eu, assim com tão pouca informação, é muito complicado...já são muitos funerais que fiz” – respondeu o C2.

Passados alguns minutos, já com as informações certas, o Sr. “perdido” abordou novamente o C2, segurando um papel com as indicações certas. O C2 respondeu: -“Agora sei sim senhora, de quem está a falar, siga-me”.

O C2 despediu-se de mim e eu abandonei o cemitério por volta das 17:10m.

Cemitério “M” 19/03/08

Quando me aproximei da entrada do portão do Cemitério “M”, constatei que o horário de funcionamento é das 8:45m às 16:45m. O período em que se realizam funerais também está anunciado: 9h às 11:30m e das 14h às 16:30m.

Entrei neste cemitério, este que me é familiar, por volta das 16.20m. Jazem aqui alguns conhecidos, vizinhos, uma amigo, dois familiares. Visitei a campa de dois deles. È impressionante como o tempo passa...A tinta dos dizeres gravados nas lápides vai desaparecendo, vai sendo apagada com o próprio tempo.

O cemitério está cada vez maior...quando tentei encontrar o muro que o encerra, foi difícil alcança-lo no horizonte.

Funeral 5

Neste dia chovia, o vento soprava contorcendo os guardas chuvas. Três coveiros finalizavam um enterro. A família e amigos da falecida, uma senhora que tinha perto de 70 anos, assistia às últimas pazadas de terra, observando com mágoa. Os coveiros vestiam fatos impermeáveis verdes e com um ar grave, envoltos em silêncio, espalmavam a terra que cobria a urna, envolvendo-a de flores oferecidas ao falecido por familiares e amigos.

Quando terminaram, abordei um dos coveiros, o C9. Falei-lhe do meu estudo e o C9 referiu que já estariam na hora de saída (estávamos perto das 16:45m). Pediu-me para voltar no dia seguinte a partir das 9h.

Cemitério “M” 20/03/08

Cheguei ao cemitério “M” às 9:30m. Permaneci ainda alguns minutos sentada no carro em frente à entrada do cemitério, porque reparei que os coveiros se estariam a dirigir para a cantina da Faculdade do “M”, que fica mesmo ao lado do cemitério. Caminhavam pausadamente. Um grupo de 5. Conversavam e sorriam.

Enquanto esperava que regressassem, observei as floristas que empilhavam flores, retiradas de um camião. Algumas pessoas entravam no cemitério vestidas de negro.

Entretanto, avistei alguns funcionários do cemitério. Dirigi-me a um, no entanto, constatei que não era coveiro, mas sim, auxiliar de limpeza. Chamou um colega coveiro, o qual interpolei. Depois de algum tempo de negociação, aceitou fazer a entrevista, e que a mesma fosse gravada, no entanto referiu que só trabalhava como coveiro há 7 meses e que seria mais proveitoso para mim falar com outro coveiro mais antigo.

Entrevista Coveiro 8 C8 (um homem de porte médio, moreno, com olhos claros e olhar sincero)

Idade?

C8- 48 anos.

Habilitações literárias?

C8- 4ª classe.

Estado civil?

C8- União de facto.

Número de filhos?

C8- 0.

Filiação religiosa?

C8- Católico não praticante.

Tem coveiros na família?

C8- Não.

Sente-se realizado com o ordenado?

C8- Não. O ordenado é que é pouco. Isto para o trabalho que é, é pouco...isto...

Descreva-me um dia de trabalho.

C8- Entramos às 8:30 e saímos às 5 horas. Almoçamos do meio-dia à uma e meia. Lanchamos...temos 15 minutos e de manhã outros 15 a meio da manhã, para o pequeno-almoço. Normalmente almoçamos aqui ou na cantina da faculdade. Nós aqui abrimos as covas tudo à mão. Partimos, cobrimos, fazemos o enterro.

Número de enterros que realizou.

C8- Tenho feito 4, 5, 6 por dia. Hoje temos dois. Ontem tivemos 3. Por volta de 4 mil funerais.

Há quanto tempo trabalha como coveiro?

C8- (Risos) Há pouco estava a mentir...Já estou cá há dois anos e meio. Trabalho neste meio do cemitério. Estas secções até ao fundo são todas minhas e os meus outros dois colegas ficam com as secções do outro lado.

São quantos coveiros neste cemitério?

C8- Aqui somos 4. Depois há colegas jardineiros da limpeza, que fazem a manutenção disto.

É para ficar?

C8- Não sei. O contrato acaba em Setembro

O que fazia antes de ser coveiro?

C8- Trabalhava na construção civil. Era pintor da construção civil.

Como surgiu a oportunidade de vir trabalhar como coveiro?

C8- Estava no fundo desemprego, entretanto chamaram-me e mandaram-me para aqui...e eu aproveitei.

Já tinha tido algum contacto com esta profissão?

C8- Não, foi a primeira vez.

Foi pedido algum requisito para entrar para esta profissão? Tinha que ter algum conhecimento sobre procedimentos, medidas das covas, funduras?

C8- Não. As covas já têm, já têm...mais ou menos 2 metros e 10 mais ou menos...de comprimento...

Então não teve que fazer nenhum teste específico quando entrou para aqui?

C8- Não, não, não.

E como foi a experiência de ser coveiro pela primeira vez?

C8- Foi boa! Porque fiquei aqui.

Para entrar cá, teve que fazer algum tipo de teste?

C8- Não, não...fiquei aqui os cinco meses e depois fiquei cá na Junta a contrato.

Como é que foi para si a primeira experiência de fazer um enterro ou levantar uma ossada?

C8- (Esfregou as mãos)...Custou um bocado mexer nos ossos, mas tive que continuar...No início custa sempre mais.

Como é que a sua família encarou o facto de trabalhar como coveiro?

C8- Bem.

Vive com quem?

C8- Com a minha mulher e com dois irmãos.

Recorda-se de algum enterro que tenha feito que o tenha marcado?

C8- Sim...ainda agora há pouco tempo. Um rapazito que morreu de acidente. Conhecia-o desde que nasceu do Bairro...conhecia-o desde criança...prontos...andei com ele ao colo...e fui eu que tive que fazer o funeral...não estava cá o meu colega...custou mas foi.

Recorda-se de mais algum?

C8- Não...É assim, a gente habitua-se.

O que sente quando está a fazer um enterro?

C8- Sinto como se fosse um trabalho normal...um trabalho qualquer.

No que é que tenta pensar?

C8- Em nada. Nada...simplesmente é leva-los para a cova, enterra-los e prontos. Às vezes estou a ver o que é que se passa com a família...Prontos...às vezes custa mais estar a ver... a família a chorar e assim...

Que sentimentos acha que os seus colegas têm quando fazem um enterro?

C8- Às vezes ficam mais tristes, mas já estão habituados.

Já presenciou algum facto entre os familiares mais estranho, durante um enterro?

C8- Não, não... Talvez pessoas a desmaiar...ainda ontem aconteceu...

O que é que aconteceu?

C8- Uma senhora, que estava dentro da carrinha funerária. Saiu, assim que saiu desmaiou logo. Ficou desmaiada...prontos...A gente já está habituado a isso... Pode acontecer a qualquer momento...Já não é a primeira vez...as pessoas desmaiam...Prontos, a gente já está habituado a isto, já não nos diz nada....A gente ajuda as pessoas...e elas, olhe nem melhoram nem pioram.

O que acha que os seus colegas sentem quando estão a fazer um enterro?

C8- Não sei...(risos)...não sei...abstêm-se das coisas, porque têm que fazer o trabalho. Se vão pensar naquilo que estão a fazer, não fazem nada.

O que é a morte?

C8- (risos).

Já pensou nisso?

C8- (silêncio) A morte é a morte...Temos que estar aqui para lá chegar pá. Eu encaro isto como uma coisa normal...mas sempre encarei...Sempre encarei a morte como uma coisa normal. Para mim é (silêncio) ...uma coisa que vai acontecer.

O que acha que acontece depois da morte?

C8- Nada...é o fim...é nada.

O facto de ter vindo trabalhar como coveiro, alterou a forma de encarar a morte?

C8- Não, já pensava assim.

O que gosta de fazer nos seus tempos livres?

C8- Gosto de ouvir música, gosto de passear, gosto de bailaricos (risos)...vou a todos (risos)...não falho, não falho (risos).

Muito obrigada, muitas felicidades e muitos bailaricos (risos).

Entrevista nº 9 (C9)

Há quantos anos é coveiro?

C9- Oito anos.

Idade?

C9- 39.

Estado civil?

C9- Solteiro.

Escolaridade?

C9- 6º ano.

Filiação Religiosa?

C9-Tenho a minha fé...Acredito no meu Deus. Vou a Fátima, quando acho que é importante...Não é que seja Católico ou que acredite em padres. Os padres e os políticos...é tudo igual. Eles dizem as coisas à maneira deles.

Vejo aqui, quando há funerais há padres que demoram 5, outros 10, outros 15 minutos a pregar ao morto. Antes de enterrar um corpo, cada um prega à sua maneira.

Número de enterros que realizou.

C9- Hoje temos dois. Tantos....20 mil.

O que fazia antes de ser coveiro?

C9 -Trabalhei 9 anos num navio, na distribuição e outros 9 anos na apanha da amêijoa.

Como surgiu a oportunidade de trabalhar como coveiro?

C9- Vim para cá através da Junta como cantoneiro aqui no cemitério, ao fim de 4 anos a acantonar, surgiu a oportunidade de vir para coveiro e aceitei...vinha ganhar melhor. Éramos para ser seis, mas há um ano e pouco dois faleceram. 4 Coveiros são poucos coveiros! Sempre foi a mesma guerra. Não têm equipa de manutenção como deve de ser. Nós coveiros fazemos exumações, levantamentos, amanhamos erva, apanhamos lixo...tudo. Se vir as funções do coveiro que estão num decreto-lei, não é isto que devemos fazer. Há 27 secções e nós temos 13 e meia para cada homem. É demais. Trocaram-nos o horário normal quando entrou este executivo com a desculpa da verba. Os 4 coveiros só estão todos juntos à terça, quarta e quinta. Sexta e sábado, estou eu e o meu colega e ao sábado e domingo, estão os outros dois. Estamos aqui com 508 euros. O que é que 508 euros dão para fazer? Como é que uma pessoa vive com 500 euros?

Portanto, não se sente realizado com o ordenado?

C9 - Não.

Congelaram-me uma promoção. Em 2009 era para ser promovido, mas já não devo ser. Tenho a minha mãe para cuidar, o carro que comprei para pagar. Não é que queira acabar o resto da minha vida aqui, não é porque não goste de fazer o que faço, mas isto é uma exploração. Só me vou mantendo aqui por causa da minha mãe e para pagar o carro. Quando puder quero sair daqui.

E o que gostaria de fazer?

C9- Iria para o mar outra vez.

Que testes necessitou de fazer?

C9- nenhuns...Estive só uma semana a vê-los, fazer os enterros, levantar as ossadas e depois comecei logo.

Como é que a sua família aceitou o facto de trabalhar como coveiro?

C9- Vivo com a minha mãe e ela disse-me se era o melhor para mim...

Como é que foi para si a primeira experiência de fazer um enterro ou levantar uma ossada?

C9- Custou um bocado, no início foi duro. O primeiro corpo, não destapei. Aquilo abana com uma pessoa. Uma coisa é ver um enterro, outra coisa é fazer.

Recorda-se de algum enterro que tenha feito que lhe tenha ficado na memória?

C9 – Foi logo no início. Era uma rapariga de oito anos. O meu mal foi olhar para a urna...fez-me uma impressão (olhava para o chão e abanava a perna)! Estive quatro, cinco anos sem fazer funerais de bebés e crianças. Depois fiz um e agora já faço, no entanto toca-me sempre um bocado.

O que sente quando faz um enterro? No que pensa?

C9- Não penso, não sinto.Com os passar dos anos uma pessoa vai -se tornando fria. Às vezes custa-me ver os filhos a chorar a morte do pai ou a mulher a chorar a morte do marido e vice versa...

O que acha que os seus colegas sentem quando estão a fazer um funeral?

C9- Como já disse...Nós ficamos frios.

Já observou algum facto estranho, diferente num funeral relacionado com os familiares e amigos do defunto?

C9 - Há familiares que vêm para aí mesmo porque querem e outros que vêm para aí só para fazer o número...muitos andam aí à porrada.

O que é para si a morte?

C9- A morte é destinada no ciclo da vida. É uma passagem. Não falha. É certa.

O que acha que acontece depois da morte?

C9- Não sei o que acontece depois da morte....Mas deve ser bom! Eles não voltam! Acabam montes de problemas com a morte.

O que gosta de fazer nos tempos livres?

C9- Gosto de ver documentários de múmias, dos tempos antes dos Egípcios. Vou à pesca, tenho um barco. Ando de carro, estou com a minha mãe. A minha mãe já teve dois ataques cardíacos, ainda teve num lar, mas agora está sempre perto de mim. Ela é muito importante para mim. Foi pai e foi mãe. O meu pai era mais uma relação de irmão. Fiz uma promessa em Fátima e agora quero é dedicar-me à minha mãe.

Muito obrigado pela sua disponibilidade. Felicidades.

Cemitério “F” 21/03/08

O Cemitério “F” é um cemitério com algumas particularidades. Não existem nem é permitida a construção de campas de mármore. Apenas a lápide é de mármore. Este cemitério segue um modelo jardinado. Os corpos apenas podem permanecer 5 anos enterrados e não existem campas perpétuas ou jazigos.

Na entrada do cemitério, questionei o recepcionista se seria possível falar com o chefe dos coveiros, com o objectivo de me ser permitida a autorização para os entrevistar.

Encontrei o Sr. A, o encarregado dos coveiros, na entrada das instalações onde os trabalhadores do cemitério (jardineiros, coveiros, o encarregado) fazem as refeições, guardam os pertences, convivem.

O Sr. A foi bastante prestável. Apresentei-me e expus os objectivos do estudo, pedindo autorização para entrevistar os coveiros, utilizando um gravador.

O Sr. A prestávelmente autorizou que entrevistasse todos os coveiros disponíveis.

O Sr. A ainda expôs algumas particularidades interessantes numa breve conversa:

Sr. A - Em Portugal, ainda temos muito que evoluir para tratar dos mortos. Em Inglaterra, por exemplo, há pessoas que são chamadas de auxiliares médicas, que dão assistência aos mortos...os mortos tornam-se mais naturais...Cá em Portugal, não existem.

Por vezes há acidentes complicados e os corpos ficam todos despedaçados...ficam irreconhecíveis. Ainda no outro dia, fizemos um funeral de um motorista que morreu no Algarve e quando abrimos o zinco do caixão, o senhor parece que tinha acabado de morrer...não tiveram cuidado nenhum quando puseram o senhor no caixão. Estava todo desfigurado. Em Portugal não há cultura de cuidar dos mortos...nem dos vivos (risos).

Quando vêm para cá corpos de África, Médio Oriente...ui...estão quase sempre em muito mau estado. Ainda são piores que nós.

Os Chineses, por seu turno são que são muito adeptos da cremação. Já temos recebido cinzas de Macau. Eles morrem cá, mandam lá cremar o corpo e depositam cá as cinzas.

Cá em Portugal existe muito o hábito de beijar os mortos no caixão. As pessoas não sabem o perigo que isso pode representar para a saúde. Em caso de hepatite ou sida, não há problema, mas por envenenamento com remédio dos ratos e baratas, quem beija o morto pode trazer malefícios para a pessoa em questão, por vezes até a própria morte, porque o veneno passa para a pele da pessoa que beija num ápice. As pessoas não estão informadas...

Acerca aqui do cemitério, temos capacidade para 94 mil corpos, mas ainda temos muito espaço que não está ocupado porque não temos campas perpétuas. A Câmara já deu o a valo e garantiu que será construído aqui um crematório brevemente...mesmo aqui colado ao cemitério. Já há muitas pessoas a pedir e como deste lado não há nenhum, as pessoas têm que ir para a cidade “L”.

Em tom de despedida, o Sr. A referiu que iriam acontecer dois funerais e talvez fosse mais difícil conseguir conversar com algum dos coveiros.

Comecei a percorrer o cemitério. Senti uma leveza maior quando comparo este com os outros dois cemitérios onde estive. Talvez seja pelo facto de não existirem campas de mármore. O mármore é substituído pelo verde da relva e o multicolor das flores que cobrem as jarras.

A imensidão de campos neste cemitério percorreu a minha espinha e a quantidade de jovens sepultados triturou as minhas entranhas. Senti-me por vezes perdida, fazendo desvios, subindo e descendo escadas, atravessando caminhos íngremes. Até que de repente, ofuscada pelo sol intenso, avistei uma máquina escavadora. Dirigi-me até lá e dentro da cova encontrava-se um coveiro. Abordei-o. Quando revelei a minha identidade e identifiquei o meu estudo, ele prontificou-se a fazer uma pausa e a dar-me a entrevista, dando autorização para que fosse gravada.

O C10 com a ajuda da máquina escavadora tinha escavado a cova e estava a tirar os pedaços de madeira despedaçados do caixão. Estaria a preparar a cova para fazer um levantamento de ossadas que iria acontecer no dia seguinte com a família do defunto presente.

Entrevista nº 10 (C10)

Nome?

C10- C10

Idade?

C10- 53.

Há quantos anos trabalha como coveiro?

C10- 27.

Escolaridade?

C10- 4ª classe.

Estado civil?

C10- Casado.

Tem filhos?

C10- Sim.

Quantos?

C10- 2 filhos.

Tem coveiros na família?

C10- Sim, primo, o C12, que trabalha no cemitério, que também trabalhava na limpeza.

Filiação Religiosa?

C10- Católico não praticante. Não vou à Igreja, não vou à missa, mas sou católico.

Habilitações literárias?

C10- 4ª classe.

Sente-se realizado com o seu ordenado?

C10- Não. Sou obrigado. Sou obrigado a ficar satisfeito com o que tenho, porque não dão mais. E até é um serviço que até merecia ganhar mais dinheiro. Nem toda a gente dá para fazer isto. As pessoas que vêm para aqui têm que ter o 9º ano...o ordenado é mau.

Número de enterros realizado mais ou menos?

C10- Não faço a mínima ideia....Por volta de 40 mil...Isto os funerais é todos os dias 3, 4. Chegamos a fazer 12 num dia. Costumo fazer 3, 4 por dia...Ontem por exemplo foram 5. É o único cemitério do concelho...também já ninguém vai para lá, só pessoas que têm jazigos...O Cemitério "M" prontos, pertence à Freguesia e mesmo assim só vai para lá pessoas recenseadas...o resto vem tudo para aqui.

Neste momento, o que está a fazer?

C10- Como a senhora está a ver. Estou a fazer abertura para um levantamento para amanhã. Tenho que tirar os pedaços de madeira e ver a ossada como é que está, depois que é para amanhã ser levantada.

Teve alguma outra profissão antes de ser coveiro?

C10- Vim de Cabo Verde em 1974 e desde aí sempre trabalhei na Câmara. Trabalhei na limpeza...depois é que eu pedi transferência aqui para o cemitério.

Trabalhou quanto tempo na limpeza?

C10- Tenho 33 anos de casa...portanto na limpeza trabalhei.....(silêncio duradouro) 6 anos.

Foi na limpeza do cemitério?

C10- Não, não...limpeza da Câmara...das ruas...

E porque é que pediu transferência para coveiro?

C10- Pedi porque era um serviço mais parado....Na limpeza hoje era aqui, amanhã noutra lado...era varredor...pronto, uma pessoa teve que mudar de serviço para não ficar aí cansado...também...sempre no mesmo trabalho...

Quando veio para cá teve que fazer algum teste?

C10- Não...quando vim para cá...primeiro eu vim para cá no início da abertura...fui para o cemitério "A"...a ver se tinha coragem para aquilo...pronto...Fizemos lá uns serviços, uns levantamentos, uns funerais...Não me custou nada...por isso fiquei como coveiro.

Já referiu que é casado e que tem filhos. Como é que a sua família encarou o facto de vir trabalhar como coveiro?

C10- Também....nunca demonstraram assim...foi normal...

Recorda-se quando teve que fazer o seu primeiro levantamento de ossadas, o que é que sentiu?

C10- Primeiro fez-me confusão...porque eu nunca tinha tocado nas ossadas de um ser humano, assim...No primeiro dia fiquei logo assim um bocado mal...depois estava lá um coveiro mais velho que estava lá a mostrar as coisas, como se faziam e ele é que disse que eu podia agarrar que não fazia mal...e depois eu comecei ali a mexer...prontos...e a partir dali, não me fez mais confusão.

Quantos coveiros trabalham aqui no cemitério?

C10- Agora actualmente, estamos oito. Infelizmente faleceram dois...ficámos oito...

Recorda-se de algum enterro que tenha realizado, que o tenha marcado, ao longo destes anos que trabalha como coveiro?

C10- Quanto a mim, acho que todos eles marcam, porque são seres humanos, mas o que me marcou mais, mais...há dois...vamos assim...porque eu trabalho aqui dentro...é a minha falecida mãe e uma irmã (silêncio) foi agora há pouco tempo também...aí há uns seis meses...para aí...

Mas só assistiu?

C10-Sim, só assisti claro, os meus colegas é que fizeram.

E sem ser da sua família, recorda-se assim de algum em particular?

C10- Os amigos assim mais chegados e até o próprio colega também. Por acaso não fiz o funeral do colega, mas...mas quando tem que ser, a gente tem que fazer e custa muito.

E sem ser enterros de pessoas conhecidas, recorda-se de algum...já trabalha aqui há tantos anos?

C10- Hum...pessoas assim mais novas...17 anos...Isso também marca.

Porquê?

C10-Porque acho que, pronto, são novos ainda, não conhecem a vida...São pessoas que...eu fico mais sentido no momento...não chegam a gozar a vida...Ainda se for assim morte de alguém que está a sofrer...pronto...a gente não fica muito...agora quando é casos de acidente e morrem assim instantaneamente, a gente fica sempre assim, pronto...a gente fica sempre assim...sei lá...

O que é que sente quando está a enterrar alguém?

C10- Agora não sinto assim muito. No início sentia mais.

O que é que sentia?

C10- Hum...Dava-me aquele choque de estar ali...(silêncio) um ser humano...eu...a enterrar outro...(silêncio)mas pronto...é a lei da vida...O que nasce tudo morre...alguém tem que fazer.

No que pensa nessas circunstâncias?

C10- Nada...olhe...Depois quando fico sozinho, descanso um bocadinho, fumo um cigarrinho...normalmente.

O que é que acha que os seus colegas sentem quando fazem um enterro?

C10- Hum...Não sentem...não sentem...Sentem normalmente como eu. Há uns prontos, até eu no meu caso...um bebé...não quer dizer um recém-nascido. Um bebé já com seis meses ou um ano custa fazer um funeral...custa a qualquer um dos meus colegas.

Recorda-se de algum funeral que tenha acontecido alguma coisa de mais estranha entre os familiares e amigos presentes?

C10- Pessoas que desmaiam acontece sempre. Mas mais estranho com os familiares, é na altura do funeral as famílias estarem a discutir uns com os outros, porque não se dão bem e às vezes até por causa dos bens. Sim...já têm discutidos aqui...já houve brigas, já houve intervenção da polícia...por causa...prontos dos bens...por causa de uma caixa de ferramentas. Já tive cá porrada por causa disso. E a gente às vezes até se impõe e diz-lhe que se eles não têm respeito pelos vossos familiares, respeitem os que já estão cá dentro. Depois eles começam a ficar assim um bocado vergonhosos e depois então acalmam. E há uns que vão lá para fora, para fora do cemitério...começam ali a discutir uns com os outros.

O que é para si a morte?

C10- (Silêncio)...A morte para mim...eu acho que....(silêncio) é tudo...porque também se a pessoa não morresse a gente não dava conta um do outro, não é? A gente tem que morrer, não é...isso um dia menos um dia...vai tudo...pronto...olha, acabou, acabou. A morte para mim, é uma coisa também já...é normal para mim.

O que é que acha que acontece depois da morte?

C10- Aí é que eu não acho nada. Uns dizem que vão para o céu. A gente não conhece...só quem morre, e eles não vêm cá dizer, não é! E o que está escrito também não ligo muito. A escritura também foi o homem que fez. A gente não sabe se Deus escreveu lá o livro dos céus da Terra. Ou o Demónio eterno para aqui, não é? A gente não sabe onde é o céu e onde é o inferno? Cá para mim, o inferno é cá na Terra! Pronto...

O que costuma fazer nos seus tempos livres?

C10- Nos meus tempos livres...saio daqui...às vezes vou directo a casa a ver se descanso um bocadinho...às vezes saio...vou para os cafés, junto-me a li com pessoas amigas. A gente senta ali a jogar às cartas...é a única coisa que eu faço nos meus tempos livres. Também saio com a minha família...só não saí agora porque não pude, porque a minha mulher foi agora passar a Páscoa lá com o irmão, lá para França, mas como eu não pude...ela está de férias e eu estou de serviço...senão eu ia.

Regressou a cabo Verde entretanto?

C10- Não. Desde que vim, nunca mais voltei.

Qual é a Ilha?

C10- A praia.

Não gostava de voltar?

C10- Eu, todos os dias... Mas arranjei cá família...pronto...comecei a arranjar a minha vida cá...e não tenho ido lá nem de férias, nem nada.

E já agora, em Cabo Verde, como são os cemitérios e os enterros. O processo é semelhante ao nosso?

C10- Não. Há cemitérios como aqui, os que ficam dentro da cidade...os do interior é mais discreto. Até tem um muro alto que não dá mesmo para ver dentro do cemitério. Antes de eu trabalhar no cemitério, antes de eu vir para cá, até tinha receio de passar à noite ao pé do cemitério.

Até posso dormir cá dentro, que não me faz diferença. Até há colegas meus que dizem que de noite, os corpos, começam a dar aquela luz de noite...eu acho que não, porque no início, a gente até ficámos cá a dormir cá dentro do cemitério. A minha curiosidade até era para ver...

Tiveram que dormir cá dentro, porquê?

C10- Porque a gente tinha que se levantar cedo no dia de finados...a gente tinha muito serviço...era campas e não sei o quê...combinámos, ficámos cá a dormir e levantámo-nos de manhãzinha. E até de noite, levantei-me...andei ali no meio das secções...só vi a luz das velas que acendem na altura, de resto não vi mais nada! (Risos)

Vocês aqui utilizam máquinas para abrir as campas?

C10- Sim, a máquina abre até chegar à urna, como eu estou a fazer...o resto é a pá e depois de levantar a ossada é que a gente tira e fica logo preparado para outro funeral.

Há muitos cemitérios em que não existem máquinas para auxiliar os coveiros...

C10- Sim, sim.

Aqui não têm mármore nas sepulturas.

C10-Não é permitido. Em princípio é um cemitério jardim. Era para ser tudo relvado, não é...todas as secções. Aquela secção daquele lado está toda relvada, mas há algumas que não estão relvadas... mas também não há verba para manter a relva...aqui quem faz essa parte da relva são os jardineiros que trabalham aqui.

O C10 regressou para dentro da cova -“Cá vou eu outra vez”.-Com um ar consolado e compenetrado - “Se você quiser assistir, pode ver.”

O C10 continuou a retirar os pedaços apodrecidos da madeira do caixão. Tinham uma cor castanha escura e alguns desfaziam-se quando tocados. O C10 com a ajuda de uma pá retirou alguma terra que ainda cobria o caixão. Lentamente, surgiu o cetim que ornamentava o caixão, o qual o coveiro rasgou. Surgiu então uma caveira com um tom castanho-escuro.

Os dentes permaneciam intactos, assim como o cabelo louro que cobria o crânio. Parecia um misto de esqueleto com pele ressequida. O fato do defunto permanecia incólume. Era verde-escuro, a camisa era branca e a gravata azul escura.

O C10 pegou nos dedos do defunto (agora esqueleto) que se desfaziam e atirou osso a osso para um canto no fato. Abriu o fato na parte da barriga, fazendo força, até rasgar e começou a remexer na parte da barriga do defunto. Também encontrou só ossos, atirando alguns para cima dos tecidos restantes do fato e do cetim que cobria o defunto no caixão que também se encontrava intacto, facto que indiciou que o defunto estaria pronto para ser levantado no dia seguinte perante a família.

“Este senhor...coitado... só ficou aqui cinco anos e já está bom para ser levantado....Está a ver os dedos aqui? (suspirando) Olhe... e estes aqui do meio já estão todos secos...vê? Só precisamos depois de levantar os ossos amanhã para a família, de os pôr a secar e já pode ir para o ossário. Também depende muito das secções aqui do cemitério. Esta secção é boa, mas aquelas duas dali são más para decompor os corpos, são argilosas. Quando chove, os caixões bóiam ali. Antigamente púnhamos cal queimado nos corpos para ser mais rápido, agora não estamos a pôr nada”- referiu o C10.

Questionei-o – O que sente quando está aí em contacto com as ossadas?

C10 - Pffffff...(passou com a mão pela cabeça)Eh pá...Olhe, já me habituei...No início era mais complicado...agora já é normal...O cheiro muitas vezes é que é mau, depende se o corpo já está ou não decomposto. As máscaras também não são grande coisa...custa trabalhar, custa respirar...Deviam por um produto na máscara para enganar o cheiro dos corpos...que é mau...entranha-se na gente...muitas vezes vamos para casa com este cheiro, mesmo que tomemos banho, ele fica na nossa cabeça.

Entretanto, o C10 saiu da cova.

Recorda-se de algum episódio mais estranho por parte dos familiares durante um levantamento de ossadas?

C10- Sim...(ar preocupado). Houve aqui um senhor que não queria assistir ao levantamento das ossadas. Esteve cá no dia anterior e disse-nos mesmo que não queria assistir. No outro dia, apareceu na hora da exumação e quis assistir. Nós ainda falámos com ele, perguntámos-lhe se ele tinha a certeza...mas ele sempre a insistir que queria. O senhor desmaiou quando viu as ossadas da mulher...deu-lhe um ataque cardíaco...emocionou-se, não devia ter visto, foi muito para ele. Tivemos que chamar a ambulância. Quase que morreu o senhor...

Muito obrigado pela sua disponibilidade e felicidades.

Procurei por mais coveiros, encontrei o C12 que amanhava a terra de campas ocupadas há poucos dias. Algumas campas ainda tinham as flores e plásticos envolventes deixadas pelos amigos e familiares. Interpolei C12- **Acha que tem um tempinho para falar comigo?**

C12 - Desculpe, mas estou com muito trabalho e já a seguir vou almoçar ...a hora de almoço é agora às 11:30...se quiser esperar...

Obrigado, eu espero - respondi eu - Já passava das 11:30. Comecei a caminhar, dirigindo-me para as instalações onde os funcionários do cemitério faziam as refeições. Interpolei mais um coveiro que se dirigia apressado para as instalações, o C11. É ele que prepara as refeições. Disse-me que me concederia a entrevista com todo o prazer, mas que estava com pressa para terminar o almoço. Amavelmente convidou-me a acompanhá-lo à cozinha. Segui-o e o ambiente era animado, “estilo colectividade”. Os auxiliares de limpeza e os jardineiros misturavam-se com os coveiros. O C11 fritava batatas e febras com a ajuda de outro coveiro. O cheiro era delicioso e propício a gargalhadas.

Cruzei-me novamente com o responsável dos coveiros, o Sr. A que me convidou para almoçar. Agradei o convite e referi que estaria na parte de fora das instalações a aguardar pelo depoimento de algum dos coveiros.

Sr. A- O C11 é o melhor cozinheiro daqui da zona (risos). Se for falar com ele, tenha cuidado, porque ele é muito vivo...é um bom “vivant” (risos).

Sentei-me num banco que se encontrava virado de frente para a florista do cemitério. Passados 10 minutos, amavelmente o C11 dirigiu-se a mim, referindo que já tinha acabado de preparar o almoço e que estaria disposto a fazer a entrevista. No entanto, retorqui que preferia que ele almoçasse e que esperaria por ele sem problemas, pois a entrevista poderia ultrapassar os 10, 15 minutos. “ Pois... a comida também depois fica fria...”- referiu o C11 - que regressou às instalações de lazer.

O vento arrastava as folhas caídas das árvores...algumas faziam remoinho. Alguns rostos vestidos de negro vagueavam tristes, cabisbaixos, cambaleando em dor. Apoiavam-se nos seus passos que lentamente os conduziam à campa de quem os fez sorrir e sonhar.

Neste cemitério, é possível circular de carro. O espaço está contido numa grande dimensão. Há terreno que ainda não tem campas construídas.

Há pessoas que têm os entes queridos enterrados na outra ponta da entrada do cemitério. Observei que quando são pessoas idosas, normalmente acompanhadas pelos filhos, se deslocam de carro dentro do cemitério.

Entretanto, passados aproximadamente 30 minutos, o C11, dirigiu-se a mim, esfregando a barriga, consolado - “Já está, agora já estou bem...já comi, já posso falar (risos). Alguns ficaram por ali a jogar cartas...mas C12 já vem aí falar consigo também, pelo menos ele vem.”

Entrevista 11 (C11)

Nome?

C11- C11.

Idade?

C11- 50.

Estado civil?

C11-Casado.

Está realizado com o seu ordenado?

C11- Não.

Tem coveiros na família?

C11- Não.

Escolaridade

C11- 4^a classe.

Tem filhos?

C11- Sim.

Quantos?

C11- 2.

Há quantos anos é coveiro?

C11-Perto de 20 anos.

Filiação Religiosa?

C11- Sou Católico ...mais ou menos praticante(risos).

Quantos enterros já realizou? (aproximadamente)

C11-Este cemitério é grande. Por volta de 45 mil enterros... Este cemitério está preparado para 96 mil corpos. Já vamos em 38 ou 40 mil. Chegamos a fazer 16, 10, 9 por dia. Agora normalmente estamos a fazer 7,6...7,6,8... Só ontem de manhã fizemos 5 e à tarde 2. Hoje tivemos 2 de manhã e à tarde 2. É muita gente. Porque o cemitério “A” está cheio e o “M” está cheio também...e normalmente vem tudo para aqui...aqui não há jazigos, há é ossários pequenos que é para levar os restos mortais. Há pessoas que pagam logo, há pessoas que ficam a pagar ao ano. Têm uma taxa. No caso que a pessoa não queira levantar, a ossada fica na cova. A gente para por outro corpo, temos que afundar meio metro para baixo e por o segundo corpo.

Começou por ser coveiro neste cemitério?

C11-Não. Antes de vir para aqui, fui para o cemitério “A”. Fiquei lá um ano. Depois vim para aqui.

Antes de ser coveiro, o que fazia?

C11- Era ajudante de motorista...sempre na Câmara “A”.

Como é que surgiu a oportunidade de vir para cá trabalhar e porque concorreu?

C11-Naquela altura casei-me, a minha mulher não trabalhava. Como aqui trabalhávamos aos fins de semana...Agora não, né, fazemos rotativo...mas ganhava à hora, vim para aqui.

Como é que a sua família reagiu ao facto de trabalhar como coveiro?

C11- Quando vim para coveiro, disse à minha mulher que vinha para coveiro, como eu casei na altura e ela respondeu-me “Tu vais para coveiro, estás a brincar comigo ou quê?”(risos) E eu respondi que não estava a brincar e que ia para lá por causa do fim de semana para ganhar mais. Naquela altura a gente fazia sábados e domingos e feriados.

Era sempre mais algum que entrava, né? Prontos, mas agora não...prontos...agora já acabaram com isso...prontos...é rotativo...a gente faz fim-de-semana não, fim-de-semana sim. É mais por causa disso...porque eu...estou aqui...eu também nunca pensei vir trabalhar para aqui. Sou daquelas pessoas quando vinha a um funeral, ficava ali fora...Nem via a sepultura...prontos acompanhava o funeral, ficava ali fora e prontos, depois ia embora...e hoje sou coveiro...Agora os cemitérios já os conheço todos. Nós...a gente sai daqui com o nosso encarregado e vai ver os outros cemitérios, como é que aquilo funciona...isso tudo.

Já tinha tido alguma experiência como coveiro?

C11- Não.

E o primeiro enterro como correu?

C11- O primeiro enterro foi estranho.....Um bocado...não comia...não podia ver pancada, sangue...não comia carne, era só peixe.....

Durante muito tempo?

C11- Foi cerca de uns três anos...depois lá me fui habituando...prontos...mas nunca fugi ao trabalho...(olhava para o chão) depois tive...pronto...que me tentar habituar...não podia fugir mesmo...agora faço o meu trabalho...preocupo-me...mas agora para mim, não há problema nenhum.

Recorda-se do seu primeiro levantamento de ossadas?

C11- Isso foi...logo quando entrei no cemitério, na semana a seguir fiz logo um levantamento. Tenho que fazer trabalho que é preciso para o cemitério. Levantamentos, funerais...essas coisas todas....limpeza do cemitério.

O que sentiu quando fez o seu primeiro levantamento?

C11- Eh pá...ver aqueles ossos que eram de uma pessoa.... Foi estranho...Um bocadão. Prontos...depois...agora trabalho...Estar aqui ou estar em casa é igual.

Quando faz um enterro o que é que sente?

C11- Não...Hum...Se for pessoas adultas...não sinto nada...pronto...estou lá a trabalhar...é tal e qual como estar a fazer o meu trabalho...Se for um caso de uma criança é um funeral que eu não faço...

Não faz...

C11- Não faço...não consigo! Fiz uma vez e...pronto...naquela altura os meus filhos eram pequenos...agora são grandes...e pronto...aquilo parece que não me saia da cabeça...à noite quando queria dormir...parece que tinha dificuldade...parece que não tava...pronto...por isso é que eu não faço funerais de crianças...De crianças não faço mesmo! Só no caso de não haver quem faça...prontos...somos 9...mas há sempre pessoas que fazem.

O que sentiu quando teve mesmo que fazer?

C11- Prontos... que tinha que fazer o trabalho...eu próprio, não é? De resto senti-me mal...nã...nã...é isso...

O que acha que os seus colegas quando estão a fazer um funeral, o que sentem?

C11- Acho que os meus colegas aqui...nós somos novos coveiros...acho que aqui é tudo malta que já está habituada a este trabalho, que nós aplicamos...está a ver?

Portanto, custa sempre mais um bocado quando é malta nova...a gente aqui sentimos um bocado. Quando é uma pessoa idosa...a gente faz normal...normal, está a perceber? Agora, complica mais quando é pessoas jovens.

Há algum emprego que tenha feito que o tenha marcado mais ao longo de todos estes anos de trabalho?

C11- Recordar recorde...a gente faz sempre aqui funerais...não sei o nome...Há funerais...a gente faz sempre. Portanto, a gente aqui, funerais a novos e velhos...crianças...essas coisas...É...há...Pessoas novas de acidente, uma pessoa fica sempre mais um bocadinho entulhado. Pessoas que morrem de acidente na praia, no verão...afogadas e essas coisas...prontos...é isso!

Já assistiu a alguma coisa mais estranha por parte da família e amigos do defunto que assistem ao funeral?

C11- Aquelas pessoas que a gente conhece, vamos lá dar os sentimentos, animar as pessoas. Quando são aquelas pessoas que a gente não conhece, a gente faz o nosso trabalho que as pessoas de família gostam de ver as pessoas fazer...tipo as flores...ajeitar as coisas melhor que é para as famílias...os familiares ficarem contentes...não é contentes...ficarem bem servidos...e prontos...

Para mim é um choque é quando alguém desmaia ou chora...que se vê muito aqui, porque quando as pessoas choram, eu também não aguento, também choro. Agora já é mais ou menos...no princípio chorava sempre.

Já vi aqui tanta coisa...até porrada...às vezes até é uma vergonha aqui dentro. Se as pessoas têm problemas, eu acho que não é no dia do funeral que vêm aqui discutir...dizer aquelas palavras obscenas e andar aqui ao soco, aqui dentro do cemitério. Aqui é sagrado...prontos...lá que o morto não está a ouvir, mas...prontos... ao menos as pessoas como a gente, que estamos aqui a fazer o funeral...as pessoas de família...que até é uma vergonha...isto já aconteceu aqui “boé” de vezes...Acho que os problemas são resolvidos a ouvir...agora andar aí à porrada, chamar nomes uns aos outros, isto e aquilo...para a gente aqui é um bocado complicado.

O que é para si a morte?

Entretanto uma senhora aproxima-se, indiciando ter um profundo à vontade com o C11, iniciando um diálogo com o mesmo.

Senhora X- Oh Senhor J..., você tem que ir ver ali a campa do meu marido, que aquilo está tudo desfeito...

C11- Sim, eu vou...mas sabe aquilo está assim, porque choveu e ainda está a chover ...e com este vento...é complicado ficar apresentável...deixe a chuva parar e o vento assentar que vai ficar tudo direitinho.

Senhora X- Pois, Senhor J., mas tem que lá ir...aquilo assim não está nada bem...

C11- Senhora X, sabe que pode confiar em mim. É a campa..."Y", não é?

Senhora X- Sim, sim, ali à direita.

C11- Senhora X, fique descansada, que logo a seguir passo lá que eu vou tentar pô-la direitinha, não se preocupe...vá lá com calma para casa, que eu cuido de tudo.

Senhora X- Está bem, vou, mas não se esqueça...Depois amanhã, estou aí e falo outra vez consigo.

C11- Não se preocupe. (Responde pacientemente e com um sorriso nos lábios)

Retomámos a entrevista.

C11- Sabe...esta senhora anda sempre aqui. Nós tentamos ter sempre as coisas direitas...mas como as campas são cobertas por terra, não têm mármore e algumas ainda não estão germinadas, quando chove é difícil mantê-las sempre apresentáveis...e tem estado muito vento...

Perguntava-me...O que é para mim a morte? (risos) (silêncio) Eh pá...uma pessoa...na altura...pronto...vai pelo caminho errado e fica com a memória da família...é esquisito...um bocado.

O que acha que acontece depois da morte?

C11- O que é que eu acho que acontece depois da morte? O que é que eu acho... (silêncio) Uma pessoa morreu...está morto, não é? A gente ficou com o nosso ente querido connosco, no coração...aquelas coisas...já não volta, não é?

E agora para desanuviar... (risos) O que costuma fazer nos seus tempos livres?

C11- (Risos) Nos meus tempos livres, quando é verão, praia, vou com a minha família fazer piqueniques, dar umas voltas por aí...já conheço aí tudo, ouvir música...Gosto de ir a uma discoteca, aquelas mais para cotas, ouvir umas “kisombas”... beber o meu copo...todas...quase todas as sextas feiras vou a uma de música africana na Vila (risos)...tem que ser... Se quiser lá aparecer, pago-lhe um copo (risos).

Agradeço o convite, quem sabe um dia destes (risos). Agradeço-lhe a sua disponibilidade e muitas felicidades.

C11- De nada. Sempre às ordens (risos). Quando precisar de saber mais qualquer coisa, estou sempre por aqui e disponível. O C12 já deve vir aí...ele deve ter ido ao café...Eu vou lá beber uma bica e já o chamo. Quer vir beber um café? É um cafezito lá fora?

Agradeço, mas não bebo café e prefiro aguardar aqui pelo C12. Tenho medo de o perder de vista (risos)...Também já estou com fome e quero ir a casa almoçar.

C11- Ok. Também precisa de comer (risos). Eu já o chamo! Qualquer coisa que precise para o seu estudo, pode vir sempre falar comigo. No que eu poder responder...

Obrigado.

O C12 surgiu trespassando o portão da entrada do cemitério com um sorriso nos lábios. Aparenta ser um homem tímido, reservado...calmo.

C12- Ainda quer falar comigo? (risos)

Entrevista 12 (C12)

Nome?

C12- C12.

Escolaridade?

C12- 4ª classe.

Tem coveiros na família?

C12- Sim.

Quem?

C12- Um primo, o C11 que trabalha aqui comigo.

Idade?

C12- 52.

Filiação Religiosa?

C12- Católico ...mais ou menos praticante. Uma pessoa não tem tempo...trabalha sábados, domingos e feriados.

Estado civil?

C12- Casado.

Tem filhos?

C12- Sim.

Quantos?

C12- 3.

Há quantos anos é que trabalha como coveiro?

C12- 23 anos.

Descreva um dia de trabalho.

C12- Entramos às 9h, saímos às 12h. Almoçamos por vezes aqui, outras vezes vamos aí fora. Depois pegamos às 12:45m, depois saímos às 17h. Ao domingo é rotativo. Aos sábados temos que fazer umas quatro horas, que é para compensar o horário semanal., porque fazemos menos horas durante a semana.

Está realizado com o seu ordenado?

C12- Não. É pouco.

Como é que a sua família reagiu quando veio trabalhar como coveiro?

C12- (risos) Na altura, por acaso ainda não tinha...(silêncio). Na altura ainda era solteiro...estava com os meus pais...mas eles não disseram nada.

Número de enterros realizados. Aproximadamente...

C12- Nunca contei...Houve um dia que fizemos 16 funerais...já fizemos 10, já fizemos 12, já tivemos 7, 8, 9. Por volta de 50 mil.

O que fazia antes de ser coveiro?

C12-Eu antes trabalhava nas limpezas da Câmara, era cantoneiro da Câmara.

Foi muitos anos cantoneiro?

C12- Estive dois anos.

E como surgiu a oportunidade de ser coveiro?

C12- Estive 3 anos no Cemitério "A"...este cemitério já estava aberto e quando precisaram, de mais coveiros aqui, vim para cá...como lá na cidade "A" era só jazigos e assim...as campas perpétuas...eu vim para aqui.

E quando iniciou a sua actividade como coveiro, o que sentiu?

C12- Ao princípio custou muito. (esfregava as mãos insistentemente) (olhar cabisbaixo e longínquo) Ainda hoje fazer funerais de menores...ainda hoje custa. Eu para fazer, só se não tiver nenhum dos meus colegas.

Recorda-se quando fez o primeiro levantamento de ossadas?

C12- Foi...duro (esfregava as mãos insistentemente)mas uma pessoa depois habitua-se.

Recorda-se de algum funeral que o tenha marcado mais?

C12- Não...não...de crianças ainda hoje não gosto de fazer.. (esfregava as mãos insistentemente) porque pronto...lembro-me de uma criança muito pequenina...fez-me confusão.

O que sentiu quando teve que fazer esse funeral?

C12- Ao princípio a mim custava-me muito...nós todos...mas depois uma pessoa vai-se habituando e agora das crianças ainda hoje é...não sei porquê...prontos...Custava mais ao princípio...(silêncio) mas depois uma pessoa vai-se habituando.

No que pensa quando está a fazer um enterro?

C12- Nos funerais? Ao princípio, ao princípio...pronto...a gente ficava com aquela ideia, não é...

O que acha que os seus colegas sentem quando estão a fazer um funeral?

C12- Ficam tristes...prontos...funerais aí de...(silêncio) pessoas ...prontos...de colegas...

Vocês tiveram que fazer...

C12- Sim...

Já assistiu a alguma coisa mais estranha por parte da família e amigos do defunto que assistem ao funeral?

C12- Já assisti a familiares a chorar e gritar um montão de vezes...Às vezes há pessoas que se sentem mal...Chegam a ir para o Hospital. Nós tentamos ajudar as pessoas, ampara-las...falamos com elas, mas é sempre difícil...

O que é para si a morte?

C12- Oh...(passava a mão pela cabeça) é uma coisa que todos nós temos...é a coisa mais certa...ninguém pode fugir...não é...uns mais cedo, outros mais tarde....Eu até de trabalhar aqui, vejo a morte de uma forma diferente...sabia que a gente tinha que morrer um dia, mas depois de estar a lidar ali com os mortos, uma pessoa já prontos...já sabe que da morte ninguém pode fugir...(risos)

O que acontece depois da morte?

C12- (risos) Isso agora é que já não sei... (risos) Há-de vir o dia de julgamento...eu não sei.

O que costuma fazer nos seus tempos livres?

C12- Saio, vou para casa...Às vezes costumo estar um bocadinho com pessoas amigas. Costumo passear com a minha família quando posso.

Obrigado. Felicidades.

Ainda tentei entrevistar mais alguns coveiros, mas não tive êxito. Estavam todos a jogar às cartas (sueca) nas instalações onde fazem as refeições dentro do cemitério, e nenhum deles manifestou interesse em fazer a entrevista. Abandonei o local perto das 15:30.

Anexo 4 - Guião da entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA

1- INTRODUÇÃO

- Apresentação pessoal e profissional
- Tema do estudo e objectivo
- Agradecimento pela colaboração
- Pedido de autorização para áudio gravação
- Aspectos éticos
- Informação da possibilidade de interrupção da gravação e/ou da entrevista se o(a) entrevistado(a) assim o desejar
- Garantia do anonimato (utilização nomes fictícios)
- Informação sobre a utilização dos dados
- Duração provável da entrevista
- Informação sobre a possibilidade de *follow-up* e pedido de autorização para o fazer
- Espaço para clarificação de outras questões sobre a investigação

2- DESENVOLVIMENTO

- Pedido de descrição de experiências no cemitério, durante o enterro de um cadáver.
- “Gostaria que me descrevesse o mais clara e completamente possível um ou mais enterros que tenha feito e que permaneceram na sua memória como marcantes”.
- “O que é para si enterrar um corpo? O que sente quando enterra um corpo?”
- “Que sentimento imagina que seja o mais presente para os coveiros que estão a enterrar um corpo?”
- “Que tipos de pensamentos surgem em si quando está a enterrar alguém?”

Representações sobre a morte

“ O que é para si a morte?”

“ O que acontece depois da morte?”

Representação do coveiro

“Como acha que a sua família encara o facto de ser coveiro?”

“Como ocupa os seus tempos livres?”

Questões para clarificação e validação focalizadas nas seguintes áreas:

a) A morte para o informante

b) A forma como o informante perceciona a morte de alguém que enterra

- Pedido de preenchimento da ficha “Dados demográficos”

3- CONCLUSÃO

- Agradecimento
- Confirmação da possibilidade de entrevista de *follow-up*, não só para uma maior clarificação dos dados recolhidos, como validação de análise
- Confirmação da partilha de resultados (modos e local de acesso ao trabalho final)
- Espaço para verbalização de sentimentos relativos ao processo de entrevista e clarificação de dúvidas adicionais

Anexo 5 - Quadro nº 7 - Morte e pessoa do morto (resignação vs aceitação)

Quadro nº 7 - Morte e pessoa do morto (resignação vs aceitação)

Coveiros	Percepções	Expressão discursiva (excertos)
C1	<ul style="list-style-type: none"> - Actualmente aceita a morte das pessoas que enterra. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Não é assim nada que me choque...nada me choca hoje em dia... (acerca da morte das pessoas que enterra)”.
C2	<ul style="list-style-type: none"> - Tem uma maior dificuldade em aceitar a morte de jovens quando compara com a morte de pessoas idosas. - Chora quando é uma pessoa jovem, porque ainda tinha muitos anos de vida pela frente. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Quando são pessoas já de idade, já não diz nada...sabemos que mais tarde ou mais cedo uma pessoa tem que ir, mas quando são jovens que têm o futuro pela frente e partem desta para pior, ou para melhor...não sei...às vezes não se sabe sei lá para onde eles vão (os olhos húmidos)...é isso que me custa mais... (semblante triste) temos sentimentos, também somos humanos (...)”. - (já chorou por pessoas desconhecidas) Sim, muitas vezes pessoas que não conheço! E não é por ver chorar os outros! Choro porque vejo que era uma pessoa que ainda tinha muito para dar na vida! Era uma pessoa que tinha ainda muitos anos pela frente e foi-se... (silêncio)”. - “É obvio que temos um episódio ou outro que nos torna assim mais...que nos custa...talvez por serem pessoas novas e que morreram de acidente”.
C5	<ul style="list-style-type: none"> - Tem dificuldade em aceitar a morte de jovens. 	<ul style="list-style-type: none"> -“(...)nós somos todos humanos e quando é assim uma pessoa jovem choca mais um bocadinho”.
C7	<ul style="list-style-type: none"> - Há uma renúncia em aceitar a morte de pessoas jovens. - É mais fácil aceitar a morte de pessoas idosas. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Aqueles miúdos da secção “b” ... e muitos mais, prontos...isto agora...prontos, uma pessoa de mais idade é diferente”.
C10	<ul style="list-style-type: none"> - Resignação em aceitar a morte de pessoas novas, pessoas que morrem de acidente e de pessoas que morrem de repente. 	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) são novos ainda, não conhecem a vida...São pessoas que...eu fico mais sentido no momento...não chegam a gozar a vida...Ainda se for assim morte de alguém que está a sofrer...pronto...a gente não fica muito...agora quando é casos de acidente e morrem assim instantaneamente, a gente fica sempre assim, pronto...a gente fica sempre assim...sei lá (...)”.

	<p>- Conforma-se com a morte de pessoas que já se encontravam a sofrer há algum tempo.</p>	
C11	<p>- Resignação em aceitar a morte de pessoas jovens.</p> <p>- Conforma-se quando enterra pessoas idosas.</p>	<p>- “ (...) custa sempre mais um bocado quando é malta nova...a gente aqui sentimos um bocado. Quando é uma pessoa idosa...a gente faz normal...normal, está a perceber? Agora, complica mais quando é pessoas jovens” .</p>

Anexo 6 - Quadro nº 7.1 - Idade, causa e forma da morte

Quadro nº 7.1 - Idade, causa e forma da morte

Coveiros	Percepções	Expressão discursiva (excertos)
C1	<ul style="list-style-type: none"> - Homem que teve morte repentina, quando tomava café. - Mulher de meia-idade. - Homem de 41 anos que morreu de repente, toxicodependente. 	<p>“ (...) como foi aquele professor que estava excelente de saúde...estava a tomar café e caiu para o lado”.</p> <ul style="list-style-type: none"> - “ (...) uma senhora dos seus quarenta e poucos anos (...)”. - “ (...) como este rapaz que tinha dezoito anos, que se enforcou...uma pessoa fica sempre...a namorada deixou-o...um moço de dezoito anos (...)”. -“ Era um rapaz novo, de 41 anos...morreu de repente sem ninguém estar à espera (...) acho que era toxicodependente...tinha estado internado há pouco tempo e tinha recuperado...parecia melhor...e depois aconteceu isto”.
C2	<ul style="list-style-type: none"> - Pessoas novas que morrem de acidente. - Um casal jovem de namorados que faleceram de acidente de automóvel. - Jovens e crianças que ganham enterites. 	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) a gente que morre de acidente...Prontos, que são gente nova (...)”. - “ (...) Faleceu num acidente de carro...uma daquelas bombas...saíram de uma discoteca...as velocidades...é a juventude. Ela ficou aqui sepultada, o namorado foi para outro cemitério...é uma tristeza (...)”. - “Já enterrei muitos, muitos, muitos, muitos jovens e crianças e antigamente... era duas e três crianças acabadas de nascer...quando eu vim para aqui... Elas ganhavam enterites. Eram leites de gado gordo e meios gordos...ou lá como é (...)”.
C3	<ul style="list-style-type: none"> - Criança que faleceu no berço. - Idoso. - Criança que caiu das escadas. 	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) houve um funeral aqui, talvez há quatro, cinco anos de uma criança de etnia nipónica, chinesa... e essa criança faleceu no berço”. - “ É uma pessoa já com idade (caixão que ficou na igreja)”. -“ (...) uma criança também relativamente nova que caiu de um vão de uma escada...que eu lembro-me perfeitamente...(olhar longínquo e triste)”.
C4	<ul style="list-style-type: none"> - Um recém-nascido 	<ul style="list-style-type: none"> - “...recém-nascido (...)”.

C5	<ul style="list-style-type: none"> - Três jovens com idades compreendidas entre os 20, 18 e 20 anos, faleceram de acidente, quando iam para a Universidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Foi uma miudinha...que iam para a cidade “J” para a Universidade e morreu a moça e o namorado...Era namorado...Até foram três jovens. A moça e dois moços morreram. Vieram para aqui...É tudo entre os 20, 18, 20 anos (...)”:
C6	<ul style="list-style-type: none"> - Casais jovens que morrem de acidente de automóvel. - Pessoas jovens que morrem por motivo de doença. 	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) quando há jovens, casais jovens, em que os filhos... (silêncio) em que o pai e a mãe vão de acidente...pode ser de automóvel, pode ser um acidente por saúde (...)”:
C8	<ul style="list-style-type: none"> - Um rapaz que morreu de acidente. 	<ul style="list-style-type: none"> - “ Um rapazito que morreu de acidente”.
C9	<ul style="list-style-type: none"> - Rapariga de oito anos. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Era uma rapariga de oito anos”.
C10	<ul style="list-style-type: none"> - Jovens de 17 anos. 	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) pessoas assim mais novas...17 anos (...)”.

Anexo 7- Quadro nº 7.1 .a) - Observação da idade, causa e forma da morte

Quadro nº 7.1 a) - Observação da idade, causa e forma da morte

Observação do Investigador	Descrição situacional
- A senhora de 92 morreu num lar de idosos. - O senhor de 82 anos faleceu.	- A falecida, era uma senhora de 92 anos. (Observação funeral 3, cemitério "X") - O falecido era um senhor idoso, de 82 anos. (Observação funeral 4, cemitério "X")

Anexo 8 - Quadro nº 7.2. - Identidade do morto, lugar na comunidade

Quadro nº 7.2. - Identidade do morto, lugar na comunidade

Percepções	Expressão discursiva (excertos)
<p>- Segundo o C1,o facto do senhor ser professor fez com que lhe fizessem muitas homenagens.</p> <p>- Ser toxicodependente recuperado, deixou algum constrangimento no C1.</p> <p>- O facto de estar a sobrinha de um órgão máximo da cidade, causava incómodo e dedicação “ Olha, ela já tem aqui umas malaguetas ao lado das flores!”. (cemitério “X”)</p> <p>- Presidente da Junta.</p> <p>- Colegas coveiros. (cemitério “X” e “F”)</p> <p>- Filho do C7.</p> <p>- Mãe do C7.</p> <p>- Jovem que residia no mesmo bairro do C8 e cresceu com ele.</p> <p>- Mãe do C10.</p> <p>- Irmã do C10.</p> <p>- Amigos mais chegados do C10.</p>	<p>- “ (...) um professor que morreu...as homenagens que lhe fizeram e assim (...)”. (C1)</p> <p>- “ (...) acho que era toxicodependente (...) tinha recuperado (...)”. (C1)</p> <p>- “Ali, em frente está a sobrinha de uma pessoa importante da cidade”. (C2)</p> <p>- “ (...) já vi partir colegas...e pessoas de família (...)”. (C2)</p> <p>- “ (...) ainda há pouco tivemos um funeral aí de um presidente de uma junta da cidade (...)”. (C3)</p> <p>- “Perdi um colega daqui (...) (coveiro) que desapareceu assim de repente”. (C6)</p> <p>- “Eu já perdi um filho, perdi a minha mãe também (...)”. (C7)</p> <p>- “Conhecia-o desde que nasceu do Bairro...conhecia-o desde criança...prontos...andei com ele ao colo...e fui eu que tive que fazer o funeral (...)”. (C8)</p> <p>- “ (...) é a minha falecida mãe e uma irmã (silêncio) foi agora há pouco tempo também...aí há uns seis meses...para aí (...) só assisti claro, os meus colegas é que fizeram”. (C10)</p> <p>- “Os amigos assim mais chegados e até o próprio colega também”. (C10)</p>

Anexo 9 - Quadro nº 7.2. a) - Observação da identidade do morto, lugar na comunidade

Quadro nº 7.2. a) - Observação da identidade do morto, lugar na comunidade

Observação do investigador	Descrição situacional
<ul style="list-style-type: none">- Um jazigo de uma família de etnia cigana ostensivo.- Secção onde estão enterrados bebés é comovente.- Senhora idosa falecida.	<ul style="list-style-type: none">- Achei curioso o jazigo de uma família de etnia cigana, bastante alto e ostensivo. Quatro fotografias a cores de dimensão considerável estavam visíveis no cimo da porta. (observação cemitério "X")(...) passei perto da secção dos bebés, facto que me comoveu bastante. Um mar de campas de pequena dimensão...algumas com rosto. Pequenos anjos a quem tudo foi roubado demasiado cedo. (observação cemitério "X")- (...) estava (falecida) num lar de uma conhecida Instituição de solidariedade Social. (observação funeral 3, cemitério "X")

Anexo 10 - Quadro nº 7.3- Visão : ver vs não ver o morto

Quadro nº 7.3 - Visão : ver vs não ver o morto

Coveiros	Percepções	Expressão discursiva (excertos)
C1	<p>- Quando os familiares abrem a urna, olha para o falecido, não o chocando.</p>	<p>- “Não! (Não desvia o olhar quando a família abre a urna) É como eu digo. Isto não choca, porque é o nosso trabalho do dia a dia”.</p>
C9	<p>- Não teve coragem destapar o primeiro corpo que enterrou. - O facto de ter olhado para a falecida dentro da urna impressionou-o. (Expressão de incómodo).</p>	<p>-“ O primeiro corpo, não destapei. Aquilo abana com uma pessoa”. - “O meu mal foi olhar para a urna...fez-me uma impressão (olhava para o chão e abanava a perna)”.</p>

Anexo 11 - Quadro nº 7.3. a) - Observação da visão: ver vs não ver o morto

Quadro n° 7.3. a)- Observação da visão: ver vs não ver o morto

Observação do investigador	Descrição situacional
- É prática comum a família mandar abrir o caixão alguns minutos, antes de ser enterrado, assim como olhar para o falecido.	- Um familiar ou amigo do falecido quis fechar o caixão, olhando-o em tom de despedida. (Observação do funeral 4, cemitério “X”)

Anexo 12- Quadro nº 7.4 - Tacto: *Tocar vs não tocar vs repulsão*

Quadro nº 7.4 - Tacto: Tocar vs não tocar vs repulsão

Coveiros	Percepções	Expressão discursiva (excertos)
C4	<p>- Refere que os coveiros não tocam no corpo, apenas quando têm que colocar um produto para ajudar a decomposição “ (...) há várias funerárias que normalmente põem...mas por exemplo, na cidade “w” não utilizam e quando vem um funeral da cidade “w”, somos obrigados a colocar”.</p>	<p>- “Nós só pegamos no caixão, quando o tiramos do poiso e o transportamos para a cova. Nós não entramos em contacto com o corpo. Quer dizer, entramos, quando temos que por um produto. Tentamos por não colocar à frente. As agências funerárias geralmente põem o véu, ao meterem o véu, a gente põe por baixo do véu, ninguém vê. Se não é sempre um bocado de choque para as pessoas verem aquilo. A pôr o produto, é chato”.</p>

Anexo 13- Quadro nº 7.5 - Cheiro: sentir o cheiro, o ambiente, o corpo

Quadro nº 7.5- Cheiro: sentir o cheiro, o ambiente, o corpo

Coveiros	Percepções	Expressão discursiva (excertos)
C2	<ul style="list-style-type: none"> - O cheiro dos corpos já se tornou rotineiro. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Este corpo de hoje, trasladou-se para outra sepultura (...) era uma pessoa de idade... Não me fez confusão... Tinha cheiro... mas isto é sempre assim... há sempre uns que têm mais que outros”.
C3	<ul style="list-style-type: none"> - O facto do médico que fez a autópsia ao corpo exumado, não ter usado máscara intrigou-o. - O cheiro do corpo ficou nas roupas dos coveiros (exumação, cemitério “X”). 	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) o médico nem usou máscara (que fazia e autópsia ao corpo exumado) ... já deve estar mais habituado do que nós...o cheiro era putrefacto aquele cheiro ficou nas nossas roupas (referiu bastante incomodado, à medida que esfregava as mãos) ”.
C4	<ul style="list-style-type: none"> - Se uma ossada for colocada no gavetão, sem estar completamente decomposta, vai cheirar muito mal. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Por exemplo, tira-se uma ossada que ainda não está, põe-se no gavetão...vai cheirar!”.
C7	<ul style="list-style-type: none"> - O cheiro das ossadas faz impressão. 	<ul style="list-style-type: none"> - “ Não faz (impressão) ...É mais o cheiro às vezes (...)”.
C10	<ul style="list-style-type: none"> - Referiu que leva o cheiro dos corpos para casa e mesmo tomando banho ele fica na sua cabeça. - A intensidade de odor do cadáver varia consoante o seu estado de decomposição. 	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) o cheiro dos corpos...que é mau...entranha-se na gente...muitas vezes vamos para casa com este cheiro, mesmo que tomemos banho, ele fica na nossa cabeça”. - “O cheiro muitas vezes o cheiro é que é mau, depende se o corpo já está ou não decomposto (...)”.

Anexo 14- Quadro nº 7.5. a) - Observação cheiro: sentir o cheiro, o ambiente, o corpo

Quadro nº 7.5. a) – Observação cheiro: sentir o cheiro, o ambiente, o corpo

Observação do investigador	Descrição situacional
<p>- Quando chovia no cemitério, sentia-se um cheiro estranho e invulgar que se assemelhava com putrefacção.</p>	<p>- Tinha acabado de chover e deduzo que por esse motivo se sentia um cheiro invulgar de cadáver a pairar no ar e a entrelaçar-se nas minhas entranhas. (Observação, cemitério “X”)</p> <p>- O cheiro no cemitério era forte. Talvez devido à intensa chuva que tinha acabado de cair . (Observação, cemitério “X”).</p>

Anexo 15 - Quadro nº 7.6 - Deterioração do corpo (Putrefacção)

Quadro nº 7.6 - Deterioração do corpo (Putrefacção)

Coveiros	Percepções	Expressão discursiva (excertos)
C1	<ul style="list-style-type: none"> - Passados alguns anos, o corpo está desfeito. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Há pessoas que não querem ver. Uma pessoa é conhecida como ela era e depois...aquilo, quatro, três anos, o corpo está completamente desfeito”.
C2	<ul style="list-style-type: none"> - Acerca de um corpo que se trasladou para outra sepultura. - A decomposição dos corpos é mais eficaz quando os corpos são enterrados mais na superfície. - Há certo tipo de terra que não são apropriadas para utilizar no processo de decomposição de um corpo. - A terra preta ou amarela é mais eficiente na decomposição dos corpos. - A roupa vestida ao defunto não deve ser de boa qualidade, porque demora anos a desfazer-se. - As rendas de nylon utilizadas nos caixões não se desfazem e conservam os corpos. 	<ul style="list-style-type: none"> - “ (Acerca de uma transladação de um corpo) Este corpo de hoje, trasladou-se para outra sepultura...a família nem veio assistir...era uma pessoa de idade”. - “Os corpos quanto mais altos ficarem, mais rápido se decompõem”. - “ (...) Depois também há terras que não prestam ...deviam ser terras apropriadas...muitas vezes vêm terras de aterros, das lixeiras...que não têm força suficiente para os corpos...Devia ser aquela terra preta ou a amarelada que também é boa”. - “ (...) as pessoas vestem aos falecidos fatos de boa qualidade que muitas vezes demoram anos a desfazerem-se”. - “As rendas que põem nos caixões, que são de nylon, só estão a conservar o corpo...não derretem. É preciso preparar as pessoas para isso, mas não é assim, as pessoas devem ir tapadas com «fifouco», porque o nylon é mau para a saúde pública e para o ambiente”.
C3	<ul style="list-style-type: none"> - Ele próprio sentiu a necessidade de falar numa exumação de um corpo de homem que estaria enterrado há sensivelmente 3 meses. Dirigiu-se ao local uma vasta equipa multidisciplinar, desde médicos, advogados, polícia, detectives, etc. - O corpo estava negro e inchado e cheirava a 	<ul style="list-style-type: none"> - “ O médico serrou a cabeça do senhor com uma...parecia uma moto -serra...ou serra eléctrica e tirou o cérebro....também lhe cortaram a barriga e tiraram-lhe os pulmões e mais qualquer coisa...foi uma coisa diferente de se ver...aquele cheiro ficou nas nossas roupas”, referiu bastante incomodado, à medida que esfregava as mãos. Os coveiros que participaram na exumação, tornaram a enterrar o corpo”. - “ ...o médico nem usou máscara...já deve estar mais habituado do que nós”. O

	<p>putrefacção.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os corpos têm o prazo de três anos para se decomporem. - É difícil observar certos corpos que após três anos ainda não estão decompostos. - O C3 e alguns dos seus colegas participaram na exumação do corpo, utilizando máscaras para o efeito, e referiu franzindo os olhos. 	<p>corpo do senhor em questão estava negro e inchado, o cheiro era putrefacto”.</p> <ul style="list-style-type: none"> - “ (...) os corpos quando são enterrados e que não têm jazigo, têm o prazo de três anos para se decomporem, para ser possível reutilizar o espaço, no entanto, e além de 95% das funerárias deitarem um pó nos corpos quando são preparados na urna, muitos corpos, passados três anos ainda não estão decompostos, o que provoca um cenário um pouco desconcertante”.
<p>C4</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Na maioria das vezes os corpos estão intactos, uns estão secos, outros estão húmidos. - Há terra que não ajuda a decomposição dos corpos. - Se as pessoas forem obesas, a probabilidade da decomposição demorar mais tempo é maior. - O facto da pessoa ter tomado medicamentos vai pesar na decomposição. 	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) os corpos já são outra história...os corpos a maior parte deles estão todos intactos...alguns estão secos, outros estão húmidos, mas isso depende, mete-se o corpo para cima, deita-se um produto, passados três anos, levanta-se outra vez”. - “ (...) os corpos lá em cima, a terra desfaz bem, cá em baixo, de um lado desfaz, mas no outro lado, nem por isso. Isso tem a ver com a terra, tem a ver com a pessoa...depende dos medicamentos que toma...depende de muita coisa...se for forte, já é natural que três anos não cheguem...um frasco de produto, dá para 75, 100 kg, se a pessoa for forte tem que se pôr dois....Também as urnas... metem de madeira de pinho, conserva. Agora há um que é papelão prensado, que leva só o verniz, é mais depressa. Se for pinho ou madeira, demora mais tempo”.

Anexo 16 - Quadro nº 7.6.1 - Transformação do corpo em ossos

Quadro nº 7.6.1 - Transformação do corpo em ossos

Coveiros	Percepções	Expressão discursiva (excertos)
C1	<ul style="list-style-type: none"> - No início da sua profissão era mais complicado tocar em ossadas. - Actualmente encara com normalidade tocar em ossos. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Nós abrimos a campa pomos as ossadas para o lado e enterramos os caixões ao lado”. - “No principio... (expressão constringedora) há sempre aquele receio de como é que vai ser, como é que não vai ser... (tocava insistentemente no ato com as mãos, fazendo movimentos giratórios).Uma pessoa mexer com ossadas, mexer com essas coisas...é a coisa mais natural que há...é como trabalhar num bar (...)”.
C2	<ul style="list-style-type: none"> - A ossada estava em bom estado de decomposição. (Cemitério “X”) - O corpo estava enterrado há sete ou nove anos. (Cemitério “X”) 	<ul style="list-style-type: none"> -“ (Acerca de um levantamento de ossadas) Estava em bom estado a ossada...também depende do tempo do corpo...este tinha sete ou nove anos...”
C3	<ul style="list-style-type: none"> - Deu o exemplo de muitas famílias que também encararam com bastante naturalidade o levantamento de ossadas de familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> - “...não se nota aquele medo”.
C4	<ul style="list-style-type: none"> - As ossadas que vão para ser enterradas na terra novamente, levantam-se sempre. - As ossadas que vão para gavetões, não se devem levantar quando não estão suficientemente decompostos, porque inalam cheiro. É colocado um produto e passados seis meses, levantam-se outra vez”. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Há umas ossadas que... são mais... (expressão comprometedora) se for para a terra tira-se sempre, se for para gavetões é que não se deve tirar por causa do cheiro, deita-se produto, espera-se seis meses e retira-se outra vez (...)”.
C6	<ul style="list-style-type: none"> - No início da sua profissão, foi difícil tocar em ossadas (...) sentiu arrepios”. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Nos primeiros dias de trabalho, o contacto com os restos mortais...coisa que para mim (silêncio)...sinceramente, foi duro... (semblante triste) foi duro para mim”.

	<p>- Considera que as ossadas representam uma pessoa.</p>	<p>- “Senti arrepios...senti um certo medo...não sei porquê, mas senti um certo receio de ter contacto com os ossos... (falava com a voz suprimida e trémula) de ter contacto com...com...prontos com...com... (gaguejou) prontos...era um ser humano que estava ali...foi assim, os arrepios que eu tive... (entrelaçava as mãos constantemente e ficava perdido no pensamento)”.</p>
C7	<p>- No primeiro dia de trabalho, o C7 embora não tenha tocado nas ossadas, sonhou com elas.</p>	<p>- (Acerca do primeiro dia de trabalho) “ (...) É normal...Não senti nada...só que...o meu irmão não me deixou tirar as ossadas...mas prontos...sonhei um bocadinho (...)”.</p>
C8	<p>- No início da sua profissão foi custoso para o C8; C10 C11 e C12 tocar em ossadas.</p>	<p>- “ (Esfregou as mãos) ...Custou um bocado mexer nos ossos, mas tive que continuar...No início custa sempre mais”.</p>
C10	<p>- Considera que as ossadas representam um ser humano.</p> <p>- Comentou o levantamento de ossadas que está a realizar naturalmente, tocando nos ossos e desmembrando a caveira, osso a osso, com o objectivo de testar se está totalmente decomposta e preparada para ser levantada.</p> <p>- A ossada depois de levantada, será seca e depositada no ossário (cemitério “F”).</p> <p>- Relatou o episódio de um senhor que lhe deu um ataque cardíaco quando viu as ossadas da esposa.</p>	<p>- “Primeiro fez-me confusão...porque eu nunca tinha tocado nas ossadas de um ser humano, assim...No primeiro dia fiquei logo assim um bocado mal...depois estava lá um coveiro mais velho que estava lá a mostrar as coisas, como se faziam e ele é que disse que eu podia agarrar que não fazia mal...e depois eu comecei ali a mexer...prontos...e a partir dali, não me fez mais confusão”.</p> <p>- “Sim, a máquina abre até chegar à urna, como eu estou a fazer...o resto é a pá e depois de levantar a ossada é que a gente tira e fica logo preparado para outro funeral”.</p> <p>- “Este senhor...coitado... só ficou aqui cinco anos e já está bom para ser levantado....Está a ver os dedos aqui? (suspirando) Olhe... e estes aqui do meio já estão todos secos...vê? Só precisamos depois de levantar os ossos amanhã para a família, de os pôr a secar e já pode ir para o ossário”.</p>

		<p>- “O senhor desmaiou quando viu as ossadas da mulher...deu-lhe um ataque cardíaco...emocionou-se, não devia ter visto, foi muito para ele. Tivemos que chamar a ambulância. Quase que morreu o senhor...”.</p>
C11		<p>- “Eh pá...ver aqueles ossos que eram de uma pessoa.... Foi estranho...Um bocadão. Prontos (...)”.</p>
C12		<p>- “Foi...duro (o primeiro levantamento de ossadas) (esfregava as mãos insistentemente) mas uma pessoa depois habitua-se”.</p>

**Anexo 17- Quadro nº 7.6.1 a) - Observação da transformação do corpo em
OSSOS**

Quadro nº 7.6.1 a) – Observação da transformação do corpo em ossos

Observação do investigador	Descrição situacional
<p>- Descrição da caveira, durante a preparação para o levantamento das ossadas do defunto.</p>	<p>- (...) Surgiu então uma caveira com um tom castanho-escuro. Os dentes permaneciam intactos, assim como o cabelo loiro que cobria o crânio. Parecia um misto de esqueleto com pele ressequida. O fato do defunto permanecia incólume. Era verde-escuro, a camisa era branca e a gravata azul escura.</p> <p>O C10 pegou nos dedos do defunto (agora esqueleto) que se desfaziam e atirou osso a osso para um canto no fato. Abriu o fato na parte da barriga, fazendo força, até rasgar e começou a remexer na parte da barriga do defunto. Também encontrou só ossos, atirando alguns para cima dos tecidos restantes do fato e do cetim que cobria o defunto no caixão que também se encontrava intacto, facto que indicou que o defunto estaria pronto para ser levantado no dia seguinte perante a família. (Observação, cemitério “F”)</p>

Anexo 18- Quadro nº 8 - Observação do luto no cemitério

Quadro nº 8 – Observação do luto no cemitério

Observação	Descrição situacional
<p>- Há pessoas que exprimem o seu luto, visitando, limpando e arranjando as campas dos entes queridos.</p> <p>- As velas são depositadas nas campas como uma manifestação de compaixão, pesar, luto.</p> <p>- Colocar flores na campas como expressão de luto.</p> <p>- Vestir roupas negras como expressão de luto.</p> <p>- Chorar durante o processo de luto.</p> <p>- Tristeza.</p>	<p>- No cemitério, estavam muito poucas pessoas, algumas arranjavam, limpavam as campas ou apenas as observavam perdidas em recordações. Uma senhora carregando uma vela, caminhava rapidamente. (Observação cemitério “X”)</p> <p>- Parei diante de uma campas que me chamou a atenção. Uma rapariga bela, graciosa tinha falecido em 2000, com apenas 23 anos, o que me causou um ligeiro incómodo. Logo de seguida pensei - <i>como é efêmera a vida</i>. Quando me afastei, passados alguns instantes, observei os pais da rapariga que surgiram de surdina, envolvidos num semblante cru e perdido, iniciando uma tarefa que me pareceu já pertencer às suas rotinas. Limpavam a campas e encheram-na de flores, apoiando-se um no outro com uma vontade incessante de manter vivo quem já não está entre nós. (Observação cemitério “X”)</p> <p>- Enquanto caminhávamos para a saída do cemitério, uma mulher e um homem vestidos de negro, entraram apressadamente no cemitério, observando os coveiros com uma expressão instigadora e fugidia, como se eles representassem algo que não queriam encarar e que não deveria ter acontecido. (Observação cemitério “X”)</p> <p>- Meia dúzia de pessoas vestidas de negro, algumas ostentando óculos escuros para esconder as lágrimas. (Observação Cemitério “X”, funeral 1)</p> <p>- À medida que atravessava o cemitério, observei várias pessoas que limpavam as campas, outras que depositavam flores. (Observação Cemitério “X”)</p> <p>- Algumas pessoas entravam no cemitério vestidas de negro. (Observação cemitério “M”)</p> <p>- Alguns rostos vestidos de negro vagueavam tristes, cabisbaixos, cambaleando em dor. Apoiavam-se nos seus passos que lentamente os conduziam à campas de quem os fez sorrir e sonhar. (Observação cemitério “F”)</p>

Anexo 19- Quadro nº 9- Actividades laborais desenvolvidas pelos coveiros

Quadro nº 9- Actividades laborais desenvolvidas pelos coveiros

Percepções	Expressão discursiva (excertos)
<ul style="list-style-type: none"> -Levantamentos de ossadas. - Exumações. - Funerais. - Manutenção (apanhar lixo, limpeza do cemitério, amanho erva, arranjar as árvores, reparar canos). - Recolher flores e deposita-las na campa. - Observar o funcionamento de outros cemitérios. (Cemitério “F”) 	<ul style="list-style-type: none"> - “Levantamento de ossadas, fazemos a manutenção do cemitério, arranjar as árvores, etc. é nosso trabalho normal”. (C1) - “Os coveiros que participaram na exumação, tornaram a enterrar o corpo”. (C3) - Tinha havido um problema com a canalização e os três coveiros, após partirem um pouco de pedra, enfiaram uma mangueira dentro do buraco que tentavam desentupir”. (Observação cemitério “X”) - “Nós aqui abrimos as covas tudo à mão. Partimos, cobrimos, fazemos o enterro”. (C8) - “ (...) fazemos exumações, levantamentos, amanhámos erva, apanhamos lixo(...)”. (C9) - “Tenho que fazer trabalho que é preciso para o cemitério. Levantamentos, funerais...essas coisas todas...limpeza do cemitério”. (C11) - “ (...) tinham acabado de fazer manutenção”. (Observação cemitério “X”)

Anexo 20 - Quadro nº 9.1- Recursos laborais utilizados pelos coveiros

Quadro nº 9.1 - Recursos materiais utilizados pelos coveiros

Percepções	Expressão discursiva (excertos)
<ul style="list-style-type: none"> - Capas de chuva. - 2 fardas para transladações. - Máscaras de autópsia. - Filtros. - Remédio. - Produto para decomposição dos corpos. - Máscaras. 	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) temos capas para a chuva(...)”. (C2) - “ (...) fato próprio para transladações, que são impermeáveis...no fim deita-se fora. Aqui temos duas fardas”. (C2) - “ (...) máscaras de autópsia (...)”. (C2) - “ (...) filtros (...)”. (C2) “Deitamos sempre um remédio para as matar (minhocas), mas há sempre muitas por aí (...)”. (C3) “ (...) deita-se um produto(...)”. (C4) “As máscaras também não são grande coisa (...)”. (C10)

Anexo 21 - Quadro nº 9.1. a) - Observação dos recursos existentes no espaço laboral dos coveiros

Quadro nº 9.1. a) - Observação dos recursos existentes no espaço laboral dos coveiros

Observação do Investigador	Descrição situacional
<p>(cemitério “X”)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Casebre (mesa, fogão, frigorífico, microondas, rádio). - Balneário. - Igreja. - Carrinho. - Tractor. - Baldes de plástico. - Aro de ferro. - Pás. - Tractor. - Carrinho de mão. - Terra. - Corda. - Enxada. <p>(Cemitério “M”)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fatos impermeáveis. <p>(Cemitério “F”)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Máquina escavadora. - Cantina. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ao lado da Igreja, está um tipo de casebre entrelaçado a um balneário, o espaço físico que os coveiros utilizam para trocar de roupa, tomar banho, guardar os pertences, comer, descansar e socializar. (Observação cemitério “X”) - Dois deles abriram a porta principal da igreja (...).(Observação cemitério “X”) - (...) mesa, um fogão, um frigorífico e um microondas. Havia um rádio ligado (...).(Observação cemitério “X”) - (...) dois carrinhos de mão, um tractor e depositados dois sacos de cimento abertos e alguns baldes de plástico que as pessoas recorriam para lavar as campas. (Observação cemitério “X”) - (...) apoiado no aro de ferro que o ajudava a arear a terra. (Observação cemitério “X”) cada um carregando uma enorme pá. (Observação cemitério “X”, funeral 1) - (...) observei um pequeno tractor estacionado(...).(Observação cemitério “X”) - “ (...) guiando um carrinho de mão(...)”.(Observação cemitério “X”) - O C2 continuava a deitar terra para a urna (...). (Observação cemitério “X”, funeral 3) - (...) com a ajuda de uma corda (...).(Observação cemitério “X”, funeral 3) - Vinham de enxada no ombro e de luvas calçadas. (Observação funeral “X”) - Os coveiros vestiam fatos impermeáveis verdes. (Observação cemitério “M”, funeral 5) - (...) máquina escavadora (...). (Observação cemitério “F”) - (...) dirigindo-me para as instalações onde os funcionários do cemitério faziam as refeições(...).(Observação cemitério “F”)

**Anexo 22 - Quadro nº 9.2 - Dificuldades encontradas no desempenho
profissional dos coveiros**

Quadro nº 9.2 - Dificuldades encontradas no desempenho profissional dos coveiros

Percepções	Expressão discursiva (excertos)
<ul style="list-style-type: none"> - Apenas duas fardas para trasladações e ausência de fatos impermeáveis. (cemitério “X”) - Número de máscaras deficitárias, utilizadas nas exumações. (cemitério “X” e “F”); - Os filtros nunca são mudados. (cemitério “X” e “F”). - Pegar em mármore. (cemitério “X”) - Sepulturas pesadas. (cemitério “X”) - Sepulturas com abertura complicada. (cemitério “X”); - Zona para enterrar urnas demasiado rochosa e com muitas raízes de árvores. (cemitério “X”) - Não existem máquinas para auxiliar os enterros. (cemitério “X”) - Vinculados como operários não qualificados. - Coveiro não existe como profissão. - Terras inapropriadas para decompor os corpos. (cemitério “X” e “F”) - Troca do horário normal de serviço. (cemitério “M”) - Poucos coveiros. (cemitério “M”) - Equipe de manutenção deficitária. 	<ul style="list-style-type: none"> - (...) há um fato próprio para trasladações, que são impermeáveis...no fim deita-se fora. Aqui temos duas fardas. Há cá seis máscaras de autópsia para onze. Os filtros são sempre os mesmos, não os mudam há anos...desde que as máscaras vieram para cá. Devíamos ter uma máscara para cada um...Isto até...respirarmos este cheiro sempre, vai-nos trazer consequências futuras, isto vai-nos fazer mal. Aqueles cheiros nunca foram modificados”. Devia haver mais rigor no que diz respeito ao ambiente. Ninguém repara no que a gente faz (...)”. (C2) - “ (...) já podia estar aposentado, mas retirei-me cinco anos que trabalhei na construção civil (...)Tenho que vergar a mola até aos 60...é que eu já tenho 42 anos de serviço e eu com 42 anos de serviço não vou andar com as urnas e a abrir covas...eu já não tenho força... (fez uma expressão de descontentamento e levantou a voz) e a entrar dentro da cova...eu já não tenho forças para sair dela para fora...eu estou a abrir uma cova e já me custa a saltar dela para fora...e pegar em mármore, as sepulturas são pesadas, têm que ser retiradas...há sepulturas que não têm a abertura fácil para que não seja necessário tirar...nem sempre se sabe tirar e as que têm a abertura estreita têm que tirar para fora e torná-las a colocar no sítio...é isso”. (C2) - “Esta zona pertence à Instituição R...tem muita pedra, por isso, tivemos que abrir duas covas para ver qual é a melhor para receber a urna...também estão cheias de raízes das árvores”. (C2) (dirigindo-se a uma campa em frente) “ (...) para tirar esta pedra de cima da campa...isto são 300 quilos de pedra...e somos nós que temos que agarrar na pedra...não temos máquinas...há cemitérios na cidade “h” e na cidade “w” que já têm máquina até para colocar os caixões nos jazigos...aqui, não há nada, somos nós e umas cordas...é um trabalho escravo....Não é o presidente que vem aqui carregar a pedra. Isto não são rosas, são espinhos bem amargos”. (C2) “ Estamos aqui como operários não qualificados. Eu estou aqui, é como se fosse um engenheiro na minha área...com a minha técnica toda...e o coveiro não existe como profissão! Estou aqui com um ordenado miserável (...)”. (C2) “ Depois também há terras que não prestam ...deviam ser terras apropriadas...muitas vezes vêm terras de

<p>(cemitério “M”)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Demasiadas secções para poucos coveiros. (cemitério “M”) - Ordenado deficitário. (cemitério “X”, “M” e “F”) - Congelamento de promoção. (cemitério “M”) - Algumas secções não estão relvadas, mas deveriam estar todas relvadas, porque o cemitério “F” obedece ao conceito de cemitério jardim. - Campas cobertas de terra e não de mármore. (cemitério “F”) 	<p>aterros, das lixeiras...que não têm força suficiente para os corpos...Devia ser aquela terra pretinha ou a amarelada que também é boa”. (C2)</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Trocaram-nos o horário normal quando entrou este executivo com a desculpa da verba”. (C9) - “Éramos para ser seis, mas há um ano e pouco dois faleceram. 4 coveiros são poucos coveiros! Sempre foi a mesma guerra. Não têm equipa de manutenção como deve de ser. Nós coveiros fazemos exumações, levantamentos, amanhámos erva, apanhámos lixo...tudo. Se vir as funções do coveiro que estão num decreto-lei, não é isto que devemos fazer. Há 27 secções e nós temos 13 e meia para cada homem. É demais”. (C9) - “Estamos aqui com 508 euros. O que é que 508 euros dão para fazer? Como é que uma pessoa vive com 500 euros?”. (C9) “ Congelaram-me uma promoção. Em 2009 era para ser promovido, mas já não devo ser. Tenho a minha mãe para cuidar, o carro que comprei para pagar”. (C2) - “Em princípio é um cemitério jardim. Era para ser tudo relvado, não é...todas as secções (...) mas há algumas que não estão relvadas... mas também não há verba para manter a relva (...)”. (C10) - “Esta secção é boa, mas aquelas duas dali são más para decompor os corpos, são argilosas. Quando chove, os caixões bóiam ali. Antigamente púnhamos cal queimado nos corpos para ser mais rápido, agora não estamos a pôr nada (...)”. (C10) - “As máscaras também não são grande coisa...custa trabalhar, custa respirar...Deviam por um produto na máscara para enganar o cheiro dos corpos...que é mau...entranha-se na gente (...)”. (C10) “Sabe...esta senhora anda sempre aqui. Nós tentamos ter sempre as coisas direitas...mas como as campas são cobertas por terra, não têm mármore e algumas ainda não estão germinadas, quando chove é difícil mantê-las sempre apresentáveis...e tem estado muito vento...”. (C1)
--	---

Anexo 23 - Quadro nº 9.3- Ambiente profissional dos coveiros

Quadro nº 9.3- Ambiente profissional dos coveiros

Coveiros	Percepções	Expressão discursiva (excertos)
C1	<ul style="list-style-type: none"> - O tio trabalha no cemitério. - Estabeleceu uma relação com os colegas coveiros. 	<ul style="list-style-type: none"> - “É assim, tenho aqui família...tenho aqui o meu tio que é chefe...Conheci aqui o pessoal...e no dia a dia começámos a conhecer-nos uns aos outros”.
C2	<ul style="list-style-type: none"> - Referiu que durante muito tempo, as refeições do almoço eram sempre elaboradas por ele, neste espaço, onde existe um fogão. - Preocupação acerca da situação laboral dos colegas quando se reformar. 	<ul style="list-style-type: none"> - “ Dantes comíamos aí quinze...tomávamos o pequeno-almoço, almoçávamos e lanchávamos...agora somos só onze, dois faleceram, os outros reformaram-se.” “Estou no Sindicato e já os pus a eles lá também, mas quando eu sair daqui e me reformar, eles é que ficam mal”.
C3	<ul style="list-style-type: none"> - Existe um grande companheirismo entre todos os companheiros. - Encarou com normalidade começar a trabalhar num cemitério, ainda para mais, já conhecia grande parte dos colegas. 	<ul style="list-style-type: none"> - “O chefe é o “um”, nós somos todos o “dois”, damo-nos muito bem...ainda agora há um ano e tal entraram três para aqui e somos todos iguais”.
C8	<ul style="list-style-type: none"> - Os coveiros almoçam juntos no cemitério ou na cantina da Faculdade, que fica junto ao cemitério. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Normalmente almoçamos aqui ou na cantina da faculdade”.
C10	<ul style="list-style-type: none"> - Ambiente de companheirismo. - Os coveiros do cemitério “F” ficaram a dormir uma noite no cemitério devido ao trabalho excessivo no dia de finados. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Porque a gente tinha que se levantar cedo no dia de finados...a gente tinha muito serviço...era campos e não sei o quê...combinámos, ficámos cá a dormir e levantámo-nos de manhãzinha”.

**Anexo 24 - Quadro nº 9.3.a)- Observação do ambiente profissional dos
coveiros**

Quadro nº 9.3.a) - Observação do ambiente profissional dos coveiros

Observação do investigador	Descrição situacional
<p>Cemitério “X”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os coveiros usualmente ouviam música quando descontraíam ou lanchavam no casebre. - O convívio entre os coveiros envolvia boa disposição, gargalhadas e por vezes momentos mais tensos, como uma discussão sobre eleições. - Quando um dos coveiros se recusou a dar-me entrevista, os coveiros que já me conheciam, argumentaram várias vezes com ele, incendiando uma discussão, que foi resolvida no casebre. - Era vulgar encontrar os coveiros a confraternizar, logo após a realização de um funeral. <p>Cemitério “M”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os coveiros caminhavam para a cantina da Faculdade “M”, confraternizando. <p>Cemitério “F”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ambiente animado na cantina onde são confeccionadas as refeições e onde almoçam os coveiros, jardineiros e pessoal da manutenção. 	<ul style="list-style-type: none"> - Havia um rádio ligado. Era possível ouvir uma música alegre, tradicional Portuguesa. (Observação cemitério “X”) - Ouvia vozes, vozes exaltadas (...) Alguns discutiam questões relacionadas com uma assembleia-geral e com votos, outros comentavam em voz alta futilidades e saltavam gargalhadas. (Observação cemitério “X”) - Observei que caminhavam apressadamente para a saída do cemitério, envolvidos num ambiente de companheirismo e algumas risotas. (Observação cemitério “X”) - Surgiram algumas risotas pelo meio, enquanto o C2 se deslocava para o casebre, continuando a falar. (Observação cemitério “X”) - No entanto, eu aguardei cá fora. O coveiro que não quis dar a entrevista fechou a porta e discutia com os colegas que me apoiavam: - “Tens medo do chefe? A rapariga só está a fazer o trabalho dela – Não é medo do chefe – respondeu ele – Ela já fez 5 ou 6 entrevistas... fez um apanhado... todos disseram a mesma coisa... já chega! - Referiu o coveiro contrariado”. A discussão continuou. Afastei-me e não quis insistir mais. (Observação cemitério “X”) - Houve de seguida um momento de convívio entre alguns coveiros do cemitério que se encostaram a uma carrinha ali parada. Conversavam pausadamente e o corpo mais relaxado. (Observação cemitério “X”) Dois deles (coveiros) estavam sentados na berma do passeio, encostados a um jazigo a conversar. (Observação cemitério “X”) (...) reparei que os coveiros se estariam a dirigir para a cantina da Faculdade “M”, que fica mesmo ao lado do cemitério. Caminhavam pausadamente. Um grupo de 5. Conversavam e sorriam. (Observação cemitério “M”) Comecei a caminhar, dirigindo-me para as instalações onde os funcionários do cemitério faziam as refeições. Interpolei mais um coveiro que se dirigia apressado para as instalações, o C11. É ele que

	<p>prepara as refeições. Disse-me que me concederia a entrevista com todo o prazer, mas que estava com pressa para terminar o almoço. Amavelmente convidou-me a acompanhá-lo à cozinha. Segui-o e o ambiente era animado, “estilo colectividade”. Os auxiliares de limpeza e os jardineiros misturavam-se com os coveiros. O C11 fritava batatas e febras com a ajuda de outro coveiro. O cheiro era delicioso e propício a gargalhadas. (Observação cemitério “F”)</p>
--	---

Anexo 25 - Quadro nº 10- Ambiente familiar dos coveiros

Quadro nº 10 - Ambiente familiar dos coveiros

Coveiros	Percepções	Expressão discursiva (excertos)
C1	<ul style="list-style-type: none"> - Feliz com o nascimento do filho (a esposa está grávida) referindo que adora crianças. - Partilha as oportunidades com a esposa, conversando e ouvindo a sua opinião. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Vai nascer agora um (filho) (sorriso). Vem um agora a caminho...é coisa melhor que há... (semblante sorridente e iluminado). Para mim é bom, porque os meus pais, têm três netos rapazes, e agora nascer uma neta, é uma coisa boa...Eu sempre adorei crianças...É a coisa mais fantástica que pode haver....Conviver com crianças e ter crianças (...)”. - (...) tinha conversado com ela (mulher) e disse-lhe que me tinha surgido esta oportunidade e que eu tio era aqui chefe. Como tinha aberto um concurso, ele pediu-me para ver se eu queria ir a concurso, e ela respondeu-me se não ia haver problemas e eu disse-lhe que era a coisa mais natural”.
C2	<ul style="list-style-type: none"> - Refere-se à esposa como a rapariga da sua vida e relata a altura em que conquistou o seu coração. - É habitual passear pela cidade na companhia da esposa. - Os filhos estão muito independentes. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Quando comecei a namorar...a pretende-la (a esposa)...ela foi a rapariga da minha vida...eu namorei com outras raparigas...andava atrás dela e ela dizia-me que eu estava maluco porque queria que ela se casasse com um coveiro...ela dizia que eu era maluco. Tanto que incentivei...tanto andei de volta dela que até que calhou...tive outras namoradas e aquela (a esposa) tanto disse que não ia casar com o coveiro, que acabou por casar com o coveiro... (risos)”. - “ (...) tenho carro e quando é possível, eu mais a minha mulher....que agora os filhos são muito independentes, não saem com os velhos...e gosto de sair e gosto de dar umas voltas”.
C4	<ul style="list-style-type: none"> - Tem uma relação de proximidade com o tio (C2) e o pai (C5). - Ajudava o pai e o tio em funerais noutras Freguesias. 	<ul style="list-style-type: none"> “ (...) o meu pai e o meu tio fazem funerais fora, noutras freguesias, este é municipal....e eu ia com eles, para não estar em casa...andava a estudar e depois de tarde ás vezes vinha para aqui também para a beira deles”.
C5	<ul style="list-style-type: none"> - Costuma visitar a filha na companhia da esposa. - O filho (C4) tem carro e 	<ul style="list-style-type: none"> “ (...) pego no carrinho e também vou dar as minhas voltas...mais a minha mulher aos domingos e assim...o meu filho já não precisa...tem carro e lá vai ele, agora, vou mais a minha mulher...vou até à minha filha e prontos, passeamos assim um bocadinho”.

	normalmente não os acompanha, porque tem a sua independência.	
C6	<ul style="list-style-type: none"> - O filho mais novo ofereceu-se várias vezes para ajudar o pai no cemitério. - A esposa apoia-o. - Os sobrinhos estão um pouco distanciados devido à sua profissão. - A sua falecida mãe nunca aceitou a sua profissão. 	<p>“ (...) tenho um filho mais novo que de vez em quando diz –“ Oh pai, se precisares de ajuda, tu dizes que eu vou (ajudar no cemitério)..já tem para aí vinte anos...o mais velho tem 26. Os meus filhos e a minha mulher não vêm nenhum problema, mas outra família, mais ao lado, ficam com um bocado de...prontos...sobrinhos, mãe...faz-lhes um bocado de confusão, porque eles...prontos, dói não é...isto dói (quando fala, afasta-se lentamente de mim, sem dar conta)”.</p>
C9	<ul style="list-style-type: none"> - Mantém uma relação muito próxima com a mãe. Ela é o cerne da sua vida. 	<p>“A minha mãe já teve dois ataques cardíacos, ainda teve num lar, mas agora está sempre perto de mim. Ela é muito importante para mim. Foi pai e foi mãe. O meu pai era mais uma relação de irmão”.</p>
C10	<ul style="list-style-type: none"> - Relaciona-se, passeia com a família e especialmente com a esposa e costumam fazer viagens juntos. 	<p>“Também saio com a minha família...só não saí agora porque não pude, porque a minha mulher foi agora passar a Páscoa lá com o irmão, lá para França, mas como eu não pude...ela está de férias e eu estou de serviço...senão eu ia”.</p>
C11	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha as oportunidades com a esposa, conversando e ouvindo a sua opinião. 	<p>“Quando vim para coveiro, disse à minha mulher que vinha para coveiro, como eu casei na altura e ela respondeu-me “Tu vais para coveiro, estás a brincar comigo ou quê?” (risos) E eu respondi que não estava a brincar e que ia para lá por causa do fim de semana para ganhar mais”.</p>

Anexo 26 - Actividades de lazer dos coveiros

Quadro nº 11- Actividades de lazer dos coveiros

Percepções	Expressão discursiva (excertos)
<ul style="list-style-type: none"> - Jogar futebol. - Ver televisão: “ Vi na Record um documentário de duas raparigas que foram para coveiras porque acham uma profissão muito interessante, aliciante e misteriosa...e eram umas raparigas mesmo bonitas (...) ainda na mesma reportagem vi que o Amaral, o antigo jogador do Benfica, foi coveiro e deu o seu testemunho”. (C1) - Ir a bares e discotecas. - Ler. - Navegar na Net. - Estudar. - Passear com a família. - Conviver com os amigos no café. - Jogar às cartas. - Conduzir. - Andar de carro. - Beber socialmente. - Tomar café. - Jardinagem. - Descansar em casa. - Cultivar no campo. - Ouvir música. - Ir a bailes. - Ir à praia. - Fazer pique - niques. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Jogar à bola... (sorriso de satisfação) uma coisa que eu adoro, sempre adorei jogar à bola...sei lá...às vezes vou a um bar...ou fico em casa às vezes a ver televisão”. (C1) - “Ui...Jogo futebol, leio, vou para a Internet, estudo, ando por aí (...) passeio”. (C4) - “Vou com o meu filho e a minha mulher passear...leio todos os dias...gosto de ler”. (C3) - “Gosto de conviver com os meus amigos (...) jogo umas cartitas, bebo o meu copo, tomo o meu cafezito (...) gosto muito é de conduzir (...) eu mais a minha mulher gosto de sair e gosto de dar umas voltas (...) Tudo o que tenha o seu valor, eu gosto de ir ver”. (C2) - “Vou podar, fazer jardinagem (...) E gosto de passear também (...) vou mais a minha mulher...vou até à minha filha”. (C5) - “Para ocupar o meu tempo livre é o descanso e umas cartinhas (...) gosto de ficar em casa com a família (...) também vamos dar o nosso passeio, gosto”. (C6) “É no campo. Ao lado de minha casa (...) gosto de jogar cartas, bebo o meu copo (...) Costumo passear. Com os meus filhos”. (C7) “Gosto de ouvir música, gosto de passear, gosto de bailaricos (risos) ...vou a todos (risos) ...não fãlho, não fãlho (risos) ”. (C8) “Gosto de ver documentários de múmias, dos tempos antes dos Egípcios. Vou à pesca, tenho um barco. Ando de carro, estou com a minha mãe”. (C9)

<p>- Estar com os amigos.</p> <p>- Observei que durante as pausas, o C5 bebe taças de vinho tinto. Tinha uma garrafa de vinho tinto quase vazia perto da taça.</p>	<p>“ (...) às vezes saio...vou para os cafés, junto-me a li com pessoas amigas (...) A gente senta ali a jogar às cartas (...) Também saio com a minha família”. (C10)</p> <p>“ (...) quando é verão, praia, vou com a minha família fazer pique niques, dar umas voltas por aí (...) ouvir música...Gosto de ir a uma discoteca, aquelas mais para cotas, ouvir umas “kisombas” ... beber o meu copo”. (C11)</p> <p>“Saio, vou para casa...Às vezes costumo estar um bocadinho com pessoas amigas. Costumo passear com a minha família quando posso”. (C12)</p>
--	--

Anexo 27 - Cronograma/ plano de trabalho

